COELHO NETTO

TURBILHÃO

SEGUNDA EDIÇÃO

PORTO
Livraria Chardron, de Lélo & Irmão,
editores — Rua das Carmelitas, 144
1919

TURBILHÀO

Simples como a verdade

Coelho Netto

Coelho Netto

TURBILHÃO

SEGUNDA EDIÇÃO

PORTO
Livraria Chardron, de Lélo & Irmão,
editores — Rua das Carmelitas, 144

1918

DO MESMO AUTOR

Sertão, 1 vol.	$60
A bico de penna, 1 vol.	$70
Agua de Juventa, 1 vol.	$70
Romanceiro, 1 vol.	$50
Theatro, vol. 1.º	$80
Theatro, vol. 2.º	$40
Quebranto (Theatro), vol. 4.º	$50
Theatro, vol. 5.º	$50
Fabulario, 1 vol.	$50
Jardim das Oliveiras, 1 vol.	$50
Esphynge, 1 vol.	$60
Miragem, romance, 1 vol.	$60
Apologos, 1 vol.	$50
Inverno em flor	$70
Mysterio do Natal, 1 vol.	$50
O Morto, 1 vol.	$60
Rei Negro	$80
Capital Federal	$60
A Conquista	$70
Tormenta	$60
Banzo, 1 vol.	$50
Tréva	$70
O Turbilhão	1 vol.

No prélo, a seguir em novas edições:

O Rei Phantasma	1 vol.
O Paraiso	1 vol.

PORTO — Imprensa Moderna

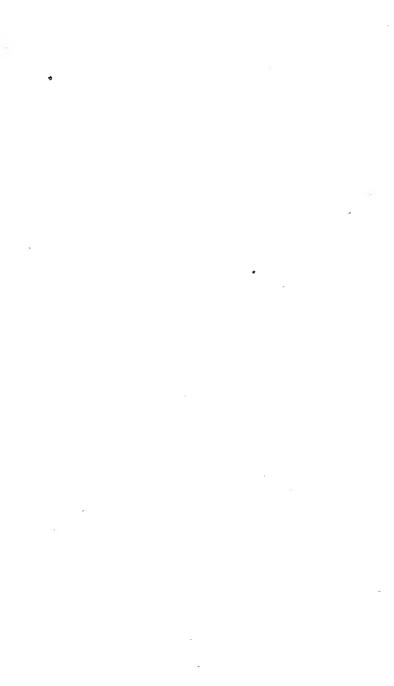
Ao Dr. Francisco Simões Corrêa

HOMENAGEM E GRATIDÃO

DEZEMBRO, 1904.

Coelho Netto.

TURBILHÃO

I

Revistas as ultimas provas do conto de Aurelio Mendes, o *Anacharsis* dos «Idyllios pagãos», Paulo Jove arredou a cadeira e poz-se de pé, desabafando. Doía-lhe a espinha e, como havia fumado quasi todo o maço de cigarros, tinha a boca amarga e aspera, os olhos ardidos, não só do fumo e da claridade intensissima das lampadas electricas, como da fixidez attenta em que os mantinha desde as sete e meia até áquella hora alta da noite.

Curvou-se com as mãos nas ilhargas, d'impeto esticou os braços, arrojou-os para a frente com um *ahn!* surdo de athleta que exercita os musculos entorpecidos e desabou-os depois, com força, sacudindo-se todo, virando, revirando a cabeça, como em ancia angustiosa. Ergueu-os de novo

acima da cabeça, as mãos juntas, estrincando os dedos enclavinhados e bocejou, espichando-se nas pontas dos pés, cahindo depois, rijamente, sobre os tacões.

Já as primeiras paginas haviam descido para a clichagem. Em baixo, martellavam pancadas crebras, como de matracas. A caldeira reboava num retroar soturno de caverna que repercutisse, sem descontinuar, o gorgorejo possante de aguas encachoeiradas.

Na sala da revisão, estreita e abafada, mal comportando as quatro mesas de serviço, os revisores repousavam; apenas o Brites, esgalgado e myope, lia o artigo de fundo, todo em periodos lamentosos, augurando fome e lutas; e o Amaro, conferente, accusando a pontuação, de quando em quando batia na mesa pancadas seccas com um lapis ou dizia claramente uma palavra, repetindo-a devagar, syllaba a syllaba, emquanto o Brites, debruçado sobre a prova, fazia a emenda, resmungando.

O Malheiros, em mangas de camisa, suado, afogueado, derreava-se na cadeira, com a cabeça no respaldo, fumando, com os olhos distrahidamente cravados no tecto, de onde escorriam os fios oscillantes das lampadas electricas. O Bruno, abaçanado, rachitico, nervoso, sempre a calcar sobre a mola flaccida do *pince-nez*, que lhe escorregava do nariz tresuante, todo pendido para o Freire, com uma rosa murcha á botoeira, silvava

endecasyllabos, preconisando a grande Arte do Mendonça, o inimitavel cinzelador do «Fauno témulo».

Paulo enxugou a fronte e, tirando de um prego o collete e o paletó, lentamente, vergado de fadiga, a bocejar, vestiu-os, com os olhos no enthusiasta panegyrista do Decadismo, que falava precipitado, com desabalados gestos, sem dar pelo estremunho do Freire que, mollemente, com uma ponta de cigarro ao canto da boca, sacudia a cabeça em affirmações condescendentes.

Na grande sala, ao lado, vozes morosas apregoavam letras e numeros.

A colmeia fervilhava. Os compositores — uns de pé, em mangas de camisa; outros em altos bancos, em quatro filas parallelas, estendidas ao longo da sala, cabisbaixos, á luz branca e viva das lampadas, precipitavam os dedos nos caixotins, enchendo os componedores com um trepidar metallico de gottas dagua em zinco.

O Mario, d'oculos, apressado, ia de um a outro, examinando: inclinava-se sussurrando, como se communicasse segredos, e havia, por vezes, um zumbido de vozes surdas, interrompido pela tosse cavernosa de um rapaz bronzeado, esguio e ossudo que, de instante a instante, ia á janella escarrar e lá ficava, curvado, tossindo aos arrancos, cavadamente, como se tivesse o peito devastado e ôco.

O Sampaio, diante do marmore, a mascar o charuto, ia desligando os *paquets* para a pagina-

ção, emquanto o Lucio, retranca, besuntado de tinta, mangas arregaçadas, tirava as ultimas provas que os revisores esperavam.

Subitamente um bufo, como da expansão de uma valvula, subiu das officinas, e foi depois um chiado e logo um silvo de jacto, e, lentamente, com rumor de ferragens, como á partida de um comboio, as machinas moveram-se, abalando o soalho em trepidações contínuas.

O Malheiros, dobrando-se, tomou entre as mãos enlaçadas um dos joelhos e suspirou: «Não podia ouvir aquillo sem saudade: lembrava-se da sua viagem e pensava no Norte. Parecia-lhe que se achava a bordo, no convez, estirado num banco, ao clarão da lua, ouvindo as fortes pulsações da machina que impellia o navio pelo mar luminoso.» E, sonhando, deixava-se ficar muito quieto, olhos semi-cerrados, viajando imaginariamente para o seu torrão longinquo: praias longas, ondulando em dunas alvas, praias que o mar bravio lambe e assoalha de espumas, donde os jangadeiros, cantando, arrastam as jangadas que, de velas pandas, aos galões, partem, montando a vaga, perdendo-se nos horizontes azues.

O Bruno, esse detestava a officina: o «antro do Dragão.» O prélo era: o Monstro devorador do genio; e, sempre que ouvia a crepitação das correias nas polias ou o rolar dos cylindros das marinonis, murmurava, com odio e nojo: «Lá está a besta mastigando!»

Nessa noite, mais irritado, irrompeu furioso:

— Eu podia estar na redacção, ganhando mais e com outras regalias: escrevo com syntaxe e com arte, tenho a minha porção de sciencia e de litteratura, coisas que não possuem muitos dos que se inculcam, com vaidade, jornalistas; mas não quero: prefiro ficar por aqui, em nivel inferior, conservando a integridade perfeita do meu espirito; ao menos não se dirá que cévo o «Monstro» que lá está experimentando as mandibulas de ferro em folhas velhas, babando-as de saliva negra, como a giboia lubrifica a presa antes de a engolir. Faz appetite á espera da ração, o estupido.

Eu sei que o escripto é um alimento indispensavel ao espirito das gentes; entendo, porém, que os intellectuaes devem apenas preparar o nectar divino e não essa mixordia em que entra tudo — desde o espargo até a couve tronchuda.

Vejam vocês — um artista como o Penante faz uma bella pagina de prosa attica — periodos polidos a capricho, como só elle os sabe polir. Compõe o Mendonça, com a magnificencia do seu talento, um poemeto de rendilhados versos byzantinos. Escreve o Rocha um daquelles artigos de original belleza, nos quaes a gente encontra a Musa cantando, desolada, no serralho da Politica, como a *Captiva*, de Hugo, na alcaçova do Turco, e vêm esses primores aqui para cima, na mesma cesta em que sobem as ignominias das pennas

anonymas, como as rosas que chegam do mercado num samburá entre repolhos e nabos.

Aqui misturam-se com os artigos pifios, cuja syntaxe temos de arranjar, raspando-lhes os solecismos — porque, meus amigos, a verdade é esta: nós somos como os ajudantes de cozinha, que lavam as hervas das hortas tirando-lhes a terra e as lesmas. O mesmo rolo que passou sobre as imbecilidades do *a pedido,* passa por elles; o mesmo componedor, onde se accommodaram aquelles alexandrinos de ouro e aquelles periodos lapidares, acolhe a mofina salaz e covarde e o atoucinhado annuncio, a ignominia da charada e o sordido folhetim desconchavado, sem nexo, sem forma, e, depois, lá vai tudo, como um guizado, ser triturado, digerido e lançado, por fim, na pagina, alfuja onde fermenta a estrumeira da civilização.

Bolas! Arte é Arte! A palavra é uma centelha, é preciso que tenha uma tripode. Prefiro ser revisor. Não tenho cerebro para regalo da Besta que se contenta com a panellada farta e grossa. O meu cerebro, se algum dia fornecer alimento ao animal, dará o nectar ideal, sem ingredientes pulhas da horta indigena, como a mofina, ou da salchicharia universal, como os telegrammas. Isso é a Besta maxima da Vulgaridade. Lá está mastigando cerebros: o cerebro sumptuoso do Mendonça e o miolo infame do taverneiro, que annuncia malas de carne secca ou

sessões da sua Beneficente. Que te saiba, bruto! essa *polenta* ignobil.

Os companheiros riam vendo o Bruno, de mãos atafulhadas nos bolsos, indo e vindo no estreito espaço que havia entre as mesas da revisão, a cuspilhar, resmungando contra aquella «moenda infame.»

O Malheiros gostava de provocal-o, sublinhando-lhe os disparates:

— Ó Bruno, o monstro come cerebros e faz estrumeira ou prepara o guizado para o publico? Vê lá em que ficas.

— Fico em affirmar que é o realejo da palavra! concluiu, indignado, o puritano da Arte.

Riram. E o Bruno foi resmungar, debruçado á balaustrada da escada que descia para a officina.

Paulo conservava-se indifferente. Debalde o Bruno bramia e gesticulava, elle não estava de veia alegre: sentia-se molle, exhausto, com uma dorsinha de cabeça. Andára todo o dia, rua abaixo, rua acima com receitas e medicamentos, porque a molestia da mãi aggravara-se com a humidade daquelles dias, prendendo-a á cama. Não fôra á Escola, estava abatido e com um vazio no estomago como se estivesse em jejum.

Tomou o chapéu e a bengala, a um canto, apanhou um embrulhinho na mesa e, seccamente, despediu-se dos companheiros atirando uma leve pancada ao hombro do Brites, que resmungou,

sem levantar a cabeça: «Boa noite!» O Sampaio, vendo-o sahir, perguntou com o charuto nos dentes:

— Então, já?

— É verdade. E foi descendo lentamente.

No primeiro andar, numa sala escura dos fundos, o pessoal do correio cortava as listas da expedição e o Moraes, plantonista, gordo, plethorico, sempre empanzinado, que tinha fama nos clubs de ser um garfo respeitavel, para não ficar só na redacção, lá estava encostado á comprida mesa, roncando pilherias com ancias de asthmatico e muita gosma.

Descendo mais alguns degraus, Paulo deteve-se, como sempre fazia, para olhar um instante, atravez das grades, a officina toda tomada pelos complicados machinismos — desde as marinonis soberbas, juntas, como dois animaes de raça, occupando uma ala á parte, até os pequenos prélos de mão que uma criança movia.

O motor, ao fundo, com a chaminé esgalgada como um pescoço de girafa, furava o tecto atravessado de longos eixos sobre os quaes gyravam polias movidas pelas correias, que eram como os nervos daquelle possante organismo.

No meio da sala, ao rez-do-chão, dois cylindros brancos rodavam rapidamente ligados por uma larga faixa. Sobre um delles cahia um estellicidio perenne: eram os rolos de papel que, depois de humedecidos, deviam ser levados ás

marinonis para que, impressos e cortados, sahissem aos milheiros, com a primeira luz da madrugada, propagando successos e desastres.

Homens iam e vinham apressados, outros cercavam o marmore onde jazia a pagina e, com pedacinhos de papelão, iam acamando certos typos para que resaltassem na stereotypia; outros levavam grandes calhas de estanho, reluzentes como prata e mergulhavam-nas nos fundidores, onde se derretiam como se fossem de neve e, com o volteio daquellas rodas céleres e as vozes e os passos dos que se moviam e o chiar das correias que estrallejavam, de quando em quando, um constante e estranho rumor de vida agitava a officina onde as lampadas suspensas brilhavam como grossas gottas de luz.

Parado, coçando a barba, como em grande cuidado, um velho olhava para uma das marinonis, em cujos cylindros já reluziam as matrizes. De repente afastou-se, tomou varias folhas de papel tisnadas, andou com ellas em torno do «Monstro» vendo, revendo, curvado, de cocoras. Metteu o papel entre os cylindros, ergueu-se, deu um puxão á alavanca e a machina moveu-se com rapidez trepidando, a espichar aquellas folhas de papel que os rolos apertavam e impelliam manchadas de taxas sordidas, como as primeiras vasas annunciadoras do parto.

Paulo, satisfeita a curiosidade, desceu ouvindo sempre o estrondoso rumor do trabalho. Era

o «Monstro» do Bruno, peior que o touro bronzeo de Phalaris, porque do seu bojo sahiam, não os gemidos de uma só victima, mas o clamor de toda a humanidade, a resenha da vida universal, cuja percentagem de angustias sobreleva-se avassalladoramente á parte minima de prazer. E, olhando, parecia-lhe ouvir o grande arquejo doloroso do mundo, a zoada anciosa do enxame humano atroando, subindo daquellas finas laminas flexiveis, como a voz captiva irrompe quando a despertam nos tubos sensiveis do phonographo. Desceu.

No corredor, encostado á parede, com as pernas estiradas, um homem dormia, a cabeça pendida sobre um dos hombros, os pés nús, immundos, o peito da camisa aberto, uma bolsa a tiracollo. Á porta, em torno dum negro que vendia café, ás canecas, um grupo chalrava alegremente, na treva.

Paulo subiu a rua do Ouvidor obscura e calada.

Um vento frio soprava. O céu negro, sem estrellas, ameaçava aguaceiro e, como chovera copiosamente á tarde, com ventania e trovões, pôças dagua reflectiam a luz dos combustores. Um cão magro percorria a sargeta farejando.

Na esquina da rua dos Ourives estacionava a patrulha. Os soldados, embiocados nos seus capotes, fumavam pachorrentamente, e os cavallos muito juntos, a cabeça baixa, pareciam dormir

fitando, de vez em vez, as orelhas agudas como se perscrutassem rumores no vento.

Uma luzinha tibia, como de lamparina, attrahiu para uma casa os olhares do retardatario. As portas eram fortes e negras, como de ferro e, por um postigo engradado, via-se o interior de uma ourivesaria com os mostradores atopetados de joias de preço e de baixellas que reluziam.

Taroucando tamancos, dois homens passaram por elle discutindo e, já longe, romperam em gargalhada estrondosa.

Chegando ao largo de S. Francisco teve uma exclamação e deitou a correr para um bonde que partia, quasi vazio, com as cortinas descidas. Tomou-o na volta, apezar do aviso do conductor: «que ia para a estação». Morando á rua Senador Pompeu tanto lhe servia aquelle como outro. Sentou-se, accendeu um cigarro e, de pernas cruzadas, imaginando fortunas e aventuras, foi-se deixando levar, como em sonho, sem vêr, sem ouvir, alheio ao real que o cercava. Repentinamente, porém, lembrou-se da mãi. Que seria delle se a boa velha morresse?

Achacada, sempre a gemer, arrastando a perna tumida e pesada, era ella, ainda assim, quem lhe prestava auxilio, cuidando da casa, regulando as despezas, porque a irman, sempre a pensar em enfeites, fazendo e desfazendo penteados ao espelho, polindo as unhas, passava os dias na cadeira de balanço, a lêr romances e, á tarde, en-

charcada de essencias, com muito pó de arroz, ia debruçar-se á janella, para vêr os trens e receber bilhetinhos que os rapazes mettiam por entre as rexas da persiana.

Era bonita e esbelta, de um moreno quente de creoula, tez fina e rosada, olhos negros, boca pequena, sensual, de labios carnudos e humidos. Os cabellos, quando os desprendia, passavam-lhe da cinta em ondas negras e reluzentes. Tinha uma voz languida, como resentida de tristeza; falava num tom dolente de queixa e o seu olhar quebrantado, somnolento, amortecia-se em extases sob as longas pestanas curvas.

Paulo dominava-a com aspereza, exprobrando-lhe a vida desmazelada e, quando a velha, na intimidade, referia-lhe algum pequenino escandalo de Violante, rompia, assomado, ameaçando pregar a janella, atirar ao lixo todas aquellas caixas, todos aquelles vidros que entulhavam o toucador. Mas a irman tinha crises — rolava pela casa, aos gritos, rangendo os dentes, rasgando a roupa, escabujando. E a boa velha, lamentando-se, em soluços, corria os cantos, procurando remedios e, de joelhos, com a cabeça da filha ao collo, beijando-a, chamava-a, pedindo ao outro que a não tratasse com tanta aspereza, que tivesse pena della, e instava para que, com afagos, procurasse chamal-a á razão. Elle obedecia contrariado. E Violante, amuada e mais linda depois da excitação nervosa, com os olhos mais bri-

lhantes e a côr das faces mais vivas, ia trancar-se no quarto, resmungando ameaças.

Voluntariosa, creada aos joelhos do pai, que a tratava de «princeza», annunciando-lhe sempre um noivo formoso e rico, que a havia de cobrir de sêdas e carregal-a de joias, foi acostumando o espirito com essas idéas de nobreza e fausto, de sorte que, quando lhe morreu o pai, já mocinha, sentiu-se como desherdada: foi como se, com elle, houvesse perdido uma fortuna que já possuia e um noivo que já a visitava em sonhos, formoso como os principes dos romances que ella devorava, revendo-se, com enlevo, em todas as heroinas.

Com a morte do pai, major de cavallaria, condecorado por feitos no Paraguay, todo o peso da casa recahiu sobre Paulo que, então, concluia os seus preparatorios.

Abandonando a idéa de bacharelar-se no Gymnasio, matriculou-se na Faculdade de Medicina, conseguindo um lugar na revisão do *Equador* e leccionando particularmente, com o que fazia uma somma regular que, reunida ao soldo que a mãi recebia, dava para irem vivendo, se não com luxo, ao menos com decencia e fartura.

Posto que não achasse gravidade no estado da mãi, andava apprehensivo, receioso, imaginando complicações e, volta e meia, lá ia um medico á casa; eram, ás vezes, collegas. E os frascos de remedios enchiam prateleiras.

Com aquelles dias humidos, D. Julia soffria dolorosamente: mal podia mover-se na casa; sempre acaçapada nas cadeiras, as mãos espalmadas nas coxas, a gemer, dando ordens á cozinheira, que era a criada unica que tinham. Ainda assim, se as dôres abrandavam, lá ia ella para a vassoura, varrer, limpar os moveis ou arranjar a sala, porque não podia vêr um phosphoro no chão, nem um atomo de poeira nos seus velhos trastes do tempo do fallecido. E, se a molestia a prendia á cama, lá mesmo, com a perna esticada e untada, o cesto de costura ao collo, ia serzindo roupas, remendando meias ou reformando, pacientemente, os casacos da filha.

Profundamente religiosa, tinha no seu quarto, defronte da cama, sobre a commoda, o oratorio ante o qual ardia, perenne, a lamparina de azeite illuminando registros milagrosos e duas imagens: a da *Conceição* e a do *Senhor dos Passos*, derreado sob a cruz, coroado de espinhos, com o sangue a gottejar-lhe da fronte livida.

Paulo ia pensando na boa velha e, quando o bonde passava pela Estrada de Ferro, saltou, subindo a rua do Dr. João Ricardo, deserta áquella hora da noite. Grossas gottas de chuva bateram nas pedras, uma lufada de vento passou e, ao clarão de um relampago, o céu appareceu negro, acastellado de nuvens. Levantou a golla do casaco e, com o guarda-chuva á frente, como um escudo, a cabeça encolhida, partiu, rompendo a ventania.

Foi com surpreza presaga que, ao avistar a casa, percebeu luzes por entre as persianas, accusando desusada vigilia e logo a idéa de um accidente grave sobresaltou-lhe o espirito. Atravessou a rua a correr e bateu açodadamente á porta, afflicto, ouvindo soluços e exclamações desesperadas que vinham do fundo da casa. A cozinheira appareceu, embrulhada num chale, com um lenço á cabeça. Elle entrou d'arremesso:

— Que é, Felicia? Que tem mamãi?

— Foi nhá Violante que desappareceu, exclamou lamentosamente a negra.

Paulo ficou a olhar, num espanto, e, sem tirar o chapéu, avançou pelo corredor, direito á sala de jantar, onde D. Julia, com a cabeça entre os braços, dobrada sobre a mesa, soluçava.

— Que é, mamãi? Que foi? Então Violante desappareceu? como? quando?

Ouvindo-lhe a voz, a velha senhora levantou o rosto demudado e, pondo nelle os olhos razos dagua, arrancou do peito um suspiro, pronunciando o nome da filha, com uma expressão de immenso desespero. Paulo comprehendeu immediatamente o horror do crime que haviam levado a effeito na sua ausencia. Teve um movimento impetuoso, lançando os olhos ao corredor, como se quizesse partir no mesmo instante, voltar á noite fria, para seguir no encalço da fugitiva. Mas D. Julia, abalada, rompendo num pranto convulso, lançou-lhe as mãos aos hombros, encostando-

lhe ao peito a cabeça, cujos cabellos brancos, desfeitos, esvoaçavam e, numa queixa dorida, entrecortada, poz-se a dizer: «Que nunca esperára aquillo de uma menina que ella criára com tantos sacrificios, privando-se de tudo para que nada lhe faltasse, trabalhando como uma moura para poder satisfazer os seus caprichos de moça. Ah! nunca esperára tamanha ingratidão!»

— Mas como foi? perguntou Paulo, sentando-se numa cadeira proxima.

— Não sei, meu filho, não sei. Eu estava deitada, passára pelo somno, um pouco alliviada, depois do curativo. Acordei de repente com uma dôr muito viva, umas alfinetadas que me subiam até o peito, como se me estivessem picando. Quiz levantar-me para ir buscar a pomada, que estava em cima da commoda, não pude: as dôres eram muitas, tolhiam-me. Foi, então, que cheguei á parede e bati, como sempre fazia. Bati, bati, chamei, e tão alto, que Felicia ouviu na cozinha, e veiu correndo, coitada! saber se eu queria alguma coisa. Ah! meu filho! Eu estava adivinhando, meu coração dizia-me que havia acontecido alguma coisa. Antes de cuidar de mim, mandei Felicia ao quarto de Violante. Não sei como não morri quando a rapariga voltou espantada, dizendo que a tua irman não estava lá. Não sei como não morri: foi Deus que não quiz. Fiquei suffocada, com um bôlo no peito, como se o meu coração fosse rebentar, e, nem sei como, saltei da

cama e fui ao quarto della. Ah! Paulo, meu filho, nunca pensei que aquella menina fosse capaz de uma coisa assim.

O pranto abalou-a de novo, um pranto humilde, infeliz, cortado de gemidos. A negra, então, que se conservava á distancia, calada, ousou continuar, e Paulo, boquiaberto, esgazeado, levantou a cabeça e fitou nella os olhos.

— Ella nem se deitou: a cama está assim mesmo...

— E com quem foi?

— Quem sabe lá! gemeu D. Julia; algum malvado.

— Eu bem dizia a mamãi que não désse tanta liberdade á Violante.

— Que havia eu de fazer? Ella é moça, todas as moças namoram. Nunca me passou pela cabeça que minha filha fosse capaz de dar um passo como esse. E agora, meu Deus! que ha de ser della?

Paulo, sem responder, ergueu-se, poz-se a procurar alguma coisa pelos cantos, sobre os moveis: «Meu chapéu...!?» A negra adiantou-se:

— Vosmecê está com elle na cabeça, nhonhô.

Com o vento da noite, que entrava d'esfusio pelo corredor, a chamma do gaz zumbia, ruflava dobrando-se como a de um maçarico; bátegas dagua ruflavam nos vidros. Paulo dobrou as calças e, surdamente, poz-se a rilhar os dentes, curvado, com o pé sobre uma cadeira. D. Julia, ou-

vindo o rumor forte da chuva, que desabara, perguntou lacrimosa:

— Queres sahir com este tempo?

— Então?

— Onde vais?

— Vou á policia. Mas... mamãi não desconfia de alguem?

— Eu? eu, não; eu vivia sempre mettida aqui dentro. A negra resmungou: «Que nhá Violante conversava de noite com um moço da visinhança, um que costumava passeiar de velocipede. Ás vezes, um soldado parava defronte, junto do muro da Estrada, e ficava até tarde batendo a calçada.

— Um soldado?

— Elle tem farda, explicou a negra.

— E tu és capaz de reconhecel-o, se o vires?

A negra fez um momo:

— Hum... eu sou, como não? mas eu tenho muito medo dessa gente, nhonhô. Elle é alto, tem bigode preto. Mas nhonhô não me chame, sou uma pobre velha, ando por ahi de noite sósinha... Tenho muito medo dessa gente.

— Mas é preciso, Felicia.

— Mas não foi elle não, nhonhô; vosmecê póde ficar certo de que não foi elle; nhá Violante não gostava delle — cuspia, batia com a janella, fazia toda a sorte de desfeitas quando elle se punha a rondar a casa. Não foi elle não, nhonhô. Quem foi não é daqui, fique vosmecê certo. Numa rua

passa tanta gente! Quem foi não é daqui, vosmecê ha de vêr.

Paulo encarava-a desconfiado, como se a suspeitasse de connivencia no caso. Por fim, resolvendo-se, caminhou alguns passos, mas, voltando-se, pediu á mãi que se recolhesse, que se fosse deitar: estava doente, não devia ficar ali fóra exposta ao frio — podia ter alguma coisa séria. A policia havia de descobrir o raptor. E insistiu: Que elle bem dizia: tantas vontades haviam de dar naquillo. Violante fazia o que entendia e, se elle falava, ai! porque era impertinente, um grosseiro e mais isto e mais aquillo. Ali estava o resultado. Pensou rapidamente no escandalo — nos commentarios da visinhança, nos risinhos dos collegas, nas allusões dos companheiros de trabalho.

— Vai, então, meu filho; tem paciencia. Vai vêr se ainda pódes salvar aquella infeliz. E que Deus te acompanhe. Nunca pensei que Violante fosse capaz de fazer isto commigo... Nunca pensei!

— Bem, mamãi, a senhora não consegue nada com lagrimas; vá deitar-se. Eu vou á policia.

E baixinho, á negra, com voz tremula, recommendou:

— Não a deixes, Felicia; tem paciencia. Ella está doente, póde ter alguma coisa séria com este choque.

— Vosmecê póde ir descançado.

— Até já, mamãi; e vá deitar-se.

D. Julia balançou a cabeça desanimadamente, e Paulo enfiou pelo corredor, por onde o vento zunia. Na sala deteve-se, d'olhos altos, trincando os labios, e, como a negra lembrasse o sobretudo, voltou-se repentinamente: — Hein?

— Por que vosmecê não leva o sobretudo? Está chovendo tanto.

— Não; não é preciso.

Escancarou a porta, e mergulhou na escuridão tempestuosa, com o guarda-chuva diante do peito, á guisa de escudo, chapinhando em pôças, sem vêr, sem ouvir, atordoado e com os olhos cheios de lagrimas que lhe rolavam pela face.

Diante da Central, obscura e deserta, elevando os olhos neblinados, viu que eram duas horas. Nem um bonde, nem um tilbury: a praça estava vazia, á chuva. O vento, com uivos, em fortissimas rajadas, apanhando-lhe o concavo do guarda-chuva, arrastava-o, como se o quizesse levar, em monção propicia, mais depressa e direito ao destino. Em frente, a sombra era densa e os lampiões, brilhando, irradiavam no aguaceiro como aranhas d'ouro em teias de crystal.

Que seria della? Onde andaria?! Tirou um cigarro do bolso, rebuscou a caixa de phosphoros e, como não a encontrasse, teve um impeto de colera, atirando á lama o cigarro humido e molle.

Caminhando, pensava: «Que poderia fazer a policia sem uma indicação, com uma noite daquellas? De manhan seria tarde; talvez mesmo

áquella hora já a sua pobre irman...» Deteve-se subitamente, sustado por uma colera violenta, d'olhos cravados no chão; trincou os labios e um improperio sahiu-lhe da boca reseccada. «E a pobre velha? Que seria della com tamanho choque?»

Ouviu um tinido de campainha atravez do surdo rufar da chuva; voltou-se ancioso: nada! Poz-se de novo a caminho, com mais ancia, pelo meio da rua. Um bebedo resmungava, chafurdando nas pôças, aos trancos. Passando por uma casa baixa, illuminada, ouviu falas. Sobresaltou-se-lhe o coração num presagio: talvez estivesse ali. Parou um momento, á escuta, e, atrevendo-se, espiou pelas frestas da persiana e viu, ao meio da saleta triste, sobre uma mesa, um pequenino caixão entre velas. Uma mulher contemplava-o chorando e, em torno, outras mulheres, sentadas, cochichavam. Foi-se.

Não! Violante devia estar em algum sitio confortavel, algum hotel de luxo, com o seductor. Conhecia-a bem. Não sahiria senão com quem lhe pudesse dar o fausto com que sonhava, vendo as gravuras dos figurinos ou lendo as descripções dos romances. Bem certo estava de que a irman só se deixára arrastar á infamia por vaidade, calculadamente, não por impulso dalma.

Dobrou instinctivamente a rua da Constituição. Os seus passos resoavam na rua deserta sem que elle os ouvisse, atordoado com os pensamentos que lhe trabalhavam o espirito. Tomou pela rua do

Nuncio, desceu a do Visconde do Rio Branco e, achando-se na do Lavradio, houve nelle um renascimento de coragem, uma grande e desannuviada esperança. «Podiam encontral-a ainda pura. Os agentes conhecem todos os recantos e ella, talvez por pudor, resistisse, dando tempo a que a salvassem.» E, quasi a correr, aos saltos, evitando as pôças, offegando, lançou-se para a policia. Á medida, porém, que se aproximava, como quem se avisinha de uma illusão, a esperança ia-se-lhe desfazendo nalma.

Áquella hora o edificio parecia repousar em somno calmo: a propria sentinella, atabafada no capote, com o capuz pela cabeça, agudo e negro, a lembrar um monge, estava encostada a um dos umbraes, d'arma ao hombro, immovel. Atirou-se pelas escadas e, em cima, no corredor, á meia luz dormente de um bico de gaz, viu dois homens num banco, cochilando. Um delles, porém, mais prompto, ouvindo o rumor, abriu os olhos, pigarreou e, firmando-se, fitou-o carrancudo. Paulo, quasi sem halito, pediu para falar ao delegado: Tinha urgencia, era um caso grave.

— Se não é coisa de muita importancia, o melhor é o senhor entender-se lá em baixo com o tenente, porque o doutor está descançando.

— Não; é mesmo com o delegado que pretendo falar.

— Quem é o senhor? perguntou o homem mollemente, abotoando o collete, emquanto o outro,

que acordára, coçando com furia a grenha hirsuta, engrolava escarros.

— Paulo Jove, estudante de medicina. Já o homem caminhava quando elle, adiantando-se, ajuntou, em tom confidencial: Olhe, diga que sou do *Equador*. Tenho urgencia, é um caso grave. O homem correu o reposteiro e desappareceu. Paulo voltou á escada, encostou-se á balaustrada, com o guarda-chuva a escorrer. Só então pareceu dar pelas calças molhadas. Poz-se a mirar os pés e, tirando o lenço, passou-o pelo peito, pelos hombros, pelas coxas. Estava regelado e, por vezes, uma dôr fina atravessava-lhe a cabeça, como se a varasse um estylete. Um soldado subia a escada, com a espada a bater nos degraus. Em cima respirou com força e tomou á direita, lento, achamboado, desapparecendo num corredor. Impaciente, Paulo ia chegando ao reposteiro, quando o homem, com uma voz gosmosa, o chamou:

— O senhor não póde entrar; espere um pouco.

— Pois não.

Afastou-se e poz-se a passeiar, arrepellando os cabellos molhados, a pensar em Violante, *vendo-a*, acompanhando-a na fuga, pelo braço de um homem mysterioso que a levava, com ancia lasciva, os dois cobertos pela mesma capa, correndo, felizes, por entre arvores, como na gravura idyllica de *Paulo e Virginia*. Vagarosamente, o que o fôra annunciar, entreabriu o reposteiro e chamou-o: «Póde vir.» Precipitou-se; quiz dei-

xar o guarda-chuva á porta, a escorrer, chegou a encostal-o; logo, porém, retomando-o, entrou em pontas de pés, timido. O homem indicou-lhe um sofá e foi encostar-se á mesa, bocejando. Poz-se a olhar — a sala, em silencio, estava illuminada e, sobre a mesa, accumulada de papeis, havia um capote e embrulhos.

Aquelle abandono dava-lhe uma impressão acabrunhadora e, como se aquella sala, que era o vasadouro dos crimes, estivesse impregnada de um fluido mau, com um ambiente sinistro, infeccionada pelas confissões dos réus, como as enfermarias dos hospitaes ficam viciadas com a respiração dos doentes, as idéas se lhe foram tornando sombrias. Já não era um doce idyllio que elle via introspectivamente, atravéz da claridade da imaginação que opéra, como uma lampada magica, aluminando devaneios e conjecturas — era um crime: Violante a estorcer-se nas mãos brutaes de um homem, a gemer, a implorar, meiga e infeliz, com sangue a escorrer-lhe do seio, com lagrimas nos olhos assombrados e, em torno della, todo o horror de uma espelunca. D'olhos muito abertos, a respiração tomada, viu sahir de uma porta fronteira um homem pallido, de barba ruiva, estremunhado, a ajustar ao corpo um *robe de chambre* de ramagens. O introductor disse, surdamente, como se não quizesse perturbar o silencio da casa:

— É este moço.

Paulo adiantou-se para o delegado, que se sen-

tára mollemente, tomando na mesa uma espatula, com a qual se poz a bater na pasta.

— Sente-se, disse em voz pausada e fanha. Estou ás suas ordens.

O estudante chegou-se á mesa tremulo, esfregando as mãos e, depois de haver lançado um olhar ao contínuo, que se deixára ficar á porta, disse:

— Sou estudante de medicina, sr. doutor: Paulo Jove; trabalho no *Equador*. O que me traz aqui é o desapparecimento de minha irman.

O delegado cruzou as pernas e, sem levantar os olhos, friamente, perguntou:

— Desappareceu?

— Sim, senhor; hoje.

— A que horas?

— Das onze e meia para a meia noite. Em casa não viram e minha mãi só deu pelo facto muito tarde, quando a chamou.

— Foi só?

— Não sei, sr. doutor.

— Não é natural... E, depois de uma pausa: E o senhor não desconfia de alguem?

— Francamente, sr. doutor... meneou com a cabeça negativamente e encolheu os hombros. Com a minha vida pouco paro em casa. Minha mãi, sempre doente ou a cuidar do serviço, raramente apparece na sala. A criada falou em um soldado. Deu d'hombros: mas não creio...

— Onde mora?

— Na rua Senador Pompeu.

— Seu nome?
— Paulo Jove.
— E ella, a moça?
— Violante.
— Que idade?
— Dezoito annos.
— Dezoito?...
— Sim, senhor.

O delegado ia garatujando em uma folha de papel; deteve-se e, sem levantar a penna, murmurou:

— Traços...
— Como?

Elle repetiu devagar, insistindo: Traços...

— Ah! E Paulo foi dizendo a altura da irman, a graça do seu corpo flexivel, a côr alambreada da sua pelle fina, a abundancia ondulante dos seus cabellos negros, o carmin dos seus labios polpudos, o negror das suas pupillas árdegas, a alvura dos seus pequeninos dentes, a languidez do seu andar preguiçoso, o encanto da sua voz dengosa...

— Bem: vou mandar vêr. O senhor não procurou o delegado da sua circumscripção?

— Não, senhor; vim directamente aqui. Mas se o sr. doutor acha necessario...

Sem responder, o delegado arrepanhou o *robe de chambre* e, com o papel na mão, poz-se de pé.

— Tem pai?

— Não, senhor: morreu — era major de cavallaria.

— Pois sim, vou mandar vêr; e foi-se para a porta do fundo, lento e derreado, tossindo. Paulo ficou um momento hesitante, a olhar; ouviu o estralar de um movel e um resmungo na saleta onde entrára o delegado. Já com o chapéu na mão esteve ainda indeciso, como á espera de uma resposta, até que, desanimado, dirigiu-se á porta, correu o reposteiro e sahiu. «Vou mandar vêr!...» e, repetindo as palavras do delegado, desceu as escadas, indignado e desesperançado.

Chovia ainda. Carroças desciam a rua, aos solavancos, atroando o silencio. Parado, com o olhar disperso, numa inercia acabrunhada, como esquecido do seu proprio ser, ficou um instante á porta, até que a phrase indifferente do delegado repontou: «Vou mandar vêr...» Teve um risinho ironico; voltou-se para a escada, com odio, repetindo entre dentes: «Vou mandar vêr...» Impetuosamente abriu d'estalo o guarda-chuva, e ia, de novo, lançar-se a caminho, quando viu um tilbury, que se approximava vagaroso, ao passo tardo de um sendeiro esgrouviado, pobre besta noctambula, velha e exhausta, que só áquellas horas ermas, de trevas, sahia, com a ossada e o mormo, para a tarefa que lhe valia o pasto e o abrigo na cocheira, até que, de todo inutil, fosse tocada pelos moços e achasse um canto para morrer, ao claro sol, sob o azul macio do céu. O cocheiro perguntou, numa voz rouca: «Para onde?» e Paulo, deixando-se cahir na almofada, deu-lhe o endereço.

Encolhido, sentindo a fria humidade da roupa, ia pensando na irman: «Talvez a encontrasse em casa, arrependida, implorando o perdão.» Via-a de joelhos, banhada em lagrimas, agitada pelos soluços e a mãi a afagal-a, numa grande e transbordante felicidade. Mas o cocheiro interrompeu-lhe o sonho:

— Que temposinho! E andam por ahi molestias que é um horror!

— É verdade.

— A bexiga então... O senhor não imagina. Lá na minha rua dois casos. Hontem foi-se um companheiro meu deixando mulher e dois filhos. Um rapaz forte que fazia gosto — vendia saude. Agora fica p'r'ahi, sem amparo, a pobre rapariga, com dois pequenos agarrados á saia. Mas que quer o senhor? um homem precisa, não póde estar a escolher. Elle apanhou um freguez para Catumby e lá esteve com o carro á espera, mais de uma hora, perto duma valla. Até expirar não falou de outra coisa «que apanhára a molestia naquella viagem... que se não fosse o demonio da valla...» Mas nós temos de ir a toda a parte, para isso é que sahimos. Atirou uma chicotada á anca ossuda da alimaria, que arrancou a trote fazendo ranger o tilbury, tão velho como ella, ameaçando desfazer-se em caminho, e continuou, inclinando-se, de vez em vez, para atirar á rua grossas cusparadas. Tambm não ha quem cuide da cidade. Veja o senhor isto: não ha molas que resistam.

Uma das rodas ficára engasgada numa fóssa e o animal, esforçando-se, ladeava, emquanto o cocheiro, a fustigal-o, cacarejava sacudindo as redeas. Safando o vehiculo, o sendeiro partiu numa corrida frenetica, apezar dos *psios!* do cocheiro que atesava as redeas colhidas, todo descahido. Ainda tem fogo. Aqui tem o senhor um bicho que trabalha ha doze annos e não é qualquer que lida com elle. Tem ronha! Eu mesmo, ás vezes, vejo-me atrapalhado.

Apezar da chalrice do cocheiro, Paulo ia pensando em Violante, prevendo um fim lugubre e de infamia. Se ainda o raptor a desposasse... mas qual! se elle tivesse intenções honestas não a seduziria. Ira e piedade disputavam-lhe o espirito, cerrava os dentes com odio feroz, logo, porém, a lembrança dessas infelizes que a sociedade repelle obrigando-as a ficar fóra dos muros do lar, como leprosas, sem carinho, sem misericordia, fervilhando no vicio e no crime, deu-lhe compaixão e um suspiro subiu-lhe do peito. O cocheiro, somnolento, bocejou e, para mover-se, atirou uma relhada ao flanco do animal que trotava. Subiam a rua do Dr. João Ricardo quando um silvo agudo cortou o silencio da noite fria.

— Já o expresso!? exclamou Paulo, movendo-se num sobresalto. Que horas são?

— Deve andar por perto das quatro.

— Como?! Já!

— Sim, senhor; não póde faltar muito. Ao

voltar o tilbury a rua, Paulo sentiu um repentino vacuo no coração como se todo o sangue se lhe houvesse escoado: lá estava a luz sinistra filtrando-se atravéz das persianas. Era o signal da vigilia.

— Ali! disse. O tilbury parou á porta e logo a janella abriu-se e a negra appareceu, com a trunfa muito branca e disse para dentro: «É nhonhô...» Elle comprehendeu que ainda esperavam a desapparecida; pagou e desceu. O tilbury deu volta e foi-se lentamente, rangendo, como a desmantelar-se.

— Nada? perguntou á negra que lhe abria a porta.

— Não, senhor.

Vindo da noite fria, sentiu uma impressão tépida, agradavel, naquella sala illuminada e lugubre. A negra poz-se a fechar a porta correndo o ferrolho e elle caminhou para a sala de jantar, desanimado, receioso, com o coração aos pulos. Que havia de dizer á mãi que o esperava anciosa, confiada na sagacidade da policia? Para os simples a policia é ainda um conforto porque elles só a vêem atravéz das lendas. A policia tudo conhece e por que, raro em raro, descobre um criminoso, entende a misera gente que ninguem lhe escapa, tanto o assassino como o ladrão, o que mata em retirado meandro como o que furta em plena rua, baralhando-se com a multidão, disfarçado e agil. A pobre senhora acariciava a espe-

rança de que, antes do nascer do sol, ali teria a filha, salva e pura. Paulo bem a conhecia e receiava desenganal-a. Antes de chegar á sala ouviu a sua voz gemente:

— Então, meu filho? Não respondeu e, quando a viu sentada em uma cadeira de vime, junto á mesa onde tinha um dos braços estirado, abatida, com os olhos roxos de pranto, fitou-a mudo deixando-se cahir em uma cadeira.

— Nada...

— Nada?! nem noticias, Paulo? Esteve um instante a fital-o desatando, depois, a chorar — um choro humilde, fraco, muito infeliz, de criança, com a cabeça pendida sobre o collo farto que estremecia sacudido pelos soluços. Paulo, commovido, com os olhos marejados, quiz dizer algumas palavras de consolação — poz-se de pé, mas, diante da mãi, cujo corpo tremia nos estrebuchos do pranto, emmudeceu sem sentir as lagrimas que lhe cresciam nos olhos. Lentamente, passando a mão pelos cabellos molhados, foi caminhando cabisbaixo até a porta do quarto de Violante. Deteve-se um momento, limpou os olhos e, tomando da mesa uma caixa de phosphoros, fez luz e entrou. Sobre o lavatorio de vinhatico, numa palmatoria de crystal, havia um côto de véla; accendeu-o.

Á luz, que se foi aos poucos diffundindo, lançou os olhos pelo interior desolado e, cruzando os braços, ficou a olhar como se estivesse diante dum morto amado. A cama estreita, alva, com um fino

cortinado ennastrado de fitas, tinha uma ligeira depressão; o travesseiro macio, de paina, com a sua fronha de crivo, estava machucado; um lenço jazia aos pés da cama, amarfanhado e odorante.

Ella estivera ali deitada, a pensar na fuga, á espera da hora convencionada, o ouvido attento aos rumores da casa e ás pancadas do relogio. Dali sahira, pé ante pé, atravessando a sala, passando sorrateiramente junto ao quarto em que dormia a mãi e fôra-se pelo corredor — abrira a porta, ganhára a rua e partira sem uma lagrima, talvez, sem o mais leve remorso.

Voltou-se: o lavatorio estava em ordem, com os vidrinhos de essencias, os vasos de flores, as escovas, os pentes. Sobre a commoda o retrato do pai, fardado, em grande gala, de pé junto a um rochedo; e outros retratos de moças, de crianças e chromos — um presepe, uma cêrca coberta de passarinhos sobre um fundo medieval de castellos vetustos, e o sóco que elle lhe déra pelo Natal com amendoas.

No fundo, o guarda-vestidos entreaberto. Puxou a porta, que rangeu, emperrada, e viu, a um canto, sobre a caixa de chapéu, a boneca, muito loura, com os braços abertos, rindo, toda de azul; e os vestidos escorridos nos cabides, a *sombrinha,* caixas, embrulhos. Afastou as saias, sentindo um perfume morno e sensual de essencias e de carne — não estava a de sêda preta, a mais nova. Fôra com ella, a linda saia que elle lhe havia dado me-

zes antes, no dia em que ella completára dezoito annos, e que a mãi cortára e cosera, cantarolando as suas modinhas tristes.

Não dizia palavra, apenas o seu rosto contrahia-se em crispações nervosas e as pernas tremiam-lhe. Fechou o guarda-vestidos, sentou-se na cama, com os braços cahidos, e viu-se ao espelho do lavatorio, demudado, os cabellos desfeitos, os olhos fundos e, demorando o olhar, ficou a mirar-se. Pouco a pouco, porém, a sua imagem foi-se desvanecendo e uma sombra passou-lhe pelos olhos; agitou-se, e logo reviu-se, como num resurgimento.

Fóra, os soluços de D. Julia succediam-se, a mais e mais angustiosos. «Que lhe hei de eu dizer, meu Deus!» Não achava uma palavra, apertava a cabeça entre as mãos, como a espremel-a, trincava os labios e, de novo, cravava os olhos no espelho, revendo-se. E as joias? pensou. Puxou a gaveta da commoda — lá estava a caixa de velludo em que ella costumava guardal-as — abriu-a: vazia! Meneou com a cabeça, contemplando o fundo de setim negro, onde brilhavam letras douradas, entre medalhas. Fechou-a e depol-a de leve na gaveta, sobre umas gazes tenues. Afastando-se, sentiu que alguma coisa lhe fugia diante dos pés: baixou os olhos — era uma velha botina acalcanhada, com o cano flaccidamente dobrado; perto do lavatorio jazia a parelha — eram as botinas com que ella andava em casa.

Ficou a contemplal-as. Ah! Violante. E teve um accesso de furor; atirou um murro á fronte, como se se achasse culpado daquella desgraça. «Eu devia ter sido mais severo, mas mamãi...» Encolheu os hombros e, como se lhe houvesse occorrido uma idéa salvadora, levantou-se ás pressas, abriu a gaveta do lavatorio, mas ficou inerte, a olhar uma infinidade de sellos esparsos. Fôra elle que os arranjára, com o Prates dos telegrammas, para a collecção que ella andava a fazer; estavam todos ali, em desordem, collados a pedaços de jornaes, em fragmentos de envelop-pes carimbados. E cartas? ella devia tel-as. Então, numa furia, como um ladrão que tivesse pressa, receioso de ser surpreendido, poz-se a abrir e a fechar gavetas que, ás vezes, emperravam e, nervosamente, revolvia retalhos, papeis finos amarfanhados, ferros de frizar, chromos, grampos, alfinetes. Mas a voz lamentosa de D. Julia chamou-o:

— Paulo!

Rapido, atarantado, luctou para fechar a gaveta do lavatorio, que resistia, empenada, metteu-lhe o peito e, com um impulso forte, com o qual tremeram, tilintando, a louça e os crystaes, levou-a ao fundo, sahindo immediatamente. D. Julia limpava os olhos.

— Paulo! repetiu.

— Que é, mamãi?

— E agora, meu filho, que havemos de fazer?

Elle poz-se a torcer a toalha da mesa, sem dizer palavra. Então essa gente da policia não póde salvar uma moça?

— Que hão de elles fazer, mamãi? Quem sabe lá!? O delegado prometteu interessar-se por ella, mas a senhora sabe que tambem não é assim, de uma hora para outra. Elles vão procurar.

— E então?

— Se encontrarem obrigarão o homem a casar, seja elle quem fôr. Não ha outra coisa a fazer.

— Ah! meu filho... E se fôr um ricaço? o dinheiro vence tudo. Os ricos governam e a minha pobre filha é que fica para ahi, perdida. Tu conheces tanta gente, Paulo... Tem pena de mim... Tem pena de tua irman. E a pobre velha, de mãos postas, soluçando, deixou-se cahir de joelhos, a implorar. Tem, Paulo, tem pena de mim. Que vergonha, meu filho! e inclinou-se, com o rosto nas mãos, os cotovellos fincados na cadeira. Paulo levantou-a:

— Eu farei tudo, mamãi; descance. Nem conto com a policia. Eu mesmo vou procurar Violante.

— Sim, meu filho; ella é tua irman, coitada! Nem sabe o passo que deu. Nervosa, tremula, arrastando-se para o quarto, poz-se a dizer: Nem eu sei com que cara hei de apparecer amanhan a essa gente da visinhança.

Paulo já havia entrado no quarto, ouviu o baque de um corpo — precipitou-se, sobresaltado, e

foi achar a mãi de joelhos, com a cabeça derreada, as mãos juntas, falando ás imagens. Retrocedeu em pontas de pés, com um respeito sagrado e tornou ao seu quarto, na sala de visitas. Felicia, sentada no tapete, as pernas esticadas, os pés hirtos, resomnava. A porta estava entreaberta; entrou, deu luz ao gaz e, diante da sua estante atochada de livros, desabafou, colerico:

— Cynica! E tudo por vaidade. É a mania do luxo. Uma moça pobre, que não pensava em outra coisa senão em vestir-se... E eu que morresse! e a pobre velha que se estafasse! Ah! coisa nojenta!

Encostou-se á mesa, onde tinha o retrato da familia, num quadro: o pai, a mãi, elle, ella: pequenina, de vestido curto, com uma boneca nos braços, recahida sobre o collo de D. Julia, ainda moça e forte. Tomou o quadro e poz-se a contemplal-o e, de novo, os olhos se lhe encheram dagua. O pai, muito severo, de pé, apoiado á espada, fitava-o duramente, como se o responsabilisasse por aquelle facto que deslustrava o nome que elle havia, com tanto brio, honrado na guerra e na paz, legando-o puro aos filhos. E Paulo, com um tremor nervoso, como se effectivamente aquella figura, animada por milagre, lhe falasse, poz-se a dizer baixinho, em sussurro: «Meu pobre pai! Meu pobre pai!» Mas os seus olhos, empanados pelo pranto, buscavam a criança innocente que ali estava, linda e pura, com os cachos

dos cabellos muito negros, confundidos com os bucres louros da boneca.

Depoz o quadro e, accendendo um cigarro, sentou-se na cama e ia tirar as botinas que, com a humidade, se lhe haviam collado aos pés, quando ouviu os passos arrastados de D. Julia. A velha empurrou a porta e entrou, d'olhos muito abertos, a arquejar, e foi logo perguntando:

— Tu falaste no soldado? Quem sabe se não foi elle? Paulo encolheu os hombros e a velha, sentando-se, continuou: Eu não atino com outra pessoa. Se não foi o soldado, foi alguem da Estrada de Ferro.

— Qual da Estrada de Ferro!

Depois de uma pausa, ella insistiu:

— Para mim, foi o soldado. Eu, se fosse você, ia de manhan ao quartel.

Paulo explodiu:

— Pois mamãi acha lá possivel que Violante, vaidosa como é, sahisse de casa com um soldado?!

— Quem sabe, meu filho!

— Ora!... Ella não deu esse passo por amor. Violante não quer bem a ninguem, nem á senhora, acredite. Se ella lhe tivesse um pouco de amizade, não sahia de casa, como sahiu, deixando-a de cama. Aquillo é a creatura mais indifferente que eu conheço. Se mamãi tivesse ouvido os meus conselhos, não estava agora chorando.

— Ora, Paulo... tinha de acontecer.

— Ah! Tinha de acontecer?... Não, não

aconteceria se a senhora não lhe passasse tanto a mão pela cabeça. Que fazia Violante aqui em casa? Era uma princeza: Dormia até as tantas e empregava os dias em polir as unhas ou em colleccionar folhetins dos jornaes. Se a senhora a obrigasse a coser e a arrumar a casa não aconteceria o que aconteceu. Mas ninguem tocasse em dona Violante!

— Está bom, não queiras agora culpar-me. Eu fazia tudo isso porque sou mãi.

— Porque é mãi... Pois sim. E eu agora que deixe os meus affazeres e que ande por ahi, envergonhado, á procura da senhora minha irman. Levantou-se indignado: Eu não ponho mais os pés na Escola! Essas coisas sabem-se logo e eu não tenho cara para apparecer aos collegas. «É irmão de fulana, que fugiu.» Eu não! Voltou-se repentinamente para a velha, carrancudo: Olhe, nós estamos aqui afflictos... e ella?....

— Sabe Deus se já não está arrependida! suspirou a velha.

— Arrependida! Ella fez tudo com calma, levou todas as joias...

— Levou!?

— Sim senhora, levou! A misera inclinou a cabeça sobre o collo com um suspiro; e Paulo continuou: E ainda a senhora quer desculpal-a... Uma perversa!

— Não fales assim.

— Que é, então? Que lhe faltava aqui? Ti-

nha até demais! Luxo?! Exclamou curvando-se, com a face contrahida, os olhos flammejantes, as mãos espalmadas nas coxas — Ah! Isso não, porque eu não havia de roubar. Isso não! E poz-se a passeiar pelo quarto. Desabafava. A sua colera contida transbordava e, como na expansão duma valvula ha o vapor que se liquefaz, havia naquella furia lagrimas disfarçadas; era o pranto que irrompia da colera e a attitude infeliz de D. Julia concorria poderosamente para aquella fraqueza. Tomou, ao acaso, um livro na estante, folheou-o vagamente e, atirando-o á mesa, prorompeu de novo: Quantas vezes protestei contra aquella mania da janella? Diga! Uma pouca vergonha. As outras moças chegam á janella, é verdade, mas Violante era desde a manhan até as tantas da noite, todos os dias, até com chuva. Nem sei que parecia. E a senhora? a senhora sempre a defendel-a, porque era moça. Está ahi.

— Mas tu queres agora culpar-me, Paulo? Eu podia vêr?

— Justamente por isso.

— Ora, meu filho, se ella tinha essa idéa nem que eu ficasse agarrada á sua saia noite e dia havia de leval-a a effeito. Tinha de acontecer e quando Deus quer...

— Deus! Ahi vem a senhora com Deus. Pois sim... Eu é que não sei como ha de ser agora.

— O que?

— A minha vida. Tenho o jornal... Da Es-

cola não falo, porque lá não ponho mais os pés.

— Então não te fórmas?

— Eu? Eu, não! Mas não sei como ha de ser. Como poderei cuidar das minhas obrigações tendo de andar por ahi á procura de Violante? Não sei.

— Ella ha de apparecer. Tenho fé em Deus.

— Vá esperando.

— Porque falas assim?! Nem parece que é tua irman. Deixa lá, é sina de cada um.

— Ah! É sina de cada um... Pois sim...!

— É, meu filho: é sina de cada um. Com taes palavras, para evitar as recriminações de Paulo, que não supportava «superstições e crendices», a velha foi-se do quarto, arrastando os passos.

Locomotivas silvavam manobrando, os gallos amiudavam nos quintaes visinhos. Era a madrugada. Paulo começou a despir-se, atirando a roupa desordenadamente. As arterias das temporas latejavam-lhe turgidas, sentia um grande peso no cerebro. Apagou o gaz e, no escuro, sentado á beira da cama, com os pés nús roçando o soalho frio, poz-se a arrepellar os cabellos e viu, na sombra, vagamente, a scena da fuga: a irman, de preto, com o embrulho das joias, a caminhar cautelosa, surdamente e desapparecer diluindo-se como uma nevoa. Deitou-se, cobriu-se, não tinha somno. E pensava: Onde iria? Como encontral-a? Chegou-se mais á parede e, d'olhos fechados, meditava quando ouviu os arrancados solu-

ços de D. Julia no quarto proximo. Poz-se á escuta e os olhos foram-se-lhe enchendo dagua, uma oppressão pesou-lhe no peito como se lh'o fosse esmagando e, de repente, afundando a cabeça no travesseiro, rompeu a chorar desesperadamente.

II

Eram seis horas da manhan quando acordou em sobresalto, como se houvesse sido violentamente despertado. Sentou-se na cama esfregando os olhos, moído de fadiga e os factos da vespera repassaram-lhe na memoria, nitidos e rapidos: A scena em casa, a caminhada atravéz da noite tormentosa, a subida á policia, o delegado somnolento. Mas pensando na mãi, poz-se de pé, descalço e sahiu para a sala, já aberta e em ordem.

Tiniam na rua as campainhas das vaccas, trens bufavam rodando pesadamente; ás vezes um silvo varava o silencio. Havia sol. A luz dourada entrava pelas brechas das persianas brilhando no verniz dos moveis e, muito longe, soavam sinos, cornetas vibravam.

Ia para a janella, mas recuou pensando nos visinhos, receioso de alguma pergunta e estava

parado, enrolando um cigarro, quando bateram á porta: era o lixeiro. Abriu; o homem passou ás pressas, meio curvado, murmurando «Bom dia» e foi-se pelo corredor, com o cesto á cabeça. Elle deixou-se estar, indo e vindo na sala estreita, até que o lixeiro tornou, sempre apressado, e sahiu. Pareceu-lhe tel-o visto sorrir, um sorriso ironico de quem se regozija com o soffrimento alheio. Teria elle sabido? Encostou-se á rotula olhando pelas rexas — o homem, trepado a uma das rodas da carroça, despejou o cesto e dobrou a tampa que bateu com estrepito, saltou á calçada, deu volta, a correr, e, tomando as redeas, incitou o animal que arrancou.

Na rua havia ainda grandes pôças dagua, posto que os parallelipipedos, já enxutos, apparecessem muito brancos, lavados. O céu, limpidamente azul, resplandecia com um brilho de sêda; subiam tufos de fumo das locomotivas, grossos, em rolos muito brancos, aos jactos, como floccos que se iam esgarçando, diluindo-se no ar.

Irresoluto, tão alquebrado dalma como de corpo, com o desanimo, que é a fadiga moral, onde parava deixava-se ficar inerte, d'olhos immoveis, abandonado. Idéas contrarias debatiam-se-lhe no espirito, sentimentos diversos disputavam: ora o odio irritava-lhe os nervos, ora a piedade humedecia-lhe os olhos. Cabisbaixo, lentamente, com as mãos para as costas, seguiu pelo corredor e, na sala de jantar, levantando a cabeça, viu, com

surpreza, a mãi parada á porta do quarto de Violante, a chorar em silencio, como se já não tivesse gemidos. Não lhe deu palavra; deixou-se cahir em uma cadeira e ficou-se a olhar, absorto. Felicia trouxe-lhe o café e elle, distrahido, poz-se a mexel-o vagarosamente.

Ouvindo bater á porta voltou-se ligeiro e disse á negra: que fosse vêr, devia ser o caixeiro. Que lhe falasse lá mesmo, não queria ninguem em casa. A negra seguiu pelo corredor enrolando a trunfa em volta da carapinha grisalha e dura. D. Julia, sentando-se, disse, com uma doce expressão de ternura:

— Ella não levou as joias, Paulo; foi só com os brincos e com o annel que usava sempre.

— Como não levou?!

— Não, estão aqui; e mostrou uma caixa verde, que fôra de sabonetes, explicando:

— Estavam no guarda-vestidos. Nem as joias, nem a roupa: está tudo ahi. Paulo conservou-se calado, d'olhos baixos, raspando o soalho com os pés. Vais á policia outra vez, não?

— Para que?

A velha encarou-o boquiaberta.

— Como? Pois não vais?

— Eu, não. Que vou lá fazer? Para o homem dizer-me de novo: que vai vêr? Eu não.

— Mas, meu filho, se a policia não fizer alguma coisa, quem poderá fazer? E queres que tua irman fique para ahi, atirada no mundo, sem

uma pessoa que tome as dôres por ella? Se não queres ir eu vou e tenho certeza de que hei de conseguir alguma coisa.

Felicia tornou á sala com os jornaes que recebera do entregador. Paulo, em dois golpes, sorveu o café morno e, cruzando as pernas, tomou as folhas que a negra deixára sobre a mesa. Lançou os olhos, com ancia, á primeira pagina, percorrendo todas as columnas, á procura da noticia da fuga de Violante. Bem podia algum reporter ter apparecido na policia depois da sua sahida levando a informação escandalosa. Tranquillisou-se, porém, lembrando-se da hora adiantada em que se déra o crime — já todos os jornaes deviam estar promptos e nem tão importante era o caso para que o plantonista se arriscasse, por elle, a perder o correio.

Mais calmo, accendendo o cigarro, poz-se a lêr o *Equador*, achando aqui, ali, noticias que revira: um desastre no mar, uma tentativa de suicidio e o conto de Aurelio Mendes, ao alto da primeira pagina, enchendo densamente as duas primeiras columnas.

Com o jornal diante dos olhos poz-se a pensar nos companheiros. Que diriam elles quando a noticia, sahindo da composição, lhes chegasse ás mãos? O Brites conhecia Violante, e o Bruno, que a vira, uma vez, na redacção, numa terça-feira gorda, ficára impressionado pelos seus olhos «que ardiam». Que diriam elles quando lessem

a prova infame? E, como se já sentisse a vergonha que lhe estava reservada, passou a mão pela fronte, depois, atirando um murro á mesa, ergueu-se: «Não! Não volto!» exclamou em resposta a um pensamento. D. Julia levantou os olhos marejados e ficou a contemplal-o em silencio. «Não volto!» repetiu debruçando-se á janella que abria sobre o quintalejo. Lá estavam os caixotes com violetas e malvas, á sombra do muro — era o jardim de Violante.

Ao fundo, num cercado de ripas, as gallinhas, cacarejavam assanhadas, com fome. Um gato caminhava lentamente pelo muro, ao sol e, entre as folhas miudas duma esponjeira, uma camaxirra chilreava trefega, na alegria da luz, entre o brilho das gottas da chuva, engastadas no verdor das folhas.

Paulo, com o rosto nas mãos, os cotovelos no beiral da janella, elevou o olhar pensativo. De vez em vez meneava a cabeça com um sorriso maguado. Amofinava-o aquella idéa dum possivel commentario dos companheiros na sala da revisão, perto delle: o Bruno, sensual, a invejar o homem que arrebatára Violante; o Amaro, com quem tivera uma rusga, a rejubilar vingativo; o Malheiros a rir, com a sua eterna ironia, e os compositores, até o Lucio, retranca, toda aquella gente a espetal-o com olhares perversos ou curiosos. Talvez mesmo algum, mais ousado, lhe pedisse pormenores offerecendo-se para ajudal-o

na pesquisa ou com um empenho para o chefe, não porque o quizesse auxiliar, em desinteressada camaradagem, mas para entranhar-se no escandalo, conhecer as minucias, todos os pequeninos incidentes. «Não! Não volto!» E encolheu os hombros.

Não eram sómente os revisores do *Equador*, toda aquella multidão promiscua do jornal que lhe apparecia, inclemente, a rir, num surdo remoque: eram os estudantes, seus collegas da Escola, troçando o caso em torno do taboleiro da Sabina, nos amphitheatros, nos corredores, até diante das mesas de dissecção.

Nas ruas tambem, quando passasse, haviam de mostral-o: «É aquelle!» e ririam, com escarneo, da sua deshonra; talvez o responsabilisassem por ella. Fariam delle um carrasco e da irman uma victima — que fugira para evitar tormentos, que se libertára do verdugo, preferindo as miserias do meretricio a viver humilhada e torturada. E elle, innocente, seguia, vexado, sob a dureza daquelles olhares que lhe inflingiam um injusto castigo. Teve um novo movimento de colera e D. Julia, que o olhava, perguntou:

— Que é? Encolheu os hombros, deixando a janella e, mollemente, abandonadamente, encostou-se á mesa brincando com a colher que ficára na salva de metal. De repente, numa inspiração, exclamou:

— Vou procurar o Mamede.

— Para que? perguntou a mãi.

— Para descobrir Violante.

— E Mamede sabe, meu filho!?

— Mamede? Mamede conhece toda a cidade, é intimo dessa gente da policiá. Se com elle eu não descobrir Violante, então... esticou o beiço, desanimado. A senhora bem sabe que elle foi agente de policia, era um dos melhores; sahiu por causa do genio.

— E sabes onde elle mora?

— Mora em uma estalagem, na rua do Riachuelo. Vou já. Hoje é domingo; elle deve estar em casa.

— Então, vai. E a policia?

— Qual policia! A senhora ainda pensa na policia!? Descance. Deu alguns passos e voltou-se: Olhe, se eu tivesse dinheiro... mas assim... E caminhou para a cozinha. Felicia talhava a carne sobre a mesa encardida e accumulada; o gato miava, fazendo voltas, com a cauda hirta e, numa gaiola, o gaturamo gorgeiava, pulando, todo arrufado e humido do banho. Paulo sahiu ao quintal e, descalço como estava, foi seguindo direito ao banheiro. Felicia, vendo-o passar, correu com um par de tamancos e uma toalha felpuda:

— Olhe, nhonhô. Elle tomou os tamancos, atirou a toalha ao hombro e empurrou a porta do banheiro sombrio e humido. Despiu-se e, nú, passeiando, a esfregar o peito, d'olhos no chão, esteve algum tempo a pensar.

Na visinhança, uma voz de mulher cantava; estalavam roupas batidas e, de instante a instante, eram berros de locomotivas que chegavam, que partiam, arrastando comboios. Ficou debaixo do chuveiro, hesitante, com frio; esteve um momento parado a olhar o crivo que pingava, depois uma aranha, que se balançava na teia, a um canto, junto á caixa dagua; por fim, resoluto, puxou a corrente e a agua jorrou copiosa. Refrescado, correndo, saltou para a taboa e, envolvendo-se na toalha, poz-se a esfregar-se; vestiu-se, calçou os tamancos e sahiu.

Passando pela cozinha, recommendou á Felicia que lhe arranjasse qualquer coisa para almoçar: um bife e ovos — e, apressado, fechou-se no quarto para vestir-se. As botinas estavam encharcadas; tomou uns sapatos amarellos e surprendeu-se a assobiar, esquecido da agonia que lhe toldava a vida, dantes tão calma e feliz naquella casinha alegre. Vestido, mirou-se rapidamente ao espelho, compoz a gravata e passou á sala de jantar. Felicia estendera a toalha e já o prato o esperava. Sentou-se; e D. Julia, arrastando uma cadeira para junto delle, ficou a enrolar uma ponta da toalha, suspirando a espaços. Quando a negra appareceu com o bife e os ovos ainda rechinando na frigideira, Paulo partiu o pão e poz-se a comer ás pressas, sem levantar os olhos. Cigarras chiavam nas arvores visinhas e na rua um vendedor de frutas prolongava um pregão monotono.

— Que vais dizer ao Mamede?

— A verdade.

— Que ella fugiu de casa?

— Então?

Calou-se, pensativa, e tornou por fim, receiosa:

— Não sei... Eu, por mim, não dizia. Mamede, com aquelle vicio...

— Ora, vicio... mamãi ha de vêr.

— Emfim...

— A senhora pensa que a policia é uma coisa e ella é outra. Olhe o Alves.

— Que Alves?

— Um collega meu. Um copeiro levou-lhe de casa todas as joias da mãi e das irmãs e depois? O Alves fez tudo e, até hoje, não conseguiu da policia outra resposta senão: «que os agentes estão na pista do gatuno!» Vai já para um anno, e o Alves tem dinheiro para gastar. A senhora pensa que é só chegar lá e pedir? Pois sim! Vou arranjar-me com o Mamede. Se hei de gastar com um desconhecido, gasto com elle, que é amigo, e com mais probabilidade de exito, porque Mamede póde ser tudo, mas estima-nos.

— Isso é verdade, concordou D. Julia, ajuntando: e tem obrigação. Seria um ingrato se não nos estimasse.

A palestra foi-se tornando calma entre mãi e filho, como se houvessem esquecido o desgosto. D. Julia chegou a notar que um dos punhos do

filho tinha uma mancha de ferro e propoz substituil-o.

— Não, serve este mesmo, disse elle levantando-se e batendo forte com os pés para ageitar os sapatos. Ainda mastigando, recebeu de Felicia a chicara de café; tomou-o em tres goles e, dirigindo-se a D. Julia, disse-lhe: E agora não fique para ahi chorando: almoce descançada; eu vou vêr. Tenho esperança de conseguir alguma coisa com o Mamede. Tomou o chapéu, mas D. Julia adiantou-se com a escova.

— Espera um pouco, não vás assim! e poz-se a escoval-o vagarosamente.

— Lembre-se de sua saude; a senhora anda doente. Eu estou aqui. Não vá agora amofinar-se por uma ingrata, que nem é digna da sua amizade. Eu, palavra de honra, se não fosse pela senhora, nem me abalava — que se arranjasse. D. Julia curvara-se para escovar-lhe as calças.

— Isso não! É minha filha, é tua irman!

— Pois sim...

— É teu sangue.

— Meu sangue, não! negou indignado. Não, que eu trabalho, faço pela vida, não ando a embonecar-me. Mas ella ha de vêr o bonito... Oh!

— Não fales assim, Paulo! Deixa-a, Deus é grande! E, passando-lhe a mão pelas costas, para tirar um fiapo que esvoaçava, repetiu: Deus é grande e é pai. Paulo tomou a bengala e partiu.

— Deus te acompanhe! murmurou a velha.

Elle esteve um momento indeciso, a pensar nos visinhos, imaginando uma resposta para os que lhe perguntassem pela irman, mas resolvendo-se, abriu a porta e sahiu, de cabeça baixa, como preoccupado, para evitar os cumprimentos.

A cidade, depois da noite de chuva, muito arejada e lavada, tinha um aspecto asseiado e agradavel. O sol tepido brilhava num puro azul e, pelos telhados vermelhos do casario, aqui, ali, claraboias dardejavam offuscantes. Um realejo melancolico resmoneava ao longe. Paulo atravessou a rua sem voltar os olhos. Ouvia vozes na visinhança — uma mulher que silvava *psios!* os gritos freneticos de uma criança, latidos de cães. Quando dobrou a esquina sentiu-se alliviado, tranquillo, como se houvesse escapado a um perigo; moderou o andar.

No quartel estrondava um dobrado enthusiastico. Instinctivamente foi rythmando os passos pela musica; de repente, porém, como se se sentisse observado, fez uma leve parada e seguiu lentamente, fugindo aos compassos, até que se achou diante da estação Central.

Gente escoava em massa para o largo, chalrando: pequenos apregoavam jornaes, perseguindo os passageiros que chegavam dos suburbios. Homens, sentados ou acocorados diante de cestas de frutas, acamavam maçans rosadas ou conversavam alegremente. Grandes taboleiros de doces attrahiam a garotada, os doceiros apregoa-

vam, afugentando as moscas que esvoaçavam em torno dos pães louros, lentejoulados d'assucar crystallisado e os engraxates, de joelhos junto das caixas, em que batiam, chamavam os transeuntes. Bondes faziam a curva, outros seguiam cheios e os de S. Christovão cruzavam-se, apinhados, com gente nos estribos.

Os carros, em fila, estendiam-se ao longo do terreno vago e em torno de um kiosque cocheiros discutiam em algazarra; outros, atracados, mediam forças ou gingavam em meneios capoeirosos, emquanto um pequeno junto a um dos carros, estalava um chicote, rindo-se quando a agua de uma pôça espirrava para os lados, lamacenta e negra.

Os montes, muito azues, tinham uma nova alegria. A Tijuca, desannuviada, cravava o seu cimo no céu; e o parque em frente, denso e verde, parecia de um arvoredo tenro: lisa era toda a folhagem, como nascida naquella manhan; a gramma verdejava viçosa, como se por ali houvesse andado a primavera mondando as plantas, recolhendo versas e ramalho para mostrar, em todo o esplendor da belleza, a sua residencia mais amada.

Ia atravessando a rua quando uma matúla de garotos arremangados, descalços, brandindo paus, aos berros, abalou da estação, a correr em direcção ao quartel, donde partiam, vibrando na serenidade da manhan luminosa, clangores fortes de metaes.

Deteve-se, empolgado por aquelle troar de guerra, que os écos iam prolongando gloriosamente. Era um batalhão que sahia, precedido pela cainçada lepida, que ladrava.

A molecada esperta, aos saltos, corcoveando, em destros arremessos, bradava atirando, desviando golpes, numa excitação de lucta e a banda irrompeu estrondosa como uma muralha resplandecente que se movesse, seguindo para o campo fronteiro, onde já se haviam reunido grupos de curiosos.

Appareceram depois os officiaes a cavallo — um dos ginetes, negro e luzidio, caracolava garboso: logo depois o primeiro pelotão, com as bayonetas rutilas inclinadas, formando um reverbero e passavam, com intervallos, serenamente, pelotões sobre pelotões, até que houve um claro e a bandeira verde, solta ao vento, palpitou victoriosa. Retiniram cornetas, novos pelotões desfilaram: por fim varios soldados, num bando desordenado, sahiram na códa e um carneiro, lanzudo e gordo, precipitou-se rebolando entre cães que ladravam, engalfinhando-se, numa alegria estroina. Bondes esperavam travados até que o batalhão atravessou a rua airosamente.

A um brado do commandante, que soffreava o corcel, os pelotões recuaram ficando toda a tropa em linha, immovel e direita. Subito, num relampago, moveram-se as bayonetas fazendo uma linha perpendicular, scintillante. Uma pancada

atroou, os tambores rufaram e um dos officiaes, á redea frouxa, partiu em revista á formatura. Os passageiros voltaram-se nos bondes para olhar e Paulo, entretido, acompanhava as manobras quando se lembrou do Mamede. Lançou um olhar rapido ao relogio da estação — eram oito e meia. Foi-se lentamente até ao portão do parque, sempre a ouvir a musica guerreira que estrugia como um hymno forte á luz magnifica do sol.

As aléas estavam ainda humidas e marcadas de pégádas, mas que frescor na folhagem! O lago, liso e crystallino, reflectia o céu e um ganso, alvo de neve, nadava sem mesmo frisar a agua dormida. O relvado scintillava emperlado de gottas limpidas e um aroma silvestre de bosque virgem saturava o ar fino.

Elle seguia contemplativo, sentindo o halito das arvores, cercado pela vegetação forte, refeita, com a rega farta da noite.

Passarinhos cantavam nos ramos, iam dum a outro, perseguindo-se; uniam-se no ar como trocando beijos e lá iam, de novo, juntos, d'azas frementes, mettiam-se num meandro folhudo, onde, por certo, tinham o ninho agasalhado. Folhas cahiam gyro-gyrando, flores murchas manchavam a relva, amarelleciam ou ensanguentavam as alamedas.

Num banco um casal espairecia vendo o filho, um pequenito enfezado, ir e vir, arrastando a bengala, a fazer garatujas na areia. Subito, porém,

um som rouco e fanho de buzina e um retinir de tympano alarmaram os dois felizes: o homem levantou-se, tomou o petiz nos braços, mas não teve tempo de voltar ao banco porque dois cyclistas, curvados sobre as machinas, pedalando com furia, passaram rapidos, com uma leve crepitação da arêa.

Homens caminhavam passo a passo, como convalescentes e uma velha negra, abordoada a um pau, tremula e tarda, passou com resmungos, num soliloquio de idiota, a cabeça toda branca, a pelle engelhada, os olhos sumidos, ennevoados no fundo das orbitas. Paulo chegava á praça central quando alguem lhe falou: era um visinho, empregado no Correio:

— Por aqui?

— É verdade.

— Os seus, bons?

— Bem, graças a Deus. E os seus?

— Assim... tocou no boné e seguiu ligeiro, gingando. Outros cyclistas deslisavam, uns celeres, como um vôo rasteiro, outros lentamente, zigzagueando, ora derreando para a direita, ora cahindo para a esquerda, esbaforidos, suados.

Bem felizes eram aquelles que por ali andavam descuidados! Para elles a natureza ria, o sol era alegre, a verdura viçosa, jocundos os passarinhos, as flores olorantes e no sorriso de enlevo manifestavam a alegria de viver. Tudo, em torno, acenava-lhes afortunadamente. Só elle

ia maguado, com a alma denegrida, fugindo aos homens, receioso das proprias coisas, porque aquellas mesmas arvores, aquelle mesmo céu, aquelles mesmos passaros pareciam recebel-o com ironia pungente vendo-o infeliz, toldando com a sua tristeza a alegria intensa daquella manhan triumphal.

Um velho maltrapilho cochilava num banco, sob a ramagem verde e basta duma arvore em flor, com o cajado entre as mãos engelhadas. Era um triste, talvez, tinha tambem o seu drama; mas abriu os olhos lentamente, cravou-os no céu e, como um sino resoasse perto, sonoro e grave, tirou o chapéu desabado, descançou-o no banco, persignou-se e, baixando a cabeça branca, de emmaranhados e amarellecidos cabellos, ficou immovel.

Dominado por aquella figura veneravel de crente, Paulo descobriu-se, mas com vergonha dos transeuntes, que o podiam tomar por um carola, poz-se a passar a mão pelos cabellos — intimamente, porém, votava-se a Deus, áquelle Deus de Misericordia que a voz grave do sino recordava no esplendor da manhan.

Vivamente outros sinos, mais limpidos, bimbalharam em festivo repique, e lá iam, ao som do reclamo, como ovelhas correndo á buzina do pastor, por entre os pedrouços e a urze brava do monte, aos quaes bem podem ser comparadas as agruras da vida, os crentes alvoroçados.

Quando chegou ao portão, em frente aos Bom-

beiros, teve de recuar á zoada das trompas de outros cyclistas, que vinham em caravana, apostando, uns mais avançados, rindo, galhofando em tom de victoria. Atravessou a rua e, fustigado pela preoccupação, amiudou os passos.

Subindo a rua do Senado por entre o casario pobre, vendo ás janellas os bustos arremangados das caseiras e, na calçada, os homens que gozavam a sua manhan de folga, em mangas de camisa, os braços nús, guedelhudos e fortes, tinha, por vezes, palpites de que a irman estava refugiada em uma daquellas casas — ouvia o seu riso, reconhecia o timbre da sua voz fresca e languida; voltava os olhos e, rapidamente, devassava interiores modestos.

Num botequim, junto á barreira esbarrondada, em torno de mesas sordidas, preguiçavam madraços, e, mais adiante, numa casa de pasto, escura e lobrega, ao longo de compridos bancos, trabalhadores almoçavam chalrando estrondosamente.

Enxames de moscas esvoaçavam na calçada em torno de uma humidade e um velho, sentado no limiar de uma casa, com a perna esticada, envolta em estropalho immundo, alrotava, estendendo a mão aos transeuntes. Paulo atirou-lhe uma moeda.

Ganhando o acclive da rua do Riachuelo, seguiu lentamente, curvado, chegando ao alto alagado em suor.

III

A estalagem em que morava o Mamede, antiga chacara senhorial, abria por um portão nobre, com leões de louça nos pilares de pedra. Era um immenso e rumoroso viveiro, alveolado de renques de casotas baixas, de porta e janella, ao fundo de um jardinete, em umas escavacado e secco, em outras caprichosamente plantado até a cerca de ripas que o limitava.

Largo, vasto, subindo em capinzal para a montanha, o terreno era o logradouro commum, grammado em pontos ou com coradouros de pedra sob uma verdadeira teia de cordas onde trapejavam roupas.

No acclive, encostado á barranca, havia um estábulo e mais ao fundo, num cercado de pau a pique, muares soltos espojavam-se entre carroças tombadas sobre os varaes. Tinas, encanteiradas

em fila ou de borco, repousavam. Sentia-se o descanço domingueiro.

Só uma mulher, gorda e vermelha, com um largo chapéu de homem á cabeça, as saias arrepanhadas na cintura grossa, mostrando as pernas fortes e os pés rijos, em tamancos, ensaboava, jogando violentamente o busto, rebolindo os quadris nutridos. Os seios cahiam-lhe, molles e tremulos, no papo da camisa e os seus braços masculos mergulhavam e reappareciam enluvados d'espuma. Um mulato calvo, d'oculos, quasi no limiar de um dos casebres, aproveitando a luz, cosia á machina, cantarolando; e uma negra, sentada acaçapadamente, com o pito nos beiços, chupava fumaças distrahidas, olhando o céu azul.

Ao fundo, alta e agreste, a montanha impunha-se e, por um caminho ingreme, escavado, uma cabra, aos galões, galgava o alcandor.

Um cheiro acre de barrela saturava o ar. Pôças dagua cinzenta alumiavam ao sol em todo aquelle enxurdeiro.

Paulo sabia que a casa do Mamede era uma das ultimas, mas quiz certificar-se e perguntou a um pequeno que, em camisola, descalço, arrastava um comboio feito com caixas de phosphoros. O interrogado partiu correndo e estendeu o braço indicando uma casinha pintada de azul, á cuja frente, além da cerca de ripas, verdejava uma latada.

— É ali. Paulo agradeceu e encaminhou-se

saltando um rego onde dormia, estagnada, uma agua negra, velada e putrida. Antes de bater esteve a olhar, como á espera de alguem. Cantavam na visinhança, em tom monotono de acalento. Adiantou-se e bateu, timido a principio, depois forte, bradando: — Ó de casa!

— Que é lá! rosnaram de dentro, e um mulato espadaudo, picado de bexigas, em mangas de camisa, o cabello em poupa, appareceu á porta, sungando as calças. Logo que viu o estudante abriu os braços, com uma alegria ruidosa:

— Ó nhôsinho! Que milagre! vosmecê por aqui? E, serio, inclinando-se, com o sobr'olho carregado: Alguma novidade lá em casa?

Paulo affirmou com a cabeça e o mulato, boquiaberto, num assombro, ficou algum tempo a miral-o; de repente, porém, passando-lhe o braço pelas costas, chamou-o: Mas entre, nhôsinho; entre. Fez uma volta repentina na soleira e, sorrindo, com os dentes muito brancos, observou, pernostico: Não repare, isto é casa de pobre... e Ritinha ainda nem fez a limpeza.

Paulo encolheu os hombros e, deixando o chapéu a um canto, sentou-se numa cadeira tosca, que tinha o forro de palha muito esgaçado. Vai um golinho de café? Paulo acceitou. Isto é que é... sempre o mesmo, hein, nhôsinho? bom como o velho. E, atirando o corpo para traz, com um gesto largo do braço, descahido e lépido: Em casa de pobre não ha outra coisa. Mas é bom!

affirmou com uma seriedade comica. Um instantinho. Correu um leve reposteiro de chita escura, de ramagens, e desappareceu, gingando.

Paulo lançou os olhos á sala. Estreita, com uma janella e a porta á frente, duas portas ao fundo, encobertas pelos reposteiros de chita que o vento tufava: uma mesa de pinho, a commoda com imagens de gesso e quinquilharias, quatro cadeiras e um banco com assento de couro. Nas paredes, chromos de antigas folhinhas, gravuras recortadas e uma cópia da *Batalha de Avahy*. A um canto um feixe de bengalões mosqueados.

Na janella, empanada por uma cortina de filó, dois vasos de barro com malvas e, numa gaiola, um passaro triste, amorrinhado, olhava o céu, piando. Um gato cinzento, esgrouviado, espichou-se, corcoveou e veiu vindo, com preguiça, pelos varaes da latada; ao vêl-o, porém, deteve-se, desconfiado, fitando-o, e, sem perdel-o de vista, agachou-se, cravou as unhas nas ripas, raspando com frenesi; de repente, num salto, desappareceu no telhado. Mas o mulato tornou, com a sua alegria ruidosa: «Que Ritinha estava arranjando o café», e, tomando de cima da mesa uma ponta de cigarro, accendeu-a e sentou-se cavalgando o banco, com as pernas abertas, descahido, os cotovelos nos joelhos, o queixo entalado nas mãos, e perguntou com mysterio:

— Então que houve, nhôsinho?

— Violante fugiu de casa, Mamede.

O mulato empinou-se num impeto de espanto e, hirto, d'olhos esbugalhados, exclamou:

— Como, nhôsinho!? Não me diga isto! Nhá Violante...! Com quem?

— Não sei.

— Quando, nhôsinho?

— Hontem á noite.

— E vosmecê não desconfia de alguem?

— Ora, Mamede, eu, com a vida que tenho, pouco paro em casa. Não sei.

— E a velha?

— Mamãi, coitada!

— Ora, nhá Violante! Uma menina que parecia uma santa... Vosmecê já foi á policia?

— Fui hontem... Mas não confio naquella gente. O que eu quero é que tu me auxilies. Só conto comtigo.

— Commigo!? exclamou o mulato vaidoso, espalmando a mão no peito.

— Sim, tu conheces essas coisas. Comtigo tenho certeza de descobrir o patife. O mulato encolheu-se, modesto.

— Ah! nhôsinho, tambem não é assim como vosmecê pensa, disse escarvando a cabeça; não é assim. Se a gente ainda tivesse uma *dica*... Baixou a cabeça, pensativo, mordicando os grossos beiços, levantando o bico das chinelas. De repente, firmando-se, explicou: Aqui só ha um meio — é a gente conversar com os cocheiros. Ella, com certeza, foi de carro, eu sei; ninguem faz essas

coisas senão de carro e cocheiro é como mulher: não guarda segredo — o que um faz está na boca de todos. O meio é a gente sahir *pescando* aqui, ali, nos pontos. Mas para isso é preciso andar com essa malandragem e esse serviço não é para um moço como vosmecê.

— Como não? Por que? O mulato sorriu superiormente, bambaleando-se:

— Não, nhôsinho, eu mexo as coisas cá no meu lado, vá vosmecê tocando lá por cima. Essa gente miuda é o diabo! repetiu. Perto dum moço como vosmecê nenhum abre o bico, não se arranca isto, — e mostrou a unha aguda do pollegar. Commigo não, sou cabra da mesma romaria, ando no lote com elles e com uma misturadinha e uma pabolage destripo o mais mitrado. Para mim o melhor mesmo é pegar os cocheiros: a gente vai no rasto, farejando, até botar a mão em cima do mestre, depois... o resto é nada. Mas com vosmecê, não: vosmecê atrapalha os calculos. Moço assim direito... qual! dizem logo, isso é *tira*, (1) está sondando. Eu conheço os casos; e riu. Logo, porém, reassumindo a gravidade, perguntou: E na visinhança? a gente não póde apanhar alguma coisa? Vosmecê não tentou?

— Não.

— Pois é preciso, nhôsinho. Então é assim que vosmecê quer pegar o méco? É preciso.

(1) Agente de policia.

Nesse momento uma mulatinha côr de canella, afastando o reposteiro, appareceu com a bandejinha de café.

Muito nova, teria dezoito annos, pelle fina, setinea, olhos negros, faceiros e pestanudos, cabello liso, abundante, roliça e languida. Os seios rijos espetavam o corpinho de cassa, e, pelas mangas frouxas, viam-se-lhe os braços morenos, torneados e nos punhos finas pulseiras de prata com berloques que tiniam. Mamede apresentou-a: Esta é a minha *barbiana* (1), Ritinha, a mulata de mais *cahidos* que eu conheço; e atirou uma palmada ao quadril da rapariga, que fugiu com o corpo graciosamente. Olha, Rita, este é o filho do meu major. Eu vi este menino assim — e esticou o braço forte mostrando a altura: brincou muito aqui nos meus joelhos, era doido por mim. Nem vosmecê se lembra, hein, nhôsinho?

Paulo, sorvendo o café, fez um aceno affirmativo; mas o mulato, estirando as pernas, arregaçando as calças, duvidou:

— Qual! vosmecê era muito miudo. Ritinha sentou-se com a bandeja nos joelhos, mirando-o. Mamede, porém, entregando-lhe as chicaras, atirou-lhe nova palmada, que ella rebateu, ligeira, com um mômo. Vai um bocadinho lá den-

---

(1) Mulher amasiada com gatuno ou simplesmente mulher bonita.

tro, mulata; nós estamos aqui numa *menestra* (1).

Ritinha levantou-se mollemente e, com o seu andar quebrado, desappareceu; pouco depois a sua garganta mandou á sala a melodia de uma modinha sertaneja.

— Então, nhôsinho, vosmecê não acha que eu penso bem? Eu vejo fundo nessas coisas. Vosmecê toca lá de cima, e eu vou trabalhando cá por baixo, com o meu povo: assim, sim. Fechamos o *bicho* num cêrco e, seja elle quem fôr, quanto mais graúdo melhor, ha de chegar á fala. E depois, se eu puzer os luzios nelle, vosmecê póde ficar certo de que o mestre cumpre a obrigação. Ah! isso cumpre! Olhe, nhôsinho, não é por vosmecê estar presente, mas pergunte á Ritinha se eu não vivo aqui falando lá de casa: do velho, da velha, de vosmecê, de nhá Violante. Eu estimo vosmecês mesmo, não é prosa, estimo! Vosmecês cresceram nos meus braços, e então? Deus me livre! Achando, vosmecê póde ficar tranquillo, porque o *trucha* (2) ou cumpre a obrigação apagando a mancha, ou eu... ahn! Vosmecê não me conhece ainda, nhôsinho. Eu não sou homem de muita conversa, esteja certo disso; não sou, mas quando digo, faço, nem que saiba ir parar no inferno. Assim como assim, a gente vive em qualquer parte, vive mesmo, mas com uma ancia no coração,

---

(1) Negocio embrulhado.

(2) Sujeito esperto.

isso é que não, não é commigo. Encolheu os hombros, esguichou, por entre dentes, uma cusparada para o quintalejo e ergueu-se. Vou pôr os *manos* em serviço e se eu, com elles, não descobrir, tambem a policia não descobre, isso juro! Afastou a cortina e bradou: Ritinha, que é da canna? Vosmecê não bebe?

— Não.

— Pois fique descançado, nhôsinho, que eu vou trabalhar com gosto. Hoje mesmo começo, hoje é bom dia, que é domingo... É verdade que eu tenho um negocinho nas corridas, mas não ha duvida: primeiro a minha gente. Mas que maluquice de nhá Violante! Uma moça bonita, que podia fazer um casamento importante... Mas é essa malandragem que anda por ahi solta, desencaminhando as moças. A cidade está perdida, só mesmo um chefe teso, que mande varrer tudo, a torto e a direito. É uma pelintragem que faz medo: uns pindahybas, sem lasca de *guita,* [1] muito engravatados, batendo a calçada e fazendo *estrupicios.* [2] É por isso que ha tanta perdição por ahi. Muitas vezes vosmecê lê nos jornaes que um homem enfiou uma lingua de ferro no bucho do outro, atôa. Atôa?! pois sim, trate de indagar e ha de vêr. Só um maluco mata por matar, ha sempre uma razão. Eu mesmo já tenho estado

(1) Dinheiro.

(2) Desordens, qualquer crime.

para *esfriar* (1) mais de um, por causa de desaforos, não com a Ritinha, qu'isso, então, era logo; por causa de outras coisas. Foi algum vagabundo que virou a cabeça de nhá Violante, mocinha nova, sem experiencia do mundo... Suspirou: Eu, de quem tenho mais pena é da velha... tão boa, coitada!

— Passou toda noite em claro, chorando.

— Imagino! Eu sei como ella é para vosmecês! Eh! quando um dos filhos tinha qualquer coisa, uma febrinha de nada... Nossa Senhora! ficava que até fazia pena, quanto mais com isso agora. Eu nem sei, coitada!

Paulo poz-se de pé.

— Então estamos ajustados? Vais trabalhar?

— Hoje mesmo, já não cuido em outra coisa. Vá vosmecê tocando de cima qu'eu espero cá em baixo.

— Achas que devo voltar á policia?

— Acho. Vosmecê não conhece algum delegado?

— Não.

— Mas isso é facil: Vosmecê arranja um cartão lá no jornal e vai mesmo ao chefe. E deixe correr o barco. Ritinha, já intima, entrou com a garrafa e dois calices; Mamede, porém, foi logo dizendo: Nhôsinho não bebe, e serviu-se, pigarreando grosso, com o calice entre os dedos. Virou

---

(1) Matar.

de um trago, caramunhando, olhos semi-cerrados.

— Então até logo, Mamede. Ainda vou dar uns passos por ahi.

O mulato deu um afanão ás calças:

— Pois é: vosmecê faz por seu lado qu'eu vou mexendo cá no meu mundo. E vou trabalhar com gente direita — póde ficar certo de que se eu farejar o rasto, trago o mano *nos grampos.* (1) Vá descançado.

E estendeu a mão ao estudante. Ritinha, sempre languida, encostada á commoda, olhava-o com os seus grandes olhos negros, avelludados que, por vezes, pareciam adormecer á sombra dos longos cilios. Paulo adiantou-se para falar-lhe com reserva e ella, como a custo, levantou o braço e entregou-lhe a mão, passivamente, num abandono. Tomou o chapéu e, já no quintalejo, sob a folhagem lustrosa, disse:

— Então até logo, Mamede; e trabalha.

— Não precisa pedir, nhôsinho: eu entro nisso com o coração. Paulo, porém, attrahia-o e, quando o viu fóra, longe das vistas de Ritinha, entre os velhos caixotes de plantas, perguntou-lhe em segredo: Estás *armado?* (2) O mulato recuou, como offendido; o estudante, porém, já com a mão no bolso, continuou: Sem ceremonia, meu

---

(1) Dedos; por extensão: as mãos.

(2) Endinheirado.

velho; entre nós deve haver franqueza. Eu posso passar algum.

— Que é isso, nhôsinho! então eu vou receber dinheiro de vosmecê?! Isso não! não senhor!

— Tu precisas, Mamede.

— Ora quê! Dinheiro arranja-se.

— Qual arranja-se, insistiu o rapaz, tirando do bolso algumas notas amarfanhadas. O mulato sorria, meio vexado; e a voz fresca de Ritinha recomeçou languidamente a modinha sertaneja. O estudante dobrou uma nota e metteu-a, á força, na mão callosa do mulato, que recuava, sorrindo.

— Que é isso, nhôsinho! Tenha paciencia, isso não.

— Ora... Afastou-se e, voltando-se da cancella, recommendou: E trabalha! Vamos vêr se conseguimos descobrir o miseravel.

— Não ha duvida. Eu saio já; é só o tempo de botar alguma coisa na boca.

Paulo acenou um adeus, e o mulato, agarrado á cerca, sorrindo, inclinou-se, recommendando:

— Lembranças, nhôsinho.

Descendo, sempre alvejado pelos olhares curiosos da gente da estalagem, o estudante sentiu-se vexado — dir-se-ia que aquelle povo simples, olhando-o e cochichando, commentava, como se o conhecesse, o segredo que ali o levára. Precipitou os passos e, achando-se na rua, atirou-se a um bonde que passava sem saber ao certo o rumo que devia seguir.

Sentou-se, muito encolhido, e logo o typo sensual de Ritinha surgiu-lhe como uma visão. Onde a teria o Mamede encontrado, tão nova, tão linda, bem differente da Libania, sua antiga companheira, uma bexigosa relaxada, que andava em mangas de camisa, tresandando a sarro, cuspilhando nojosamente, sempre em rusgas com a visinhança da casa da rua do Conde? Invejou o mulato. Devia ser delicioso viver com uma rapariguinha como aquella, vêl-a, sentil-a sempre, dobrando-a a um ligeiro aceno, sujeitando-a com um ardente olhar, como uma humilde, submissa escrava do amor.

Tão distrahido estava com os pensamentos lubricos que não deu pelo conductor — foi necessario que elle lhe tocasse o braço; voltou-se e, precipitadamente, desculpando-se, metteu a mão no bolso e pagou.

Depois de uma curta parada, de muda, diante da estação, o bonde seguiu rapido, ladeira a baixo, aos trancos.

Quando avistou os Arcos o estudante perguntou a si mesmo: «Mas para onde vou eu?» Não sabia, deixava-se levar ao acaso, sem indagar... Talvez encontrasse Violante.

No largo da Lapa esteve para descer vendo uma fila de bondes engatados que seguiam para Botafogo. Sim, naquelle bairro é que ella devia estar, num chaletsinho risonho, entre flores. Áquella hora dormia ainda, de certo, sobre as sê-

das macias do leito infame com a cabeça no braço do amante, nua e fatigada. E, lá em casa, consumida de angustia, a pobre velha andava pelos cantos, como uma trapeira, reunindo as lembranças: aqui um velludo que apertára as tranças da ingrata, um livro desmantelado, um lenço, um chromo, coisas que falavam della, que conservavam a impressão dos seus dedos ou o aroma da sua carne. Pobre velha!

E foi com os olhos aguados que elle viu o Passeio, as grandes arvores, os taboleiros verdes e aquella gente que ia para ali respirar a brisa saturada do aroma da folhagem ou a que vinha do mar, cheirando a salsugem.

Ás janellas das casas, criadas batiam tapetes, levantando uma densa poeira. Das portas dalguns predios corriam lençoes dagua negra para a calçada. Carros rodavam, tirados por trotadores de raça, cruzando-se com os apressados tilburys; passavam carroças, rangendo pesadamente e uma diligencia, velha e immunda, desconjuntada, subia lenta, com oscillações, puxada por dois muares, atarracada de legumes em grandes cestos, feixes de cannas, jacás de gallinhas, caixotes e, por entre a carga, agarrados aos balaustres, ou sentados em saccas, homens descalços, em mangas de camisa, oscillando com os solavancos da traquitana, que ameaçava desmanchar-se na primeira cova em que entrassem as suas rodas; mas lá ia, e as chicotadas

succediam-se no lombo dos animaes que arrancavam com esforço.

Quando o bonde chegou á praia de Santa Luzia, Paulo commoveu-se vendo as arvores, que fazem uma cerrada abobada, coando a luz pelos escassilhos da folhagem, ao longo da rua, larga e direita, que enfrenta com a Misericordia.

No terreno que desce para a praia redes seccavam, estendidas em espeques; barcos, pintados de fresco, reluziam, emborcados; uma carena apodrecia ao sol, como um negro esqueleto monstruoso. Pescadores teciam malhas, outros remendavam velas que o forte vento do largo havia estraçalhado; e a vaga rumorejava, refervia na praia por entre as pedras avelludadas de sargaço.

Longe estacionavam os navios; um rebocador cortava as aguas lisas, levantando a mareta na qual jogavam as pirogas esguias dos pescadores praieiros. Roupas grossas seccavam em cordas, pannejando com o vento da barra. Gaivotas voavam ou, pousadas nagua, appareciam e desappareciam, com o arquejo do mar.

Voltando-se, porém, deu com o frontão da Misericordia — a escadaria, a grande porta, larga e alta, que levava á sala do banco. Havia gente, enfermos pobres que iam á consulta, outros à espera de remedios: alguns, sentados nos degraus da escada, abatidos, melancolicos, a cabeça pendida sobre os joelhos, pareciam cochilar; mulheres com crianças ao collo, velhos subindo tremula-

mente os degraus e uma negra que descia, de cabeça alta, tacteando, com os olhos encobertos por uns oculos escuros. Um tilbury estacionava em baixo.

Paulo respirou angustiado. Era dali que elle devia sahir para a vida, depois de praticar á beira dos leitos de soffrimento, esvurmando pustulas, talhando carnes, recebendo nas mãos a vasa immunda das podridões humanas, acudindo á ancia de um, ao estertor de outro, subjugando um delirante, animando um timido, levando o cordeal a um abatido, com o thermometro de axilla em axilla, a tomar a temperatura de corpos queimados pela febre, tumidos de inchaços ou descarnados pela tuberculose.

Era aquella estrumeira humana que fazia vicejar a flôr sempre bella da sciencia, era aquella infecção que preparava a saude. Aquelles corpos eram como compendios nos quaes, logo que esmoreciam, mestres e alumnos, abrindo-os a golpes, estudavam na morte os segredos mysteriosos da vida. Dali devia elle levar o diploma desejado. Era daquella immensa alcaçova, especie de presidio da Morte, que elle devia tirar o pão, o agasalho, o conforto, a riqueza e a gloria de amanhan...

Mas o edificio da Escola appareceu e Paulo, pensando na irman, receioso de vêr um dos collegas, sem lembrar-se de que era domingo, baixou os olhos e só descançou quando o bonde deu volta para o largo do Moura.

Um brado chamou-lhe a attenção: partira de um becco, em cujo fundo, entaipado por uma muralha, abria-se o largo portão do Arsenal de Guerra. Á esquerda, ficava o velho quartel, com o muro baixo, apuado de bayonetas symbolicas, entre as quaes, de espaço a espaço, destacavam-se pequenos canhões, e, em frente, todo de branco marmore, avultava o sacello funebre do Necroterio.

Os passageiros descobriram-se respeitosamente. Uma velha mulher, baixando a cabeça, fez o signal da cruz; elle lançou os olhos á capellinha e viu um cadaver occupando uma das primeiras mesas. Por uma rapida associação de idéas lembrou-se da Roda e já o bonde ia longe, atravéz do largo, por onde andavam lavadeiras, quando elle se voltou para lançar um derradeiro olhar á capellinha. A Roda... e foi pensando nos dois abrigos que se ligam pela mesma misericordia — um recolhendo os innocentes anonymos, repulsas da miseria e do crime, outro dando guarida aos mortos desprezados ou desconhecidos. São como duas conchas de uma balança — em uma a créche, em outra o esquife — e a mesma Senhora da Piedade, que velava á cabeceira dos que não haviam contemplado a luz da ultima hora, que haviam expirado em devezas escuras, vasquejando prostrados pelo homicida ou no fundo das aguas, presidia o dormitorio dos desamparados, acalentando os pequenitos cujos vagidos não acham o carinho do collo e dos labios maternaes.

Tão preoccupado seguia que só levantou os olhos na praça 15 de Novembro, diante da estatua de Osorio que, numa attitude energica, contendo o ginete, parece esperar os esquadrões gaúchos para arremetter com a furia que o tornou lendario nos campos do Sul.

Em varias igrejas os sinos tintinabulavam e um carrilhão resoava uma aria profana como se os proprios templos, esquecidos do mysticismo, despegados do mysterio, viessem, com desplante, confabular na orgia humana, repetindo, com as vozes dos seus campanarios, os estribilhos devassos.

Desceu diante do Carceller e esteve um momento irresoluto, a olhar os que passavam — uns de volta do mercado, com as compras, outros a caminho das igrejas num formigar rumoroso. Para onde iria? Poz-se a olhar as casas, os bondes que chegavam, os vendedores de frutas que arranjavam as suas cestas. De repente sentiu-se agarrado — voltou-se. Era o Bruno.

— Que é isto?! O «decadente» estava amarfanhado, d'olhos vermelhos e esmorecidos; um halito quente, avinhado, sahia-lhe da boca secca. O collarinho estava todo esmagado, em gelhas, a gravata espocava. Ah! meu amigo, que noite! Vamos tomar alguma coisa. E, passando-lhe um braço pelas costas, lá o foi levando para o botequim. Sentou-se, tirou o chapéu — tinha os cabellos empastados como se houvesse sahido dum

banho. Dois cognacs! pediu e, inclinando-se, com os cotovelos na mesa, exclamou de novo: Que noite, Paulo!

— Mas donde vem você?

— Imagina! Hontem, depois que sahi da revisão, bati para os *Fenianos,* com o Brites.

— Com o Brites!?

— Então? Ah! pensas que o Brites é sempre aquelle mazorro que préga, com muita austeridade, a moral de Comte? É um pandego de marca. Fizemos o diabo! não imaginas. Encontrei lá uma rapariga, a Livia, conheces? uma morena, que tem um signal no canto da boca... Ora! uma que esteve com o Bastos...?

— Não conheço.

— Ora, não conheces!...

— Palavra!

— Conheces! affirmou o Bruno nervoso e, depois de haver virado o cognac, continuou: Dancei com ella e... coisas... tu sabes. E, com os olhos lampejantes: quasi viro aquillo tudo! Se não fosse o Brites... não sei. Tu sabes, eu não sou molle e com alguma coisa na cabeça não vejo nada diante de mim. Pois um sujeito, um typo, porque me viu com a Livia, entendeu que me devia tomar á sua conta. Eu... ahn!

— Brigaste?

— Não, não briguei porque, tu sabes, apparecem sempre pacificadores, os taes da ordem. Mas

que mulher, Paulo! Venho de lá agora. Não imaginas!

— E para onde vais?

— Vou descançar um bocado. Hoje tenho folga. E tu?

— Estou de serviço.

— Pois é verdade... O Bruno, porém, lançou um olhar intelligente ao amigo e, com malicia, sorrindo: Tu tambem, aqui entre nós, não passaste a noite em oratorio — estás com uma cara!...

Paulo estremeceu e mirou-se ao espelho achando-se pallido, desfigurado.

— Não, passei a noite em casa.

— De quem?

— Na minha.

— Pois sim. Todos vocês são uns santos, eu é que sou o debochado, porque conto o que faço. Eu devia fazer como vocês — não ha como a hypocrisia. O Brites tambem é um homem sério, philosopho, abstinente... Vai vêl-o nos *Fenianos*.

— Mas tu nunca me viste em bailes.

— Mas ha outras coisas e... peiores. Emfim, isso não é da minha conta E vou-me embora que estou morto. Imagina, depois daquelle trabalho estupido que tivemos hontem, um deboche até ás seis... Ainda não preguei olho: tambem cáio agora na cama e vou até ás quatro. Adeus. Chamou o caixeiro, pagou e sahiram. Justamente havia um

bonde de Riachuelo. O Bruno despediu-se e precipitou-se esbaforido.

De novo só, recahindo na preoccupação, Paulo resolveu chegar á policia para saber alguma coisa: talvez já estivessem na pista do raptor. Teve uma repentina decisão, partindo immediatamente para a rua do Ouvidor. Á esquina, porém, deteve-se indeciso: «Não, não podiam ter ainda encontrado o homem. Certamente a diligencia começára de manhan e não era assim tão facil descobrir um criminoso que, sem duvida, procurára, com tempo, refugio seguro para gozar as primicias de um corpo joven e formoso. Iria á noite saber; conversaria com o delegado ou com o proprio chefe.» Demais, sentia-se fatigado como se, só então, lhe pesasse o cançaço da grande agitação da vespera: as pernas vergavam-se-lhe, ardiam-lhe os pés e um suor viscoso untava-lhe todo o corpo; tinha uma sensação de febre, o pulso agitado, a boca reseccada e saburrosa. Sahia um bonde da rua da America, tomou-o.

Até á casa foi numa inercia molle, como adormecido, sem sentir a viagem, pensando vagamente em coisas diversas: ora nos proximos exames, ora na mãi, na irman ou em Idalina, uma loura a quem fazia versos e que o esperava á janella, com flores e bilhetinhos, tresandando a essencias réles. Outra como Violante... Repentinamente, porém, numa mutação introspectiva, viu o Bruno e o Brites, afogueados, gyrando como dois convulsiona-

rios, agarrados a mulheres. Teve uma subita irritação, uma revolta surda contra a imaginação desvairada — queria apenas cuidar da irman e o seu espirito cambiava em zig-zags, avançando, retrocedendo, ora em sonhos, ora em recordações... Mas já o bonde ia perto da casa. Estavam visinhos á janella e elle descobriu Felicia conversando com uma mulher gorda que comprava a um quitandeiro. O sangue ferveu-lhe no coração e seus olhos cravaram-se, com furor, na velha negra.

Já no estribo, sem corresponder aos cumprimentos dos visinhos, fitava-a duramente. Quando ella o viu saltar, despediu-se da mulher, á pressa. Elle amiudou os passos para alcançal-a e, á porta, emquanto ella mettia a mão pelo postigo para dar volta á taramela, interpellou-a com voz surda e colerica:

— Tu já foste bater lingua pela visinhança, Felicia!...

— Eu?! eu não, nhôsinho. Minha boca não se abriu pr'a falar em nhá Violante. Eu estava falando dumas costuras.

Entraram e Paulo irrompeu explodindo:

— Pois eu não quero conversas com visinhos. Não tenho nada com essa corja.

A negra foi-se resmungando e D. Julia, que ouvira a voz do filho, appareceu arrastando os passos, anciosa e abatida como se viesse de uma longa enfermidade; e perguntou:

— Então, Paulo?

— Falei ao Mamede.

— E a policia?

— Qual policia! atirou o chapéu para cima da mesa e sentou-se. Olhe, estou aqui que não posso commigo, já não tenho pernas e a senhora... nem como coisa. Eu posso morrer porque mamãi, apezar de tudo, ainda ha de ter mais pena de Violante. É assim mesmo; e amuou.

— Não fales assim! Que te fiz eu? Pois então não hei de pensar nella? Já os seus olhos iam-se alagando e, dirigindo-se a Deus, a pobre velha poz-se a dizer: Eu não mereço isto, meu Senhor! não mereço. Se eu havia de soffrer assim, porque não me levastes em lugar delle? Que fico fazendo no mundo, se os meus proprios filhos não me estimam? Poz-se de pé, grossas lagrimas rolaram-lhe dos olhos. Eu não mereço isto! Paulo teve um movimento frenetico e, sem dizer palavra, encaminhou-se para o quarto. D. Julia, prostrada, ficou soluçando na sala, baixinho, para não incommodal-o. Elle, porém, reapparecendo em mangas de camisa, esbravejou:

— Que não se podia ter um segredo naquella casa que a senhora dona Felicia não fosse logo bater boca na visinhança. Vira-a de prosa com a tal D. Lucinda, a maior enredadeira do quarteirão, com certeza a contar que Violante sahira, que elle fôra á policia, tudo, emfim. E, aos berros, para que a negra ouvisse na cozinha: Pois fique sabendo que não quero tréla com visinhos — viva cada

um em sua casa, com as suas mazelas. Que tem D. Lucinda com o que se passa aqui? É melhor que cuide do filho, um vagabundo, que vive com a molecagem, a assaltar os bondes e a apedrejar quintaes. Sucia!

D. Julia, levantando a cabeça, exclamou:

— E eu não quero ficar mais nesta casa, vou procurar um canto por ahi. Aqui não fico mais! Não estou para essa gente vir perguntar por Violante. Eu sei... Se não a virem hoje começam logo com recadinhos: Que tem? porque não apparece? se está doente. Eu já disse á Felicia que respondesse a todos — que ella foi passar uns dias no Engenho Novo, com o padrinho. Só assim...

— Pelo que ouço, a senhora entende que somos obrigados a dar satisfação da nossa vida á visinhança... Por que? Não faltava mais nada! Não é por meu gosto que a senhora conversa com essa gente. Quando nos mudámos para aqui eu lhe disse, lembre-se bem: nada de relações com visinhos, vamos viver independentes: «Bom dia, Boa noite» e mais nada, senão começam os presentinhos, as visitas e os emprestimos de coisas e, um dia, mettem-se-nos em casa. Dito e feito. Eu não posso andar á minha vontade porque, volta e meia, está ahi gente á porta pedindo uma coisa e outra.

— Mas que queres, Paulo? eu nem á janella chego. Quem fez amizade por ahi foi Violante, eu estou sempre mettida aqui dentro, cuidando

do meu serviço. Ellas vêm ahi, que hei de fazer?

— Pensam que não sei que me chamam de orgulhoso? pois sou, sou mesmo! Não quero saber de amizades, vivo muito bem só. Está ahi em que deram as amizades. A senhora quer mudar-se?

— De certo. Não tenho cara para ficar aqui...

— Nem eu. Mas eu sei que, onde quer que estejamos, ha de ser sempre a mesma coisa: conversas, visitas...

— Commigo!? exclamou a velha espalmando a mão no peito.

— Não, commigo...

— Estás enganado. Eu, tendo o meu descanço, pouco me importo com o mundo. Houve um silencio. Paulo passeiava nervosamente pela sala, arrepellando os cabellos, arrependido de haver maguado a boa velha, que ainda os soluços agitavam como os ultimos relampagos de uma tormenta. De repente, estacando, perguntou:

— A senhora já almoçou?

— Eu tenho lá fome...! Tomei uma chicara de café. Calaram-se.

Commovido, apuado pelo remorso, Paulo sentou-se perto della e, meigo, adormecendo a colera que o agitára, poz-se a falar da mudança: «Que não podiam continuar naquella casa, mesmo por ella, que havia de estar constantemente a lembrar-se de Violante»

— Ah! meu filho, parece-me um sonho. Ainda não estou em mim. Ha pouco estava lá dentro na

sala de jantar quando ouvi rumor no quarto della: estremeci toda, fiquei fria, gelada e deu-me uma pancada no coração, tão forte que pensei que ia morrer. Fui devagarinho e espiei. Suspirou e calou-se, dizendo, depois duma pausa angustiosa: Como é que uma filha faz uma coisa assim? e não ha lei?! Pois então um malvado seduz uma moça, atira-a na desgraça e fica muito bem sem um castigo? Elevou então os olhos e, de mãos postas, erguendo-se tremulamente, tomou Deus por juiz: Ah! mas quem faz paga... Deus é grande! Deus não dorme. Só se eu não a criei nestes peitos com o meu sangue. Paulo passeiava sem dizer palavra, enternecido com aquellas doloridas queixas. Um sino dobrou lentamente e D. Julia, agarrando-se aos braços da cadeira, foi derreando o corpo, ajoelhou-se e ficou a rezar. Nova badalada rolou e um gallo cantou no fundo do quintal.

Era a hora maior do sol, a hora do esplendor maximo. Como que a natureza quedava em humilhação extatica, adorando silenciosamente o grande astro a pino, na gloria de toda a sua grandeza, dominando d'alto a terra que se prostrava como uma femea que se agacha sentindo o peso do macho sobre o seu corpo vibrante de emoção lubrica.

O silencio dilatava-se abafando todos os rumores como se a vida fosse, aos poucos, parando — só um piano, na visinhança, zaragalhava em notas fanhas, que discordavam do grande e solemne

arroubo daquelles luminoso espasmo. Paulo pisava de leve como para não interromper a oração da mãi, mas bateram á porta apressadamente. D. Julia ergueu-se e sahiu em pontas de pés, elle metteu-se no quarto, revoltado e, quando Felicia acudiu para vêr quem era, entreabriu a porta e ficou á escuta, retorcendo nervosamente o buço. Era um pequeno da visinhança que pedia o jornal emprestado. Felicia fechou a janella emquanto ia buscar a folha e, quando tornou, disse amuadamente: «Que tinha ido passar uns dias fóra, no Engenho Novo, com o padrinho.»

Tratava-se de Violante — era a curiosidade da visinhança que começava a aguçar-se. Paulo estremeceu de furor e poz-se a resmungar contra a corja e, quando a negra fechou a janella, rompeu do quarto, colerico:

— Quem é?

— É o filho da viuva, nhonhô.

— Que viuva?

— A mãi de D. Isaura, aquella mocinha bexigosa...

— Veiu para indagar?...

— Não, senhor; veiu pedir o jornal. Perguntou por nhá Violante, mas eu respondi como sinhá mandou: Que ella tinha ido passar uns dias no Engenho Novo, com o padrinho. E foi-se pelo corredor, como a fugir á furia do estudante que a seguia, sempre a invectivar aquella sucia de bisbilhoteiros. D. Julia, na sala de jantar, encostada

á mesa, esperava a negra; vendo, porém, o filho não teve animo de fazer a pergunta que já lhe estava nos labios e poz-se a disfarçar, arranjando uns embrulhos. Paulo adiantou-se:

— Vê a senhora? Já querem saber. Até parece que essa gente fareja. Só porque Violante não appareceu hoje já estão todos de orelha em pé. É um horror! Ás vezes tenho impeto de responder com uma grosseria. Pois não! é demais! Não vou á casa de ninguem, vivo aqui mettido, nem á janella chego e estou sempre com a casa cheia. A amizade é um pretexto, o que elles querem é vêr como vivemos, que comemos, como nos arranjamos e lá se vai a nossa vida commentada, discutida de casa em casa como um trapo filado e estraçalhado por uma matilha de cães. Não quero saber de relações, dispenso-as. Amanhan, bem cedo, ponho-me na rua procurando casa e hei de achar, seja onde fôr. D. Julia concordou passivamente:

— É mesmo.

— Quando mamãi está doente nem aqui apparecem. Muito bons para os pagodes e para a maledicencia. Não quero! Se não fosse o meu trabalho no jornal eu procurava casa bem longe, num arrabalde, para livrar-me dos taes conhecidos. Infelizmente não posso: estou preso á cidade.

— Mas ha tantas ruas...

Elle não respondeu. De repente, chegando á porta que levava á cozinha, chamou a negra. Fe-

licia appareceu, de mangas arregaçadas, enxugando o braço ao avental.

— Como é o typo do soldado? perguntou.

A negra baixou os olhos e ficou um momento immovel, pensativa, como a recordar as feições do homem que ella tantas vezes vira na calçada fronteira, rente ao muro, indo e vindo, com os olhos em Violante. D. Julia voltou-se interessada encarando a negra que, por fim, titubeou:

— É um moço assim como vosmecê, mais cheio de corpo. Logo, porém, arrependida, como para o livrar de suspeitas, affirmou: Mas não foi elle não, nhonhô; não foi. Ind'agorinha mesmo, pouco antes de vosmecê chegar, elle passou por aqui, mais outro, e foram lá para os lados da rua da America. Paulo deu volta coçando a cabeça e D. Julia, perdida aquella esperança, sentou-se á mesa, raspando distrahidamente umas migas de pão.

Os dois não achavam palavra. Paulo detinha-se, olhando as paizagens cinzentas do papel da sala, passava os dedos seguindo os contornos dos cães, dos caçadores que, em desabalada corrida, levando os cavallos á toda a redea, seguiam um grande cervo ramalhudo. Subito um som fanhoso rompeu o silencio — era um realejo que soava na rua, perto, tristemente, vagarosamente.

D. Julia levantou a cabeça e ficou immovel, a ouvir. Paulo voltou-se tambem para a porta, olhou depois para o quarto de Violante. Logo,

porém, vendo a mãi debruçar-se sobre a mesa, sacudida por um pranto nervoso, arrojou-se para a sala, revoltado contra aquella musica evocadora que despertava tantas saudades, toda a sua infancia e a della...

Ah! se Violante ali estivesse já andaria, como uma criança, a fazer voltas de dança rindo ás gargalhadas... Era doida por aquella musica fanhosa, chegava até a mandar dinheiro ao homem para que a prolongasse monotonamente e a rir, muitas vezes descalça, os cabellos soltos, trincando fatias de pão, volteava, volteava, indo, não raro, buscar Felicia á cozinha, quando não arrastava a mãi que, com o seu enorme corpo, as pernas muito inchadas, encolhia-se toda, tomada de riso, a agarrar-se aos moveis para oppor-se áquella maluca.

E o realejo gemia. Era o homem que a chamava como se tambem a quizesse arrancar da miseria. E como que o instrumento sentia, porque se ia tornando cada vez mais triste, mais triste, na rua clara e silente, ao grande sol. Faltava o riso de Violante, faltava a sua linda mocidade alegre.

De repente D. Julia levantou a cabeça e, passando a mão pelo rosto, desfeito e molhado, disse arrancadamente, num arquejo doloroso:

— Não! Não fico mais aqui... Não posso!

E o realejo tristonho, depois duma pausa, recomeçou a aria melancolica.

IV

Resolvido a mudar-se, Paulo sahiu na segunda-feira muito cedo e, no botequim da Central, mexendo lentamente o seu café, recorreu aos annuncios do *Jornal*, tomando notas em um quarto de papel. Decidiu-se por duas casas «pequenas, pintadas e forradas de novo»: uma na rua dos Invalidos, outra no cáes da Gloria.

Foi directamente á primeira. Era uma casinha atarracada, espremida entre dois sobrados archaicos, sombria e triste. No telhado verdejavam largas folhas de fumo, descahidas sobre as calhas ferrugentas. Abrindo-a a custo, empurrou a porta, pesada e perra, e entrou como em um jazigo. Tresandava a tintas e, nas paredes de uma área interior, cujo ladrilho estava todo fendido, havia escaras de limo. O quintalejo, atravancado de taboas e de ripas, com uma poída escada apposta

ao muro, tinha um monte de lixo a um canto e tortulhos gordos pelo chão humido, e o ar escasso, que circulava por aquelias salas lobregas, por aquellas alcovas escuras e acanhadas, era frio e tresandava a mofo.

Paulo fez um mômo de enjôo e tornou com a chave ao taverneiro visinho, allegando falta de commodos para a sua familia. Seguiu a pé para o cáes da Gloria. Dava gosto andar com o frescor daquella manhan suave e a distancia era curta.

Foi indo devagar, por vezes, porém, inconscientemente, apressava os passos, como impellido — era o furor que nelle trabalhava, era a imaginação exaltada que operava como uma força impulsiva. Revoltava-se contra a vida, num odio surdo; em que incluia todos e tudo: a irman que lhe dava aquelles incommodos, os visinhos que varejavam a sua vida, os felizes que habitavam aquellas casas nobres entre cuidados jardins, onde os dias deviam deslisar tranquillos, com abundancia e doçura.

Sentia-se mesquinho, como se fosse o unico desgraçado no mundo; os mesmos pobres sorriam, com uma expressão de felicidade, passando alegremente para o trabalho. Só elle andava com a alma denegrida, com o coração pesado, arrastando aquella vergonha.

Falava baixinho, em soliloquio, e, se descobria alguem ás janellas, calava-se timidamente, disfar-

çava procurando cigarros nos bolsos, e seguia; logo, porém, reentrava nos cuidados sombrios.

Quando chegou ao largo da Lapa, viu um quinto annista, o Albergaria, parado á esquina, lendo um jornal, á espera do bonde da Misericordia. Evitou-o, atravessando o largo, d'olhos altos, receioso de que elle o chamasse.

Foi timidez, a principio, logo, porém, transformou-se em indignação: carregou o sobrecenho e poz-se a murmurar: «Que culpa tenho eu? Sou, então, responsavel pelas loucuras de minha irman? Se eu tivesse um irmão assassino ou ladrão, havia de responder pelos crimes que elle commettesse? não. Então por que me hei de vexar do que fez Violante? Outras têm feito o mesmo e os parentes andam por ahi muito calmos, muito empertigados, com mais orgulho, talvez, e com mais prestigio. E minha mãi, coitada! que culpa tem ella?» Outras idéas, porém, afugentaram a lembrança da irman perdida. Poz-se a recordar, com arrependida magua, a scena da vespera com a mãi: «Eu sou assim mesmo, mas ella bem sabe que não é por maldade que faço essas coisas. Fico nervoso, irrito-me...»

Ia fazendo a volta. Cigarras chirriavam nas copadas arvores do Passeio. Subito a vista alargou-se, desaffrontada e risonha, e o morro da Gloria appareceu com a sua igreja branca, com uma guarda graciosa de altas e verdes palmeiras. O casario alvejava espiando por entre arvores

frondosas, plantadas, talvez, quem sabe! pelo ermitão da lenda. Á beira da praia uma chaminé alta avultava, esguia como um obelisco, e o mar calmo, espelhento, de um brilho quente, tremia ao sol, em arrepios claros como aço em fusão.

Á entrada da barra, os fortes eram duas longinquas manchas cinzentas. Villegaignon resplandecia solitaria, e ceruleas, como fechando o horizonte, as montanhas, polvilhadas d'ouro, formavam uma como muralha immensa com ameias e torres, cintando a cidade. Navios ancorados, negros, com toldos razos, pareciam dormir, como grandes saurios; num delles as velas subiam abrindo-se ao sol, como barbatanas monstruosas; outro fumegava em rolos negros. Lanchas iam e vinham, como formigas num campo verde, cruzando-se; canôas zimbravam na mareta levantada pelas helices, e uma draga muito alta, isolada, parecia um louvadeus colossal.

Voltou-se para a esquerda — lá estava o terraço do Passeio, com gente debruçada á muralha a vêr os que se banhavam na praia ou entrando o mar, ás fortes braçadas e, mais longe, um zimborio, a ponta do Arsenal, o Castello com o seu mosteiro. Mas o que o deteve num extase foi o espectaculo alegre das gaivotas voando, adejando, pousando nagua, balouçando-se maciamente na onda á espera da passagem do peixe e, nos postes fincados, restos da antiga ponte, destruida pelas grandes resacas, outras ajuntavam-se e, vistas de

longe, alvas, immoveis, eram como uma vegetação de cogumellos brancos pululando na podridão dos lenhos salitrados.

A casa annunciada ficava ao lado do jardim de um chalet discreto, que se escondia entre folhagem, com mysterio; mesmo diante da porta havia uma arvore, com o tronco protegido por um embrechado de madeira. A chave estava na casa contigua, e foi uma mulher loura, gorda, de physionomia impassivel de boneca, quem lh'a deu depois de o examinar com um olhar fatigado e vazio.

Paulo sympathisou com a casa, vendo-a em tão socegado recanto, com poucos visinhos, olhando para o mar vasto e para o céu largo.

Entrou. Estava limpa e era alegre, e se não havia grande claridade, a luz era bastante para a vida e para o trabalho.

Ao fundo, no quintalejo secco, cresciam roseiras anemicas, e uma esturrada banqueta acompanhava o muro, sobre o qual um sabugueiro do jardim visinho derramava a sua ramaria ramilhetada de florinhas miudas.

Paulo distribuiu os aposentos — a sua alcova na sala de visitas, a da sala de jantar para a mãi, um pequeno quarto com janella sobre a área para Felicia, e ainda sobrava um, amplo e claro, com um papel novo de ramagens. Deteve-se diante delle a olhar, meneando com a cabeça desconsoladamente.

Pensando na irman, lembrou-se de que não encontrára nos jornaes a mais ligeira referencia ao caso — lêra-os todos: nem uma palavra. Era evidente a indifferença do delegado. Se elle houvesse tomado uma nota ligeira, a reportagem, que tudo esmerilha, não a teria perdido, e bordaria o drama com os recamos costumeiros e muita sensualidade, appellando, em nome da moral offendida, para a lei que resalva a honra e obriga os devassos a repararem as suas faltas. Revoltou-se: «Vão vêr que o miseravel conhece o canalha... talvez até o proteja... Sucia! É assim mesmo.» E, no seu odio, desejava que o escandalo houvesse irrompido, alastrando o noticiario com pormenores subtis, informes intimos: o retrato de Violante, o de D. Julia, o delle e elogios, muito litterarios, á honestidade da familia exemplar, referencias ao pai, um heroe da Patria e a narração da sua trabalhosa e angustiada noite, por chuva e vento, á procura da seduzida. «Qual! tivesse eu fortuna... É assim mesmo.»

Por fim, nervoso, fincando a bengala no soalho, voltou-se e foi examinar a cozinha: achou-a limpa, como um fogão novo, uma pia forrada de zinco, e prateleiras. «Ora! que se arranje. Eu é que não hei de estar a amofinar-me por causa della. Não faltava mais nada...» E sentiu-se alliviado com o silencio dos jornaes. «Talvez que o delegado houvesse occultado a noticia por delicadeza, em attenção a ser elle da imprensa...» Ca-

minhou para a sala, vagaroso, pensativo, passando a mão pelas paredes. Esteve um momento indeciso, batendo de leve com a ponta do pé, a pensar na mudança. Subito, com egoismo, exclamou: «Melhor! viveremos mais tranquillos.»

Sahiu, fechou a porta, e ia bater á casa da visinha, quando viu vir um comboio de bondes. Sentiu inexplicavel vexame achando-se ali sósinho, diante daquella multidão que descia, e para que os passageiros não o vissem de face, deu as costas á rua e ficou-se a contemplar a casa, a olhar os escriptos até que os bondes passaram. Bateu á porta da visinha e a loura, reapparecendo, disse-lhe, numa algaravia guaiada — que a casa estivera alugada por cem mil réis, mas a senhoria, por causa das obras que fizera, pedia então cento e vinte. Agradeceu as informações e seguiu.

Numa casa da esquina, com o cavallete junto á janella, um homem desenhava o retrato de uma criança, e Paulo, devassando, de relance, o interior, viu, pelas paredes, esboços diversos a crayon, pequenas telas de genero e uma paisagem de campos nublados.

A senhoria morava á rua do Lavradio. Caminhou com pressa, receioso de que alguem o precedesse e, como o seu alfaiate prestava-se a darlhe a fiança, tratou a casa e, tornando á rua do Senador Pompeu, já levava no bolso o recibo das andorinhas que no dia seguinte, de manhan, deviam fazer o transporte dos moveis.

Foi com apprehensiva tristeza que D. Julia ouviu a descripção minuciosa da nova residencia, no cáes da Gloria, tão longe! Ella, que tanto insistira pela mudança, sentia-se, então, agarrada á casa. Parecia-lhe que se a deixasse nunca mais tornaria a vêr a filha e, não sem timidez, contando com a revolta do filho, perguntou:

— E se Violante voltar... como ha de ser?

Paulo encarou-a mudo, brincando com as chaves e, como se não houvesse entendido a pergunta, repetiu num tom de ironia:

— Se Violante voltar...

— Sim, confirmou a velha. Houve um silencio. Paulo por fim, encolhendo os hombros, esticando o beiço, sorriu desdenhoso:

— Mamãi ainda espera que Violante volte...

— Como não, meu filho? Onde ha de ella ficar?

— Ora, mamãi. Cravando, então, os olhos na velha, disse resolutamente: Quem tem boca vai a Roma. Não sahisse. Nós é que não podemos ficar aqui perseguidos pela critica implacavel dessa visinhança bisbilhoteira até que a senhora D. Violante se lembre de voltar. D. Julia sussurrou:

— Eu tenho medo que ella chegue e encontre a casa fechada. É uma criança, não conhece a cidade. Que será della então? Tu não pensas nisso?

— Eu penso, mas é em sahir daqui quanto antes. Violante só voltará para casa, se voltar, tra-

zida pela policia ou pelo Mamede... Sósinha? vá esperando!

— Tu não queres que eu diga aos visinhos...

— A senhora está louca? Para que? para rirem de nós?

— Então não sei como ha de ser.

E ficaram calados, recolhidos, seguindo pensamentos oppostos — D. Julia a imaginar a volta da filha: ella ali, á porta da casa fechada, a olhar o escripto, chorando, sem saber o destino dos seus; elle a fazer planos de vida calma naquella casa tranquilla.

Bateram, voltaram-se ambos e D. Julia chamou Felicia para vêr quem era. A negra tornou em pontas de pés, cochichando: «É seu Fabio.» Os dois levantaram-se á pressa caminhando para a sala, porque a negra espiára apenas, timidamente, pelas frestas da persiana, deixando o homem na rua, ao sol, com receio de que o estudante se revoltasse contra ella. D. Julia abriu a porta e um homemzarrão entrou limpando o suor que lhe escorria do rosto abrasado.

Alto e robusto, espadaudo, com uma densa barba grisalha que lhe dava á physionomia o ar expressivo de energia e doçura com que a Arte nos representa os patriarchas biblicos, tinha, em contraste com o seu todo masculo, uma voz inesperadamente branda que surprendia, sahindo daquelle peito forte, atravéz da espessidão das

barbas veneraveis. Logo que entrou, com o chapéu ainda á cabeça, um largo chapéu d'abas molles, o guarda-chuva debaixo do braço, estendeu as mãos ambas á D. Julia e a Paulo e, de olhos nella, perguntou, depois dum aceno da cabeça, franzindo a fronte: «Então que foi isso?» D. Julia, arriando os braços, encolhendo os hombros, baixou a cabeça e o velho, deixando o chapéu sobre a mesa, sentou-se declarando — «que só naquella manhan recebera a carta que ella lhe escrevera». E perguntou: «Mas quando foi?»

— No sabbado, á noite, compadre.

O velho meneou com a cabeça; e, voltando-se para o estudante, indagou:

— Já foste á policia?

— Na mesma noite.

— Então?

— Ora! o senhor bem sabe como aquillo é. Prometteram fazer tudo e ficou nisso...

— E não voltaste?

— Para que?

— Como para que? Que diabo, rapaz! has de ser sempre o mesmo descançado? Então é assim? A gente move-se, homem de Deus; e, se tu és o primeiro a mostrar indifferença pela causa, como queres que os estranhos se interessem por ella?

D. Julia, sentindo-se protegida, ousou falar.

— Eu disse isto mesmo, compadre.

— Ahi vem a senhora... Eu fiz tudo: fui á policia na mesma noite, com uma tempestade me-

donha, dei todas informações ao delegado, não tenho culpa de que as nossas autoridades sejam relaxadas. Em Londres o homem já estava preso.

— Qual Londres! bramiu o velho, atirando os braços.

— Hei de ficar plantado na policia dia e noite? isto não! Estou com os exames á porta e não quero fazer figura de idiota.

— Filho, eu bem te conheço, tornou o velho com calma; deixa-te de historias. Vens agora com exames, porque não te convém andar por ahi uns dias trabalhando. Cruzou os braços: Mas então, queres tua irman perdida? não te vexas? não tens pena de tua mãi? Eu sei: és um excellente rapaz emquanto não te incommodam. Meu amigo, quem quer vai. É por essas e outras que ha por ahi tanta miseria. A policia auxilia, mas é preciso que a gente não a deixe, mesmo porque ella tem mais em que cuidar. Por que não dás um pulo até lá? Vai saber, anda. Paulo fez um gesto de enfado e o velho insistiu: Tem paciencia, é tua irman, é teu sangue, e a vergonha não ficará só com ella. És o homem da casa. Vai, anda! não percas tempo. E agarra-te com o chefe, com os delegados.

— Pois sim: ha de ser a mesma coisa: que vai mandar vêr...

— Não ha tal: os delegados attendem, estão lá para isso. Estás fatigado, comprehendo, mas tem paciencia. Dá um pulo á policia, vê se pódes falar ao chefe, conta-lhe tudo e estou certo de

que elle não se ha de limitar a dizer — que vai mandar vêr. Deixa-te de historias, eu tambem já andei por lá, sei como aquillo é. Move-te, move-te...

— Tem paciencia, meu filho! implorou a velha.

Paulo levantou-se amuado:

— Eu tambem sou de carne.

— Tambem eu, retorquiu Fabio num tom rispido — e tenho cincoenta e oito feitos, entretanto, meu rapaz, não sei que é descanço. O interesse é de todos vocês. Paulo tomou o chapéu e a bengala e, arrebatadamente, sem mesmo falar ao velho, que enxugava a fronte suada, abriu a porta e sahiu resmungando. Tem paciencia, insistiu Fabio — é assim: quem quer faz assim. A porta, impellida pelo vento, abria-se devagarinho, rinchando, e D. Julia levantou-se para fechal-a. Sós, o velho Fabio externou-se francamente:

— Olhe, comadre, quer saber? parecia que eu estava adivinhando isto; mais de uma vez, lá em casa, eu disse á Martha: «Aquillo não vai bem. Aquella menina não tem modos, não sahe da janella, dando tréla a quanto pelintra vê.» Agora, que o caso está passado, eu digo a verdade: Martha não era lá muito pelas conversas de Violante com Christina. Não dava a perceber para que a senhora não ficasse maguada, mas gostar, não gostava. E eu cheguei a falar, lembre-se bem, no dia dos annos do Tula. Era com todos, comadre...

até com homens casados. D. Julia suspirou, affirmando:

— Sim, o compadre falou... mas que havia eu de fazer?

— Que havia de fazer?! Pois então a comadre não é mãi? Olhe, a Christina é noiva, mas vá lá saber se eu a deixo um instante só com o noivo... e é um moço serio. Não, senhora; ha sempre gente na sala com elles.

E, curvando-se, sentenciou com lentidão: Minha comadre — a occasião faz o ladrão. Isso de moças solteiras é mais melindroso do que parece. Engrossou a voz: E Violante? reunia aqui uma sucia de frangotes; era conversa com um, era risada com outro, afastando os moços serios que a estimavam... De um sei eu que era doido por ella.

— O Fernando, da botica.

— Sim, senhora, o Fernando. Está começando a vida, mas é um rapaz de futuro. Elle disse-me, lastimando, que sempre que passava por aqui via Violante á janella e rapazes batendo a calçada. Cruzou os braços, perguntando com ar de nojo: Isso era decente? diga! era decente?

— Eu não sei! suspirou a boa senhora.

— O rapaz recuou, porque, afinal, elle não a queria por passatempo, e a comadre comprehende que, quando um homem pensa seriamente em casar, trata de estudar a moça, indaga, informa-se... E Violante? Não se zangue commigo, mas

a senhora foi culpada em parte, isso foi. Amor não é isso. Eu quero muito á Christina, mas nem por isso ando a passar-lhe a mão pela cabeça — quando é preciso, falo, grito, e ninguem me contraria. Não, que não admitto. Não vai casar? então... Ainda depois de casada, se fôr preciso, lá irei dizer-lhe umas tantas verdades, mesmo diante do marido, porque o que eu quero é vêl-a feliz. Mas sua filha, se a gente queria dar-lhe um conselho, saltava logo com duas pedras na mão. Outro — esse rapaz. A velha levantou os olhos assombrados: Sim senhora, o Paulo. Excellente menino, mas um pouco atrevido... e parece que não tem ainda o juizo assente: são dez, vinte idéas por dia; quer ser tudo, não é nada. Em quantas academias tem elle andado? Já quiz ser engenheiro, deixou: pensou em metter-se na marinha, andou a estudar para guarda-livros, e está agora ás voltas com a medicina. Aquelle ha de ser medico quando eu fôr frade. Não é assim, tenha paciencia. Não é assim.

— Mas elle estuda, compadre; eu vejo. Fica, ás vezes, até de madrugada em cima dos livros.

— Que tem isso? Estuda e é intelligente, mas á primeira difficuldade, recúa desanimado. Não, senhora — é para diante! Quem quer ser alguma coisa na vida queima as pestanas e firma-se numa idéa: é isto porque é! Elle não — é só orgulho, e encheu as bochechas, bufando. Ninguem tem o direito de lhe dizer uma palavra que logo se não

espinhe. Se um professor faz uma observação, fica de trombas, não volta á escola, e ha de viver assim: daqui para ali, sem firmar-se em uma carreira. Tambem já não é uma criança; com vinte annos ha por ahi muito pai de familia.

— E elle, então, não trabalha, compadre?

— Trabalha, trabalha... mas é um mez aqui, um mez ali. A proposito — ainda está no jornal?

— Ainda.

— Pois olhe: admira. Que melhor emprego queria elle que o de amanuense na Secretaria do Interior? Não fez concurso? Não foi classificado?

— Diz que não tem geito para emprego publico.

— Ah! não tem geito?! O que elle não tem é cabeça, como a irman. Agora mesmo — no primeiro momento fez, aconteceu, andou por ahi com chuva, mas já desanimou, nem se preoccupa mais com o caso. Não é assim, comadre; não é assim. Quem quer alguma coisa, trabalha; sem persistencia nada se faz; a senhora bem sabe, porque tem lutado para viver. Mas é preciso ter o juizo no seu lugar. Com a menina foi o mesmo: vontades, vontades, e ahi está em que deram. Então, Violante não podia cuidar um pouco da casa, arrumar o seu quarto, coser a sua roupa? Eu nunca vim aqui que a encontrasse trabalhando — ou estava dormindo ou lendo, recostada na cadeira de balanço, como uma princeza. Nem os ricos

vivem assim, comadre; nem os que têm... Emfim, não quero amofinal-a mais; vamos vêr se ainda se póde fazer alguma coisa. É nisso que dão os excessos de condescendencias. Quem quer bellas flores e bellos frutos póda as demasias da planta. É assim. Levantou-se.

— Não quer uma chicara de café, compadre?

— Nada, obrigado. Apanhou o chapéu e o guarda-chuva. E a comadre não desconfia de algum dos taes typos?

— Eu nem os conheço: vivia sempre lá para dentro, mettida commigo, no meu trabalho.

— E ella, aqui esparrimada á janella, de prosa. Deu d'hombros, afundando o chapéu na cabeça, e, d'olhos altos: Mas que loucura de rapariga! e ficou um momento a olhar o tecto, meneando com a cabeça. Bem, adeus, comadre. Pois eu vou vêr por ahi, e se conseguir saber alguma coisa, dou um pulo até cá.

— Nós vamos mudar-nos.

— Quando?

— Amanhan.

— Para onde?

— Para o cáes da Gloria. Paulo achou lá uma casinha. O senhor comprehende: não podemos ficar aqui — vem um, vem outro, perguntam... a gente tem vergonha.

— É natural, é. Pois é isso: faça o rapaz mover-se. Caminhou até a porta e, voltando-se: Olhe, nós lá estamos... sem cerimonia. Para os

de casa, como a comadre, ha sempre lugar. Sem cerimonia.

— Obrigada. compadre; eu sei.

O velho escancarou a porta e, já na rua, repetiu:

— Se eu conseguir saber alguma coisa dou um pulo até cá.

— Será favor.

— Adeus. E não se amofine.

— Lembranças a todos.

— Obrigado. E foi-se pigarreando.

V

Com o rosto encostado á persiana, D. Julia deixou-se estar esquecida, o olhar perdido, pensando nas palavras do velho Fabio que, só então, depois de vinte e cinco annos de amizade, porque o marido levára, como um dote, aquelle coração, cuja bondade vivia a apregoar — emittia a sua opinião sincera sobre «os pequenos» que, a bem dizer, lhe haviam crescido ao collo. Não estimava, então, a afilhada, tinha-a em má conta, achando-a indigna de conversar com Christina, a innocente e triste Christina, sempre chorosa e presaga, com idéas de convento e de morte. E por que? que havia feito Violante para que assim a julgassem? Ah! infeliz de quem se vê ao desamparo! Se o marido fosse vivo o compadre não lhe diria, com certeza, aquellas duras palavras sobre os filhos: não, não lh'as diria.

Ah! o bom tempo da ventura — ella moça e contente, caminhando na vida sem cuidado, á sombra do esposo, com os dois filhinhos á frente, de mãos dadas, rindo, garrulos, e Fabio a gabal-os, achando-os lindos, carregando-os de brinquedos, empanturrando-os de doces, levando-os aos cavallinhos com a Christina, sempre triste, doentinha, chorosa. Ah! o bom tempo! Então era elle quem pedia as crianças, quem as levava para a sua casinha, não fazendo distincção entre ellas e a filha, sempre abaetada, a tossir, com o corpinho abotoado em furunculos. Mas com a morte do esposo, todas as boas amizades haviam desertado, o proprio Fabio parecia querer abandonal-a justamente no momento mais doloroso. Pobre della! Não houvesse elle arranjado a vida conseguindo comprar a chacara do Engenho Novo, que elle não era assim antes, não era.

Repentinamente, numa transição, como arrependida daquelles injustos pensamentos, suspirou: Pobre compadre! Sim, lá ia elle, velho, bater a cidade por causa de Violante. Elle não falava por mal, seu genio era aquelle: dizia tudo que lhe vinha á boca, com uma franqueza impetuosa e rude, como se estivesse com raiva, mas lá por dentro o coração estava a chorar e, não raro, nos momentos em que mais furioso se mostrava, enchiam-se-lhe os olhos dagua e, para que o não julgassem um fraco, vociferava ainda mais, gesticulando desatinadamente. Já no tempo do ma-

rido era aquillo — a mesma aspereza, os mesmos impetos, dominando com a superioridade de um irmão mais velho e o outro não se zangava, ouvia calado, dizendo sempre: «O Fabio tem razão... O Fabio tem razão.» Na molestia do Paulo, quando a febre o prostrou entre a vida e a morte, desenganado pelos medicos, quem velára á sua cabeceira com maior carinho do que elle? E onde fôra seu filho ganhar forças novas em convalescença tranquilla e amimada senão em casa delle? Não, pobre compadre! Deixou a janella e, lentamente, foi caminhando para a sala de jantar. Felicia dobrava a toalha da mesa quando ella, encostando-se a uma cadeira, perguntou: Tu vais commigo, Felicia?

— Para onde? Para onde é que sinhá vai?

— Paulo encontrou uma casa no cáes da Gloria. Vamos para lá.

— Eh! eh! fez a negra... Tão longe!

— Qual longe! Então é longe?

A negra ficou algum tempo immovel, a pensar, com um sorriso estampado no rosto macilento; por fim disse, resignada e submissa:

— Sinhá indo, que é que eu hei de fazer? Depois, baixando o olhar, a passar a mão pela toalha dobrada, murmurou: Aquelle mar ali perto é que é...

— Que tem o mar?

A negra levou, de repente, as mãos juntas aos olhos e poz-se a chorar baixinho, pensando no filho.

— Deixa disso, creatura, está com Deus... mais feliz do que nós, já não soffre. E, afagando-a, a boa senhora, cujos olhos logo se encheram dagua, procurou distrahil-a: Olha, vamos aproveitar o tempo, arrumando alguma coisa. De novo as palavras do velho Fabio resoaram no seu coração dolorido: «Indigna de estar ao lado de Christina...» Um sorriso triste afflorou-lhe os labios e, arrastadamente, caminhou para o quarto. Subito, porém, detendo-se, agarrou a cabeça com as mãos ambas, exclamando: «Pois meu Deus! é possivel? É possivel que eu fique sem minha filha?!»

De vez em quando a lembrança de Violante passava-lhe assim pelo espirito, como um relampago, e ella quedava inerte no meio da casa, tolhida, esquecida de tudo, a olhar sem vêr, numa verdadeira inhibição. «Pois é possivel que ella não volte?» Meneando com a cabeça, entrou no quarto da filha, deserto e triste como o seu coração.

Até á noitinha D. Julia e a negra andaram em arrumação: empalhando a louça, entrouxando a roupa, retirando quadros das paredes e a casa, desnudando-se, tornava-se ainda mais triste, com um aspecto lugubre de miseria: os moveis em desordem, montes de coisas pelos cantos, rolos de colchões, cartas esparsas, velhas fitas empoeiradas, retalhos, folhagens seccas. O gato, sobresaltado, andava pela casa miando, de canto em

canto, sobre um movel, sobre outro, tudo farejando com desconfiança.

Felicia sahia ao quintal para espanar os quadros, ia e vinha oppondo-se a que a ama carregasse grandes pesos. «Que ella não podia; deixasse.» E, ligeira, ia adiantando o serviço. D. Julia, d'olhos no chão, recolhia, catava pequeninas coisas — um laço de fita, uma madeixa ruça, um chromo: eram lembranças da filha. Pobre Violante! Se ella ali estivesse, que alegria!

Com o trabalho não deram pelo cerrar da noite e foi Felicia quem disse: «Parece que nhonhô não vem hoje jantar...»

— É verdade! exclamou a velha surprendida, com os olhos no relogio. Eram quasi sete horas; escurecia; já andavam a accender os lampeões. Impressionada ficou algum tempo a olhar para os ponteiros e foi ainda a negra quem interrompeu o silencio, accendendo o gaz:

— Quem sabe se elle não encontrou nhá Violante, sinhá?

— Hein?!

— Elle que não vem até agora...

— É!... E o compadre foi tambem. Quem sabe se andam juntos?! Ah! meu Deus! se elles entrassem agora com ella? Mas qual! não tenho esperança. Andam por ahi quebrando a cabeça, coitados! Se ella tivesse de vir já tinha vindo. Emfim... ha de ser o que Deus quizer.

— A Deus nada é impossivel, minh'ama; con-

solou a negra levando, a grandes vassouradas, um monte de papeis para a cozinha. Eu não sei, mas meu coração me diz que nhá Violante ainda volta... minh'ama ha de vêr.

— Deus te ouça.

— Onde é que ella ha de ficar, uma moça como ella? Minh'ama ha de vêr; meu coração não falha. Foi num canto da mesa que D. Julia, a contragosto, tomou a sopa e mastigou uma febra de carne, suspirando, com o ouvido attento aos menores ruidos. Gente que passava na rua, falando, fazia com que ella voltasse a cabeça anciosa. Foi varias vezes á janella, entreabriu-a e ficou á espreita, alongando os olhos pela rua deserta. Parecia, ás vezes, distinguir o filho além!

Um casal, voltando a esquina, sobresaltou-lhe o coração; cravou os olhos... não, não eram elles. As lampadas da Central espalhavam uma claridade de luar na rua tranquilla. Dançavam na visinhança, vozes marcavam uma quadrilha, vibravam gargalhadas. Ah! Violante...

Tamborinando no taboleiro, rompeu, cantando, um vendedor de roletes; appareceu na esquina a chamar a freguezia e a baquetar com força. Os trens rodavam e um bonde, quasi vazio, passou vagaroso. Onde andaria o Paulo? Iam as horas correndo: oito, nove, dez: A venda da esquina fechou-se e a claridade livida da calçada sumiu-se. De quando em quando ella ia espreitar pelas frestas da janella, com ancia. Que terá havido? Que

terá acontecido, meu Deus! Eram onze e meia quando bateram á porta.

— Quem é?

— Abra! Com mais pressa do que lhe permittia o corpo levantou-se da cadeira e precipitou-se; antes, porém, de abrir espiou pelas rexas da persiana e reconheceu o filho. Abriu. Paulo entrou impetuosamente, num arrojo, como se houvesse sido empurrado. A pobre velha, alarmada, perguntou, querendo amparal-o:

— Que é isto, meu filho? Vendo-o, porém, á luz, demudado, oscillando, com os olhos muito languidos, como amortecidos de somno, ficou pregada ao soalho, contemplando-o, entre assombro e piedade. Paulo bateu com o chapéu sobre a mesa, deixou cahir a bengala e, sem dizer palavra, encaminhou-se para o quarto, detendo-se á porta, hesitante. Repentinamente voltou-se e, com a voz presa, a lingua tropega, disse:

— Por emquanto nada. Andei com o Mamede... Nada. Vacillando, levou a mão ao umbral da porta, curvado, com a cabeça pendida e ficou a arquejar surdamente, numa angustia, com o cabello a escorrer-lhe para a fronte, as pernas abertas. D. Julia adiantou-se, ia amparar-lhe a cabeça quando elle a repelliu, falando com a boca cheia:

— Deixe, mamãi... Deixe.

— Mas que é isto, meu filho? Pois tu!?

— Que é? Já vem a senhora com os conselhos. Violante podia fazer tudo... Pois eu não estou

disposto a ouvir sermões, sabe? Chega, estou farto. Revoltado, sem poder levantar a cabeça, que bambeava, continuou em voz fanhosa: E não quero mais historias commigo... Não sou criança para estar a ouvir as grosserias do Sr. Fabio e de outros idiotas como elle. Eu ainda perco a cabeça e faço uma das minhas e vão depois dizer que sou mau. Deixou-se cahir em uma cadeira, passando a mão pelos olhos lentamente, como se retirasse alguma coisa que os empanava. Andei como um animal... Estou que não posso commigo e ainda não jantei... Tudo por causa da senhora D. Violante.

— Com quem andaste?

Elle levantou a cabeça com esforço:

— Com quem havia de ser? com o Mamede, pois a senhora não sabe?

— Logo vi... balbuciou a velha.

— É... já a senhora pensava que eu vinha da troça, que tinha andado em pandega por ahi. Pois ainda não jantei. Que é que está olhando? É isto: ainda não jantei. Ah! pensa que bebi... Bebi mesmo, e depois? bebi! E, furioso, ás guinadas, metteu-se no quarto, resmungando. D. Julia ficou de pé no meio da sala, abatida, num desalento profundo, com os olhos na porta que o filho encostára. Por fim, animou-se a chamal-o, e nunca a sua voz foi tão suave e tão terna: «Paulo, meu filho...»

— Que é? Não se importe commigo, deixe-

me: estou com muita dôr de cabeça, e é tarde. Não se importe commigo; não preciso de cuidados, graças a Deus. No dia em que eu não tiver forças para trabalhar, metto uma bala na cabeça: não me falta coragem ...ora se... e pouco se perde. Descance, que a senhora não ha de soffrer por minha causa. Ah! é um desespero! tudo é p'ra cima de mim, como se eu fosse um burro de carga. Pois sim, mas isto acaba. D. Julia entrou no quarto. Paulo estava de pé junto á estante, a remexer nos livros; sentindo a mãi, voltou-se: Póde olhar, mas não me fale, tenha paciencia... eu não estou bom.

— Mas que queixas tem você de mim? Então eu sou má?

— Não sei... Eu é que não estou disposto a aborrecer-me. Que culpa tenho eu de que Violante tenha fugido de casa? Foi commigo que ella fugiu? Foi por minha causa? Fui eu que lhe abri a porta? Não — então porque me aborrecem? Já faço muito em andar por ahi, de casa em casa, cançando-me atraz de uma vagabunda...

— Que é isto, Paulo?

— Vagabunda, sim! A senhora póde defendel-a como quizer. Ah! eu não esqueço o que me fazem, não esqueço. Quando estive doente deixaram-me aqui abandonado, como um cão, porque a senhora D. Violante queria um vestido com pressa, não sei para que pagode. Eu podia morrer, comtanto que ella brilhasse. Fiquei aqui,

com uma febre que me queimava, e mamãi lá foi acompanhar a senhora minha irman, deixando-me entregue a estranhos. Eu não esqueço... Mas não faz mal... Deus é grande!

Sentou-se na cama fazendo horriveis visagens, anciando, abrindo e fechando a boca, aos haustos. D. Julia adiantou-se, enternecida:

— Tu estás sentindo alguma coisa, meu filho?

Elle engulhava. Sahiu-lhe, num jorro, uma negra golfada da boca, esparrimando-se no soalho, com um fetido acre. A velha amparou-lhe a fronte viscosa, posto que elle, torcendo-se com agoniadas contracções e arrevessando, repellisse, já sem energia, a mão carinhosa. Nova golfada jorrou longe e Paulo, suando frio, poz-se a gemer, dando com a cabeça, a comprimir o estomago, estorcendo-se.

D. Julia, com os dedos atarantados, desabotoou-lhe a camisa e as calças, deitou-o e correu, afflicta, a buscar o vidro dagua sedativa. Na sala de jantar pensou em acordar Felicia, mas teve vergonha — não queria que ella visse o filho naquelle estado. Entrou resolutamente no quarto e, como a prateleira dos remedios — a sua botica — ficava por traz dos santos, emquanto procurava, entre outros, o vidro que queria, foi fazendo uma oração ao Senhor dos Passos que, frouxamente illuminado pela lamparina tremula, curvava-se, com soffrimento, ao peso da cruz.

Quando tornou ao quarto, com o remedio, en-

controu o filho de pé, agarrando a cabeça a mãos ambas, vacillando, como se a embriaguez houvesse recrudescido. Dos olhos humidos escorriam lagrimas, uma baba viscida descia-lhe pelos cantos da boca, copioso suor alagava-lhe a fronte, onde os cabellos cahidos collavam-se, empastados.

— Por que não te deitas, meu filho? Vem cá, deita-te, descança; isso passa. E a boa velha foi conduzindo o filho, que cambaleava. Forçou-o brandamente a deitar-se, alteou os travesseiros, repousou-o. Elle, porém, sentia-se mal e, lutando, soergueu-se de novo, afflicto, arquejando, debatendo-se. Repentinamente saltou da cama e, engulhando, ficou de pé no meio do quarto, d'olhos desvairados, a esmagar o estomago a mãos ambas, dobrando-se.

— Não posso mais. Eu morro! rouquejou, deixando-se cahir na cama e D. Julia, ajoelhando-se, arrancou-lhe as calças, sem que elle fizesse o menor movimento, e vendo-o tranquillo, deixou-o estendido, com os pés quasi tocando o chão, o ventre descoberto, afflando, como o de um peixe em agonia.

D'olhos fechados, Paulo sentia uma impressão estranha, como se fosse rolando no vacuo; a cabeça parecia estar cheia de nuvens densas, pesadas, que rolavam; o leito como que jogava sobre vagalhões alterosos. Abriu os olhos — foi peior: os moveis oscillavam, moviam-se, as sombras enormes bailavam fantasticamente nas paredes;

uma zoada rumorejava-lhe aos ouvidos. Um cheiro acre, penetrante, agudo, chegou-lhe terebrantemente ao cerebro: agitou-se nervoso e agarrou o pulso de D. Julia, repellindo-a; mas a boa senhora manteve-se junto delle, chegando-lhe ao nariz o lenço, encharcado dagua sedativa.

— Tem paciencia, meu filho.

— Não, mamãi...

— Vais ficar bom.

— Não! e debatia-se. Tentou erguer-se, mas oscillou para um lado, para outro e tombou no leito, gemendo, resmungando: O Fabio! pois sim... Riu sardonicamente, escondendo o rosto no travesseiro para fugir ao lenço com que a mãi o perseguia. De novo, engulhando, quiz levantar-se: fincou os cotovellos na cama, conseguindo apenas soerguer a cabeça, que logo descahiu, pesada. Já disse que não quero, mamãi. Por causa daquelle diabo! Mas deixa estar. Eu bem dizia. A culpa é sua e dessa negra. Teve um impeto de ira e abriu os olhos desmedidamente: Mas eu não a quero nem mais um dia aqui em casa, nem mais uma hora. Semvergonha! Era ella mesma que andava com as cartinhas de lá para cá. Foi ella que arranjou tudo. Mas deixa estar... D. Julia insistiu com o lenço, seguindo os movimentos repentinos do filho, que fugia com a cabeça, resmungando.

— Espera, Paulo.

— Não quero!

— Tem paciencia, meu filho.

— Não quero! Olhe, mamãi...! ameaçou.

— Pois has de ficar assim? e, em segredo, para vencel-o pelo vexame, disse: Olha Felicia...

— Que tenho eu com Felicia? Ella que venha cá! Por causa dessa semvergonha é que a nossa vida anda assim. Não quero mais essa negra aqui! Não faltam criadas. A cephaléa, porém, ia-se-lhe tornando insupportavel: sentia a cabeça como apertada num capacete de ferro, os olhos pareciam querer saltar das orbitas; as arterias, nas temporas, latejavam com violencia, turgidas. Entrou a suar frio e, num movimento arrebatado, desnudou-se aos olhos compassivos da mãi que, sem vexame, commovida, não podendo retirar o lençol da cama, cobriu-o com uma toalha de banho que pendia do cabide. Depois, reunindo toda a sua força, agarrou-o pelo tronco e virou-o na cama, repousando-lhe a cabeça sobre os travesseiros altos; estendeu-lhe as pernas e, sentando-se á beira da cama. ficou-se a acaricial-o, chegando-lhe, de quando em quando, ao nariz, o lenço, que ia embebendo em agua sedativa.

Paulo ficou immovel, como se houvesse adormecido, mas soffria — o atordoamento da embriaguez dava-lhe desequilibrios. Ás vezes parecia-lhe que ia cahindo, estendia os braços, procurava agarrar-se a alguma coisa, resmungava; mas, de novo, reentrava em inconsciencia, até que, estira-

do, com um fio de baba a escorrer-lhe da boca, adormeceu, hirto e pallido, como morto.

Vendo-o a dormir, D. Julia sahiu em pontas de pés e, instantes depois, tornou, silenciosa, com um balde e um panno e, de joelhos, poz-se a lavar o soalho, para que não ficasse vestigio daquella vergonha. No mesmo passo, cauto e subtil, sahiu com o balde, voltando, pouco depois, ao seu posto. Sentou-se devagarinho na cadeira, encostando-se á mesa accumulada de livros, com os olhos no filho, ungindo-o de piedade e desviando-se, fugindo ao presente triste, achegou-se ás recordações do passado.

Era elle pequenino, uma criança linda, de cabellos louros, meiga e intelligente. Como a casa era alegre com as suas travessuras, com o seu riso que vibrava! e ella, como era venturosa quando o tomava nos braços, doce peso que fazia subir sua alma ao Paraiso. E a outra, que belleza de menina! e como andava garrida, sempre com figuinhas sob as rendas do vestido taful, para conjurar os olhares vesgos da inveja, amimada por todos, de collo em collo, de casa em casa. Quando o marido chegava do quartel tomava os dois e, com um em cada joelho, punha-se a sacudil-os: upa! upa! e elles a rirem, e ella a rir com elles, enlevada. Depois o collegio, as horas de sahida, o regozijo da casa quando os dois appareciam garrulos, contando o que haviam feito, todos os pequenos incidentes do dia escolar. Suspirou.

Aquella ironia da memoria alanceava-lhe o coração. Paulo voltou-se atirando um braço, encolhendo as pernas, com um resmungo; ella pensou que elle houvesse acordado e, de manso, inclinando-se, examinou-o: dormia profundamente respirando um halito quente e azedo.

Bebendo! suspirou ella baixinho, de mãos postas, com os olhos elevados demandando o céu. Bebendo... meu filho, o meu Paulo! E sentou-se, de novo, muito quieta para continuar a dolorosa vigilia, perseguida pelas reminiscencias, phalenas tristes da noite velha do passado que esvoaçavam em torno de sua alma. Já o via rapaz e a ella menina: elle concluindo os preparatorios, ella fazendo os primeiros bordados.

Noites tranquillas para sempre perdidas quando, na sala de jantar, em volta da mesa, á luz de um lampião de kerosene, na casa da rua Haddock-Lobo, Paulo estudava os seus verbos, Violante vestia as suas bonecas e ella, ao lado do marido, gozando aquella delicia honesta, ponteava, serzia uma roupa ou discorria sobre as necessidades da casa, lembrando compras indispensaveis. Fóra, no quintal, havia um jasmineiro que avassallava o muro e perfumava a casa.

«Uhum! não...» regougou o rapaz voltando-se torcicolosamente e, como o seu rosto ficasse em plena claridade, D. Julia afastou a vela, pozlhe diante um livro como alparluz para que a sombra lhe protegesse o somno. Paulo poz-se a

mastigar, com estalinhos seccos e ella, sempre receiosa, inclinava-se, d'olhos franzidos, acompanhando, vigiando aquelle pesado torpor.

A chamma da vela crescia, por vezes, e sombras dançavam na parede macabramente. Havia um *roque-roque* na sala proxima, um rato a roer e era o ruido unico dentro da noite, porque as proprias machinas viajeiras dormiam, repousando das celeres corridas pelos campos largos, pelas serras asperas.

Outras idéas surgiram no espirito attribulado da miseranda: Onde andaria Violante? Pobresinha! talvez soffresse num canto obscuro, guardada pelo homem perverso que a havia seduzido. Ah! sim, devia estar bem escondida para que a policia, trabalhando como trabalhava, não lhe houvesse podido ainda descobrir o paradeiro. E se tivesse sido assassinada? Lembrou-se de certa noticia que lêra em tempo: o caso de um homem que, depois de haver cevado os seus desejos lubricos, arrastára a sua victima, pobre pastora, para uma charneca e a esfaqueára. Teve um arrepio e, d'olhos cravados na parede, ficou a olhar, a olhar... Uma sombra passou e foi adensando-se, adensando-se... Circulos iriados dilatavam-se brilhando e desfaziam-se e toda a sua visão ficou reduzida áquellas miragens que, repentinamente, desappareceram. A porta rangeu: voltou-se assustada e viu o gato entrar maciamente, sem ruido, com a cauda hirta. Dando por ella, o animal fez

uma volta, corcoveado, esfregou-se-lhe nas pernas, resbunando; depois, fitando-a, com um surdo miado, formou o pulo e saltou-lhe ao collo, como a pedir carinho. Ella acolheu-o, afagou-o passando-lhe a mão pelo dorso flexuoso e macio; o animal, lambendo as patas, deixou-se ficar encolhido e, afundando a cabeça, adormeceu.

O somno chumbava-lhe as palpebras, ardiam-lhe os olhos e, de quando em quando, a boca se lhe escancarava em um largo bocejo ao qual, religiosamente, acudia com o pollegar traçando uma cruz. Mas como havia de o deixar? e se sobreviesse alguma coisa? elle estava tão agitado... Foi, então, que se lembrou da enfermidade do filho. Noites de soffrimento e de apprehensões: elle abrasado em febre, delirando; ella, sósinha, ainda com o luto pesado do marido, a acompanhal-o, acudindo com os remedios ou a contar-lhe historias quando, nas horas de acalmia, elle a chamava para junto do leito, muito humilde, com medo da morte.

Os bocejos amiudavam-se, sentia-se molle, estafada pelo dia de insano trabalho que tivera a desarrumar a casa para a mudança. Pensou em deitar-se no sofá da sala, mas o filho prendia-a. Um gallo cantou longe, tristonhamente e, na Estrada, houve um longo chiar de vapor. Eram as viajeiras que despertavam para a vida laboriosa. Não tardava a manhan.

Levantou-se lentamente deixando o gato no

chão. O animal corcoveou espreguiçando-se e, vendo que a senhora sahia, acompanhou-a em passos subtis. Devagarinho D. Julia abriu a janella. Uma brisa fresca soprava, o céu estava estrellado e o alvo clarão das lampadas da Estrada dava uma illusão de luar. Varriam a rua e, numa densa nuvem de pó, uma carroça arrastava-se, moviam-se vultos. «Tambem agora não vale a pena, disse ella; com pouco mais está ahi o dia.» E, debruçada, ficou a olhar fundamente, para muito longe, para o tempo d'outr'ora, o doce tempo! Lá o via todo, feliz e calmo, lá longe, no irregressivel. Dois homens passaram em mangas de camisa, fumando; um levava uma picareta ao hombro. «Meu Deus...» e ficou-se nesta exclamação que resumia todo o seu espanto, porque a desgraçada não comprehendia como, sendo tão virtuosa e tendo tamanha fé na Providencia, pudesse soffrer tanto. «Não! isto tambem é demais!» E á janella, só, dentro do seu desespero, cercada pela noite negra e muda, poz-se a falar gesticulando. Uma sahe, vai-se embora; o outro, tão bom menino, faz isto, meu Deus... Que tenho feito eu?! Vejo por ahi outras mãis tão felizes com os seus maridos, com seus filhos... só eu, então, é que hei de ser a desgraçada? porque?» Baixou os olhos e viu a rua mais negra como se a noite houvesse recalcado a sombra. Ao longe havia ainda dois pontinhos luminosos, mas esses mesmos desappareceram — um primeiro, outro depois, e a treva ficou absoluta.

«Porque, meu Deus?!» Passou o braço pelos olhos e, chorando, bebendo as lagrimas salgadas, ficou a tamborilar na janella, vazia, inconsciente, dolorosa, com os olhos voltados para o céu mudo.

Um silvo sacudiu-a e toda a rua abalou-se, como a um surdo fragor subterraneo: era um trem que partia e, como se nelle fossem as suas derradeiras esperanças, rompeu a chorar e retirou-se.

No céu branco, madreperolado, estendiam-se os primeiros laivos d'ouro e purpura. Ouvindo-lhe os passos na sala de jantar atravancada, Felicia levantou-se á pressa e, entreabrindo a porta do corredor, exclamou, surprendida:

— Huê, minh'ama, vosmecê já se levantou, tão cedo?!

— Então, respondeu D. Julia, abrindo a janella. Quando ha que fazer... Uma luz baça invadiu a sala, e o ar puro e fresco da manhan circulou. A velha tomou uma toalha e sahiu ao quintal para lavar o rosto, emquanto a negra catava gravetos para accender o fogo. O gato ia e vinha, miando, a esfregar-se em Felicia, e o gaturamo poz-se a cantar, contente, vendo a primeira luz do sol no muro verdinhento e ouvindo o estalar das azas dos pombos.

Com a chegada das andorinhas, D. Julia resolveu acordar o filho e, pé ante pé, entrou no quarto. Paulo dormia profundamente; sacudiu-o:

— Paulo, estão ahi as carroças. Elle abriu os

olhos, encarou-a pisco e voltou-se para a parede; ella insistiu: Estão ahi as carroças...

— Ah! mamãi... a senhora tambem... nem me deixa descançar.

— Que queres que eu faça se os homens já estão ahi para a mudança? Tem paciencia.

Paulo resmungou, espreguiçando-se, e a velha sahiu, para o deixar á vontade, indo falar aos homens que conversavam á porta, retirando das carroças barricas, velhas esteiras, trapos...

— Por onde quer que comece? perguntou um delles.

— Pela sala de jantar.

O homem foi entrando, dois outros acompanharam-no, e logo, tomando cadeiras, foram-nas conduzindo para a rua, emquanto um ruivo, de cocoras, assobiando, desarmava as camas.

A sala como que se tornava mais vasta á medida que se ia esvaziando. Appareceram buracos no rodapé, blindagens de lata nos angulos. Um velho chapéu de boneca, empoeirado e roído, rolou immundo na sala. D. Julia apanhou-o, sacudiu-o e guardou-o veneradamente. Os homens discutiam, arrastavam moveis e foi um trabalho quando tiveram de transportar a mesa e a grande commoda de jacarandá que, empurrada, ia deixando lustrosos vincos pelo soalho.

Paulo appareceu, por fim, abatido, os olhos muito vermelhos, molle. Dando com a mãi, pediu-lhe a benção e passou cabisbaixo, seguindo

para o quintal. No banheiro, poz-se a pensar nos horrores da vespera, com uma ponta de remorso. Arrependia-se de não haver ido á policia, mas o Mamede... Começou a despir-se, pensando.

Fôra á estalagem procural-o e encontrára Ritinha só, sempre dengosa, que o recebera toda risonha, com os seus dentinhos miudos muito brancos e os seus olhos quentes como dois carvões accesos. Não o deixára sahir: que esperasse um instante; Mamede não se demorava. E elle, vencido, dominado por aquella viçosa creatura de amor que, quando andava, bambaleando os quadris e balançando mollemente os braços roliços, deixava no ar um cheiro acre de carne, um almiscar estonteante de mulher ardente, não teve animo de sahir e ficou sentado até que ella, ouvindo as horas no lento relogio, veiu do fundo da casa, penteando os cabellos lisos, dizer, com espanto: «Que, devéras, o Mamede estava demorando muito. Elle não costumava ficar até aquellas tantas na rua.»

Transpirava: no labio superior brilhava um leve rorejo e, como levantava os braços, em curva, o casaco apparecia com duas manchas humidas nas axillas. Paulo estava enervado; olhava, e Ritinha, como se percebesse que os effluvios do seu corpo novo venciam aquelle homem, quiz, como uma féra lasciva, brincar com elle, atormentando-o, para gozo da vaidade, e sentou-se no banco, curvou o busto para a frente, baixou a ca-

beça, atirando despejadamente os cabellos, que chegaram quasi ao chão, fartos e luzidios, como a cauda de um ginete de raça.

A sua nuca morena apparecia humida, e ella torcia os cabellos, torcia-os como se os espremesse; de repente atirou-os para traz e ergueu-se. O collo teso forçava o corpinho com esforço e, como ella enrolasse os cabellos no alto da cabeça, em torre, um grampo cahiu. Paulo abaixou-se, apanhou-o — os dedos tocaram-se e a mulatinha, faceirando ao espelho, perguntou, como se falasse á propria imagem:

— O senhor é daqui?

— Sou, por que?

— Por nada. Pensei que era do Norte. Parece muito com um moço que eu conheci na Parahyba.

— A senhora é da Parahyba?

— Com a graça de Deus. E não estou aqui por minha vontade. Pudesse eu que amanhan mesmo tomava um vapor e voltava para a minha terra.

— Então não gosta do Rio?

— Eu!? Posso lá com isto! Estou aqui porque não ha remedio. Não me dou com esta gente. Uma terra de miseria. Deus me livre! Não estou acostumada com estas coisas.

— E Mamede?

Ritinha encolheu os hombros, dizendo, com um risinho:

— Que tem? Eu não sou captiva de ninguem. Mamede é daqui; que fique.

— Então não gosta delle?

— Não digo que não goste, não tenho queixa; mas o senhor sabe, a gente sempre tem saudade da terra em que nasceu, eu tenho lá os meus, e aqui? Se cahir amanhan numa cama, como ha de ser? Não conheço ninguem, não me dou com esta gente da estalagem, e então? É a Misericordia, não é? Deus me livre! Eu só espero uma ajuda de Deus para voltar, tão certo como eu estar aqui falando com o senhor.

Houve um silencio; Paulo arfava, as suas narinas batiam sofregas. Veiu-lhe á mente uma proposta, mas receiou que a mulata, indignada, o denunciasse a Mamede. E ella continuava a tortural-o sorrindo, suspirando, firmando-se ora em uma, ora em outra perna, com um movimento sensual das ancas. Felizmente o mulato appareceu, suado, esbaforido e, vendo-o, exclamou:

— Ah! vosmecê adivinha: eu já ia mandar um recado lá em casa.

Paulo ergueu-se sobresaltado e, emquanto Mamede descançava o bengalão e o chapéu, perguntou, ancioso:

— Achaste?

— Uai? Achei não, tambem não é assim, nhôsinho. Estive com um cocheiro, que me deu umas luzes. Elle já teve uns toques da *marosca*: foi um companheiro delle que, no sabbado, á noite, sahiu

detraz do quartel com uma moça e um homem, tocando para a Tijuca. Eu agora ando na pista do bicho, e achando, nhôsinho... Só se Deus mesmo não quizer. Entrou a dar o seu plano de captura, e como Paulo, ao fim da tarde, se despedisse, o mulato, que fizera libações seguidas, oppoz-se: «Que não, huê? Havia de ir sem jantar? Isso não...» E sahiu para ir á venda fazer umas compras. O curto instante da ausencia de Mamede foi de soffrimento para o rapaz: o ésto lascivo recrudesceu com maior intensidade, torturava-o uma estranha emoção de medo, faltava-lhe o halito como em uma grande fadiga. Chegou a levantar-se, tremulo, em pontas de pés, mas ficou parado, com as pernas bambas, os olhos cravados na cortina que encobria o corredor.

Um chôro irritado de criança, vindo de fóra, assustou-o. Sentou-se, nervoso, revoltado, com o sangue a referver-lhe nas veias. Ritinha poz-se a cantar e elle, mordicando os labios, meneou com a cabeça, arrepellou os cabellos com furia, atirou um murro á coxa e voltou-se olhando para a latada.

O céu, violete, tinha uma serenidade suave áquella hora da tarde. A gente da estalagem ia abandonando o trabalho, esvaziavam-se as tinas gorgorejando, recolhiam-se as roupas. Faziam-se aos pombaes os pombos, e Ritinha, sempre a cantar como uma sereia lubrica, a attrahil-o, a enfeitiçal-o. Felizmente Mamede reappareceu. Pau-

lo respirou, alliviado. O mulato abarcava embrulhos e garrafas e, logo que entrou, parando um momento no limiar, disse, risonho:

— Vosmecê ha de desculpar a demora...

— Ora! fez o estudante, complacente.

— A gente quando entra numa dessas vendas sempre encontra uns parceiros e cahe na prosa mesmo que é serviço. Com licença, nhôsinho. Puxou uma cadeira, sentou-se, com o espaldar para a frente, as pernas escarranchadas. Ah! meu senhor... Eu já não sei mesmo onde é que hei de ir cavar dinheiro — isso está *preto!* Vosmecê não é da Guarda Nacional, nhôsinho?

— Eu? Não.

— Dê graças a Deus. É um gastar de dinheiro que não tem conta. A gente, para não ficar por baixo, vai dando e, quando menos pensa, tem soltado das mãos uma cobreira *surda*. Mas eu gosto; é uma cachaça. Quem foi soldado, vosmecê sabe, tem sempre a sua quédasinha pela farda, e, depois, os manos me deram um posto...

— Que posto?

— Vosmecê ainda não me viu fardado?

— Não.

— Sou alferes.

— Ah!

— Nhôsinho, toma alguma coisa, disse de repente o mulato: um gole de vinho do Porto. Paulo accedeu, e Mamede, num salto, desappareceu no corredor, voltando, pouco depois, com a gar-

rafa e dois copos. Isto não faz mal. A bebida, com conta, até faz bem — e despejou. Beberam. E a conversa cahiu em Violante. Mamede, confiado no cocheiro que levára o casal para a Tijuca, Paulo, a jurar que se encontrasse o homem, não respondia pela sua vida. Varias vezes Mamede encheu os copos e, distrahido ou excitado, o estudante ia bebendo, até que Ritinha, com um casaco branco enfeitado de rendas largas e uma saia vermelha, appareceu para arranjar a mesa, alliviando-a dos objectos que a atravancavam. E, emquanto ella estendeu a toalha clara e poz os pratos e os talheres, as garrafas, a farinheira e a fruteira de louça esvasada, Paulo, com o olhar cúpido, acompanhou-a, e o mulato, como se percebesse o enthusiasmo do estudante, disse, com orgulho:

— Mulata faisca, hein, nhôsinho? Isto tem luxos...!

Lançou-lhe o braço á cintura, attrahiu-a e ella, abandonada, languida, derreou-se sobre elle, deixando-se afagar, até que, colleando colubrinamente, livrou-se, atirando um muchôcho.

Servido o jantar, Ritinha sentou-se á cabeceira da mesa, entre os dois. Os copos não demoravam vazios, e Paulo já começava a sentir-se atordoado quando, ao fim do jantar, Mamede foi a um canto buscar a laranjinha.

O receio de parecer fraco á mulher desejada fez com que não rejeitasse o calice que o mulato

lhe offerecia — levou-o, porém, á boca, com repugnancia e, como para livrar-se mais depressa daquelle asco, virou-o de um trago.

O luar subia docemente, branqueando a latada. Um violão gemia perto e Mamede, romantico, enlevado naquella luz visitadora que lhe entrava pela casa, não permittiu que Ritinha accendesse o lampião, e, fóra, ao alvor, ficaram conversando: a mulatinha a falar do seu Norte, a recordar as noites poeticas no Cabedello, entre os coqueiraes ou na roda sombria das ramas das gamelleiras; Mamede, recordando os dias heroicos, as suas bravuras no Sul e os feitos do major; Paulo, a ouvir, num enternecimento molle, entre os philtros da lua e do perfume da Ritinha que, já intima, roçava por elle, como a offerecer-se.

Ella não bebia, mas ia servindo calices sobre calices, e o estudante não se sentia com animo de os recusar até que o mulato, sem dizer palavra, saltou na sala, mergulhou no corredor e, pouco depois, sons tremulos vieram do fundo da casa e elle appareceu experimentando o violão.

Sentou-se no batente da porta, picando as cordas, apertando as cravelhas; depois, esticando uma perna, pigarreou e, com os olhos no céu, numa voz afinada, poz-se a cantar uma modinha. A mulata encostou-se ao umbral, com a cabeça para traz, pensativa; Paulo, cabisbaixo, ouvia.

Grillos guizalhavam e, mais longe, como se o mysticismo da noite meiga influisse em todos os

corações, vozes ternas cantavam em unisono suavissimo. Cães ladravam na montanha, onde as casas, muito brancas, como de puro marmore, destacavam-se da verdura que resplandecia alvejante e pelo céu limpo, serena, a lua caminhava magnifica, toda de neve.

Era tarde quando o estudante pediu licença para retirar-se, sentindo-se mal; todavia aceitou o ultimo calice que lhe offereceu a mulata.

— A noite está fresca, não faz mal.

Bebeu a custo, arrevessando; apanhou o chapéu e a bengala e despediu-se. Ritinha pediu desculpas do jantar e Mamede quiz acompanhal-o ao portão da estalagem e, sem deixar o violão, lá foi com elle, guiando-o. Ao despedir-se deteve-o e, baixinho, num tom de mysterio, offereceu-se para leval-o a casa. Elle recusou.

O ar fresco da noite, longe de allivial-o, como que mais o excitava. O atordoamento tornava-se mais forte: por vezes cambaleava, ia de encontro ás paredes. As pernas, ora amolleciam, bambas, ora pareciam retesadas e duras. Ia devagar, sentindo nauseas, a boca saburrosa, os olhos nublados. Caminhava instinctivamente, dobrando esquinas — ora pela calçada, ora pelo meio da rua e foi com surpreza que reconheceu a Praça da Acclamação.

Lembrava-se vagamente de haver chegado á casa e do seu soffrimento.

Atirou uma cusparada a um canto e entrou

no banheiro. Ao jorro dagua sentiu um choque violento e recuou espantado, com a mão sobre o coração. «Não bebo mais!» exclamou, como num juramento e, curvado, metteu-se sob o chuveiro.

VI

Quando sahiu encontrou a sala de jantar vazia, já todos os trastes haviam sido retirados; ficou a olhar, distrahido, até que Felicia appareceu com o café. Tomou-o a pequenos goles, com repugnancia, sentindo-o muito quente, a escaldar-lhe o estomago. Ouvindo os passos arrastados da mãi teve um estremecimento e pousou a chicara na janella, receioso de que lhe cahisse da mão tremula. A velha mantinha o seu ar de bondade, e, como se nada houvesse acontecido, disse-lhe:

— Estive guardando a tua roupa. E os livros?

Áquella meiguice, toda de perdão, ainda mais se lhe aggravou o vexame.

— Podem ir na cesta.

— Os homens ainda têm uma barrica; se queres...?

— Pois sim. Já estão no meu quarto?

— Não, estão ainda na sala. Deixei fóra o terno azul e a tua roupa branca está no quarto de Violante. Acho melhor que te vistas já para mandarmos o resto nas carroças.

— Sim, senhora. Foi para o quarto da irman. Se houvesse voltado o rosto teria visto o olhar enternecido com que a velha o acompanhava. Encontrou toda a sua roupa no chão, sobre um jornal, e, vestindo-se, ouvia os passos da velha no quarto contiguo. Quando sahiu já D. Julia, com a sua capota de vidrilhos e o seu vestido de merinó, dava ordens á Felicia. Iam indo para as carroças as tinas, os arames em que seccavam as roupas, as gallinhas, amarradas pelos pés, a gaiola do gaturamo, que esvoaçava assustado e, num sacco, ao canto da casa, o gato miava desesperadamente rebolcando-se. D. Julia calçava as *mitaines* serzidas quando, sem levantar os olhos, falou vagarosa:

— Olha, meu filho, eu vou dizer adeus a esta gente aqui do lado, não custa. Não sei que parece sahirmos assim. Descança que ninguem nos visita. Esta gente é boa... lá os outros... que Deus lhes accrescente.

— Mamãi póde ir, eu não vou. É tudo a mesma sucia.

— Pois sim. Então, até já.

— Mas não se demore: precisamos seguir para que os homens não fiquem á nossa espera.

— Não: é só um adeus. Paulo, de mãos enfiadas nos bolsos, passeiando ao longo da sala vazia, emquanto os homens retiravam os moveis do seu quarto, pensava em Ritinha: a mulata obsedava-o. Foi ao quintal e deu com Felicia agachada, desenterrando um pé de arruda.

— Vais levar isso, Felicia?

— Então, nhonhô? arruda é muito bom. A gente deve ter sempre em casa um pé de arruda para uma dôr. E, com a planta na mão, ergueu-se e foi accommodal-a em um vaso de barro.

— Vê lá — não esqueças por ahi alguma coisa. Olha os homens. Varre a casa e segue logo. Tomas o bonde na Estrada e segues. Sabes onde é?

— Então, nhonhô? uai!

D. Julia appareceu á porta da rua.

— Vamos, Paulo. O estudante tomou o chapéu e sahiu. Uma das carroças já estava cheia, com a grande mesa suspensa ao fundo, toda enleada em cordas; duas outras esperavam. A visinhança estava agitada: mulheres ás janellas, crianças ás portas, olhando. Paulo segredou:

— Vamos para o outro passeio, mamãi; e atravessaram a rua. Uma mulher gorda, esborrachando á janella o seio monstruoso, disse: «Seja feliz!» «Obrigada»; agradeceu D. Julia. «Lembranças á D. Violante... E não se esqueça da gente: appareça». Paulo sentia o sangue subirlhe ás faces como se o estivessem injuriando. Das

janellas acenavam adeuses, D. Julia correspondia; elle, d'olhos baixos, mal tocava no chapéu, muito cosido á mãi, brincando com a bengala. Quando voltaram a esquina sentiu um grande allivio. A velha caminhava lentamente, deslumbrada com aquelle esplendor, ella que, tão raramente, deixava a sombra da sua casa, vendo o sol apenas no quintalejo ou no trecho da rua.

Os pesados caminhões, que entravam para os armazens da Estrada, causavam-lhe medo. Detinha-se de instante a instante agarrando-se ao braço do filho e, diante da estação, atropellada pelos que transitavam, entre carros e tilburys, ficou estonteada, sem saber dirigir-se e foi necessario que Paulo lhe désse o braço levando-a para a calçada onde deviam esperar o bonde da Lapa.

Sentia a vista perturbada com a vida tumultuosa da praça; a luz intensa offuscava-a, os ouvidos zuniam-lhe. «Que barulho, minha Nossa Senhora!» Junto a um kiosque, varios homens descalços, em mangas de camisa, discutiam e, como um pequeno, a correr, esbarrasse com ella, Paulo revoltou-se; a velha, porém, serenou-o.

— Deixa, é uma criança; não foi por querer. O bonde appareceu. Entraram e ella, antes de sentar-se, voltou-se para o lado da casa que deixára, suspirando. Estou só pensando em Violante... e, depois dum silencio, perguntou baixinho: Tu soubeste hontem alguma coisa?

— Mamede disse-me que está na pista do cocheiro.

— Que cocheiro?

— Do carro em que ella fugiu.

— Foi de carro!?

— Naturalmente.

Calaram-se. O bonde fez uma parada perto da rua do Nuncio, para a muda.

— Se prendessem o cocheiro? Elle deve saber onde ella está.

— Mamede vai vêr. Depois dum longo tempo de recolhimento, levada aos trancos, pelo bonde, D. Julia levantou os olhos e, na sacada duma casa, viu duas mulheres de penteadores brancos: uma sentada, a lêr, deixando vêr um pedaço de perna gorda, a outra muito debruçada, com os cabellos soltos, esvoaçando.

— Que rua é esta?

— Lavradio.

A velha acenou com a cabeça e, como se lhe bastasse a informação, aquietou-se.

— Aqui é a policia. Foi aqui que eu estive, disse Paulo.

D. Julia inclinou a cabeça e, foram-se-lhe os olhos por um largo portão, ao longo dum tunnel sombrio.

— Ah! meu Deus, se essa gente quizesse!... Quando chegaram ao largo da Lapa a timidez retomou-a. Ergueu-se pesadamente e, agarrando-se aos balaustres, foi descendo com esforço. Já

não sei andar. Se eu sahisse sósinha perdia-me por ahi. Por onde é? Que sol, Paulo! Isto faz mal; estou tonta — parece que sahe fogo das pedras. Abriu a *sombrinha* e convidou o filho. Chega para nós dois.

— Não, mamãi; eu estou acostumado. Não se incommode commigo.

Ella voltava-se de quando em quando, assustada, como se houvesse ouvido rodar de carros.

— Aquillo ali é o Passeio Publico, não é?

— É sim, senhora. A velha suspirou fundamente.

— Quando vocês eram pequenos, vinhamos aqui, quasi todos os domingos, com o velho. E ficou, um momento, a olhar a densa verdura. Mas acho isto mais largo...

— Sim, senhora: é que foi aproveitada uma parte do terreno do convento.

— Logo vi.

Tudo lhe causava admiração: os bondes, em *tandem*, os carros, os predios novos; mas diante do mar não se poude conter: parou, lançando os olhos livremente pelas aguas que faiscavam; dando, porém, com a igreja do outeiro, tremeram-lhe os labios numa prece. E confessou que estava mais contente porque tinha aquella alegria ante os olhos. E os meus santos! exclamou de repente, estacando.

— A senhora não os arrumou?

— Sim, mas com os balanços da carroça...

— Fique descançada.

— A casa é ainda muito longe?

— Não, senhora. Não vê aquella arvore? é ali. O ponto é magnifico, não acha? Aqui está tudo á mão. Depois, a vantagem de não termos visinhos fronteiros.

— Lá tambem não tinhamos.

— Pois sim, mas aquelles trens, aquella lufa-lufa de machinas... Quem podia com aquillo?!

— Eu já estava acostumada; até me distrahia.

— Mau gosto. É aqui, mamãi. D. Julia levantou o olhar, examinando a casa, chegou um pouco adiante para vêr o jardim visinho e, como Paulo empurrasse a porta, a mulher do lado debruçou-se á janella, curiosamente.

— Quem é essa moça?

— Não sei.

— Não vá ser uma dessas mulheres...

Entraram. O cheiro das tintas enchia toda a casa como um halito mau. Paulo, porém, abriu de par em par as janellas e o ar penetrou correndo os aposentos, purificando o ambiente. D. Julia detinha-se, examinava os papeis, o soalho, ainda humido da lavagem, o tecto; abria as bicas, para que a agua corresse e, no quintal, ficou um momento parada, pensativa, até que o filho appareceu á porta da cozinha.

— Então?

— É boa. Só o que tem é que é muito devassada.

Paulo levantou os olhos. Pela janella de uma casa alta via-se o interior de um quarto, onde um homem ruivo, em mangas de camisa, meio curvado, fazia o laço da gravata ao espelho.

— Sim, tem esse defeito, mas tambem pelo preço, neste ponto, não se podia achar coisa melhor.

D. Julia concordou, voltando a examinar os aposentos, um a um, com cuidado minucioso. Na sala, chegou um instante á janella, voltou-se para a montanha: lá estava a igreja, muito branca, dominando o mar, como uma atalaia.

Tão embevecida ficou que não via os bondes passando, cheios, rapidos como os trens que, diante da outra casa, iam e vinham, dia e noite, abalando a rua tranquilla. A mulher, á janella da casa contigua, com o collo farto achatado no peitoril, acompanhava os bondes com um olhar cubiçoso, sorrindo e, quando a rua reentrava no socego, punha-se a cantar, bambaleando-se.

As andorinhas não tardaram. Como D. Julia já conhecia a casa, tirou a capa e foi determinando a collocação dos moveis. Ás duas horas da tarde, pouco depois de haver partido a ultima carroça, chegou Felicia, cançada, suada, com embrulhos, queixando-se da soalheira.

Paulo, descalço, armava os moveis, emquanto a velha arranjava alguma coisa para o jantar. O gato, em liberdade, corria a casa, desconfiado, miando, a saltar de movel em movel, farejando,

e o gaturamo, virando e revirando a cabecinha, piava, saudoso, como se sentisse falta do seu antigo retiro e do trecho de céu que costumava namorar do fundo da sua prisão estreita.

Á noite já a casa tinha largueza e conforto, arrumada e, diante dos santos, na commoda, ardia a lamparina vigilante. Paulo, estafado, bocejava estendido no sofá, sem fome; á mesa mal debicou, queixando-se da cabeça. Recolheram-se cedo; só Felicia andou até tarde na cozinha a bater martelladas, arranjando as prateleiras.

D. Julia não poude conciliar o somno: sentia-se opprimida, pensando na filha. Que seria della? Talvez que, áquella hora, a pobresinha estivesse a bater á porta da casa abandonada, arrependida, infeliz, procurando os seus. E onde iria repousar? Quem lhe daria agasalho? Suspirou, com os olhos nas duas imagens que brilhavam á luz tremula da lamparina. Sentia como um remorso, parecia-lhe que, com aquella mudança, abandonára a filha. Ah! nunca mais a veria! nunca mais! Orgulhosa, como era, sentindo-se desprezada, nunca mais tornaria á casa, preferindo á humilhação a vida miseravel. Felicia, arrastando um movel na sala de jantar, interrompeu o silencio. A velha sentou-se na cama e chamou a negra, que acudiu logo, com um martello na mão.

— Ah! Felicia, não posso dormir pensando em Violante.

A negra coçou a cabeça e, encostando-se á commoda, pensativa, disse baixinho, depois de um silencio:

— Olhe, minh'ama, eu me lembrei de uma coisa... Tenho medo de falar por causa de nhonhô.

— Que é?

— Hum! para vosmecê ir dizer... Eu, não. Não quero historia commigo.

— Eu sou criança, Felicia?

A negra ainda hesitou, mas aproximando-se da cama, cochichou em voz mysteriosa:

— Minh'ama não se lembra do meu rheumatismo?

— Sim.

— Vosmecê sabe que eu andei por ahi tudo, na mão de uma porção de medicos, gastando os cabellos da cabeça, e nem para traz, nem para diante. Vosmecê sabe.

— Sim.

— Nem vosmecê é capaz de imaginar como foi que fiquei boa.

— Não.

— É, mas se eu disser vosmecê não acredita; é até capaz de pensar que estou maluca. Eu sei.

— Ora, Felicia...

— Vosmecê acredita?

— Não sei: fala.

— Pois foi com o espiritismo, sussurrou, curvada, d'olhos muito abertos.

— Com o espiritismo?

— Sim, senhora. Foi com uma agua que eu trouxe lá da sociedade.

— E tu acreditas nessas coisas, rapariga?

— Como acredito em Nosso Senhor que está no céu, minh'ama, affirmou de mãos postas. D. Julia accommodou-se na cama e a negra, caminhando em pontas de pés, encostou a porta do quarto, voltando para junto da velha, com uma ancia de proselytismo. Olhe, minh'ama, quando nhá Violante sahiu, eu quiz ir lá perguntar por ella; não fui porque não tive tempo, mas estou certa de que os espiritos hão de dizer a verdade. A gente, pedindo com fé, consegue tudo. Eu vi, minh'ama. Quando foi pela revolta, uma parda, que tinha um filho soldado, foi lá saber noticia delle, e appareceu um espirito dizendo que elle tinha morrido num lugar desses. D. Julia puxou o lençol, sentindo um grande frio nas costas como se, pela fresta da porta, esfusiasse uma corrente de ar; e Felicia continuou: Depois, quando tudo acabou, os companheiros do rapaz procuraram a mulher e repetiram, tim tim por tim tim, tudo quanto o espirito tinha dito. Eu vi, minh'ama! e, inclinando-se, rebaixou com dois dedos as palpebras molles, mostrando os grandes olhos brancacentos. Vosmecê com essa gente da policia não arranja nada. Se vosmecê quizer experimentar, como nhonhô sahe todas as noites, eu vou com vosmecê lá. Todo o mundo fala, mas vendo é

que é. D. Julia meditava, sentindo-se attrahida pelo mysterio e, longo tempo calada, as mãos cruzadas ao collo, os olhos baixos, esteve pensando nas palavras sibyllinas da negra. Por fim levantou a cabeça:

— E para entrar?

— Vamos juntas. Olhe, D. Castorina, lá da outra rua, foi uma noite commigo por causa da doença do marido e agora vai sempre: é socia.

— E se Paulo souber?

— Como é que elle ha de saber? só se vosmecê disser. Olhe, daqui — e bateu nos beiços afunilados — daqui não sahe nada. A gente vai, minh'ama faz a sua consulta e está ahi.

— Em que dias é?

— Todos os dias ha reza e depois ha consulta; amanhan mesmo.

D. Julia poz os olhos no Senhor dos Passos, como a pedir-lhe conselho; ouvindo, porém, a tosse do filho, estremeceu assustada, mostrando a porta á negra. Felicia foi-se á surdina.

Só, no quarto novo, impressionada com o que ouvira, D. Julia, com a acuidade dos sentidos propria dos assombrados, ouvia todos os ruidos, os mais leves, com estremeções violentos: ora era um movel que estalava rispido, ora a crepitação da lamparina. Na rua tiniam as campainhas dos bondes. O cheiro oleoso de tinta tornava-se mais forte e pesava e, de instante a instante, um golpe de

ar frio, penetrando, ia gelar-lhe o corpo, dar-lhe arrepios.

Idéas sinistras esvoaçavam-lhe no espirito alvoroçado. Andou com os olhos pelo quarto, ainda desconhecido, como a procurar a causa da estranha sensação que a aterrava. Parecia que a negra, que ella tivera, até então, como uma criatura simples, assumira aos seus olhos o aspecto macabro duma bruxa evocadora de mortos. Sentia no quarto a passagem fluidica dos immateriaes, as invisiveis borboletas da morte andavam por ali como as phalenas nocturnas esvoaçando em torno da luz.

Faltava-lhe o ar, um grande peso opprimia-lhe o peito, sombras tenues fluiam diante dos seus olhos escancellados e, de quando em quando, feria sinistramente o silencio o estalo secco dum movel. «Ah! minha Nossa Senhora, para que Felicia veiu falar dessas historias agora de noite!? A gente já anda com a cabeça tão cheia de coisas...» A porta foi-se abrindo lentamente, surdamente.

Com o coração precipitado voltou-se hirta, agarrando-se á maçaneta da cama, a boca meio aberta e secca e, de olhos na porta, viu as pupillas phosphorescentes do gato que alumiavam como dois fogos fatuos. Enxotou-o e o animal, num pulo, desappareceu.

Deitou-se muito encolhida, com os olhos nos santos, rezando; mas um surdo rumor, que pare-

cia subir do soalho, como um gemido abafado, aterrou-a. «Ah! meu Deus, Felicia não podia ter deixado essas conversas para amanhan?...»

Falando, porém, não tirava a attenção do rumor soturno que vinha tristonhamente, de instante a instante, como o arquejar opprimido de um emparedado. O ouvido, porém, foi-se habituando e ella reconheceu a voz grave do mar que rolava as suas ondas ali perto, na praia. «Ah! minha filha...»

Fechou os olhos, logo, porém, abriu-os, porque parecera-lhe haver sentido um leve sussurro como o das azas dos beija-flores — nada: a chamma da lamparina, muito espichada no morrão em fórma de cravo, esfiava um filete de fumo. Passou a mão pela fronte, encolhendo-se mais — o somno fugia-lhe dos olhos, o coração batia-lhe com tanta força que ella ouvia distinctamente as pancadas. Era o medo empolgante que a subjugava — tinha vontade de mover-se e receiava esticar uma perna, dobrar um braço, respirar mais alto. Que haveria debaixo da cama? e lá fóra? e dentro da noite? sombras, sombras peregrinas, sombras errantes, o halito apavorante que os sepulchros exhalam. «Ah! minha Nossa Senhora!»

Violante, porém, voltou-lhe á lembrança, foi como uma luz rompendo trevas. Ah! era tambem uma visão de morta. Reminiscencias surgiram como espectros: o marido, um menino que ella vira morrer de febres, e a mãi, a velha mãi,

tão velha na morte! sorrindo e sumindo-se vagarosamente como se, mesmo no espaço, lhe fosse penoso andar.

Uma recordação, porém, assombrou-a: a morte dum velho negro, antigo escravo da familia. Viu-o esgrouviado, agonisando, contorcendo-se, a bocca escancellada, os olhos em alvo, numa afflicção inconcebivel, grugulhando, com o peito nú, ripado pelas costellas salientes, o ventre cavado, a pedir ar, ar, ar...! Levantou-se da cama descalça, a tremer e medrosa, como se sentisse duendes pela casa, passou á sala de jantar e, no escuro, poz-se a bater na mesa com a mão espalmada, chamando: «Felicia! Felicia!» A negra, em fraldas de camisa, appareceu sobresaltada:

— Que é, minh'ama?

As duas mulheres encontraram-se na sala escura.

— Ah! Felicia, para que havia você de falar dessas coisas agora... Não posso dormir.

— Minh'ama está com medo?

D. Julia respondeu com um fundo suspiro recolhendo-se ao leito.

— Agora tem paciencia: vem ficar commigo.

— Eu vou buscar a minha cama. E tornou á sala voltando, pouco depois, com uma esteira enrolada; estendeu-a e, forrando-a com um cobertor cinzento, sentou-se. O seu busto negro, magro, destacava-se da camisa branca, que lhe escorria pelo peito linguajado pelas mamas pellancudas.

Baixinho, com a sua voz mysteriosa, perguntou de novo: Minh'ama está com medo?

— Não sei: ando nervosa, tudo me impressiona.

— Quanto mais se vosmecê visse o que eu vejo. Não se lembra daquella noite em que vosmecê me encontrou de joelhos, na cozinha, rezando e chorando?

— Sim...

— Pois eu estava conversando com meu filho. Elle não me deixa — é de noite, é de dia — está sempre commigo. Como é que eu não tenho medo? A gente estando bem com Deus não deve ter medo. Que é que vosmecê pensa? elles andam pela casa. Ha gente que vê. Eu não vejo, mas ouço: elles falam, elles gemem; ás vezes até cantam...

— Está bom, Felicia, vamos deixar isso para amanhan. É tarde; preciso dormir.

— Eu falo mesmo por vosmecê.

Deitou-se e, cobrindo a cabeça, o seu corpo magro e comprido, muito enrolado no lençol, ficou immovel e hirto como o de uma mumia. D. Julia esteve algum tempo d'olhos abertos, a pensar naquelle mysterio das almas visitadoras. Felicia resomnava e, pouco a pouco, o somno foi-lhe tambem pesando nas palpebras. De instante a instante abria os olhos já empanados, logo, porém, os fechava e adormeceu, por fim, cançadamente.

No dia seguinte, muito cedo, Paulo reclamou o almoço: tinha umas voltas a dar na cidade; não podia continuar naquella vida de malandrice, precisava arranjar-se, o soldo que recebiam mal dava para a casa. D. Julia concordou, posto que soffresse, comprehendendo que elle abandonava Violante. Quando o viu sahir metteu-se na cozinha em conversa com a negra, pedindo informações sobre a sociedade espirita: «Se era decente, se iam lá senhoras.» Restava-lhe o sobrenatural como ultima esperança.

O dia correu tristonho, abafadiço, num pesado torpor. O mar, grosso e liso, parecia d'oleo e, para a tarde, accumulando-se o céu de nuvens negras, ella começou a preoccupar-se com o filho, tanto, porém, que o viu entrar, respirou desafogada. Paulo estava irritado: ia e vinha pelo corredor a resmungar.

— Que tens?

— Que tenho? A senhora ainda pergunta?! Estou sem nada e tudo por causa da senhora minha irman. Fui dispensado da revisão do *Equador,* porque não mandei um aviso ao secretario, prevenindo-o da minha falta. É isto! E eu que cave!

A velha, acabrunhada, não disse palavra: ficou a olhar o céu. Relampagos luziam, o calor abafava.

— E agora?

— Ah! agora...

— Por que não falas ao compadre?

— Qual compadre! Eu arranjo-me, descance.

A tormenta desencadeou-se nas primeiras horas da noite. Um grande vento batia com as portas, vergava as arvores e o mar arrebentava com furia de encontro á muralha transbordando, alagando a rua. Paulo recolheu-se ao quarto e abriu um livro. Lia sem entender — eram os olhos que passeiavam sobre as letras, o espirito andava longe, ora na estalagem ao lado de Ritinha, ora na revisão do *Equador*. Já teriam os rapazes conhecimento da fuga de Violante? Encolheu os hombros com indifferença e, accendendo um cigarro, poz-se a soprar baforadas para o tecto. Ergueu-se revoltado contra a vida e poz-se a passeiar pela casa, a conjecturar. Quando se deitou estava animado de esperanças, com grandes planos de trabalho: via-se feliz, independente, com auras propicias de fortuna. O dia amanheceu chuvoso; ás nove horas, com um ligeiro almoço, lá sahiu o estudante a perseguir o sonho.

Correram dias tristes e vazios. Paulo, inteiramente esquecido da irman, entregou-se a outros cuidados. Sahia cedo, a pretexto de arranjar a vida, voltava para jantar ou entrava tarde, noite alta, sempre a queixar-se da sorte, mal humorado.

D. Julia não descorçoava, posto que a vida se fosse, mais a mais, tornando apertada e difficil com os recursos escassos de que dispunham. Apro-

ximava-se o fim do mez e, como o filho ainda não houvesse encontrado collocação, uma manhan a velha foi procural-o e, carinhosa, lembrou-lhe que tinha «algumas joias e umas pratas.» Que não se amofinasse, não haviam de viver sempre em difficuldades. Deus havia de ter pena delles. Paulo revoltou-se: «Não! não empenhava joias. Ella que escrevesse uma carta ao Fabio, elle não fazia favor nenhum. Mais pedira elle ao pai.» A velha meneou com a cabeça:

— Não, meu filho; não escrevo. Para que? Pois não viste que nem mais aqui appareceu para me vêr? Falou, prometteu e... até hoje nada. Não! Que tem? empenhas hoje, tiras amanhan; não é vergonha. Nós não podemos ficar desprevenidos. Não estás procurando emprego? então... Eu tambem farei, por meu lado, o que puder. Já agora não penso em Violante... Que Deus tenha pena della. Não me escreve, não se lembra de mim... paciencia, não vou amaldiçoal-a por isso. Leva; não saio, não uso joias. Que tem? É melhor do que ficarmos aqui sujeitos a alguma coisa. Quando puderes tiras.

Elle recebeu o embrulhinho, deixou-o sobre a mesa, e a boa velha, satisfeita por lhe haver acalmado o espirito, sahiu do quarto, sorrindo. Elle desfez o pacotinho e viu um grande broche antigo, de ouro, cravejado de pedras. Não se lembrava daquella joia, nunca a vira ornando o collo materno. Era uma reliquia do pas-

sado, um remanescente dos tempos felizes. Calculou que daria uns quatrocentos mil réis e, como andava com Mamede em excursões nocturnas, de tasca em tasca, de espelunca em espelunca, lembrou-se de tentar a sorte com o que sobrasse do dinheiro, pagas todas as contas.

— É possivel que eu não venha jantar, disse ao sahir; vou dar uns passos por ahi a vêr se encontro alguma coisa.

— Não te esqueças da casa.

— Não me esqueço.

— E olha: Eu tambem talvez saia um pouco com Felicia, á noite.

— A senhora?!

— Sim.

— Onde vai? perguntou sorrindo, achando um «quê» de comico naquella resolução da velha.

D. Julia hesitou um momento, depois, tambem sorrindo, disse:

— Vou ahi a um lugar... Quero vêr se arranjo umas costuras.

— Pois a senhora quer coser para fóra?

— Então, meu filho?!

— Ora, mamãi... esqueça-se disso. A senhora póde lá com costuras!

— Não te importes. Tenha eu saude.

— Pois sim... E a chave?

— Isto é que é... Já me lembrei de a deixar á janella, por dentro, com um barbante para se puxar.

— Ou em baixo da porta, lembrou.

— Sim, é melhor. Pois fica assim: deixo em baixo da porta, do lado esquerdo.

— Bem. Até logo.

— Até logo. E Deus te acompanhe. Paulo sahiu com ancia de chegar á casa de penhores, para conhecer o valor da velha joia. D. Julia foi á cozinha. Felicia estava no quintal, lavando, ao sol, com o cachimbo nos beiços. Chamou-a. A negra levantou o busto, passando as mãos pelos braços, a raspar a espuma que os cobria, e caminhou para a velha, que se encostára a um dos alisares da porta: Eu estou com vontade de ir hoje, Felicia. Póde ser?

— Como não? Mas minh'ama falou a nhonhô?

— Falei.

— Dizendo que ia lá? exclamou alarmada.

— Estás doida!

— Ahn... E vosmecê ha de ver como se descobre tudo. A physionomia da negra illuminou-se. Vosmecê já devia ter ido.

— Não acredito nessas coisas.

— Por que, minh'ama? Então vosmecê não acredita nas almas?

— Não sei. Depois, tenho tanto medo... Tanta gente tem endoidecido por causa dessas historias.

— Ora o quê, minh'ama!

— Ora o que?!

— Eu nunca vi.

— Pois eu sei de muitas pessoas que ficaram soffrendo depois que se metteram com o espiritismo. Emfim, seja o que Deus quizer. Como não faço mal a ninguem, nem vou com más intenções... A que horas começa?

— Ás sete e meia. A gente sahindo daqui ás sete, chega lá com tempo.

— Pois sim.

VII

Era noite fechada. Na sombra vasta do mar fogos piscavam e, longe, fulgiam as luzes littoraneas de Nictheroy, como pedras de um adereço sobre o velludo negro de um escrinio. D. Julia, emquanto a negra fechava portas e janellas, com os cotovelos na commoda, a face inclinada sobre as mãos postas, rezava. Quando Felicia appareceu, traçando o chale, persignou-se e soprou a lamparina. Á luz de um phosphoro, foram as duas seguindo vagarosamente pelo corredor escuro.

O céu estava negro e pesado e um vento frio soprava do mar. Felicia fechou a porta e, cautelosamente, raspando a soleira, escondeu a chave no logar convencionado.

— Vamos, minh'ama. Foram caminhando. A negra ia orgulhosa da conquista que fizera, já imaginando as perguntas com que a haviam de

assaltar no Centro, quando a vissem entrar com uma senhora respeitavel. Sentia-se superior com aquella gloria de iniciadora e, sofrega, bem que D. Julia não pudesse sahir do passo vagaroso, apressava-a: «Que já era tarde. Podiam encontrar a sessão no meio.» E a velha, de cabeça baixa, sondando o terreno com o guarda-chuva, lá ia.

— Mais devagar, Felicia; eu não vejo bem e a noite está muito escura. Não ha um bonde para lá? A pé não posso.

— Ha bonde, sim senhora: ali no largo.

— Sim, porque eu já não sei andar; depois com a falta de vista, está sempre me parecendo que vou cahir num buraco. De repente, como ia pensando na sessão, cochichou: Não vá apparecer por lá algum conhecido. Deus me livre que Paulo saiba que ando mettida nessas coisas.

— Não tenha medo, minh'ama: eu conheço todo o mundo que vai lá.

No largo da Lapa, diante dos tilburys estacionados junto á igreja, D. Julia teve um sobresalto, aconchegando-se á Felicia.

— Não vá um desses cavallos disparar, rapariga.

— Não tem perigo, minh'ama. Que medo de vosmecê. Vamos por aqui. Mas um bonde partia, e a negra, esquecendo a senhora, precipitou-se, a correr, com o chale a espadanar, aos *psios!* A velha fez um esforço supremo e foi levando o

pesado corpo aos rebolos, arquejando e, ao alcançar o bonde, com as pernas tremulas, offegante, agarrou-se aos balaustres, guindando-se.

— Você foi correr, Felicia... sabendo que eu não posso, reprehendeu esbaforida. Estou aqui pondo a alma pela boca. O bonde partiu.

A velha, receiosa, encolhia-se para não ser vista; mal olhava para os lados, indifferente ás casas que fulguravam, profusamente illuminadas, com reflectores radiantes; ás musicas, que resoavam em tarambotes; á multidão que formigava ás portas dos *chopps,* como nuvens de mariposas em torno de claridades. Aterrava-a a idéa de um encontro com o filho e, quando a negra mandou parar o bonde em frente ao theatro S. Pedro, teve um choque e perguntou baixinho:

— É aqui?

— É mais adiante. Atravessaram a praça em direcção á travessa da Barreira. Na esquina, em volta de um kiosque, marinheiros chalravam. Entraram em uma viella escura e, diante duma porta estreita, Felicia deteve-se segredando com mysterio: «É aqui, minh'ama...»

D. Julia sentiu um grande abalo, as pernas curvaram-se-lhe e, hesitante, lançando os olhos pela comprida escada, sussurrou:

— Não sei que é, Felicia... mas estou com medo.

— Medo de que, minh'ama? Aqui não ha nada que metta medo, é uma casa santa, vosmecê vai

vêr Nosso Senhor lá dentro. Vosmecê tem medo de entrar na igreja?

— Ah! na igreja...

— Pois isto aqui é como uma igreja — a gente reza e ouve os conselhos do irmão. Um homem magro passou por ellas encolhido, sem voltar o rosto e foi-se vagarosamente, escada acima, a tossir.

— Quando eu me lembro de D. Amelia...

— Então vosmecê pensa que D. Amelia ficou maluca por causa do espiritismo? Ella nunca veiu aqui, isso eu juro a vosmecê, nunca veiu. Póde ser que em outros lugares haja falta de respeito, aqui não. Mas vamos, minh'ama. Não sei que parece a gente aqui parada, feito duas tolas. Minh'ama experimenta; se não gostar não volta e está tudo acabado.

— Pois sim. Entraram. D. Julia, com as mãos geladas, o peito opprimido, subia lentamente. Em cima, suspirando, cançada, lançou os olhos pela sala vasta e sombria, escassamente alumiada por dois amortecidos bicos de gaz. Junto á escada havia uma caixa de esmolas e ella procurava dinheiro no bolso fundo do vestido, quando a negra chamou-a para apresental-a a um crioulo que estava de sentinella a um grande livro aberto sobre uma mesinha.

— Esta é minh'ama, *seu* Damião. O crioulo inclinou-se, estendendo á senhora a mão aspera e suada e, mostrando-lhe o livro, pediu: que assi-

gnasse. Tremula e receiando que, mais tarde, algum conhecido descobrisse ali a sua assignatura, escreveu simplesmente «Julia» em letras tortuosas, mas o crioulo insinuou sorrindo:

— É o nome todo, minha senhora.

— Ah! Tomou de novo a penna e completou a assignatura.

Logo o crioulo apresentou-lhe uma folha de papel implorando alguma coisa para o irmão Norberto, «que continuava enfermo, cercado de filhos». Ella deu-lhe uma nota, limitando-se a escrever na lista: *Uma christan.* Felicia adiantou-se.

— Vamos, minh'ama. D. Julia dirigia-se para a frente da sala quando a negra lhe foi ao encontro: «É por aqui; lá é para os homens.»

Renques de cadeiras occupavam todo o recinto abrindo uma estreita passagem central. As primeiras filas eram exclusivamente destinadas ás mulheres. D. Julia sentou-se junto duma negra magra, de trunfa, que cabeceava com uma garrafa ao collo. Da sombra triste e calada rompia, de quando em quando, uma tosse rouca.

A sala, forrada de papel azul com estrellinhas de ouro, como um espelho do céu, não tinha ornamentos. Ao meio do tecto havia um embrechado de madeira como um immenso ralo, braços de gaz pendiam de ponto em ponto. Duas portas ao fundo — a da esquerda fechada, a da direita aberta sobre um corredor escuro. Estantes carregadas de livros ladeavam a grande mesa pousada sobre

um estrado. Acima duma das estantes inclinava-se um quadro preto com a imagem de Christo agonisante e, justamente por traz da mesa, na parede constellada, brilhava, em caixilho d'ouro, a legenda:

Fóra da caridade
não ha
salvação.

Mais adiante, em moldura esguia, o aviso: «É prohibido fumar.» Felicia, vendo que D. Julia andava attentamente com os olhos de um para outro lado, disse-lhe baixinho:

— Então? vosmecê estava com tanto medo... e agora? Não é uma casa séria? Eu sei que muitos falam daqui, mas é de inveja, minh'ama. Vosmecê não imagina como a gente sahe consolada desta casa.

A velha conservava-se calada, olhando sempre, examinando todos os cantos. Passos soavam na escada, depois um *toc-toc* como de muletas que viessem batendo pelos degraus. Duas negras entraram, falando com intimidade ao crioulo da porta. Uma dellas trazia uma criança pela mão e outra ao collo, tossindo, com a cabeça deitada sobre o seu hombro, numa prostração doentia. Depois appareceu uma cabrocha magrinha, enfezada, com a pelle toda em rugas, os olhos miudos como dois pingos scintillantes brilhando sinistramente

no fundo das orbitas, muito corcovada, abordoando-se a uma bengala. E, pouco a pouco, a sala se foi enchendo — as mulheres tomavam os lugares reservados, iam os homens para as ultimas cadeiras ou para as janellas.

D. Julia começava a impacientar-se, quando surgiu do corredor escuro, em mangas de camisa, arrastando chinelas, um mulato arremangado. Logo ao entrar na sala, reconhecendo uma das negras, estendeu-lhe a mão, muito alegre, detendo-se a conversar, mas passou adiante, afagando uma criancinha que choramigava. Por fim, levantando a cabeça, bradou com autoridade: «Estamos na hora.»

Os que entravam, como se não quizessem interromper o mysterioso silencio daquelle recinto esoterico, caminhavam em pontas de pés, sentando-se cautelosamente. Tres marinheiros appareceram ao alto da escada, olharam, e já se dirigiam para as primeiras filas, quando o mulato falou: «Não, lá p'ra baixo, patricios. Aqui é das senhoras.» O mulato olhava insistentemente para D. Julia. Felicia chamou-o; elle adiantou-se risonho.

— Esta é minh'ama que vem fazer uma consulta. D. Julia baixou os olhos, vexada, temendo que a negra falasse do seu tormento, contando a um estranho as angustias que lhe alanceavam o coração. Mas um *psio,* vindo do fundo corredor, fez com que o mulato se voltasse.

Na moldura de trevas, como essas figuras ebur-

neas da arte bizarra dos japões, colladas sobre setim negro, appareceu uma mocinha pallida, magrinha, de cabellos ruivos despenteados. O mulato acudiu ao seu chamado, cochicharam e, logo em seguida, elle subiu ao estrado e accendeu os dois bicos de gaz que illuminaram a mesa. Houve um sussurro na sala abafada — cadeiras arrastadas, pigarros; uma criança poz-se a chorar.

Da rua entraram pela sala taciturna as rajadas alegres de um *dobrado*. Um dos marinheiros foi á janella, outro seguiu-o, mas a musica perdia-se, morria na distancia, como levada pelo vento, e o silencio recahiu. D. Julia, vendo o movimento dos assistentes, comprehendeu que se iam passar coisas estranhas, e chegou-se muito á Felicia, numa necessidade de protecção. Cortava apenas o silencio uma tosse intermittente que vinha de um canto.

Subito, rompendo da treva do corredor, um homem appareceu, ligeiro, irrequieto, com o lenço em volta do pescoço. Subiu logo para o estrado, sentou-se á mesa e disse: «Deus esteja comvosco.» Um murmurio correu pela sala, como a passagem do vento nas arvores. Uma mocinha, que occupava uma das primeiras cadeiras, a cabeça pendida sobre o collo magro, estremeceu violentamente, com um suspiro entrecortado, e a cabrocha, persignando-se, deixou cahir o cajado, com estrepito; todos voltaram-se, como assombrados.

O menor incidente para aquelle bando passivo assumia o caracter de uma revelação superior; de tudo tiravam presagios, descobrindo nos mais ligeiros e insignificantes ruidos — o sussurro da chamma do gaz que o vento vergava, uma folha de papel que voava, o rangido de uma porta, influencias mysteriosas de espiritos visitadores. O homem, todo de preto, com uma barba curta, olhinhos miudos, profundamente encovados, vivissimos, o cabello escorrido, empastado na testa, com o cotovelo fincado na mesa, a fronte apoiada na palma da mão, folheava um livro, como á procura de um texto.

O dobre de um sino rolou longamente: alguem suspirou com soffrimento: «Ai! meu Deus.» Cabeças voltaram-se, curiosas daquella mágoa, e o infeliz, um velho esqueletico, de grandes barbas amarellecidas, pendeu a cabeça sobre o peito, como a um peso grande e insupportavel.

Lentamente o homem poz-se a lêr uma passagem evangelica. As palavras sahiam-lhe da boca engroladas, quasi inintelligiveis; por vezes eram como um murmurio, e todos tinham os olhos nelle, immoveis, como se nem respirassem. Uma criança rompeu em pranto e, como se quizesse aproveitar aquelle rumor, que interrompia a prégação, o enfermo, encantoado, poz-se a tossir cavernosamente.

Em passos surdos um homem atravessou a sala — os sapatos gastos, sem salto, não faziam

rumor. Velho, calvo, com uma barba rala em torno da face livida, seguiu direito para a mesa, abanando-se ligeiramente com um leque. O que lia ergueu-se e, cedendo-lhe o lugar, poz-se de pé, fechou o livro e entrou a falar da Piedade:

«O espirita não tem o direito de matar, mesmo em legitima defesa não deve levantar mão criminosa contra o seu semelhante. Se algum dia um de vós, meus irmãos, fôr atacado por um homem cuja razão obscurecida o leve ao crime, em vez de responder ao fogo com o fogo, ao ferro com o ferro, deve procurar chamar o transviado ao bom caminho com palavras virtuosas e, se não conseguir convencel-o, é preferivel deixar-se matar a commetter o crime nefando de assassinio, porque, na outra vida, esse acto de piedade christan será premiado largamente por Deus. Os espiritos soffrem nas reencarnações. Eu, por exemplo, meus irmãos, fui Pedro Arbues, o grande inquisidor. E hoje, por que soffro tanto a calumnia, a ameaça de morte, as dôres physicas, as provações moraes? pelo que faço nesta vida de agora? não, porque, illuminado pela claridade divina, o meu espirito segue pelo caminho direito da Verdade. Soffro pelo que fiz na primeira encarnação, soffro porque fui surdo aos lamentos dos infelizes que eram levados ás fogueiras; soffro porque não dei attenção aos gritos dos pobresinhos, aos gemidos das crianças, aos soluços dos innocentes.

E vêde: Pedro Arbues, que foi um rancoroso, é santo, teve a canonisação, a Igreja deu-lhe um lugar honroso no côro de Deus e eu padeço por ser justo, soffro vexames e tormentos porque não me desvio da virtude. Não julgueis, porém, que me revolto — resigno-me e bemdigo todos os soffrimentos, que são a expiação de antigas culpas. Terei a recompensa quando deixar esta carne ephemera, para residir, em puro espirito, á direita do Eterno. Nunca penseis em vingança, meus irmãos!» exclamou fanhosamente.

O velho, d'olhos fechados, repoltreado na cadeira da presidencia, abanava-se ligeiramente, virando e revirando a cabeça. «Os nossos padecimentos são insignificantes em relação aos nossos crimes. Ainda penando devemos ser gratos á misericordia divina.» D. Julia acenou affirmativamente com a cabeça. «Quando virdes um homem torturado, lastimai-o, mas não o julgueis victima de uma injustiça de Deus, não! Elle buscou, com actos, aquellas dôres; elle mesmo abriu as feridas do seu corpo e preparou a ruina da sua casa. Os julgamentos de Deus são rectos e inexoraveis.»

Limpou o suor da fronte, depois, atirando o lenço á mesa, disse, inspirado, cravando os olhos em D. Julia: «Não vos revolteis contra Deus. Por que duvidais do seu poder? por que blasphemais? por que o vosso filho, desvairado pelas paixões, desprezou o vosso carinho, enveredando, allucinadamente, pelo caminho do vicio? Confiai

na Providencia e a ovelha tornará ao redil, trazida pelo arrependimento.»

D. Julia estremeceu na cadeira e chegou-se mais á Felicia, com os olhos immensamente abertos, a boca em hiato, tremula e fria. Era justamente a historia lamentavel da sua vida que aquelle homem denunciava, era a sua chaga que elle esvurmava, expondo-a aos olhos de todos e ella, humilhada, envergonhada e medrosa, repuxava o chale da negra, chamando-a em voz surda:

— Felicia... Felicia... A negra inclinou a cabeça e ella segredou: Elle sabe.

— Como não, minh'ama!?

— Foste tu que lhe disseste.

A negra mirou-a sem dizer palavra. Mas o homem continuava prégando a misericordia, mostrando Jesus piedoso a perdoar as offensas, até quando as lanças se lhe embebiam fundamente nas carnes. D. Julia não ouvia, preoccupada com as palavras mysteriosas que elle pronunciára, tão de feição á sua angustia e foi preciso que Felicia a chamasse para que ella sahisse do extase doloroso e désse attenção ao prégador:

«Meus irmãos, concentremo-nos para que os nossos bons fluidos se convertam em medicina, preparando a agua que deve curar os enfermos.»

Uma velha ajoelhou-se e, d'olhos no tecto, as mãos postas, ficou em contemplação mystica, e o homem poz-se a dizer a prece lentamente, com

o surdo e arquejado acompanhamento de toda a devota assembléa:

«Imploramos aos Bons Espiritos e aos nossos Anjos da Guarda, em nome de Deus, nosso Bom Pai de Amor, para envolver-nos com os seus fluidos salutares, afim de transmittil-os a esta agua, que será medicamento, porque servirá de vehiculo aos nossos bons fluidos. Desejamos, antes dos curativos dos nossos corpos, curar os espiritos, arrancando de nós o odio, o crime, o orgulhoso egoismo, que são enfermidades dalma, peiores que todos os soffrimentos da vida terrestre. Bom Pai, nós queremos nos regenerar e, animados pela fé ardente no vosso divino amor e pela certeza inabalavel na vida futura, pedimos a protecção dos Espiritos Elevados, nossos filhos e nossos irmãos amados, em vosso santo nome, para que se faça em nós, sempre, a vossa santa vontade.»

Terminada a prece, persignaram-se todos, com um murmurio devoto, e o homem declarou:

«Que os doentes podiam ir encher as suas garrafas.»

Houve um sofrego alvoroço. As mulheres tiravam garrafas debaixo dos chales, desembrulhavam-nas e lá iam, aos apertões, arrastadamente, em direcção á pia, cuja torneira jorrava gorgolejando.

Era a agua santa, impregnada de fluidos espirituaes, benzida pelos anjos de Deus, e aquelles

que a recebiam veneradamente sahiam consolados. Uns bebiam com ancia, não que sentissem sêde, mas porque soffriam e logo, alliviados, como se os balsamos angelicos houvessem operado instantaneamente, retiravam-se fazendo lugar para os que chegavam. E interrogavam-se sobre as melhoras: se já caminhavam com mais segurança, se viam melhor, se as dôres haviam abrandado.

Um velho metteu-se a um canto com a sua garrafa e, despejando a agua no concavo da mão, poz-se a banhar os olhos, e a negra, acordando a criança enferma, chegou-lhe á boca secca um copo dagua, que a pobresinha sorveu com avidez, aos grandes goles, arquejando. O homem da prédica, emquanto os crentes cercavam a pia, dirigiu-se a D. Julia. A velha, profundamente abalada por aquelle espectaculo estranho, só deu pelo apostolo da santa missão quando Felicia chamou-a:

— Minh'ama.

Voltou-se e, vendo o homem, muito trefego, a agitar-se diante della, com os olhinhos vivos e lampejantes cheios de malicia, sentiu um arrepio, mas passivamente, dominada, encolheu-se cruzando os braços.

— É a primeira vez que vem aqui, minha senhora?

— Sim senhor.

— É a senhora de quem eu falei a vosmecê: minh'ama, disse Felicia com um sorriso servil.

O homem acenou affirmativamente com a ca-

beça e, como a velha cabrocha se aproximasse, batendo com o cajado, chamou-a e, apresentando-a, disse:

— Olhe, minha senhora, esta creatura que aqui está demonstra, á evidencia, a verdade da nossa crença. Eu sei que por ahi assoalham que vivemos a explorar a ignorancia dos ingenuos, entretanto, quando apresentamos provas, riem com ironia porque não podem refutar a verdade dos factos. Aqui está esta creatura e, dirigindo-se á cabrocha, perguntou: «Para que é que você vem buscar esta agua?» A cabrocha, amuada, como se não quizesse confessar a sua crença em presença de uma estranha, respondeu seccamente:

— Porque venho!

— É porque tem sentido melhoras, não?

— Apois... se eu não sentisse não vinha aqui. Mas a lingua desatou-se-lhe, garrula, e contou toda a historia da sua molestia: Tres mezes entrevada numa cama, gemendo, sem uma hora de allivio, até que uma conhecida lhe deu uma garrafa daquella agua. Foi ponto beber que logo começou a melhorar, como por milagre. Ao cabo de quinze dias estava outra: andava, trabalhava. Mostrou a garrafa e, num gesto de avara, guardou-a, de novo, debaixo do chale roto. Eu tambem não acreditava, minha dona, nem queria saber dessas coisas, mas vi! Não foi coisa contada, foi commigo. Estou assim. Levantou a saia e mostrou o pé hediondamente deformado pela elephantia-

sis, uma perna monstruosa, com a carne grossa, engelhada em dobras encoscoradas, coberta de cicatrizes.

D. Julia olhava, quando uma mocinha parou diante della, com uma sacola, esmolando para os pobres. Felicia atirou umas moedas, por ella e pela ama e o homem chamou a crioula que ninava a filha enferma.

— Então: como vai ella?

— Parece que agora vai um pouquinho melhor, com a graça de Deus.

— É outro caso, explicou o apostolo. Esta criança não dormia, com a coqueluche, estava inchada e, com cinco dias de tratamento... Cinco dias, não?

— Cinco, sim, senhor: uma colherinha dagua no café.

— Está melhorando. E dorme bem, não?

— Ainda tosse, mas não tanto como tossia.

— Vê? D. Julia concordou. E seu marido? A cabrocha encolheu os hombros.

— Esse é que está no mesmo, coitado!

— Mas... e coçando o queixo com frenesi: tem feito o que eu disse?

— Tenho sim, senhor.

— E donde vem essa agua? perguntou D. Julia.

— Da caixa; é agua da caixa, mas impregnada de fluidos superiores.

— E cura?

— A senhora não está ouvindo? O mulato,

porém, chamou-o, e os dois ficaram cochichando; mas o apostolo mostrava impaciencia e logo tornou á velha: A senhora deve hoje experimentar a sessão intima. Nós, aqui fóra, não trabalhamos, oramos apenas; para os trabalhos superiores temos outra sala. Para a senhora entrar basta que se filie a um dos grupos que constituem a Confederação. Paga a mensalidade e recebe um cartão permanente, podendo vir todas as noites concorrer para a grande obra santa da regeneração. É a primeira vez que assiste a uma sessão?

— É, sim senhor.

— E nunca trabalhou particularmente?

— Não senhor.

— Minh'ama tem medo, explicou Felicia.

— Medo! exclamou o homem corcoveando. Medo de que? E, superiormente: tenha medo dos vivos, minha senhora, que nos impellem ao peccado, concorrendo para a perdição da nossa alma; mas dos puros espiritos, que nos regem, que nos illuminam, que são os nossos conselheiros, desses não deve ter medo porque só baixam ao mundo para fazer o bem. Chegou-se muito á D. Julia e continuou, com mysterio: Quantas e quantas vezes tem a senhora seguido os bons conselhos de um espirito protector? Vai a senhora praticar um acto e ouve uma voz intima que lhe aconselha a desistir da idéa inspirada pelo Mal. Dizem: é a consciencia. Engano, affirmou, categorico: é o espirito superior que nos inspira. Nin-

guem observa. Os incredulos procuram explicar taes factos com razões absurdas. Observe, minha senhora, observe, e ha de convencer-se de que a vida na terra é dirigida pelos espiritos que formam as legiões de Deus. Os mortos governam os vivos. Para o verdadeiro espirita a morte não é um motivo de afflicção. Porque choram tanto os que vêem sahir o enterro de um parente ou de um amigo? porque o perdem, não é verdade? Com o espirita não se dá tal, porque elle sabe que os mortos não se ausentam: respondem ao appello dos que ficaram em penitencia na vida e demoram-se com elles, conversando, aconselhando, como se vivos fossem. É uma consolação: a mãi continúa a viver com o filho, a esposa continúa a sentir a presença do esposo. Ha a eterna alliança espiritual. Não ha doutrina mais consoladora! suspirou, com os olhos em alvo.

— Minh'ama entra, affirmou Felicia.

— Pois sim, concordou resignadamente a velha e, emquanto o homem foi procurar o livro de inscripções, ella interrogou a negra:

— Fala com franqueza: tu contaste o que se deu lá em casa?

— Não contei, minh'ama; toquei nisso uma vez, na rua, mas não disse com quem era. Disse que estava muito triste porque tinha acontecido uma coisa com uma pessoa da minha amizade, mas não disse o nome de vosmecê, nem o de nhá Violante. Elle sabe tudo, vosmecê pensa?! só ven-

do. Elle não adivinha, são as almas que contam. Vosmecê ainda não viu nada, com o tempo é que vosmecê ha de vêr. O homem acenou á D. Julia — estava junto da mesinha, inclinado sobre um livro. Logo que a viuva chegou poz-se a falar:

— Aqui tem, minha senhora: póde escolher um grupo á vontade: *Circulo Espirita Conciliação, Sociedade Espirita Allan Kardec, Grupo Espirita de Maria Nazareth...*

— Este, disse a velha, impressionada com o doce nome da Mãi de Jesus. O homem perguntou-lhe onde havia nascido, em que anno, onde residia. Ella respondia em murmurio, d'olhos baixos. Lembrando-se, porém, de que não levava dinheiro, balbuciou, timida, vexada: Eu não vim prevenida...

— Não faz mal... e entregando-lhe a penna: Pagará depois... Tenha a bondade de escrever o seu nome. Curvou-se e lançou tremulamente o nome diante da cifra 2.811. O homem deu-lhe um cartão com friso d'ouro, para que ella assignasse, explicando que — «Onde quer que se apresentasse com aquelle cartão, seria reconhecida e aceita como obreira da regeneração da Humanidade.»

E falou em medico, pharmacia, dieta, enterro, emquanto passava o mata-borrão sobre as linhas escriptas. Depois, mostrando-lhe o corredor da esquerda illuminado, disse: «Estão provando os mediuns lá dentro. Depois a senhora irá commi-

go». Mas houve um rumor na sala das sessões intimas, e o mulato, escancarando a porta, declarou: «Que podiam entrar.»

— Vamos, convidou o apostolo. E a negra, inclinando-se, segredou á ama:

— Agora é que vosmecê vai vêr.

A sala das sessões intimas, ao contrario do que imaginára D. Julia, «um lugar escuro e triste», era clara e alegre, forrada de um vistoso papel de ramagens miudas, illuminada por seis bicos de gaz, respirando por duas janellas largas. Quadros santos ornavam as paredes e, por traz da mesa, á qual se havia sentado o mesmo velho indolente e acalorado que presidira á prégação, inclinava-se um grande quadro com o retrato de um homem em tamanho natural. Os crentes apinhavam-se. As duas mulheres só conseguiram achar lugar na quarta fila. D. Julia sentou-se justamente ao lado da mocinha que esmolára para os irmãos enfermos.

Todas as physionomias tinham uma expressão sinistra; os olhos brilhavam com desusado fulgor, os peitos offegavam, e, de quando em quando, suspiros subiam de um ponto, doutro angustiadamente. A velha senhora, emquanto o apostolo conversava com o presidente, poz-se a examinar a sala, como á procura da passagem por onde deviam entrar os espiritos invocados.

Felicia, attenta, com os olhos na mesa, mal respirava e a mocinha, nervosa, irrequieta, movia-se na cadeira, esfregava as mãos, estalava os dedos, numa visivel anciedade; por vezes, toda ella estremecia, a cabeça descahia-lhe, os olhos ficavam esgazeados, como em espasmo.

D. Julia começava a sentir a communicativa influencia daquelle bando de allucinados, a fascinação vencia-a. Voltando a cabeça, encontrava os olhos de uma mulher immoveis, de um brilho vitreo, ou via uma negra cabisbaixa, araviando palavras surdas. De repente um homem gemeu num arranco: «Não posso! Jesus, meu Senhor», e continuou murmurando, a bater no peito com as mãos fechadas. O ambiente tornava-se abafadiço — subia um calor de rescaldo tresandando a suor e a morrinha.

— Minh'ama está vendo?

— Estou. O homem continuava resmoneando. O seu halito quente chegava em bafos á nuca de D. Julia, e a sua murmuração punha um zumbido constante na sala. Ao fundo, a criança da coqueluche rompeu a tossir, e houve um *ci ci* de acalento, até que o apostolo annunciou: «Que estava aberta a sessão.» Os crentes accommodaram-se e o velho, com pronunciado accento hespanhol, dirigiu um appello aos irmãos, que se achassem dispostos para o trabalho.

De um canto levantou-se um homemsinho magro, livido, d'olhos fundos, a barba crescida, ves-

tido com pobreza e descuido. Todos os olhares seguiam-no com interesse, e elle passava apertadamente, d'esguelha, por entre os devotos, limpando as mãos a um grande lenço vermelho de barra florida.

«É o irmão Canêdo», disseram. O homem sentou-se, de costas para a assembléa, impoz as mãos á mesa, fechou os olhos, apertando muito as palpebras, e quedou, como adormecido, dominado por todos aquelles olhares fixos, que o envolviam em fluidos.

Subito, entrando em crise, atirou violentamente a cabeça para traz, sorvendo um hausto, poz-se a tremer e, com a voz enfraquecida de um moribundo, disse: «Que a paz do Senhor seja comvosco!» Correu um sussurro por toda a sala e o homem, sob o prestigio das forças espirituaes, poz-se a falar, aos arrancos, propheticamente, com phrases laceradas:

«Muitos dos que aqui se acham, conheceram-me emquanto andei nesta vida de torturas...»

O apostolo interrogou:

«Quem és? Quem foste na vida inferior?»

E o homem, sahindo da concentração, declarou:

«Que se chamára Amaral. Fôra do Correio...» e, pausadamente, soturnamente, agoniado, poz-se a falar da revolta de setembro, lamentando a carnificina, as depredações, as vinganças, os attentados covardes, a tristeza das viuvas, o aban-

dono dos orphãos. O apostolo interrompeu-o:

— Dize-nos alguma coisa que nos aproveite. Estamos aqui reunidos, anciosos pelas palavras edificantes dos que gozam a graça de sentir a presença de Deus. Illumina-nos. Mas o homen continuou no mesmo tom plangente, detendo-se em pausas afflictas, a lamentar o sangue derramado, a miseria, os incendios, as violações, até que estatelou inerte, numa somnolencia molle, acordando, de repente, espantado, como estranhando achar-se entre tanta gente. Esfregou os olhos e levantou-se cançado, voltando ao seu lugar, no fundo da sala.

Antes mesmo que o apostolo o chamasse, um mulato abaçanado, alto, de musculos herculeos, ergueu-se, com um olhar de inspirado, offerecendo-se. Aceito, dirigiu-se para a mesa, impoz as mãos immensas e, d'olhos fechados, tacteando, respirava com força, aos bufos, como um potro exhausto. Abria, de repente, os olhos, bambaleava-se, batia pancadas seccas com o pé, espalmava as mãos na mesa, com os dedos muito abertos.

A mocinha, que não tirava os olhos delle, empinou-se nervosa, suspirou e deixou-se cahir na cadeira derreando a cabeça sobre o respaldar.

«Que a paz do Senhor seja comvosco!» disse gravemente o colosso com uma voz cheia que rolou tonitruosamente, seguindo-se-lhe o «Amen» de todos os contemplativos. E, á maneira dos prophetas biblicos que, no tempo da subversão moral do povo eleito, andavam de cidade em cidade

annunciando os castigos de Iahvé, começou a discorrer sobre o Bem e o Mal, mostrando que o beneficio na terra é um deposito cujo lucro se recebe no céu e que o peccado é uma lepra que corróe a alma e, como se sobre elle houvesse baixado o espirito clamoroso de Isaias, as suas palavras eram fortes, lembrando as do propheta e reboavam abalando aquellas almas vibrateis.

E como a mocinha, num impeto, se puzesse de pé, retorcendo os braços, rilhando os dentes, com um surdo, arrancado arquejo, rebolindo-se em colleios serpentinos, D. Julia agarrou-se á Felicia, sussurrando com medo:

— Vamo-nos embora. Isto está-me fazendo mal.

— Porque, minh'ama?

— Vamos.

— Nós agora não podemos sahir. Como é que vosmecê quer passar?

— Paulo póde ter chegado.

— Vosmecê não falou com elle?

— Sim, mas não quero entrar muito tarde.

— Agora falta pouco, minh'ama. O mulato continuava a falar em tom soturno, repetindo versiculos biblicos. Subito calou-se, retesando-se, com os braços rijamente fincados na cadeira, a respirar com esforço. O apostolo acalmou-o, chamou-o e elle abriu os olhos e foi caminhando para o seu lugar, ainda a tremer. Foi então chamada a mocinha.

Ao vêl-a caminhar para a mesa, como uma victima que seguisse para o supplicio, abatida e pallida, D. Julia lastimou-a: «Coitada!» Devia ter a idade de Violante.

Que grande mágoa a arrastaria, tão moça, áquelle mysterio! Que consolação iria ella pedir, tão cedo, aos espiritos bemfeitores? Não haveria na immensa alegria da terra balsamos para os seus tormentos para que, tão criança, se refugiasse no templo da Morte? Coitada!

Logo que se sentou, os crentes, que a conheciam e respeitavam, moveram-se com interesse. Segredava-se, murmurava-se e o apostolo pediu a todos que se concentrassem em oração afim de que viesse em visita ao gremio, por intermedio da irman Clarinda, um espirito perfeito.

A mocinha, com as mãos estendidas, abria e fechava os olhos — a sua respiração ralava e um convulsivo tremor sacudia-a aos arrancos. No silencio attento e pavido da sala ouvia-se-lhe o ranger frenetico dos dentes. Dobrou-se toda em arco.

Subito, num impeto, como se lhe houvesse passado por diante dos olhos uma visão horrivel, ergueu-se hirta, com os braços duros e, num arremesso, rugindo, como em crise epileptica, arrojou-se para traz cahindo com a cadeira.

Homens e mulheres acudiram — levantaram-na rigida, os olhos immensamente abertos, fitos e desvairados. O apostolo, vendo-a naquelle estado, poz-se a falar com brandura, tentando dominar o

mau espirito que a possuia. Sentaram-na. Ella parecia dormir, livida, desfigurada, com o suor a escorrer-lhe ao longo das faces.

— Como te chamas? interrogou o apostolo.

— Não sei! rugiu abafadamente a inspirada.

— Queres guardar segredo; pois seja feita a tua vontade. Dize-nos, ao menos, se na existencia que deixaste foste homem ou mulher?

— Mulher!

— E conheceste a irman em que te encarnaste? A mocinha acenou affirmativamente com a cabeça, arfando. Tinhas com ella alguma ligação de parentesco?

— Não.

— De amizade?

— Sim.

— E porque a fazes soffrer tanto?

— Ella não soffre.

No mesmo instante, porém, com outro arranco, rolou por terra escabujando e rugindo. O assombro tocára o auge em toda a sala — ninquem ousava aproximar-se da infeliz victima da possessão maligna. Foi o apostolo quem se adiantou solicito, levantando-a carinhosamente e obrigando-a a sentar-se.

— Descança... descança. Ha, talvez, aqui alguem cuja presença não te é agradavel.

— Sim! exclamou a mocinha, atirando um murro á mesa.

— Quem é?

— Não posso dizer.

— Porque?

— Não posso! regougou, debatendo-se.

— Adianta-nos, ao menos, alguma coisa. Quem assim te irrita está comnosco, ainda encarnado, ou já subiu para a região pura dos espiritos?

— É um espirito.

— E paira sobre nós?

— Sim...

— Irmão Canedo, disse o prégador com solemnidade, ponha-se em communicação com o espirito que paira sobre nós para que possamos estabelecer a concordia entre as duas almas irmans.

O nomeado acercou-se da mesa, concentrou-se e entrou a falar com doçura: «Que não tinha odios... que perdoava...» Mas á pergunta do apostolo: «Se era homem ou mulher?...» e, á resposta do medium: «Que era mulher...» a mocinha ergueu-se e, espumando, com os olhos muito abertos, declarou num grito: «Mentes»! D. Julia, profundamente emocionada, rompeu num pranto nervoso, baixando a cabeça sobre o collo. Lembrava-se de Violante. Que seria della? onde andaria? Aquelle incidente abalou-a, não pelo soffrimento da victima passiva, mas pelo destino da filha. Pobresinha! Sem poder conter-se poz-se de pé chamando a negra imperativamente:

— Vamos, Felicia.

A negra levantou os olhos — duas lagrimas rolaram.

— Agora não, minh'ama.

— Então, fica: eu vou só.

— Como é que minh'ama quer sahir? Pois vosmecê não está vendo que ainda não acabou?

— Pois sim, mas eu não espero mais. E, decidida, a pedir licença, foi-se esgueirando, apertadamente. Os crentes olhavam-na revoltados, murmurando. A negra, vendo-a sahir, seguiu-a. O apostolo foi-lhes ao encontro, muito affavel, acompanhando-as ao corredor:

— Então já, minha senhora?

— Sim, senhor. Não posso demorar-me mais.

— A senhora vinha para uma consulta, devia ter experimentado. Mas volte amanhan, mais cedo. Eu faço uma sessão especial.

— Sim, senhor. Não levantava os olhos molhados, caminhando direito á porta, como para fugir; e Felicia seguia-a contrariada, meneando com a cabeça.

— Vou invocar um espirito forte e, amanhan, talvez lhe possa dizer alguma coisa. Não deixe de vir. Estendeu-lhe a mão, todo zumbrido, a sorrir.

— Sim, senhor. Até amanhan.

— Boa noite, minha senhora. A grande sala da prece estava em penumbra e deserta. Felicia adiantou-se para guiar a viuva que procurava o corrimão da escada, quasi em trevas.

— Devagarinho, minh'ama.

Desceram lentamente, caladas. Na rua, ao ar da noite fria, D. Julia respirou alliviada.

— Então, minh'ama?

— Ora, Felicia... deixa-me. Não sei onde é que tens o juizo. Se eu soubesse que era para isso...

— Vosmecê está aborrecida?

— Ah! não... não hei de estar. Cançar-me para vêr patacoadas.

— Vosmecê não esperou...

— Não esperei... Esperar o que? Parou na sombra e, baixinho, em tom severo: Olha, eu creio em Deus, creio no seu poder e na sua misericordia... Ninguem é mais crente do que eu, mas não posso admittir essas coisas. É por essas e outras que anda, por ahi, tanta gente maluca. Vamo-nos embora.

— Minh'ama está zangada commigo?

— Não, não estou zangada comtigo, tu crês. Eu é que aqui não ponho mais os pés.

— Por que, minh'ama?

— Eu?! Isto até devia ser prohibido. É porque a policia não sabe.

— Ah! não fale assim, minh'ama.

Ella insistiu:

— Devia sim, devia ser prohibido. Olha, se eu tiver de encontrar Violante, hei de encontral-a. Ha de ser o que Deus quizer. Ella ha de lembrar-se de mim, porque tem coração, mas aqui?! aqui... nunca mais!

— Se vosmecê tivesse fé...

— Qual fé! Olha, eu te digo: pensei que sa-

hisse daqui muito mais impressionada, e saio só com pena daquella pobre moça. É mais uma que elles estão preparando para o hospicio.

— Ah! minh'ama... vosmecê tambem...

— Tu has de vêr. Queira Deus que eu me engane.

— Então vosmecê pensa que é ella só?

— Não sei, mas essa moça não acaba bem.

Desciam vagarosamente a rua da Carioca quando um grande vento passou levantando a poeira. As duas mulheres detiveram-se, de cabeça baixa, colladas á parede, com as saias espadanando. A lua mostrou a sua livida face num circulo de grossas nuvens negras, como no fundo de um poço e, aqui, ali, no vasto céu tenebroso, estrellas faiscavam.

— Felizmente não chove, disse D. Julia.

— Só lá para o meio da noite, augurou a negra, enrolando a trunfa que se desfizera.

VIII

Eram nove horas da manhan quando D. Julia foi bater á porta do quarto do filho, chamando-o. Paulo levantou-se de mau humor.

— Que é, mamãi?

— Está ahi o cobrador da casa.

— Que historia! Diga-lhe que eu vou levar o dinheiro, que ainda não recebi.

— Por que não falas tu mesmo? Eu tenho tanta vergonha...

— Vergonha de que? Tambem a senhora tem vergonha de tudo. Que espere um pouco; eu não hei de inventar dinheiro.

— E a joia? perguntou ella baixinho.

Paulo resmungou:

— Hontem não foi possivel, tive muito que fazer. Vou hoje.

A velha afastou-se e Paulo, deitando-se de novo, a fumar, recapitulou o desastre da vespera: quasi todo o dinheiro perdido ao jogo, num só numero, o 28. Como sahir daquelle aperto? A quem recorrer? Não lhe lembrava o nome de um amigo, de um conhecido. Como derradeira e unica esperança occorreu-lhe o do velho Fabio. Não tinha coragem de o procurar. Se lhe escrevesse? Mamede levaria a carta. Com tal idéa voltou-lhe a calma, serenou como se já houvesse recebido a quantia e, assobiando, saltou da cama, sentou-se á mesa e poz-se a redigir uma carta afflicta referindo-se, com grandes queixas, á Violante «unica culpada daquelles embaraços em que se viam».

O pedido era de duzentos mil réis e, accrescentava, mentindo, que: «tendo conseguido um emprego vantajoso, no mez proximo saldaria o debitô, ficando eterna a gratidão». Animado, vestiu-se, fechou a carta na gaveta e passou á sala de jantar. D. Julia, sentada á mesa, serzia uns pares de meias e, quando o viu apparecer, disse-lhe lentamente, sem levantar os olhos:

— Olha, Paulo, vai vêr esse dinheiro; o homem ficou aborrecido.

— Aborrecido, pôr que? não dei fiador? Que espere!

Foi ao banho e, tomando apenas uma chicara de café, vestiu-se sahindo para a estalagem. Mamede recebeu-o sorrindo e, como elle

lhe falasse da carta, poz-se immediatamente á sua disposição.

— Vosmecê quer esperar a resposta aqui ou na cidade?

— Como quizeres.

— Aqui é melhor.

— Pois sim.

— Eu vou num pulo. Vestiu-se ás pressas e prompto, com um bengalão debaixo do braço, despediu-se, dizendo, a rir: Eu sei que vamos ter scena; aquillo é agarrado que nem ostra, mas manda, para vosmecê elle manda, affirmou convencido, a enrolar um cigarro. Então até já, nhôsinho.

— Até já, Mamede. Deixou-se ficar a um canto, e, vendo um velho almanach em cima da mesa, tomou-o, poz-se a folhear as paginas amarellecidas e rotas, procurando anecdotas. As lavadeiras, em zaragalhada, chalravam, cantavam, batiam a roupa, ao sol; pequenos, em fraldas de camisa, empinavam papagaios. Na casa contigua uma machina de costura estrepitava e a voz rouca de um homem cantarolava amores. Ritinha, que não apparecera, pouco depois do mulato haver sahido, perguntou do fundo da casa:

— O senhor quer uma chicara de café?

Paulo estremeceu á voz da rapariga e, sorrindo, respondeu vagaroso:

— Não sou pobre soberbo.

E, entre os dois, com a cortina de permeio, travou-se um curto dialogo.

— E o senhor que fugiu daqui!?

— Não...

— Por que não tem apparecido?

— Trabalhos.

— Faço idéa!

— Palavra. Estou com os estudos.

— Então não póde tirar uma hora, ao menos, para vêr a gente?

— Vontade não me falta.

E, folheando distrahidamente o almanach, sorria.

— Gosta com muito assucar?

— Não muito.

Soaram passos no corredor e Ritinha, afastando a cortina, passou o braço roliço offerecendo a chicara de café. O estudante, não lhe podendo vêr o rosto, perguntou:

— Está com vergonha de mim?

— Eu, não.

— Então por que não apparece?

Um risinho infantil foi a resposta, mas, pouco depois, o rosto risonho da mulata mostrou-se, com os olhos muito pretos e vivos, a boca vermelha e humida entreaberta descobrindo os dentinhos brancos que reluziam.

— Quem é bonita como a senhora não se esconde.

— Bonita! eu? coitada de mim! Quem perdeu a boniteza para eu achar?

Paulo tomou a chicara e poz-se a chuchurrear

o café lentamente, sorrindo para a mulata que se bambaleava dengosa.

— O senhor mandou Mamede muito longe?

— Ao Engenho Novo.

— Nossa Senhora! Fazer o que?

— A negocio...

— Negocio...! e esticou o labio carnudo, mordendo-o depois, com um sorvo, d'olhos faceiramente revirados. Por fim, derreando a cabeça, num quebranto, esticou o braço para receber a chicara; o rapaz fitou-a abrasado. Que é que está me olhando? deixe vêr a chicara. Paulo ardia em volupia. Adiantou um passo, ainda indeciso, hesitante, com medo. Ella baixou os olhos fingindo-se distrahida; de repente, como se o houvessem impellido, achou-se no corredor, face a face com a rapariga. Ella encolheu-se, collada á parede, os braços cruzados como a defender o collo; estava em mangas de camisa, com uma saia de ramagens.

— Que é isto? O senhor está doido!? exclamou arrepiada, retrahindo-se. Paulo ficou a contemplal-a, sem uma palavra, tremulo, farejando o cheiro sensual que se desprendia daquella carne viçosa e ardega. Adiantou-se com a humildade de um vencido, balbuciando tremulamente: — Ritinha.

— Que é? fez ella, toda languida, d'olhos humidos, inclinando a cabeça sobre o hombro nú, muito liso. Elle estendeu a mão, ella curvou-se,

arisca, encolhida: Olhe Mamede...! não se fie. Elle, ás vezes, diz que vai aqui, ali e, quando menos se espera, apparece. Dobrou-se, agachou-se, fazendo-se pequenina, evitando as mãos que a procuravam. Não faça isso... colleava e ria, nervosa. Não brinque assim... Eu quebro a chicara. De repente, muito séria, murmurou: Olhe que podem vêr... Essa gente da estalagem é muito bisbilhoteira. Paulo, porém, insistia e a mulata, a torcer-se com as cocegas, ás gargalhadas nervosas, amollecia. Fique quieto... Fique quieto...

A chicara rolou tinindo. Fóra, o canario cantava estridulamente e estalava a roupa que as lavadeiras batiam.

Mamede, logo ao entrar, alagado em suor, atirando o chapéu para cima da mesa, irrompeu contra o velho: «Que era um cigano, um unhas de fome, um malcriadão.»

— Olhe, nhôsinho, eu não fiz uma estralada naquella bibóca por causa de vosmecê. A minha vontade foi mandar a testa nos queixos daquelle sujo e varrer aquillo tudo a pé. Mas Deus é grande! Está agora cheio de empáfia, um porcaria que eu conheci pindahyba que nem tinha um casaco decente para vestir.

— Não mandou...?

— Qual nada! Disse que vai falar com a velha. E não imagina os desaforos que atirou em

cima de vosmecê. E veiu todo o mundo para a sala, e todo o mundo falou, uma porção de mulheres, uma corumbada de metter medo. A sua carta andou de mão em mão, e eu na porta, em pé, debaixo de um sol damnado. Nem, por delicadeza, me mandaram entrar. Aquillo, nhôsinho...! Eu nunca me enganei com aquelle cabuloso. Qual! gente de muita conversa é assim mesmo, não vale nada. Vosmecê escreva: não vale nada. Quem quer dar não faz discurso.

Paulo baixou a cabeça, succumbido, e ficou a retorcer nervosamente o buço emquanto o mulato, já em mangas de camisa, examinava garrafas. Ritinha appareceu:

— Ah! Mamede... que horas! E eu aqui sem almoçar...

— E eu? Quem sabe se você pensa que fui brincar? Pois tira o almoço. Virou, de um trago, o codorio e, passando a mão pelos duros bigodes, disse, pigarreando: Nhôsinho tambem ainda não almoçou.

— Ainda não; mas não tenho fome.

— Não tem fome! Desatou a rir. Está amofinado. Ah! nhôsinho, bem se vê que vosmecê está entrando agora no mundo. Isso é uma canalha! É uma canalha! Quanto mais rico, peior. Não ligue, faça como eu. Se eu me aborrecesse por causa dessas coisas... então... Dinheiro? dinheiro é nada; tenha a gente saude, o mais...

Ritinha, encostada ao umbral da porta, olhava

distrahidamente o céu, muito azul, quando Mamede falou:

— Ó dengues, tira esses troços duma vez que eu ainda tenho que fazer, e é quasi meio-dia.

— Já vou, disse ella, deixando escapar um suspiro.

Á mesa, os tres conversaram alegremente, e Paulo, balançando a perna, encontrou um dos joelhos da mulata, e, durante todo o almoço, sentiu-o, afagou-o voluptuosamente. Refeito e esquecendo a avareza do velho Fabio, decidiu-se a tentar a sorte com o pouco que lhe restava e, distrahindo-se, emquanto Ritinha retirava os pratos e a toalha e Mamede mudava a camisa, assobiando, poz-se a imaginar uma grande sorte, uma repetição, e via os montes de fichas, ouvia-lhes o estrépito e accumulava cartões: Eram plenos sobre plenos, uma fortuna! Tirou do bolso o dinheiro que tinha e, folheando as notas por baixo da mesa, com cuidado de usurario, achou trinta e cinco mil réis; guardou-os, poz-se de pé, mas a mulatinha reteve-o com um sorriso.

— Já quer sahir? Não toma café?

Mamede falou do quarto, em sobresalto:

— Espera um instante, nhôsinho.

— Sim.

Ritinha encaminhou-se para o corredor e Paulo, vendo-lhe os quadris carnudos, que bambaleavam, adiantou-se em pontas de pés, as mãos estendidas; ella parou, como fascinada. Elle ati-

rou-lhe os braços ao pescoço e, mesmo de costas, a mulata derreou a cabeça e as bocas ficaram colladas num beijo muito longo. De repente apartaram-se: ella fugiu surdamente pelo corredor, elle foi ficar á porta, olhando as lavadeiras que, ao longe, com as saias arregaçadas, mostrando as pernas fortes, estendiam a roupa nos coradouros ou em cordas que vergavam.

Um sino soava gravemente ao longe e, percorrendo a estalagem, ao vivo sol, um homem com uma caixa á cabeça, pintada a listas de varias côres, soprava uma corneta fanhosa.

— Prompto! exclamou o mulato sahindo do quarto com umas calças de brim e uma lustrosa camisa de chita. Enrolava um cigarro e, chegando-se muito ao estudante, sussurrou:

— Nhôsinho tem ahi uma de cinco que me empreste até ámanhan? é só até ámanhan. Paulo não teve animo de negar — metteu a mão no bolso, escolheu uma cedula e entregou-a ao mulato. É só até ámanhan, nhôsinho.

— Ora....

— Vosmecê não quiz apparecer mais em casa do Cordeiro? Desconfiou com o *trombone?* Pois olhe: eu, noutro dia, fiz um estrupicio doido no *pequeno*. E estava só dizendo: Ah! se nhôsinho estivesse aqui chamava um cobreira grossa desses manos.

Depois do café sahiram. Paulo, porém, para livrar-se do mulato, despediu-se ao portão, tomando um bonde.

D. Julia passou o dia em torturas, preoccupada com o aluguel da casa. Se um bonde parava perto, logo alarmada, invocava Nossa Senhora, receiando a presença do cobrador, temendo o escandalo.

«Que diriam aquellas mulheres da visinhança, a gorda, principalmente, que ria de tudo?» Dava-lhe maior cuidado a opinião dos visinhos do que o proprio vexame. Resignava-se a todo soffrimento, mas a idéa de ser tida por uma caloteira, amofinava-a. Lembrando-se, porém, do filho, animou-se. Elle, por certo, já entregára o dinheiro á senhoria, e como até á tarde ninguem apparecesse, tranquillisou-se. Até horas altas da noite esteve a pensar, inclinada sobre a commoda, diante dos santos, mas, cedendo á fadiga, deitou-se e adormeceu, acordando de madrugada, em sobresalto, como se houvesse sido sacudida por alguem. O seu primeiro pensamento foi para o filho: «Teria elle entrado? Quem lhe abrira a porta? Felicia...» Levantou-se, foi ao quarto da negra que já enrolava a esteira:

— Paulo veiu, Felicia?

— Não, senhora.

— Não veiu!?

— Que eu visse, não.

Ficou parada á porta do quarto a olhar. Era a primeira vez que o filho pernoitava fóra. Que teria acontecido?

— Hein, Felicia?

— Senhora...

— Paulo... Quem sabe se aconteceu alguma coisa...?

— Qual o quê, minh'ama. Nhônhô é moço, ficou com algum companheiro.

— Não...

Apprehensiva, deixou-se estar á porta do quarto, pensando.

— Homem não tem perigo, minh'ama.

Sem responder, a velha foi caminhando para a sala. Lembrava-se do desapparecimento de Violante. Que fatalidade era essa que assim lhe ia levando os filhos, um a um? Que grande crime teria ella commettido para que Deus a condemnasse a tão duro castigo? Abriu com cuidado a porta do quarto do filho e espiou: a cama estava feita, com os lençóes muito esticados, alvejando. «Que teria acontecido, Deus do céu!» E entrou, com olhares pelos cantos, como se procurasse alguma coisa.

Aquella companhia do Mamede dava-lhe cuidado. Conhecia-o bem. No tempo do fallecido volta e meia era um recado, um pedido: porque o mulato fôra preso num barulho ou apanhado numa casa de jogo. Duma feita, deixando um homem por morto, com uma navalhada, respondera a jury, sendo absolvido á força de empenhos, que até politicos haviam trabalhado por elle. E Paulo que o não deixava! Vão vêr que andou por

ahi com o perdido. Suspirou. «Qual! Deus não tem pena de mim...»

Eram onze horas quando bateram á porta. Felicia não estava, tinha ido á venda. D. Julia estremeceu: «Quem será, meu Jesus...» Espiou por entre as rexas da rotula e empallideceu reconhecendo o cobrador da casa. Para evitar o escandalo abriu a porta, convidou-o a entrar, muito vexada, dizendo «que o filho sahira para receber.»

O homem mirou-a sacudindo o berloque da corrente.

— Mas eu não posso estar a fazer esta caminhada todos os dias, minha senhora. Ante-hontem a senhora disse-me que seu filho iria levar-me o dinheiro: não foi... Francamente, isto já parece caçoada.

— Tenha paciencia; a vida está hoje tão difficil...

— Ah! sim...

— Elle vai hoje; talvez já tenha ido.

— Eu é que não volto cá; diga-lhe isto mesmo. E, com um risinho mau: Começa bem, não ha duvida: logo no primeiro mez. Ao sahir, declarou: Que iria ter com o fiador se até a tarde não recebesse o dinheiro.

— Tenha paciencia, meu senhor.

— Passe bem.

Deu as costas e foi resmungando. D. Julia ficou como suffocada e, fechando a porta, ati-

rou-se ao sofá, soluçando. Cahindo a noite sem que houvesse noticia de Paulo, numa resolução desesperada, ella foi á caixa em que guardava as joias e poz-se a escolher algumas para levar ao penhor. Quaes haviam de ser? Tinha o crucifixo de ouro, velha reliquia de familia, que fôra de sua mãi; beijou-o e, veneradamente, pôl-o de parte, sobre o travesseiro. Tomou uma medalhinha esmaltada — os «olhos de Santa Luzia», figas de coral, de azeviche, que as crianças haviam usado contra o quebranto; depois uma grossa pulseira, dois anneis com pedras, uma fivella de ouro e a medalha do fallecido com o monogramma a brilhantes. Mirou-a muito tempo, com remorso, sopesou-a, abriu-a: em cada uma das faces, sob laminas de vidro, enroscava-se um annel de finos cabellos louros: eram dos filhos; retirou-os e, fechando a medalha, suspirou. Felicia acabava de limpar a cozinha, quando ella a chamou, dizendo: que iam sahir. A negra encarou-a, espantada:

— Paulo não apparece, não sei por onde anda e eu não quero esse homem da casa aqui todos os dias. Vou empenhar umas joias e, como não conheço as ruas...

— Se fôsse de dia a gente podia ir ao Monte de Soccorro, mas de noite, só nessas casas. Minh'ama quer ir assim mesmo?

— Vamos.

A negra foi vestir-se e, pouco depois, sahiam

muito juntas, conversando tranquillamente. Felicia não conhecia as casas de penhores e esteve a dar voltas pelo Largo do Rocio, atarantada, a olhar, até que resolveu perguntar a um homem que lhe indicou uma travessa, mostrando-lhe a casa illuminada. A negra, que deixára D. Julia á espera, junto ao theatro, correu a buscal-a.

— Vamos, minh'ama. A velha seguiu-a, muito timida, evitando os transeuntes, cosendo-se com a parede até que alcançaram a casa. É aqui. Vosmecê entre; eu espero na porta. D. Julia entrou, mettendo-se em um dos cubiculos. Ao lado falavam, era um murmurio vago de palavras indistinctas, pronunciadas como no mysterio da confissão. Um subito receio gelou-a: «E se o homem, vendo-a tão pobre e com aquella joia rara, tomasse-a por uma ladra?!»

Tremula, poz-se a desembrulhar a medalha e foi com um fio de voz que respondeu á pergunta: «que precisava de quatrocentos mil réis.» O homem retirou-se com a medalha e, á luz, abriu-a, examinou-a detidamente, virando-a, revirando-a, sacudindo-a na palma da mão; pesou-a numa pequena balança, depois, tornando ao balcão, disse seccamente:

— Duzentos mil réis.

— Só!? exclamou a viuva espantada.

— Os brilhantes são muito pequenos.

— E trezentos?

— Duzentos.

E ia deixando a medalha quando ella suspirou resignada:

— Leve. Os senhores não têm pena da gente.

O homem retirou-se e ella, sentindo fortissimas agulhadas nas pernas, encostou-se ao tabique e ficou a olhar a parede fronteira cheia de relogios — uns parados, outros trabalhando, quadros, vasos artisticos em peanhas, um oratorio de jacarandá, com um fundo azul de céu. Eram os refens da miseria que ali se juntavam, eram as alegrias do pobre que ficavam captivas pelo pão e pelo remedio, e ella pensava em outros infelizes, quantos! soffrendo mais do que ella, por esse mundo vasto e descaridoso.

Sentindo que empurravam a porta do cubiculo voltou-se assustada e viu um velhinho engelhado, com um embrulho debaixo do braço. O intruso atrapalhou-se, murmurou uma desculpa e passou adiante. O homem appareceu com um livro para que ella assignasse: tomou da penna e, tremulamente, deixou o nome, a rua e o numero da sua casa. Esteve ainda algum tempo á espera até que elle reappareceu com a cautela e o dinheiro.

Felicia esperava á porta, a olhar os carros estacionados junto á calçada.

— Então, minh'ama?

A velha murmurou caminhando:

— Duzentos mil réis, Felicia, por uma medalha que custou ao velho uma fortuna. Eu sei: elle viu-me assim pobre... E suspirando: E eu que

contava levar todo o dinheiro de que careço... Nem chega para te pagar. Tem paciencia até o principio do mez, quando eu receber do Thesouro.

— Não faz mal, minh'ama: eu tendo para o meu fumo...

— Agora se precisas de alguma coisa...?

— Não, senhora; eu vou-me arranjando. Quando vosmecê receber.

— Pois sim. O que eu quero é ficar livre daquelle homem. Não sei dever, não está em mim: fico que só Deus sabe. E Paulo não se emprega. Não sei que ha de ser de nós. Ámanhan, bem cedo, has de levar o dinheiro á senhoria.

— Sim, senhora. Mas vosmecê não se amofine, minh'ama: Deus é muito grande!

— E Paulo? Onde andará? Pois então aquelle menino não sabe que sou doente? Como é que sahe assim sem dizer uma palavra? Isto até parece um castigo de Deus. Pois eu nunca fiz mal a ninguem...

— Não é só minh'ama que soffre.

— Ora o quê! mas como eu tenho soffrido, Felicia?!

— Deus é grande! Mais tem elle p'ra dar, minha ama.

Quando chegaram á casa a visinha, que cantarolava á janella, disse «que o moço estivera ali muito tempo, batendo». As duas mulheres ficaram perplexas.

— E para que lado foi, minha senhora? perguntou a velha.

— Elle subiu. Creio que tomou um bonde.

— E agora, Felicia?

— Elle volta, minh'ama.

Effectivamente, como se rondasse perto, á espreita, pouco depois dellas haverem entrado, Paulo bateu. D. Julia apressou-se e, vendo-o, illuminou-se-lhe o rosto. Longe de o recriminar recebeu-o contente, sorrindo. O estudante, deixando o chapéu sobre a mesa, sentou-se esparramadamente no sofá, abrindo os braços no encosto:

— Com certeza já estava afflicta com a minha demora?

— Ah! não... não havia de estar.

— Pois eu andei na lida: a procurar a senhora minha irman.

— E então?

— Qual! Um companheiro do Mamede, machinista da Estrada, disse que a vira em Mendes, com um estrangeiro. Fui lá. Effectivamente encontrei uma moça muito parecida com ella, um pouco mais cheia. Entrou no quarto e declarou desanimado: Qual! aquella não apparece tão cedo, se apparecer... O velho Fabio esteve aqui, mamãi?

— Não. Porque?

— Avarento! rosnou reapparecendo em mangas de camisa.

— Estiveste com elle?

— Não, senhora. Escrevi uma carta pedindo-lhe uma quantia para não empenhar o broche; respondeu que viria trazer o dinheiro á senhora.

Riu com sarcasmo, repoltreando-se no sofá, com as pernas muito abertas.

— E não empenhaste o broche?

— Que remedio! O dinheiro está ahi. Deu pouco: cento e cincoenta. Pois é verdade, derreou-se atirando palmadas ás coxas: o nosso amigo Fabio é um excellente conselheiro. Em conselhos chega a ser perdulario. Quando eu lhe dizia...

— Elle tambem é pobre, coitado!

— Então para que vive a arrotar grandezas? O homem da casa voltou?

— Esteve ahi.

— E então? ameaças, desaforos...

Ella conteve-se, suspirando; por fim disse:

— Ah! meu filho, nós não podemos continuar a viver assim. Não imaginas a minha vergonha. E meiga, fitando-o: Sabes onde fui com Felicia? Fui empenhar uma joia. Não apparecias...

— E empenhou?

— Então?

— Não faça mais essas coisas, mamãi; a senhora devia ter esperado. Não é vergonha dever.

— Pois sim, mas... é commigo que elles se entendem, sou eu que ouço os desaforos. E tu não te lembras dos visinhos? essas mulheres, então, que não sahem da janella. Não, assim é melhor. Vamos agora trabalhar, cada um por seu

lado. As joias não me fazem falta: não saio. Lá ao menos estão seguras.

— Sim, mas vencendo juros.

— Ora! mais vale a minha tranquillidade.

Paulo accendeu um cigarro e poz-se a medir a sala a largas passadas, meditando. D. Julia indagou: «Se já havia jantado?»

— Jantei na cidade.

— Então chegaste hoje?

— Ha pouco.

Ficaram algum tempo calados. Elle, numa alegria transbordante, cantarolava, assobiava, d'olhos altos, as mãos para as costas, indo e vindo. A mãi atreveu-se a perguntar:

— Nunca mais foste á policia?

— Para que? Perder tempo? Um agente com quem falei pediu-me logo dinheiro. Estou farto de gastar dinheiro com essa sucia.

— Então é assim?

— Se é...! Sentou-se e falou vagarosamente, em tom de certeza: Para mim Violante não está no Rio, foi para S. Paulo ou para a Europa, quem sabe? Vamos nós tratar da vida. Já perdi muito tempo. Este anno foi-se, não alcanço mais os collegas, mesmo não tenho cabeça para estudos, assim como ando. Não quero mais saber de jornaes: são noites perdidas, aborrecimentos, por uma ninharia. Se eu pudesse conseguir a cadeira de historia no externato Meirelles... O diabo é que ha mais de vinte candidatos.

Soprou uma baforada e, vendo a mãi curvar-se a esfregar a perna, gemendo, quiz saber se estava sentindo alguma coisa.

— Tenho soffrido muito nestes ultimos dias. É da humidade... e hoje andei tanto!

— Eu tambem não tenho passado bem: dôres de cabeça, fastio... É fadiga. Tambem, com a vida que levo não é para admirar: não paro.

— É, precisas ficar um dia em casa descançando.

— Pudesse eu! suspirou encaminhando-se para o quarto. Mamãi póde arranjar-me uma chicara de café?

— Sim.

A velha levantou-se pesadamente e foi devagar, claudicando, a amparar-se pelas paredes do corredor. Paulo entrou no quarto, deu mais luz ao gaz e sentou-se á beira da cama, esfregando as mãos. Esteve algum tempo a sorrir seguindo um sonho. De repente levantou-se, ficou junto á mesa, a olhar a pasta de oleado que rebrilhava. Tomou o collete, o casaco e poz-se a esvasiar os bolsos tirando cedulas amarfanhadas, em bolos.

Para não ser surprehendido fechou a porta á chave e tirou das algibeiras das calças dois gordos maços de notas, abriu-os, poz-se a contal-os: achou seiscentos e vinte mil réis. Separou cento e cincoenta, embrulhou-os cuidadosamente com a cautela do broche e deixou-os na gaveta. Depois de guardar o resto do dinheiro sentou-se na ca-

deira e, fincando os pés na parede, poz-se a balançar-se com os olhos no tecto, pensando:

Fôra covarde abandonando a sorte, devia ter ficado para outra banca: só a repetição do 20 déra-lhe trezentos e cincoenta mil réis; devia ter continuando, augmentando o jogo. Tivera palpite de jogar o maximo na repetição do 20, mas começaram a falar — «que o numero estava mau, que a banca estava de sorte.» Escarapelou-se, aborrecido. «Qual! quem joga não deve dar ouvidos á opinião dos outros... Vão para ali *peruar*, com inveja de quem ganha, e é isso... Podia ter sahido com uma fortuna.» Deixando pousar a cadeira, tomou um lapis, poz-se a fazer calculos, sommando lucros phantasticos. Era a sua mania.

Se comprava bilhetes, imaginando tirar a sorte, distribuia a fortuna, não em sonho vago, mas escrevendo parcella á parcella, a empregar o dinheiro: tantos contos para um predio, edificado a seu gosto, entre pomar e jardim, num arrabalde tranquillo; tantos para moveis d'estylo, objectos d'arte, alfaias, livros. Uma parte para a acquisição de propriedades que lhe dariam segura renda, o resto em conta corrente, num banco. Até o dia seguinte vivia regaladamente daquella illusão, gozando a vida repousada e farta dos ricos, com amantes caras, um grupo de amigos para os saraus de litteratura e arte, e a fortuna a multiplicar-se com a facilidade avassalladora com que as sementeiras crescem nos campos, alargando-lhe

ainda mais a ventura. No dia seguinte, quando percorria a lista desanimadamente, procurava o final, já com o sonho desfeito, contentando-se com o mesmo dinheiro que lhe dava a esperança de poder, na loteria seguinte, alcançar a sorte desejada.

Com a roleta, porém, «eram mais seguras as probabilidades». Conhecia um rapaz que dissipava, a mãos rotas, como um millionario. Tinha as melhores amantes, vestia-as com fausto, cobria-as de joias. Diziam que a sua casa, nas Laranjeiras, era como um palacio de lenda: bronzes raros, telas preciosas, tapetes mais altos que relvas viçosas, moveis antigos, armas authenticas e carro na cocheira e cavallos de raça, com tratadores inglezes.

Gastava como um nababo, só á custa da roleta e do dado, porque os premios que os seus parelheiros levantavam mal cobriam as despezas com o trato, com o aderenço, com os jockeys.

O seu ideal era viver como o Junqueira, o impassivel Junqueira que, com um charuto na boca, balançando a perna, perdia dezenas de contos com a mesma serenidade, com a mesma superior indifferença com que estourava as bancas em dias felizes. Afinal — com quanto entrára? com vinte mil réis, tendo perdido dez na espelunca do Cordeiro.

Não tornava áquelle antro, onde se falava uma algaravia impenetravel e o ar era todo fumo e

despejados bafos d'alcool. A gente era uma canalha; capoeiras, gatunos, até um Castro, por alcunha o *Faisca,* que era dos mais assiduos, sempre obsceno, e bravateador, mostrava navalhas celebres, entre ellas, uma mais querida, de lamina gasta, que rasgára ventres. Não lhe convinha aquillo.

Falar com o Junqueira era até *chic,* porque sempre o via em boas rodas, mas comprimentar qualquer daquelles typos do antro, era uma vergonha que o comprommettia. Na outra casa eram todos homens limpos, rapazes collocados, de nome; eram relações que ficavam e serviam; depois a banca era outra. Decidia-se e havendo calculado uma diaria modesta de quinhentos mil réis — coisa facil — levantou-se feliz, esticou os braços e poz-se a cantarolar. Bateram á porta. «Entre!» disse, sem lembrar-se de que a fechára á chave. Empurraram.

— Está fechada, disse a velha.

Elle correu a abrir. D. Julia entrou com o café.

— Toma, emquanto está quente; e deixou-se cahir na cadeira, cançada. Elle bebia o café a pequenos sorvos.

— Mamãi já pagou á Felicia?

— Ainda não. O dinheiro que tenho mal chega para a casa. E ella bem precisa, coitada!

— Eu tenho algum, disse elle com superioridade.

— Pois sim. E affirmou com enternecimento:

Olha, meu filho, como essa não achamos outra: não é uma criada, é uma amiga. Quanto mais vou conhecendo o mundo mais me affeiçôo á pobre velha. Outra fôsse ella e andaria por ahi a resmungar, de trombas, mas não: é sempre a mesma e p'ra tudo.

— É uma boa velha, isso é, concordou.

— Eu é que sei, que vivo com ella.

— Pois se quer o dinheiro...

— Não te faz falta?

— Não, senhora.

Abriu a gaveta, contou trinta mil réis e, com o pacotinho em que tinha guardado os cento e cincoenta e a cautela do broche, entregou-os á mãi. Ficou um instante parado a contemplar o dinheiro que reservara, mas teve um movimento de bondade: tomou uma nota de cincoenta e deu-a á velha.

— Isto é para a senhora.

Ella abriu muito os olhos, espantada.

— Onde arranjaste? Foi o Fabio?

— O Fabio...! Riu escarninho. Que idéa! Recebi no jornal, explicou, numa inspiração instantanea.

— Mas tu podes precisar, meu filho.

— Fico com o bastante, descance.

— Olha lá!

— Ora, mamãi, eu faço cerimonias com a senhora?

— Está bom, obrigada. E que Deus te proteja.

— Amen!

IX

Deitado, d'olhos fechados e amollecido de fadiga, Paulo não poude conciliar o somno, recordando todas as peripecias do jogo. Estava ainda sob a impressão intensa da sorte que tantos commentarios provocára. O proprio Junqueira, sempre indifferente, lamentára que elle «não soubesse aproveitar o seu dia». Se houvesse carregado teria levado a banca á gloria. Tal idéa irritava-o. Esmurrava a mesa, fazendo e desfazendo calculos. Chegou a sentar-se na cama para recomeçar as sommas, os calculos de fortuna, Ritinha, porém, surgiu-lhe na lembrança.

Mamede andava infeliz, pedia-lhe dinheiro, deixava-o só com a rapariga horas e horas, como se a entregasse, e ella, sempre risonha, toda se lhe rendia, dengosa, retribuindo-lhe os beijos, falando-lhe em tom de queixume, d'olhos amorte-

cidos, languida. Não, aquillo não podia continuar. O melhor era tomar um commodo ali perto, na Lapa; o mulato que se arranjasse! e riu, antegozando a victoria daquella traição. Demais, Ritinha já lhe havia confessado que não gostava de Mamede — vivia com elle por viver; era um bruto, principalmente quando bebia. Ás vezes entrava em casa cambaleando, nojento; e eram sempre amofinações, desassocego, vergonhas: gente á porta a reclamar dinheiro, ameaças de denuncias, rusgas com os visinhos, um inferno! Não era homem para ella.

Voltou-se na cama, com um travesseiro entre os braços, fechou os olhos e ficou a balançar a perna, gozando a tepidez dos lençóes. Como seria feliz se ella ali estivesse, muito chegada ao seu corpo, enlàçando-o com os braços, excitando-o com a humidade quente da sua boca, falando-lhe baixinho, em arrulho amoroso, toda delle, núa e insaciavel, fazendo-se pequenina, mimosa, para que elle a levantasse, beijasse, despertando-a do torpor lubrico em que ficava, com um sorriso parado, os olhos enlanguecidos, os braços abertos e abandonados, os peitos empinados, rigidos de sensualidade...

O mar estourava d'encontro ás pedras do cáes, e, de quando em quando, com um rumor que crescia e morria, tiniam campainhas de bondes.

Adormeceu por fim e teve sonhos bizarros. Acordou, de repente, pensando em ladrões. Abriu

muito os olhos na treva, poz-se a tactear procurando a caixa de phosphoros: sentia gente no quarto, ouvia passos surdos, distinguia vagamente um vulto junto á porta. Riscou um phosphoro e, ao tremulo vislumbre relanceou espavoridamente o olhar pelo aposento: a porta estava fechada. Para maior segurança levantou-se, deu volta á chave. Lá fóra só havia o estrondo das ondas. E impaciente, ancioso pela manhan, querendo desforrar-se da timidez da vespera, suspirou rolando na cama que o seu corpo aquecia.

Eram dez horas da manhan quando acordou com a cabeça pesada, como se houvesse bebido copiosamente na vespera. Pareceu-lhe ouvir vozes na sala. Levantou-se, pé ante pé, encostou-se á porta, cujos vidros tinham uma empanada de metim vermelho, e reconheceu a voz esganiçada do Fabio. Murmurou entre dentes: «Canalha!» e ficou á escuta, muito interessado.

D. Julia defendia-o: «Que sim, ella mesma lembrára aquelle recurso. Elle estava desempregado, fizera grandes despezas, por isso, coitado! recorrera a um amigo. A quem havia elle de pedir?» O velho interrompeu-a: «Pois sim, mas porque não fôra elle mesmo ao Engenho Novo? Não — mandára Mamede, um vagabundo...»

— Vergonha, compadre.

— Qual vergonha! Orgulho, tolices...

— É vergonha, compadre. Depois do que aconteceu elle tem vergonha de apparecer a todos

os conhecidos. Eu mesma, o senhor vê? eu mesma não procuro ninguem, metto-me no meu canto, curtindo calada os meus desgostos. Deixe lá, compadre! suspirou enclavinhando as mãos. Paulo mal distinguia os dois vultos como sombras levemente esfumadas numa tela. Rilhava os dentes — o seu desejo era escancarar a porta, entrar arrebatadamente na sala, atirar-se ao velho ás bofetadas.

Parecia um senhor a reprehender uma escrava. Revoltava-se contra a paciencia humilde de D. Julia — entendia que ella devia repellir o idiota. Repentinamente o coração bateu-lhe com força — chegou-se mais á porta: a velha rejeitava o dinheiro que o compadre offerecia.

— Não, obrigada; sempre é uma divida e eu agora não sei quando poderei pagar. Elle arranjou. Houve um silencio. Orgulho? Pobre de mim! se eu dantes não tinha, quanto mais agora. Elle arranjou, palavra!

— Então... resmungou o velho.

E Paulo, satisfeito, ria acenando com a cabeça, a applaudir. Endireitou-se, com as mãos nos rins, cançado da posição que mantivera. Sentou-se á mesa com muito cuidado e, tomando o lapis, recomeçou os calculos pensando em numeros da roleta. Longe, a sereia de um paquete reboava soturnamente. Ficou a encher de sommas as folhas de papel rabiscadas até que ouviu a porta da rua guinchar e a voz do Fabio, a des-

pedir-se. Pouco depois D. Julia bateu no vidro, chamando-o.

— Já vou. Enfiou apressadamente as calças e, em mangas de camisa, arrastando umas velhas chinelas, sahiu do quarto, dizendo logo, com odio: Veiu falar de mim, essa besta...

— Não, não falou.

— Eu ouvi tudo, mamãi.

— Ficou aborrecido porque mandaste o Mamede.

— Sim, elle queria que eu fosse para prégar-me um dos taes sermões. A senhora fez bem em não aceitar o dinheiro. Que o guarde, não precisamos de esmolas. Pensava, sem duvida, que iamos morrer á mingua. A mim é que elle não engana. E foi entrando para a sala de jantar.

O dia estava ennevoado e triste, o ar frio picava. Paulo, a olhar o quintalejo, esfregava os braços voluptuosamente e, quando Felicia appareceu com o café, sentou-se trincando o pão com appetite. Cantavam na visinhança e a voz, fresca e aguda, vibrava em trillos alegres. Onde estão os jornaes?

— Em cima da mesa, disse Felicia do corredor.

Estavam debaixo de umas velhas camisas que D. Julia remendava. Paulo sentou-se na cadeira de balanço e, de pernas cruzadas, poz-se a lêr as folhas. As camaxirras chilreavam no jardim visinho e o sol, rompendo as nuvens escuras, brilhou um instante, mas foi esmaecendo e, de novo, o dia

entristeceu e esfriou. Com os olhos nas columnas dos jornaes Paulo não via mais que manchas — o seu espirito estava longe. Por vezes demorava um instante nos periodos — aqui, num telegramma; ali, numa local: mas outra nuvem passava e lá volvia elle aos castellos do sonho, á fortuna, ao amor — ganhando á banca, torcendo-se de volupia, vendo pilhas de fichas ou os olhos negros, irrequietos de Ritinha, amortecendo em deliquio sensual, sumindo-se sob as palpebras tremulas que se uniam frementes como as azas das borboletas amorosas. Atirou longe os jornaes e levantou-se bocejando alto, a estrincar os dedos.

— Que dia funebre!

— É volta de tempo. Amanhan é lua nova, explicou a velha limpando os oculos.

— Está frio. E, lentamente, esfregando as mãos, foi caminhando para o quintal. Onde está a toalha, Felicia?

— Na corda, nhonhô.

D. Julia sentou-se junto á janella e, tomando as velhas camisas, poz-se a examinal-as vagarosamente. E ali ficou, numa curta felicidade, esquecida da sua magua, como se nada houvesse perturbado a tranquillidade de sua vida modesta e mansa.

Esses instantes eram rapidos e raros. Ás vezes, cosendo, distrahida, entoava baixinho modinhas tristes, mas voltando-lhe a lembrança da filha, calava-se envergonhada como se ali houvesse

um morto ou se o dia fosse de respeito, como os da Semana Santa. A alegria passava fugitivamente por aquelle coração ferido, como a sombra duma ave rasteja nagua de uma lagoa triste. Quando o filho reappareceu já a encontrou na tortura.

— Viste na *Gazeta* o suicidio daquella moça?

— Não, senhora.

— Dezoito annos! suspirou baixando a cabeça ao peso dum pensamento doloroso. É duma coisa assim que eu tenho medo. E levantou os olhos que brilhavam humidos por traz das lentes dos velhos oculos. É mesmo, meu filho. Foi uma loucura, mas sabe Deus se, a esta hora, ella não está arrependida por ahi. É por isso que eu não durmo.

— Ora, mamãi... Está a senhora a gastar cêra com ruim defunto.

— Para que falas assim!

Fitou-o reprehensiva e já as lagrimas rolavam-lhe dos olhos, grossas e compridas, cahindo nas velhas camisas que ella amontoára ao collo, quando Paulo, encolhendo os hombros, resmungou:

— Está bom...

— Deixa! o chôro allivia-me.

— Mas mamãi ha de passar toda a vida chorando?

— E achas que posso viver alegre?

— Mas isso aborrece.

— Aborrece... Aborrece por que? Eu não te-

nho o teu coração. Vivo aqui sósinha e, quem me faz companhia, ainda assim, é ella.

— Violante?

— Então?

— Pois sim...

— Agradece a Deus esse genio. És indifferente, não te importas. Eu não sou assim. Que hei de fazer? A culpa não é minha.

Estavam os dois conversando quando Felicia entrou na sala, a correr, espantada como se houvesse visto algo de sobrenatural. Paulo encarou-a.

— Que é?

A negra resmungava, com os olhos cravados no corredor da cozinha; poz-se depois a examinar o vestido, a esfregar os braços; e respirou largamente.

— Que tens, Felicia? perguntou D. Julia, descançando os oculos na costura.

— Que coisa, minh'ama! Esta casa não é direita — e meneou com a cabeça lentamente. Não é direita, não. Já não é a primeira que me acontece.

— Que foi? indagou o estudante.

— É alma, nhonhô. Eu ouço voz: chamam por mim, puxam o meu vestido. Outro dia, eu estava estendendo roupa no quintal, e ouvi um gemido sahindo do chão, como de uma pessoa enterrada. Fiquei toda arrepiada, com os cabellos em pé, e corri para dentro. Estava batendo meio-dia.

— Tu estás malucando, rapariga; disse Paulo com indifferença.

— Malucando... Eu só queria que vosmecê ouvisse. Esta casa não é direita, repetiu d'olhos baixos, fazendo com a mão um gesto negativo. Não é direita... Queira Deus que seja maluquice minha; e vagarosamente, receiosamente, foi caminhando para a cozinha. Uma chuva miuda, peneirada, batida de vento, entrava pela janella, orvalhando o oleado da mesa. Paulo desceu a vidraça, murmurando contra aquelle tempo inconstante. O céu estava completamente encoberto, não havia mais esperança de sol, e o mar, enfurecido, estrondava d'encontro ao cáes.

— Vais sahir com este tempo?

— Que remedio!

— Mas almoças primeiro?

— Almoço.

Recolheu-se ao quarto e, com a toalha humida pelos hombros, esfregando as mãos, ficou a pensar no jogo que devia fazer. Antes, porém, podia dar um pulo á estalagem: promettera um presente á Ritinha; ao mesmo tempo resolveriam sobre a mudança, traçando o programma amoroso da vida em commum, num cantinho que elle mobilaria com gosto, onde poderia passar parte das noites gozando os carinhos dengosos da mulata. Poz-se a assobiar, indo e vindo no acanhado aposento, até que ouviu uma badalada de sino. Meio dia! Ficou espantado e, ás pressas, como se effe-

ctivamente tivesse negocio urgente a resolver, atirou longe a toalha e poz-se a vestir-se azafamadamente. Ainda atava a gravata, quando abriu a porta e bradou: «Olhe o meu almoço, mamãi.» Á mesa, preoccupado, mastigava machinalmente, d'olhos parados, balançando as pernas. D. Julia notou-lhe a distracção.

— Tu não estás aqui, Paulo.

— Senhora!? exclamou elle, surprehendido, como se houvesse sido despertado de uma modorra.

— Estás tão distrahido...

— Pensando na vida.

— Pois sim, mas come descançado. Essa comida, assim, não sustenta. Ha tempo para tudo.

— Ha agora um concurso na Secretaria do Exterior, disse abruptamente — estou com vontade de entrar. Baixou os olhos e, com os cotovelos fincados na mesa, a cabeça nas mãos, ajuntou: Só assim eu me veria livre desta canalha. Somos nós dois apenas... D. Julia olhava, sem comprehender o que elle dizia. Mamãi não tem vontade de vêr a Europa?

— Eu? sahir daqui? Deus me livre! Que vou eu buscar na Europa?

— Ora, que vai buscar... Pois eu ando a pensar nisso. A diplomacia foi sempre o meu ideal. Que futuro tenho eu aqui?

— Pois não estás estudando medicina?

— Ora, medicos ha-os por ahi aos centos, pedindo empregos publicos. Não vale a pena perder

seis annos em uma Academia para andar, depois, atraz de ministros, implorando um lugar de amanuense. Demais, com essa historia de Violante, não tenho coragem de voltar á Faculdade. Emfim...

Levantou-se, foi á janella olhar atravéz dos vidros embaçados.

— Deus me livre de sahir daqui, resmungou D. Julia, raspando da toalha umas migas de pão. Não abandono minha filha, isso nunca!

Uma scena estranha, que se passava á porta da cozinha, levou a attenção dos dois para aquelle ponto. Felicia, ajoelhada na soleira, á chuva, a cabeça derreada, os braços muito abertos, em cruz, olhava enlevadamente o céu, a chorar. De instante a instante atirava pancadas ao peito e suspirava, agoniada. Os dois olhavam embasbacados, e a negra, sem dar por elles, continuava naquelle extase, suppliciando-se.

— Que tem Felicia, mamãi?

— Não sei.

— Essa rapariga não anda boa.

— Parece que, com a morte do filho, a coitada ficou soffrendo.

— De que morreu elle?

— Morreu na revolta. Dizem que foi degolado. Era marinheiro.

— Felicia! bradou o rapaz. A negra voltou a cabeça, espantada, e, vendo-o, levantou-se e desappareceu. Elle foi á cozinha, já a encontrou junto

ao fogão, enrolando a trunfa. Que historia é essa, Felicia? Fizeste alguma promessa? perguntou a rir.

— Não ria, nhonhô... Vosmecê é muito criança ainda, está começando a viver. Não ria, não.

— Mas que tens tu?

— Que é que eu tenho? Eu sei, meu senhor? Olhe, nhonhô, explicou com mysterio, chegando-se muito ao rapaz, para que elle lhe ouvisse bem as palavras: a gente está aqui e está lá — não é a alma dos outros que vem, é a alma da gente que vai. Quem morre descança, quem está vivo é que vai mexer com os mortos. O cemiterio é como uma casa de maribondos: vosmecê passando quieto, os bichinhos não mordem, mas bolindo... e curvou-se, arregalando muito os olhos, a fitar o rapaz. Eu fui bolir... concluiu, encolhendo os hombros com resignação.

— E os maribondos cahiram em cima de ti...

— É, sim senhor. Paulo não conteve o riso e, rindo, tornou á sala.

— Que tem ella? perguntou D. Julia.

— Disse que os mortos são como os maribondos... Foi bolir com elles e não a deixam.

Depois da sahida de Paulo, D. Julia, que logo atinára com a causa da «maluquice» da negra, foi ter com ella e poz-se a dar-lhe conselhos. «Que se deixasse de espiritismo. Não acreditasse na-

quellas comedias, visse o exemplo das outras. Se quizesse fazer alguma coisa pela alma do filho, mandasse rezar uma missa. Aquillo era uma exploração, uma vergonha que a policia devia prohibir.»

A negra protestou, defendendo a sua crença:

— Não! minh'ama, desculpe, mas vosmecê não tem razão; antes de eu ir lá era peior: — não podia dormir; ainda agora eu descanço. Vosmecê não tem razão. Eu sei que meu filho vem me buscar, e minha ama pensa que eu tenho medo? não senhora. Se fosse elle só eu ficava contente, mas é que, atraz delle, vêm muitos e são maus, querem a minha perdição; desses é que eu tenho medo. Se eu dissesse a vosmecê os conselhos que elles me dão, vosmecê havia de dizer que eu estava variando. Desses é que eu tenho medo, desses sim.

— Mas não te mettas mais com aquella gente, confia em Deus, entrega-te a Nossa Senhora. Tu não soffres mais do que eu: perdeste teu filho, e eu?

— Nhá Violante está viva, póde voltar... e Damião?

— Está com Deus.

— Qual, minh'ama, isso é o que a gente diz.

E as duas continuaram ainda conversando.

X

Paulo, chegando ao largo da Carioca, avistou Mamede num grupo, á porta do Café Paris. Lembrou-se de Ritinha: estava só, podia ir vêl-a com segurança. O mulato não déra por elle — lá estava a falar, com largos gestos, sacudindo as abas de um cavour cinzento. Era cedo para o seu jogo, tinha tempo de chegar á estalagem — e foi caminhando para a rua da Carioca. Passou um bonde apinhado, com as cortinas esvoaçando, e Paulo, hesitante, com receio de ser pilhado pelo mulato, já seguia para a esquina, a espial-o, quando o viu passar, apressado, entrando na rua da Uruguayana. «Ia para o Cordeiro...» pensou, mas, para certificar-se, seguiu-o á distancia, e só descançou quando o viu enveredar para a rua da Conceição. Podia ir tranquillo porque, ainda perdendo, Ma-

mede só deixava a batota quando o banqueiro suspendia o jogo. Ficava *peruando*, a filar cigarros, esperando um amigo, um conhecido, que lhe emprestasse uns cobres e, quando sahia, a pretexto de negocios, era para ir para a rua do Ouvidor, *pescar* alguma coisa para tentar a desforra.

Entrou na confeitaria, escolheu doces, frutas e, tomando um tilbury, mandou tocar para a rua do Riachuelo. Para o jogo era cedo, raros seriam os pontos áquella hora. Ás vezes o Junqueira, para matar o tempo, arriscava-se a bancar o dado. A roleta só funccionava á noite.

A estalagem estava enlameada, com pôças fundas, mas, apezar da chuva, o trabalho proseguia: as lavadeiras lá estavam, dobradas sobre as tinas, cantando e esfregando a roupa. A machina do alfaiate trepidava com furia e, sob uma coberta de zinco, um velho amolador, em mangas de camisa, pedalava com lentidão, afiando um machado. Antes de chegar á casa de Ritinha, ouviu-lhe o riso vibrante: tinha visita. Esteve um momento parado, protegendo os embrulhos sob o guarda-chuva, mas, não querendo despertar a coscovilhice daquella gente, entrou no pequeno jardim, e, abrigado sob a latada, que gottejava, pediu licença.

— Quem é? perguntou a mulata.

— Mamede está?

— Oh! é o senhor? entre. Então precisa pedir licença? Mamede não está, mas é o mesmo. Appareceu á porta, risonha. Uma crioula gorda, com

a cara esfuracada pelas bexigas, levantou-se vexada, cumprimentando-o. Ritinha apresentou-a: D. Castorina. É quem cose para mim. Fomos visinhas muito tempo. Sente-se — e offereceu uma cadeira ao estudante. Bom tempo aquelle! relembrou saudosa. Qual! eu ainda volto para aquella casinha, disse com a cabeça pendida, alisando mollemente os cabellos. Tola fui eu em ouvir cantos de sereias... Podia estar muito bem. A crioula arregalou os olhos e, sorrindo, acenou affirmativamente. A senhora não imagina como eu tenho saudades daquelle lugar, a gente vivia independente, á sua vontade, não era isto! e esticou um beicinho desprezivel. Não nasci para morar em cortiço. A gente tem casa e não tem: volta e meia é um visinho pedindo uma coisa e outra... A senhora pensa? o que elles querem é metter o nariz na vida da gente. Commigo não! Eu passo por soberba, mas tanto se me dá como se me deu. Bom dia, boa tarde e acabou-se. Eu, não. A senhora não acha? A crioula sorriu, já de pé, concordando:

— Ora! não ha como uma casa: custa mais um pouco, mas a gente está socegada. E despediu-se desculpando-se: «Tinha ainda umas voltas...» Estendeu a mão ao estudante e as duas caminharam para a porta, onde ficaram algum tempo cochichando, á risota.

— Cuidado com a lama. Vejam como está isto. parece um chiqueiro.

E a crioula, abrindo o guarda-chuva, com a saia arrepanhada, despediu-se:

— Adeusinho! Appareça.

— Sim.

Voltando-se repentinamente, a mulata fitou o estudante com um olhar malicioso.

— Então, como vais?

— Eu, bem; e o senhor?

Paulo foi buscal-a á porta, enlaçou-a pela cinta, beijou-a. Ella recebeu-o com indifferença, deixando-se levar mollemente.

— Estás zangada? perguntou o rapaz sentando-a nos joelhos.

— Eu, não; por que?

— Estás assim tão fria...

— Como queria o senhor que eu estivesse?

— Tu não és assim...

— Eu danço conforme tocam, disse baixando a cabeça.

— É porque não tenho apparecido?

— De certo.

— Se soubesses como tenho andado atrapalhado.

— Faço idéa...! Já acharam sua irman?

— Qual! Escuta, disse elle, evitando o assumpto: Pensaste no que te propuz?

— Que foi? Não me lembro.

— Vivermos juntos.

Olharam-se longamente, por fim a mulata meneou a cabeça.

— Não. Tudo quanto o senhor quizer, menos isso.

— Por que?

— Porque não.

— Gostas mais de Mamede? Ella conservou-se calada, retorcendo a renda do casaco. Fala.

— Não é por isso.

— Então por que é? Ella deu d'hombros. Fala.

— Não sou mulher para o senhor.

— Por que?

— Ora... porque!... O senhor bem sabe. E, d'olhos baixos, com a voz arrulhante: A gente dá um passo desses, depois arrepende-se e quem soffre é a mulher. Olhe, uma companheira minha, por nome Belmira, vivia com um moço empregado na Estrada de Ferro. Elle não lhe dava luxo, porque não podia, mas não lhe faltava nada. Um dia, por uma coisa atôa, brigaram e Belmira, que já andava de namoro com um mocinho como o senhor, deu um ponta-pé no seu homem e foi para a companhia do outro. Viveram bem durante um anno, mas o moço formou-se e foi para a terra delle promettendo voltar e a coitada ficou para ahi com uma filhinha, sem um pão para comer. Não...

— E pensas que eu sou capaz de fazer o mesmo comtigo?

— Ora! eu sei o que são enthusiasmos... e esticou o braço para a mesa: Que é que tem nesse embrulho?

— Frutas e doces.

— Para mim?

— Para quem hão de ser? Mas vamos ao nosso caso: Queres ou não?

— Não. Voltou rapidamente a cabeça. Mas o senhor não vem aqui quando quer?

— Venho.

— E então?!

— Quero que sejas só minha! exclamou apertando-a com frenesi.

— Isso é lambança. Que tem uma coisa com outra?

— Tem muito.

— Qual nada! tomou o embrulho ao collo, desfel-o separando os dois que vinham unidos. Palpou-os e, sentindo as frutas, rasgou o papel. Assim até tem mais graça e quando o senhor me enjoar póde dizer adeusinho... E, arregaçando faceiramente o labio, com a cabeça pendida, trincou uma pera.

— Então decididamente não queres?

— Olhe, quer saber? a coisa de que eu tenho mais medo neste mundo é barriga. Deus me livre! Se eu fosse como muitas que ha por ahi, isso sim, mas eu! Eu, se tiver um filho, não o ponho na roda — mal ou bem hei de crial-o, o pouco que eu tiver ha de chegar para elle. Não quero que Deus me castigue por causa de maluquices. Se vier...

— E Mamede?

— Ah! Mamede é da minha côr, não terá vergonha do meu filho, mas com um moço branco como o senhor... Não! Amanhan encontra uma moça bonita, quer casar... e Ritinha que se aguente no balanço.

— Má!

— Má, porque?

Encararam-se e elle, apertando-a, ameaçou-a:

— Pois eu venho aqui todos os dias!

— Póde vir, comtanto que Mamede não saiba...

— Que saiba! pouco me importa.

— Isso não, que eu não quero scenas commigo. Se o senhor tivesse uma moça por sua conta gostava que ella recebesse outro homem? Não, o direito é o direito. E para que? Olhou-o e, vendo-lhe os olhos abrasados, desatou a rir, resmungando: Hum! até faz medo á gente... Nossa Senhora!

— Pois eu já tinha apalavrado um commodo.

— Eu não moro em commodos.

— Por que?

— Não gosto.

— Pois eu vejo uma casinha.

— Não quero, já disse. Que teima!

— Mas quero eu! rugiu Paulo, apertando-a com furia, procurando-lhe sofregamente a boca humida que ella desviava encolhendo-se, a rir. Encontraram-se, por fim, os labios e Ritinha, vencida, derreou a cabeça, retesando a gorja. Os

braços penderam-lhe flacidamente, foram-se-lhe os olhos fechando... Subito, porém, como se a ardencia do estudante se lhe houvesse communicado, correndo-lhe as veias, agitando-lhe os nervos, lançou-lhe os braços ao pescoço e enlaçou-o. Desprendendo-se, offegante, com a boca entreaberta, levantou-se. Paulo correu á porta e ia fechal-a, quando ella avançou, retendo-o:

— Está maluco!? Pensa que essa gente não viu o senhor entrar? Deus me livre! Logo mais estava tudo nos ouvidos de Mamede. Não, deixe a porta assim mesmo.

— E se elle vier?

— Qual! elle não vem agora, está no jogo.

— Isso sei eu que o vi passar para a casa do Cordeiro.

— Pois então?

— Mas póde apparecer por ahi.

— Qual nada! Só á noite.

Tomou outra pera, mas Paulo arrancou-lh'a da mão.

— Deixa-te disso agora.

— Que é que tem?

— Ora!

Ella abandonou a fruta sobre a mesa, elle beijou-a.

— Olhe, eu digo ao Mamede que o senhor esteve aqui antes que elle saiba por algum desses intrigantes. Não quero historias commigo.

— Pois sim.

Eram quatro horas da tarde quando Paulo, com um ultimo beijo, disse adeus á Ritinha. Chovia e a estalagem triste, de uma desusada tranquillidade, com as compridas cordas gottejando e oscillando ao vento, as tinas abandonadas, os coradouros vasios, parecia deserta. Dois pequenos, agachados á beira de uma sargeta, impelliam para a correnteza barquinhos de papel; gallinhas muito murchas, encolhidas a um canto, tiritavam encharcadas.

Á porta de uma casinha uma robusta mulher, encostada ao umbral, uma das mãos engastando o queixo, olhava, com melancolia, o céu carregado, cinzento, sem esperança de sol. Adiante, em outra casinha, a familia jantava. O homem, já grisalho, em mangas de camisa, á cabeceira da mesa, os braços muito abertos, as bochechas cheias, todo derreado sobre o prato, devorava. Um pequenote, balançando as perninhas escalavradas, espremia o bolo de feijão; a mulher, magra, triste, comia lentamente, com ar enfastiado. De pé, na penumbra, ao fundo, uma rapariga ruiva, com um prato sob o queixo, chupava talhadas de laranja, chuchurreando tão alto que se ouvia de fóra, e um cão negro, sentado, com as orelhas attentamente fincadas, olhava o homem, á espera de algum bocado.

Meninos, com as calças arregaçadas, chapinhavam sordidamente na lama, aos gritos. Entrava

gente — um velho mascate, muito curvado ao peso da grande caixa; um vendedor de phosphoros, com o taboleiro suspenso á altura do ventre, coberto por um encerado; operarios, com as suas ferramentas, e, á porta da venda, que communicava com a larga entrada da estalagem, em tunnel, havia um ajuntamento: homens de pé, outros sentados em pedras, fumando, conversando.

Fóra, ao portão, um garoto apregoava os jornaes da tarde. Cães morrinhentos dormitavam pelos cantos e, defronte, num sobradinho amarello, uma mulher gorda, com fofos de renda á volta do pescoço, chupava roletes de canna, atirando o bagaço á rua.

Apezar da chuva insistente, Paulo adiantou-se para tomar o bonde mais em cima, receiando que Mamede o encontrasse ali áquella hora. O bonde estava enlameado e, com o bater das cortinas, iam-lhe ao rosto friissimos respingos. Era cedo, talvez, para o jantar. Repentinamente um escrupulo assaltou-o: «Não, não ia jantar á batota para que o não tomassem por um parasita; tinha dinheiro bastante para pagar-se um bom jantar, bem regado e silencioso. Detestava as conversas da tavolagem: eram sempre, os mesmos assumptos triviaes — mulheres e sorte á banca, caprichos da roleta ou dos dados e fantasias de cocottes ou, então, a reles politica, recapitulações de artigos de fundo, com os commentarios imbecis dos criticos da rua do Ouvidor.

Só o Junqueira sabia conduzir a palestra para as largas regiões da intelligencia, e quando apparecia o Aurelio Mendes, autor do *Incréo,* romance macabro, vivido em éras obscuras, com alchimistas e bruxas, que era uma critica subtil aos costumes contemporaneos, então apontavam idéas, resoavam phrases, rebrilhavam imagens, explodiam paradoxos. Mas Aurelio andava adoentado e raramente subia á roleta, passando os dias no Laemmert, a folhear brochuras ou na Bibliotheca, pesquizando, escavando assumptos para novellas e poemas.

Foi jantar ao Globo. Comia tranquillamente, olhando as gravuras de uma revista ingleza, quando descobriu, em uma mesa fronteira, dois rapazes que trocavam segredos, olhando-o. Sentiu todo o sangue affluir-lhe ao rosto e, nervoso, carrancudo, chamou o criado e pediu uma garrafa dagua mineral. Os rapazes continuavam a sorrir e Paulo, a mais e mais perturbado, acompanhava-lhes os movimentos, mirando-os de soslaio. Uma gargalhada estourou, elle recebeu-a em cheio, como uma affronta; o proprio criado, correndo com a garrafa de Seltz, a perguntar-lhe se queria gelo, tinha nos labios um sorriso escarninho.

Era delle que tratavam e aquella zombaria ligava-se, com certeza, á fuga da irman. Algum daquelles rapazes conhecia-a, era, talvez, o seu amante, e ria-se, narrando, sem duvida, ao com-

panheiro, factos miudos da vida domestica que lhe relatára Violante — as brigas, as ameaças e, finalmente, a fuga naquella noite agreste.

Mal encetou a costelleta que pedira, rejeitou a sobremesa e foi mais por vergonha do criado, que se serviu de um pouco de queijo. Pagou e sahiu, atordoado, como perseguido pelo clamor de uma vaia. Canalhas! rosnou, descendo a escada.

A chuva jorrava torrencial e com muito vento. Ficou no botequim do pavimento terreo, abancou a uma mesa, pediu café e cognac, e quedou acabrunhado, os olhos ao longe, a pensar, com odio, nos rapazes, desejando um desforço, uma vingança ruidosa. Canalhas! Lançou os olhos ao relogio — eram cinco e meia, e estava escuro como se fosse noite. Que havia de fazer com aquelle aguaceiro? Revoltou-se contra o tempo; parecia um castigo e, como para justificar-se perante Deus, poz-se a murmurar, passeiando pela mesa o seu calice de cognac: «Se fosse por vicio... Arranjasse eu um emprego... mas que hei de fazer?» Calou-se, mas intimamente continuou a allegar as suas razões: «Achasse eu um bom lugar... Como hei de manter a casa? A culpa não é minha, bem que eu tenho procurado — negam-me sempre: que não ha vagas...» e, convencido daquelle sonho, como se effectivamente houvesse andado a implorar em vão, indignou-se contra os politicos, uns mediocres, que só queriam imbecis, com medo de ser supplantados: «Pulhas!»

A esperança refugiou-o no jogo. Subito os dois rapazes appareceram, rindo, e era delle que riam — haviam-no avistado. Pagou e levantou-se impetuosamente, sem que os rapazes dessem pela sua furia.

Fazia um frio de inverno e, com as refregas de vento, a chuva penetrava, gelada, borrifando as mesas mais proximas da porta. Ouvia-se o gorgorejo dagua, que golfava das gargulas, formando enxurradas. Tilburys passavam á pressa, as gotteiras rufavam nos guarda-chuvas.

O botequim enchia-se de gente, que entrava a correr, fugindo á borrasca — uns, limpando os casacos, mettiam-se para o fundo, procurando lugar ás mesas; outros ficavam pacientemente á porta, esperando uma estiada.

Paulo não se atrevia a sahir e começava a impacientar-se, quando viu vir um menino, a correr, rente com a parede, a procurar refugio. Chamou-o. O garoto levantou a cabeça e deteve-se, com a chuva a bater-lhe nas costas, a escorrer-lhe pelo rosto. Paulo offereceu-lhe uma gorgeta, para que lhe fosse chamar um tilbury. O pequeno curvou-se, ganhou a rua de um salto, a correr, logo desapparecendo, abrumado pelo aguaceiro.

Um velho, que se acolhera junto á escada, murmurou, aborrecido: «Que tempo!» e logo outro, refugiado, achando ensejo para desabafo, poz-se a vociferar contra a Prefeitura e os «senhores intendentes», que se abotoavam com o di-

nheiro do povo, «o nosso sangue», deixando as ruas naquelle lamentavel estado. Era uma vergonha! E toda aquella gente, que o temporal prendia, victimas do mesmo supplicio, buscando um derivativo para a colera, rompeu em acrimoniosas censuras contra o governo, lamentando que tão linda cidade fosse assim esquecida, tornando-se um esterquilinio, um fóco de molestias. O velho ousou uma timida referencia ao tempo da monarchia: «Era outra coisa. Havia mais cuidado, isso havia. Mais cuidado e mais respeito.»

— Ora qual! Vem agora o senhor com a monarchia. No tempo da monarchia era peior. Eu tambem de lá venho! berrou um sujeito magro, de pêra, levantando a golla do casaco. A immundicie data de velho tempo e ha de acompanhar o paiz até a consummação dos seculos. É uma praga! Qual monarchia, qual historia!

O velho investiu, nervoso, cruzando os braços sobre o guarda-chuva molhado:

— Era peior, era peior, diz o senhor; mas quanto custava um kilo de carne? um cruzado.

— Á pataca comprei eu muita, e da boa! emendou outro.

— Sim, senhor: á pataca, confirmou o velho: e hoje?

— Mas nós falamos de carne ou da immundicie da cidade, dos maus esgotos?

— De tudo! É tudo uma patifaria! rouquejou o velho. Não temos homens...

— Para que homens?

— Para que?!

— Sim, para que?

— Para endireitarem isto.

— Endireitarem... Homens temos nós de sobra. Quer o senhor saber que é que nos falta?

— É vergonha! é patriotismo...!

— Historias! o que nos falta é dinheiro. Os homens são os mesmos, os vicios são os mesmos, estamos como dantes. Houve apenas mudança de rotulo. Explodiu um «apoiado», e o da pêra repetiu: «É isso... houve apenas mudança de rotulo.» A algazarra crescia no fundo do botequim, ao tinir de copos, ao estourar de garrafas, e um bafio quente vinha de dentro, como de um enorme calorifero.

— Decididamente esta coisa não passa, disse o da pêra, com impaciencia, e abrindo o guarda-chuva, despediu-se: «Boa noite, meus senhores!» e arrojou-se. Houve um surdo rufo e o homem lá se foi, a largas pernadas, muito esguio, como um cogumelo negro levado pela enxurrada.

Um tilbury appareceu vagaroso, e parou diante do Carceller; pouco depois o garoto surgiu, cançado, com as roupas colladas ao corpo, desenhando-lhe as fórmas mirradas.

— O tilbury está ahi, moço.

Paulo metteu-lhe uma nota na mão e, abrindo o guarda-chuva, em pontas de pés, aos saltos, atravessou o passeio alagado, ganhando o tilbu-

ry, e mandou tocar para o largo do Rocio.

Logo ao entrar na batota soube, pelo porteiro, que lhe abriu a grade, que o jogo ainda não havia começado, por falta de pontos. Effectivamente, ao chegar ao fundo do segundo andar, já com todos os bicos de gaz fulgurando, encontrou o Messias e os seus ajudantes, reunidos na sala do bilhar, onde reluzia a *buvette* de marmore, ouvindo as invectivas do Aurelio Mendes. Trocou ligeiros apertos de mão e sentou-se a um canto, discretamente, para não interromper a facundia do «symphonista verbal.»

Aurelio, muito apiançado da asthma, estava em um dos seus dias e, apezar da ancia, que o forçava a escancarar a bocca de instante a instante, numa necessidade de ar, vociferava contra as «mumias», essa legião decrepita de lorpas, sem imaginação, sem estylo, que empanturrava o mercado de sandices, concorrendo criminosamente para a imbecilisação do indigena. Citava autores e obras, recitava trechos, pedindo que lhe mostrassem, naquellas verbiagens insulsas, um periodo, uma phrase, um só vocabulo que revelasse emoção, esthesia. Era tudo palhada, tudo palhada, affirmou com desprezo, engrolando um grosso pigarro. O Messias, muito myope, d'olhos apertados, em dois talhos, para manter a fama de espirituoso de que gozava, atirou-lhe uma piada:

— Deixa lá, Aurelio, ha de chegar o teu dia.

O diabo é essa asthma que te consome. Mas não importa — ainda has de passar aqui pelo Rocio num andor, com uma corôa como a de Camões, e nós lá estaremos á janella, com flores. Has de ter o teu dia... Mas vê lá essa tosse, isso é que não vai bem.

Os ficheiros riram com estardalhaço e os olhos do Messias apertaram-se ainda mais. Aurelio, com a pilheria do andor, ficou apopletico e bramiu: «Que não rissem. Lá isso de andor era uma historia, mas a baboseira havia de acabar, a Arte Nova ahi vinha, sonora e rica, luminosa e forte, veriam! O povo havia de convencer-se de que tudo aquillo não valia os bocejos que provocava e a verdadeira, a pura Arte seria largamente indemnizada.» E confessou que não desanimava, que havia de trabalhar sempre, com fé: tinha no fundo da gaveta dois poemas e outro romance, além do *Incréo,* cuja these era a emancipação da mulher, com um surdo protesto contra o celibato clerical.

— Has de ter a tua estatua, Aurelio; affirmou o Messias estalando os dedos.

— Não me preoccupo com banalidades, retorquiu o poeta, abafando um accesso de tosse. E já se dispunha a dar um «pallido esboço» da sua grande these feminista, quando o Junqueira appareceu com um homem gordo, de oculos escuros, ferozmente carrancudo e barbado.

O Messias, esquecendo o grande artista, le-

vantou-se risonho, muito amavel com o Junqueira que murmurava contra o tempo insipido. O gordo reclamou, com pressa, um calice de cognac que um dos ficheiros logo serviu, açodado e sorrindo. Era deputado por um dos Estados do Norte. Na Camara encaramujava-se num silencio obstinado, contentando-se em dar o seu voto, de grande peso nos destinos da Nação. Fóra, alijando a gravidade legislativa, era homem alegre e de aventuras — tinha amores, frequentava assiduamente os casinos e, uma vez por outra, palpitando, subia sorrateiramente á batota para fazer medrar uns restos escassos do subsidio, e era á mesa dos chopps ou com os cotovelos no panno verde que lançava as suas opiniões sobre a crise financeira, propugnando a necessidade da revisão e duma esquadra que vigiasse os mares.

Paulo, com a chegada do Junqueira e do deputado, animou-se, certo de que o jogo começaria logo, tão ancioso estava por applicar os planos que imaginára. Aurelio convidou-o para uma partida ao bilhar, mas o Messias foi logo annunciando «que iam começar.» Paulo aventurou timidamente:

— Mas não ha pontos.

— Como não? Para começarmos ha o senhor, o Junqueira, o doutor e aqui o nosso Aurelio, que tambem joga. Não arriscas um pouco, poeta?

— Sim, um pouco, murmurou complacente,

atirando uma tacada. Os ficheiros passaram á sala da roleta e o Messias, no seu andar de palmipede, lá os foi seguindo, vagarosamente. Chegavam outros pontos subindo as escadas com rumor. Por uma janellinha, ao fundo da sala do jogo, aberta sobre o telhado, entrava um vento aspero. O Messias fechou-a declarando, com a sua voz macia e imperturbavel: «Que chovia a potes.» Em torno da roleta empilhavam-se fichas de varias côres e ao lado do Messias acastellavam-se os maços de cartões.

Emquanto esperava, Paulo, indo e vindo, consultava-se: se devia começar jogando forte, fazendo paradas atrevidas que, em dois ou tres golpes, o levantassem; se devia insistir no joguinho manhoso, sem comprometter-se, até conseguir um bom lucro para atirar-se, então, afoitamente. Acercou-se do Messias, que já assumira o seu lugar á banca e, com a mão no bolso, acariciava as notas, olhando, ora as fichas, ora os cartões, indeciso, quando os dois outros pontos entraram, vociferando contra a noite estupida.

Não os conhecia; logo, porém, notou que eram intimos pela liberdade com que tratavam o banqueiro. Um delles, já velho, abrindo a bojuda carteira, pediu cem fichas; o companheiro contentou-se com a metade. Junqueira e o deputado pediram cartões. Aurelio esgueirou-se sorrateiramente com a collecção das vermelhas e foi sentar-se á cabeceira da mesa para esperar no *grande*.

Na sala do bilhar havia mais gente e o Messias voltava-se de quando em quando para espiar; por fim fez soar a campainha que retiniu longamente. De fóra bradaram: «Já vamos!»

— É o Narciso, está no cognac, disse o Messias escolhendo uma bola. Um dos ficheiros foi á lousa marcar o tempo da banca: 8 e 40. A roleta gyrava, macia e silenciosa. Paulo estendeu uma nota de cem mil réis.

— Uma collecção.

— Tudo?

— Metade.

— Quer o troco em cartões?

— É indifferente.

— Para a terceira duzia, não? Eu levo; e o ficheiro, empilhando as fichas de madreperola sobre cinco cartões, deixou-as á cabeceira da mesa. Aurelio, que calculava, levantou a cabeça:

— Vens jogar cá em cima?

— Sem duvida. Sou fiel aos meus numeros.

— Deus queira que estejas com a sorte de hontem.

O Junqueira e o deputado iam ladrilhando a cartões a segunda duzia. O velho espalhava salteadamente, acompanhando um sector e o companheiro, muito attento, com o cigarro amollecido nos beiços, hesitante, passeiava uma ficha de casa em casa, como se jogasse as damas. O Messias ia dar á bola quando um rapaz moreno, elegante, appareceu protestando contra a pressa.

«Que, ao menos, lhe dessem tempo para fazer jogo. Que diabo! Limpassem-n'o, mas não com tanta ancia. Assim era demais.»

— Sempre se espera pela peior figura, murmurou o Messias.

— Quem sabe se eu havia de vir para aqui com os pés encharcados, sem tomar uma coisa? A culpa não é minha. Boa noite, meus senhores. E que cognac infame! Passem-me uma collecção. É a primeira bola? e, espalhando montinhos de fichas, perguntava: Se haviam jogado durante o dia? Como se portára o zero? Quem ganhára?

O tapete estava coberto, mas o jogo crescia na terceira duzia. O Messias impelliu a roleta e a bola, atirada de resvalo, poz-se a circular; foram depois saltinhos nas baias, aos estalidos. O deputado ainda aventurou dois cartões; o velho, a tremer, deixou umas fichas no 4. Houve um momento de contida attenção — todo o rumor cessára, posto que a bola ainda gyrasse. De repente, a uma leve pancada, o Messias annunciou: «Jogo feito!» Aurelio fitou-o, Paulo ergueu-se na cadeira, á espera do numero.

— 11. E o *rateau* foi raspando fichas e cartões, numa confusão de côres, com um estralar de rocalha. Só o deputado levantou cincoenta e dois cartões. Paulo insistiu nos seus numeros e Aurelio affirmou que *vira* o onze, *vira-o*, mas não jogava no pequeno.

— 3. Narciso poz-se a tossir e reclamou co-

gnac. O numero estava quasi franco, apenas o companheiro do velho tinha lá uma ficha. Elle proprio accusou o lucro:

— 35 brancas, aqui.

— Sim senhor, seu Barroso, lá vão.

Ao quinto golpe, insistindo o pequeno, Aurelio levantou-se resmungando: «Que não tinha vergonha. Se elle tivesse vergonha, nunca mais jogava um vintem. Vivia a engordar banqueiros.» Deu uma volta pela sala, rondando o Messias; logo, porém, que a bola começou a gyrar, lá foi para o seu posto. Paulo, sem uma ficha, brincava com os cartões, receioso.

— Não jogas? indagou o symphonista.

— Estou sem palpite.

— Pois olha, eu é porque fiquei a tinir, senão atirava agora tudo no *grande*. Paulo tomou um cartão, ia-o levando para a segunda duzia; ouvindo, porém, o trepidar da bola, numa inspiração, ás pressas, nervosamente, espalhou os cinco cartões em varios numeros da ultima dezena e recuou, a esmoer o cigarro apagado, d'olhos no tapete. «Jogo feito!» O coração batia-lhe em sobresalto, faltava-lhe o ar e, quando o Messias cantou «33!» elle sentiu um abalo de vertigem e respirou.

— 35 cartões, declarou um dos ficheiros.

— Eu disse! affirmou Aurelio, esfregando as mãos triumphante. Era fatal. E quando Paulo recebeu o maço de cartões, já resolvido a jogar

forte, o symphonista, roçando por elle, pediu-lhe «alguma coisa pelo palpite...»

Paulo amuou; o outro insistiu, humilde.

— Eu não gosto de emprestar cartões, Aurelio; isso traz caiporismo.

— Ó filho, pois tu, um homem de espirito, acreditas em baboseiras!

— Baboseiras, não: tenho visto. Emfim...

Passou-lhe dois cartões, e isso foi bastante para que desistisse de jogar forte. Pediu uma collecção de fichas. Deu o 31. Trincou o beiço. Teve impeto de atirar um murro á cara ossuda e radiante de Aurelio, que levantára 105 fichas. Elle tinha apenas quatro fichas no numero — um dos seus numeros! — e teria aventurado um cartão, talvez dois, se não fosse aquelle pedido, que o encabulára. Intimamente injuriava o glorioso autor do *Incréo*. Era aquillo sempre, não podia vêr um conhecido ganhar. Que diabo! E tremulo, frenetico, recebendo as fichas, ia-as dispondo em ordem, carinhosamente. O Junqueira, que estava de azar, volta e meia atirava uma gorda cedula aos ficheiros. O deputado, rindo, attribuia a sua «macaca» á Leontine.

— Sempre que vou á casa do diabo da mulher é isto.

Paulo começava a aquecer-se. Pediu um kummel, disposto a fazer loucura. Não valia a pena estar ali a perder tempo com as magras fichinhas: ou tudo ou nada; o melhor era atirar de uma vez.

e, vendo a calma do Junqueira, que acamava cartões, cercando, com insistencia, o 20, arrojou-se carregando no 29 e cobrindo corajosamente os demais numeros da ultima dezena.

— 7! Narciso resmungou uma torpeza, e o Barroso, sem tirar o cigarro da boca, mostrou tres fichas. Paulo desabafou vendo os seus cartões, as suas fichas rolarem no monte, raspados pelo *rateau:*

— Estás vendo? Que te disse eu? Justamente quando a sorte começava, vieste com os taes pedidos...

— Ora qual!

— Pois sim, mas nunca me peças dinheiro quando eu estiver jogando.

— E tu não me pedes?

Paulo cresceu para o poeta, com os olhos chispantes:

— Nunca! Nunca pedi, nem peço!

— Ora, não pedes...

Ainda resmungaram. O symphonista, sorrindo, brincava com as fichas, deixando-as cahir d'alto, por entre os dedos apinhados. Paulo insistiu no grande, mas quando a roleta amorteceu, o Messias, sorrindo, chasqueou:

— Não fale mal da Leontine, doutor... e declarou com lentidão, arrastando a voz: 17. Houve um largo suspiro de desabafo — o numero estava carregado. O doutor tinha dois cartões em pleno, o Junqueira tinha outros tantos, e al-

guns a cavallo e no esguicho; o Barroso tinha duas fichas. E murmurava-se: «Era tempo... É numero que não falha. Demora, mas sempre vem...»

O sereno Junqueira não se perturbára e continuava a fumar, sem uma ruga na face, sem mais brilho nos olhos, immutavel. Paulo começava a desanimar — cem mil réis já lá estavam nas cordas. Decididamente devia fazer como o Junqueira — jogo forte e methodico, escolhendo um numero, firmando-se nelle — quando désse recuperava o perdido, e ainda lucrava, e, com uma repetição, estourava a banca. Aquillo sim, pensava, maravilhado e invejando, emquanto pagavam ao Junqueira a atrevida parada, aquillo é que era jogar, o mais... historias!

O tempo da banca estava a expirar quando entraram outros pontos. O melhor era aguardar a outra banca, com o Faustino á bola. O Messias era um «mão de ferro», ninguem escapava. Logo, porém, que a roleta recomeçou a girar, sem calma para manter o protesto, pediu fichas, concentrou-se no 29; mas pouco a pouco, irresistivelmente, foi cobrindo numeros, ao acaso, seguindo as mãos que andavam, aos esbarros, deixando fichas, arranjando os cartões. Ainda o *pequeno*.

Retirou-se afogueado, sempre com a idéa fatal de que a sua sorte fôra desviada pelo symphonista. O seu olhar faiscava de odio, tremiam-

lhe as mãos, e todo elle escaldava, como em febre. Messias annunciou, numa voz rolante, a «ultima bola!» Narciso pediu fichas para «aquelle miseravel zero» e, accumulando-o, injuriava-o.

— Vê lá agora, bandido! Juro que nunca mais estrago uma ficha neste miseravel, se elle não sahir desta vez. Ha tres dias que acompanho este monstro...

— É capaz de dar agora... Alguns seguiram o Nareiso. Paulo, para não comprar fichas, amarfanhou uma nota e lá a deixou. Deu o 8. Narciso rugiu, e o velho Barroso, cuspindo a ponta do cigarro, accusou — cinco fichas, a sua maior parada da noite.

— O senhor foi o heroe, sr. Barroso, acclamou o deputado.

— É, estava com alguma sorte.

— Se tivesse jogado com mais largueza...

— Tinha perdido, doutor. Este jogo só assim, a brincar; é como dá. Conheço-o muito. Em me alargando um bocado, são favas contadas.

— Fichas a troco. Paulo contou o dinheiro e achou duzentos e quarenta mil réis. Aurelio, junto ao Messias, acompanhava, com avidez, o troco que os ficheiros faziam — só o velho Barroso ganhára quantia apreciavel. Junqueira, interpellado pelo Narciso sobre o prejuizo, deu d'hombros com indifferença; o deputado poz-se a passeiar resmungando uma cançoneta. A esperança do estudante passou-se para a segunda

banca — faria jogo mais ousado, longe do Aurelio, que o encaiporava, sempre a dar-lhe conselhos, a discutir, a commentar as suas paradas, *sapeando,* com os cotovellos fincados na mesa, o rosto esmagado entre as mãos lividas. Foi á *buvette,* engoliu sofregamente um grog, receioso de perder a primeira bola.

Os pontos fumavam, beberricavam apressados cognacs, todos anciosos. O proprio Junqueira que, entre uma e outra banca, costumava estirar-se um pouco na *chaise-longue,* saboreando o seu whisky a pequenos goles, deixou-se ficar na sala da roleta, d'olhos no tapete, como a querer sondal-o, penetrar a razão da sua longa e pertinaz desfortuna.

Messias continuava a bancar — lá estava repoltreado, pilheriando.

Já os ficheiros iam e vinham, açodados, deixando collecções aqui, ali. Um ar turvo, denso, tresandando acremente a fumo, pesava na sala. Paulo rejeitou as «perolas», preferiu as *sangue de boi.* A sua primeira parada foi de um arrojo atrevido. Aurelio applaudiu com enthusiasmo:

— Assim, homem. Assim é que se joga. Nada de piabagem. Elle implorou:

— Deixa, não fales. Narciso, injuriando o zero, cercava o 17. Mas quando a bola começou a saltar nas baias, não se conteve e, num arranque, esmurrou o seu azar com seis fichas. Deu o 36. Aurelio saltou na cadeira, d'olhos esboga-

lhados, e, meneando com a cabeça, num espanto; poz-se a repetir:.

— Sim, senhor...! Sim senhor...! assombrado com a sorte do estudante, que sorria, feliz, sem animo de tocar na rima de fichas que deixára sobre o numero. O ficheiro contou: 23, e logo annunciou — 805.

— Homem, tu agora tiraste o pé do lodo.

— Já era tempo...!

— Boa tacada! e sahiu, circulando a mesa, a repetir: Boa tacada! Boa tacada! Mas, tornando ao seu posto, segredou ao estudante, retorcendo nervosamente o bigode: Estás de sorte, atira-te!

Ás 10 ½, annunciando-se a ultima bola, Paulo contou 260 cartões. Aurelio rondava-o d'olhos compridos.

— Fichas a troco... disse morosamente o Messias, desligando um maço de notas. Paulo recebeu o bolo — dois contos e seiscentos, apparentando indifferença, mas os dedos tremiam-lhe e uma pallidez cadaverica cobria-lhe o rosto. Messias felicitou-o pelo «tiro»; elle sorriu.

Os pontos espalhavam-se commentando o jogo extravagante que déra, e o Junqueira, sacudindo os braços, espichou-se na *chaise-longue* abandonadamente, trauteando uma aria de opereta. O deputado propoz um lansquenetsinho até á meia

noite. Paulo declarou superiormente — «que topava», mas os outros negaram-se; até o Messias, sempre prompto, escusou-se allegando um compromisso serio: «Alguem que o esperava no Recreio.»

— Homem, aquillo hoje deve estar magnifico, declarou o Narciso, levantando-se e tomando o sobretudo.

— Com esta noite? qual! resmungou o deputado.

— Não é o beneficio da Eugenie?

— Sim, é...

— Então, meu amigo, está cheio. Messias, que abrira o postigo, annunciou uma noite magnifica, estrellada e com lua. A noticia abalou o Junqueira que, mollemente, estirando os braços, deixou a *chaise-longue*.

— Pois vou tambem dar uma vista d'olhos... tenho um camarote. Queres vir, Narciso?

— Não, estou esbarrondado; vou metter-me na cama. Boa noite. Outros despediram-se; e Paulo, não sem pena, foi tomar o chapéu. Aurelio esperava-o na sala do bilhar, friorento, esfregando as mãos, muito encolhido no seu casaco côr de pinhão.

— Onde vais?

— Ao Recreio. Queres vir?

— Vamos lá. Procurou a bengala e, lançando por uma janella os olhos ao céu, ainda acastel-

lado de nuvens, picado de estrellas, com uma lua triste, que parecia correr, fugir, declamou:

Lune. quel esprit sombre
Promène au bout d'un fil,
Dans l'ombre,
Ta face et ton profil?

XI

No jardim do Recreio, ainda humido, com pôças dagua rebrilhando, a banda dos bombeiros estrondava requebrados tangos. Frias lufadas balançavam as lanternas, enfunavam as bandeiras, retorciam as flammulas que faziam uma aléa triumphal á entrada e circulavam o pateo, subindo ás negras folhagens das arvores rachiticas como estranhos frutos d'oiro e farrapos espadanando, alongando-se no ar, colleando, tufando.

A multidão, refluindo, em levas densas, do recinto illuminado e quente, fervilhava galrando. O mulherio alegre, numa esgargalada e provocadora ostentação de carnes, saracoteava, abaixo e acima, ás gargalhadas estridentes, roçando pelos rapazes com affectada lascivia.

Explodiam garrafas, tiniam copos, os caixeiros acudiam numa pressa estonteada, aos berros,

ás rijas bengaladas que estrondavam nas mesas, aos tinidos das garrafas, ás palmas estralladas com que os chamavam de todos os lados. E o murmurio arrastado e incessante dos passos dava a impressão dum grande vento a vergar frondes, a torvelinhar folhagens.

Eugenie, conhecedora do seu «mundo», attrahira á sua festa, como engodo, todo o parasitismo galante. Fóra, á gandaia, circulava a miuçalha, a fina flor impunha-se nos camarotes fazendo, em lento passeio, a volta da varanda ou em palestra junto á balaustrada.

O botequim transbordava e por toda a parte era um sussurro de festa, uma alegria estroina, risadas, gritinhos ou, modestamente, num recanto mais calmo, em penumbra, um casal em colloquio, sorvendo licores — ella a fazer-se ingenua, timida, d'olhos baixos, elle todo inclinado, meigo, segredando com a doçura enlevada dum noivo.

Quando Paulo e Aurelio chegaram, a orchestra atacava, com fragor, uma symphonia e o jardim esvasiava-se, todos corriam para o recinto ou iam tomar lugar á volta da balaustrada que circula a platéa, com curiosidade de ouvir a Eugenie, que devia abrir a segunda parte. Os floristas levantavam as varas apinhadas de ramos, offerecendo-os; de longe em longe, á mesa de indifferentes, rolhas espocavam ou era um cão, tosado á feição leonina, que se punha a ganir, de rojo pelo chão, aos rebolos.

Os dois rapazes deram volta, olhando friamente. Aurelio notou o grande numero de cocottes:

— Como está isto! Nem uma familia... Enoja! Fez um momo e cuspiu. Paulo, sem responder, varava a multidão, levando, de vez em vez, a mão ao peito para apalpar, sentir o dinheiro no bólso interior do casaco abotoado. Aurelio queixou-se do frio. «Estava picante...» e propoz uma dose de whisky e Seltz, ali fóra, longe daquelle tumulto sordido que tresandava. Mas o panno ia subir.

Fez-se um movimento de attenção; os curiosos apertavam-se, opprimiam-se, espichavam-se, d'olhos alongados, á espera da beneficiada. Subitamente o panno enrugou-se, subiu. Houve uma explosão de palmas, voaram ramos e flores soltas ao palco e, sorrindo, com os dedos apinhados em beijos, viva, duma graça desembaraçada de ephebo, muito escorreita num *costume* de jockey, Eugenie desfazia-se em galanteios, commovida, attendendo á toda a sala, avançando, recuando, o busto curvado, pisando ligeiramente, com as botas muito lustrosas, o boné junto ao seio, a cabelleira loura toda arrufada em cachos.

O regente ergueu-se no estrado e offereceu-lhe uma *corbeille* cheia de fitas esvoaçantes, com um casal de inquietos pombos brancos batendo as azas, entre rosas. De novo as palmas estronda-

ram, e, das torrinhas, num delirio, aos berros, o nome da cocotte era acclamado.

De repente, dum lado e doutro, em palpitante revoada, papeis esvoaçaram. Braços levantavam-se, esticavam-se colhendo-os no ar, amarfanhando-os, disputando-os; alguns ficavam em pedaços, mas continuamente, em torvelinho, vinham outros baixando á granel, e no recinto frufrulhava alegremente aquelle perenne rumor de vôos. Aurelio conseguiu apanhar um dos papeis e, lançando os olhos ao texto, arrevessou:

— Sucia! versos a uma biraia como esta... e assignados. Quem é o animal? Conheces?

— Não.

— É por infamias taes que a Poesia tem baixado tanto. Besta! E, furiosamente, rasgou o papelucho. Eugenie começára a cantar, numa vozinha infantil, com muitos *rr* e sorrisos. Vamos ao nosso whisky? Paulo não respondeu — estava livido, immovel, d'olhos cravados num camarote, insensivel a tudo, vivendo apenas para aquella visão. Aurelio seguiu-lhe o olhar e murmurou, com enlevo: «Bella mulher! Quem é?» O outro não respondeu, guardando a mesma immobilidade. De repente, recuando sem attender aos protestos dos que lhe ficavam em volta, afastou-se. Aurelio estranhava-o: «Que tens?» Elle encolheu os hombros, sacudiu o braço, nervoso, e distanciou-se do companheiro, mas hesitando, deteve-se, ficou a pensar, d'olhos em terra e,

numa resolução, retrocedeu. O poeta seguia-o com o olhar, intrigado.

— Olha, Aurelio, preciso ficar só, deixa-me — é um caso. Se queres alguma coisa...

— Não, filho... Mas que diabo tens tu? Que foi isso? É com a rapariga? Depois dum instante, forcejando um sorriso, Paulo affirmou — que era. Aurelio, maravilhado, riu daquella ingenuidade: «Pois que... com dinheiro no bolso? Tu ainda estás muito pelludo, homem. Aquillo é só abordar, é só atracar. Se queres, apresento-te. Paulo fitou-o com um grande espanto nos olhos que faiscavam:

— Conheces?

— Não, mas é o mesmo. Isso a gente chega, fala e está prompto. É como um tilbury que se ajusta, que diabo...! Pareces criança... Queres?

— Não... Até amanhan.

Aurelio, vendo-o decidido a deixal-o, reteve-lhe a mão e sussurrou:

— Tens ahi uns miudos?

— Tenho.

— Pouca coisa... Aquella infame batota deixou-me a tinir e estou com um appetite de canja que não te digo nada. Paulo passou-lhe uma nota. Obrigado. Então até amanhan e *bonne chance!* Romperam applausos estrondosos e o poeta, esticando-se nas pontas dos pés, poude ainda vêr Eugenie, toda inclinada e risonha, a

atirar beijos, perdendo-se, aos recuanços, por traz do panno que descia.

Paulo afastou-se caminhando para a larga escada dos camarotes e, já com o pé no primeiro degrau, hesitou pensativo. Estrugiram novas palmas recebendo um equilibrista famoso. «Que é ella, não ha duvida...» Foi, escada acima, degrau a degrau, receioso, com o coração opprimido, imaginando escandalos: um ataque, uma desfeita ruidosa, uma gargalhada cynica. E a outra? quem seria?

Uma rapariguita loura e fina, debruçada á balaustrada, cantarolava, alheia ás palavras amuadas de um bonifrate de chapéu branco e polainas. Paulo passou pelo «arrufo» vexado, pisando de leve e, á medida que se aproximava do camarote, mais lhe cresciam os receios. Sentia as pernas frouxas, tremulas, a boca secca e revoltava-se contra aquella covardia, reagindo, avançando sorrateiramente, a relancear os olhos pelos camarotes, vendo, pelas frestas, bustos graciosos, erectos, plumas petulantes, brilhos de joias; mas quando chegou ao camarote alvejado, dando com a porta largamente aberta, esteve para voltar.

Correu por todo o theatro o murmurio de uma emoção mal contida, palmas isoladas vibraram, mas foram instantaneamente abafadas por *psios!* energicos e impoz-se um silencio pesado. Elle adiantou-se e, parando, ficou pregado ao soalho, a olhar, commovido e medroso.

As duas mulheres, entretidas, não davam por elle. Uma gorda, flaccida, com as carnes molles esparrimadas e a espocarem, os cabellos ralos, grisalhos, dando-lhe um tom cinzento á nuca, era uma sombra que fazia realçar, com mais esplendor, a graça da companheira, delicada e esbelta, de hombros largos, collo farto, cinta delgada, braços roliços, pelle alambreada e fina.

Os cabellos, muito negros, reluziam á claridade sob as gazes e as flores do chapéu que lhe tombava sobre os olhos, como um alparluz, e o pescoço, sem uma ruga, dum torneado irreprehensivel, subia direito, altivo, da golla de velludo branco. Era ella, Violante, mais desenvolta, mais forte, em pleno viço, sem a suavidade da graça virginal, mas com o encanto das linhas accentuadas da mulher que desabrochou para o amor.

Tinha-a ali ante os olhos, a dois passos; podia falar-lhe, ouvil-a, conhecer todos os pormenores daquelle drama que trazia em pena a pobre velha, áquella hora, talvez, ajoelhada, debulhada em lagrimas a pedir por ella aos santos.

Bravos freneticos atroaram a sala. Paulo continha o halito, temendo denunciar a sua presença e anceiava, ao mesmo tempo, por um lance do acaso que o descobrisse á irman.

Ella moveu-se lentamente, inclinou-se para a companheira, com o leque junto á boca, risonha, segredando uma confidencia. O busto tremeu-lhe de leve sacudido por um risinho, a outra rebo-

liu-se, a rir grosso. Elle hesitava suffocado, d'olhos fitos, quando Violante, como fascinada, voltou o rosto e descobriu-o.

Empallideceu, os olhos abriram-se-lhe desmedidamente, a boca ficou num hiato de espanto e, medrosa, achegou-se á companheira numa necessidade de soccorro, compondo o chapéu, alisando o vestido, incerta e tremula. De novo, rapida, lançou um olhar á porta como para certificar-se e puxou uma tosse secca, logo abafada no lencinho.

Era ella, mais linda! Animado com aquella turbação, forte diante da inesperada covardia da irman, Paulo adiantou-se até á porta do camarote e, com uma voz surda, que tremia, pediu licença. A gorda voltou-se, mirou-o d'alto, mas Violante levantou-se arrebatadamente e, antes que a companheira interviesse, rompeu numa exclamação de surpreza feliz: «Oh! Paulo!...» e, afastando, de repellão, a cadeira, sahiu á varanda.

O estudante recuou até á balaustrada do fundo, carrancudo. Os dois irmãos encararam-se em silencio, numa commoção que os enleava e foi ella quem primeiro falou, precipitando as palavras, numa voz surda e difficil, que lhe sahia aos arrancos:

— Como soubeste que eu estava aqui? Quem te disse? Estás magro, Paulo! Que é isso? mirava-o com um sorriso forçado. Elle conservava-se de cabeça baixa, verrumando a botina com a ponteira do guarda chuva. Tens estado doente?

Fala! Um risinho alegre resoou-lhe na boca vermelha e fresca. Olha, não te ponhas com amuos agora... Temos muito tempo para brigar, ouviste? Como vai mamãi? Elle resmungou:

— Ainda perguntas... Mamãi está á morte.

— De que, meu Deus! exclamou num doloroso espanto, juntando as mãos enluvadas. Impetuosamente Paulo levantou a cabeça e, cruzando os braços energicamente, interrogou-a em murmurio:

— Mas tu estavas doida, Violante? Ella baixou o olhar, encolhendo os hombros.

— Não sei. Agora está feito. Não falemos nisso.

— Ah! não falemos nisso... E nós? mamãi, eu...? Depois duma pausa perguntou: Onde estás morando?

— Em Botafogo.

— Onde?

— Na praia. Deu-lhe o numero, descreveu-lhe a casa, entre arvores, ao fundo de um jardim.

— Desde quando?

— Ha uns quinze dias.

— E antes?

— Cheguei de Buenos Aires no sabbado.

— De Buenos Aires!

— Sim.

— Grande doida! E agora?

— Agora quê?

— Pretendes ficar aqui?

— Então? Onde hei de ficar? Lançou um olhar ao camarote e, vendo a companheira voltada para a scena, chegou-se mais ao irmão. Nós aqui não podemos conversar. Apparece amanhan lá em casa.

— Eu?

— Então? Que tem? Olhem o innocente... fez ella com um beicinho.

— Pensas que não tenho vergonha...?

— Vergonha de que? Eu moro só. Vai ámanhan.

— A que horas?

— Ás duas.

— E mamãi?

— Mamãi... Se ella quizer ir comtigo... O bonifrate de chapéu branco encaminhava-se para o ponto em que se achavam os dois. Ella despediu-se. Até ámanhan. Olha, o melhor é não dizeres nada a mamãi por emquanto, tem tempo Caminhou para o camarote, com um ruflo de sedas, mas retrocedeu, sorrindo, e segredou-lhe: Olha, o meu nome é Diana... não te esqueças.

— Diana! E ella, já a entrar no camarote, affirmou com a cabeça, sorrindo. Paulo contemplava-a e, quando a viu de novo sentada, repuxando o chapéu, indifferente, sorrindo para a companheira, teve um impeto de revolta e esmoeu um insulto. Por fim seguiu, e poz-se a percorrer a varanda a lentas passadas, até que, enfarado, e com uma ponta de despeito por haver

sido despedido, elle, o irmão, desceu sorumbatico, sentou-se a uma das mesas, pediu cognac e ali ficou a divagar, imaginando as multiplas aventuras daquella rapariga que, depois de errar em terras estranhas, reapparecia, mais bella e mais forte, sem macula do vicio, triumphante, gloriosa na miseria infame.

Lembrou-se do dinheiro, apalpou-o, sentiu-o num volume cheio e molle. E, sacudindo a perna, ficou a banzar, inerte, numa apathia, cortada por accessos de furor. Mas aquella temeraria aventura da irman, apenas indicada em um nome — «Buenos-Aires», a viagem, a installação, o gozo bem desfrutado na opulenta cidade, a vida entre beijos e flores, em palacios monumentaes, as suas noites de amor mercenario nos braços dum e doutro, foram-lhe, a pouco e pouco, despertando um ardego desejo carnal.

E admirava aquella audacia feminina, decompunha aquella vida, seguindo mentalmente todos os passos da irman: a bordo, na terra estrangeira, pompeando em luxo régio nas frisas deslumbrantes, rodando em carruagens de molas flaccidas, tiradas por parelhas de raça, esplendida, seductora nas suas fórmas rijas, mal desabrochadas, rolando em leitos forrados a sêda, á luz velada de lampadas coloridas, em quartos nobres de palacios.

Uma mulher percorria vagarosamente o jardim em passos subtis, sacudindo o leque. Olhou-a;

os olhares encontraram-se. Era alta, robusta, loura, dum louro claro e quente que fulgurava. Esteve para chamal-a, offerecer-lhe qualquer coisa, tomar-lhe a noite. Mas a mulher passou, indolente, deixando no ar a toada suavissima dum doce canto, uma canção do seu paiz, talvez. Não se resolvia, indeciso, hesitando entre recolher-se á casa e ficar na cidade, pernoitando em companhia duma daquellas andejas que enxameavam o jardim, immiscuindo-se nos grupos, sentindo o fim da noite vasia.

Passavam rindo, chalrando, d'olhos aguçados, á caça de homens, procurando ajoujar-se a qualquer; umas, desenxabidas, desanimadas; outras, trefegas, de uma alegria canalha, empurrando-se, travando dos braços dos rapazes, fazendo voltas de dança ao estridor clangoroso dos metaes da banda, encostando-se ás mesas, reclamando bebidas, propondo ceias, ou evitando, ás rabanadas, os beliscões lubricos do rapazio.

Paulo fugiu á multidão e seguiu, ruminando idéas extravagantes, incerto do seu destino naquella noite. Achou-se, com surpreza, parado, junto á escada, a olhar para a varanda. Teve um movimento de repulsa, raspando o asphalto com o guarda-chuva. «Agora espero. Quero vêl-a sahir. Hei de vêr quem é o sujeito.» Passou-lhe pela mente a figura do Junqueira; depois desenhou-se a do Messias, d'olhos finos, em dois talhos, os pés enormes, esparrimados. Elle falára

dum compromisso no Recreio, uma pessoa que o esperava. Não, não podia ser... Então, encolhendo os hombros com indifferença, afastou-se, num andar vagaroso, medindo os passos. «Ora!» e, achando-se na aléa da entrada, apressou-se, numa resolução definitiva e sahiu.

Á porta cambistas cercaram-no, pedindo a senha. Carros reluziam, estacionados na rua escura; doceiros apregoavam e, na taverna da esquina, um ror de homens cercava o balcão, bebendo em estridente algazarra.

Foi-se, rua abaixo. «Ora! que se arranje!» Deteve-se surprehendido, olhando uma aguasinha que rebrilhava entre as pedras da rua. «Só, hein?! Sósinha pelo Prata... é coragem! E nós aqui, como idiotas, perdendo tempo, amofinando-nos. Eu bem dizia... E mamãi a chorar...» Serenou, porém, a um pensamento iniquo e a phrase que o exprimia sahiu-lhe da boca docemente, regozadamente: «Mas está bonita!...» Foi-se...

Á porta da *Maison Moderne* sorriu descobrindo o Messias e o Junqueira, muito juntos, encapotados. Saudou-os e entrou.

Á luz intensa da sala teve um deslumbramento, e, abancando a uma das mesas mais discretas, sacou do bolso um maço de notas, escolheu uma de cem e esperou o caixeiro. «Agua de Seltz...» Recebendo o troco, separou uns miudos para o tilbury. «Até que emfim!» exclamou pondo-se de pé e, accendendo um cigarro, cami-

nhou vagarosamente para a porta. A noite desannuviara-se: — a lua, num recorte esguio, luzia no céu ponteado de estrellas.

— Vamos ter amanhan um dia magnifico! disse alguem tocando-lhe no hombro; voltou-se e viu o Narciso todo atrapalhado com o embrulho e o capote.

— Oh!... boa noite. É verdade.

— Esteve no Recreio?

— Um instante.

— Um casão, com certeza?

— Á cunha!

— Pudéra! Já á porta, perguntou risonho: E os versos do Aurelio... que taes? Não foram distribuidos?

— Sim, espalharam uns versos; um soneto, creio... Mas a assignatura é doutro.

— Historia! São do Aurelio. Fel-os hontem, depois do jantar, a pedido do Messias. Um typo! Bem, boa noite. Paulo não conteve o riso, lembrando-se da revolta do poeta. Ficou um momento á porta olhando o céu. Subito metteu-se num tilbury, que estacionava junto ao passeio e mandou tocar para a Lapa.

Uma densa multidão esgorjou da rua do Espirito-Santo espraiando-se no largo — era a gente que sahia do Recreio. O cocheiro teve de suster o animal para deixar passar o povo e Paulo, olhando a turba que se espalhava, com uma pressa de fuga, via apenas um vulto que se afas-

tava subindo da terra, ganhando o espaço em leve ascensão, como um anjo que remontasse serenamente.

Com o arranco do animal que partia foi de encontro ao fundo do tilbury. O cocheiro resmungou contra a «sucia.» Elle conservou-se calado, immovel, a rever a visão, que era ella, Violante, cujo perfume o cercava como se todo o ar estivesse impregnado. Dilatou-se-lhe o peito e um suspiro sahiu-lhe, largo e vagaroso: «Como está bonita!» E sorriu deliciado recostando-se abandonadamente.

XII

Toda a noite, noite immensa e morosa, rebolcando-se na cama a esmagar os travesseiros ou espichado, a olhar o tecto, á luz tremula da vela, fumando seguidos cigarros, Paulo pensou em Violante com sympathia. Afinal, que podia ella esperar?

Pobre, casando não passaria da vida insipida que levam tôdas as mulheres, na monotonia enfadonha dos afazeres domesticos, mal amanhada, envelhecendo, mortificando-se no trabalho insano, arrastando a fecundidade penosa, sempre rodeada de filhos, talvez brutalisada pelo marido, soffrendo privações entre as quatro paredes duma casa.

Assim, não — era livre, tinha todo o gozo, podia saciar-se á larga, sem preoccupar-se com a sociedade com a qual rompera abertamente.

Era uma revoltada. Tinha, para impôr-se, a mocidade e a belleza — que importava o resto? A sociedade só despreza a miseria — as deshonras que vexam são a fome, a nudez e as molestias; o dinheiro tem sempre o seu prestigio, ninguem lhe pede a origem... e ella nadava em ouro.

Resolveu visital-a na manhan seguinte para conhecer todos os pormenores daquelle romance. E gozava, imaginando a vida solta da irman, sempre em festas, deslumbrando com a sua formosura, disputada pelos argentarios, amante de influencias, podendo até protegel-o, impol-o á fortuna.

Sentia uma ponta de orgulho comparando-a ás outras mulheres fanadas que a remiravam com despeitada inveja. «Vai longe!» murmurou num bocejo, estrincando os dedos.

Lembrou-se, porém, do dinheiro que guardára na gaveta. Saltou da cama, tomou-o e, espalhando-o na mesa, com volupia de avaro, pozse a contal-o separando as notas pelos respectivos valores. E imaginava compras: um farto fornecimento para a despensa, roupa, livros, o resgate das joias.

A vida pareceu-lhe de uma facilidade suave. «Agora sim, a questão era ter um pequeno capital para começar...» E pensou em Ritinha.

A mulata havia de ceder porque, afinal, a vida de expedientes de Mamede não lhe garantia

a tranquillidade. Quando ella o visse com dinheiro não reluctaria. Repoz os maços na gaveta, bem acamados, deu volta á chave, deitou-se, soprou a vela e, na escuridão silenciosa, ainda pensou na fortuna, em amores, no futuro que se annunciava propicio.

Já as carroças rodavam pesadamente quando elle adormeceu ouvindo o rumor grave, soturno das ondas rolando na praia proxima.

Acordou tarde e logo, deixando o gozo macio, a preguiçosa molleza tepida da cama, poz-se de pé, com pressa e dirigiu-se ao banheiro. D. Julia falava á Felicia aconselhando-a e, quando elle reappareceu, esfregando a cabeça, a reclamar o café, ella disse-lhe que a negra se havia despedido.

— Porque? Deve-se-lhe alguma coisa?

— Só os dias que estão correndo. Mas não é por dinheiro: Felicia está com a cabeça virada, vê coisas... Andou toda a noite pela casa resmungando. Diz que é o filho. Desde que viemos para aqui é isto. Não póde vêr o mar. Se vai á rua fica um tempo enorme, ás vezes volta sem as compras, perde o dinheiro. Tenho pena, coitada! mas o melhor é deixal-a ir.

— E quem ha de fazer o serviço? Ella que fique até eu arranjar outra. Ponho hoje um annuncio. Mas quem sabe se não é bebida, mamãi?

— Ella não bebe. Está assim por causa do

filho. Demais a mais foi metter-se com o espiritismo, ficou perdida de todo.

— Ah! então... Pois hoje mesmo eu ponho um annuncio, descance. E caminhou para o quarto. Quando sahiu esteve um momento á porta, hesitando entre ir á casa da irman e descer á cidade. Era muito cedo. Tomou o bonde resolvido a fazer o sortimento. Foi uma prodigalidade. Queria tudo em abundancia e do melhor — conservas, doces finos, vinhos, licores, queijos. Feitas as compras exigiu que lh'as mandassem immediatamente á casa. Depois encaminhou-se para o hotel, almoçou desattento, com o espirito muito longe, preoccupado com a visita que ia fazer.

Depois de haver percorrido lentamente a rua do Ouvidor, parando diante das vitrinas a olhar as joias scintillantes, os bibelots graciosos, os manequins esbeltos, resolveu-se a tomar um tilbury e mandou tocar para Botafogo.

A casa, de aspecto nobre, com todas as janellas fechadas, ficava ao fundo de um jardim sombrio, de sinuosos caminhos areados de saibro escuro. Duas alvas figuras de marmore destacavam-se na sombra das ramagens. Hesitou um momento, impressionado com o silencio, receiando encontrar o «homem». Despediu o tilbury e ficou parado ao portão a olhar, timido, indeciso. Não apparecia ninguem; no interior, um silencio de abandono. Seria ali? decidiu-se, por fim, a

apertar o botão da campainha. Uma criada loura, de avental, appareceu á varanda, debruçou-se olhando por entre a folhagem da ipoméa que formava uma verde e florida empanada. Vendo-o, desceu ligeiramente e os seus passos vinham crepitando no saibro lucilante. Elle lembrou-se da recommendação da irman e perguntou:

— Mademoiselle Diana? A criada mirou-o dos pés á cabeça, e murmurou num tom de receio:

— Está; mas ainda não desceu. Póde dar-me o seu nome?

— Paulo, ella sabe. Immediatamente a criada abriu o portão e, sorrindo, afastou-se dando-lhe passagem. Elle seguiu-a á varanda, entrou numa saleta luxuosa, que um alto tapete forrava. Pesados reposteiros coavam a luz filtrando uma suave claridade confidencial. Duas cegonhas de bronze flanqueavam a ottomana de damasco amarello, vivamente ensanguentado a flores de purpura. Pelas paredes, floridas a ouro, sobre avelludado fundo carmesi, accumulavam-se retratos, grandes quadros pendiam mostrando paisagens tristes — campos de trigo esfumados pelo crepusculo e gados que recolhiam e uma gravura idyllica em que havia uma redouça, entre flores, unindo um joven casal amoroso no mesmo balanço. O silencio era absoluto como se tudo dormisse naquella casa. Fóra, no arvoredo, chiavam cigarras. A criada reappareceu em passos surdos, como uma sombra.

— Póde subir. A senhora espera-o lá em cima. Guiou-o ao longo de um corredor forrado de esparto e mostrou-lhe a escada.

— Sobe! convidou Violante. Paulo sentiu uma viva emoção ouvindo a voz da irman e foi com o coração aos esbarros que galgou a escada illuminada por uma claraboia de vidros polychromicos. Entra e espera um instante na sala. Dirigiu-se para o sumptuoso salão atapetado.

O lustre scintillava a um raio de sol. O mobiliario era rico, adaptado á volupia — molles divans orientaes sobre pellegos que formavam uma alfombra macia, de côres quentes; grandes almofadões de sêda com borlas, fundas poltronas. Os consoles altos, esguios, com espelhos finos, eram todos dourados e rebrilhavam. Cortinas escuras temperavam a luz, quebrando a violencia do sol que entrava por quatro janellas abertas sobre balcões. Na mesa do centro, incrustada de marfim, dentro duma linda jarra de porcellana, morriam rosas. Um aroma tepido, voluptuoso, impregnava o salão. Os rumores da rua chegavam abafados, ensurdecidos, como se viessem de muito longe.

— Espera um instantinho. Estou arranjando o cabello. Vou já.

— Não te incommodes. E, de pé, os braços cruzados, poz-se a examinar os quadros, as estatuetas das peanhas. Uma sandalia côr de rosa jazia no meio do salão emborcada. Sobre um

dos divans uma saia de rendas amarrotada parecia uma grande e estranha flor, murchando em abandono.

— Como vais?

— Vai-se indo. Estás num palacio!

— É. A casa é boa. Grande de mais.

— Moras só?

— Sósinha. Abriu a porta e appareceu deslumbrante, num penteador de rendas que a envolvia como em frocos de espuma. Os cabellos soltos cobriam-lhe as costas até a cinta. Nos braços, que as largas mangas deixavam nús, scintillavam pulseiras. Não repares, disse sorrindo, como vexada. Appareço assim para não te fazer esperar. Sahi do banho. Senta-te. Sentou-se muito encolhida, cruzando as pernas com desembaraço e Paulo viu-lhe as sandalias de velludo, um pouco da perna bem feita, carnuda. Como vai mamãi?

— Como sempre.

— E Felicia?

— Felicia... Felicia está maluca. Despediu-se hoje.

— Maluca?

— Metteu-se com o espiritismo e anda a vêr coisas. Fala com o filho.

— Que filho? Ella tem filho?

— Tinha. Era marinheiro. Morreu na revolta.

— Então está mesmo doida?

— Varrida. Houve um silencio — os dois olhavam-se embaraçados.

— E tu? perguntou por fim Violante. Paulo deu d'hombros.

— Por aqui, lutando sempre. De repente: Porque não vais vêr mamãi?

— Tenho vergonha. Ella fala em mim?

— Se fala em ti...!

— Coitada!

— E tu não estás arrependida, Violante?

— Eu? acenou com a cabeça negativamente. Arrependida, porque? Esta vida tem os seus aborrecimentos, tem; mas a gente não é obrigada a aturar um homem de que não gosta. Serve? muito bem; não serve? adeusinho. Sempre é outra coisa. Não nasci para o casamento... e fez um momo de enjôo.

— Afinal... com quem sahiste?

— Com um moço. Não conheces. Podia ter casado com elle — era bonito, rico e adorava-me; não quiz. Não imaginas — uma furia de ciume. Eu não tinha licença de abrir uma janella. Soffri horrores! Hoje vivo tranquilla, nada me falta e tenho o melhor que é a minha liberdade: vou onde quero, faço o que me dá na cabeça. Os outros... encolheu os hombros com desprezo esticando um beicinho. Não me importo com o mundo. Sei que falam, que não me poupam: que sou isto e aquillo, mas se eu fosse pedir aos taes um pedaço de pão viravam-me as costas. Co-

nheço essa gentinha... oh! se conheço! Um dos que mais falaram de mim não me deixa com recados e bilhetinhos... o tal boticario que queria casar commigo. Deus me livre! São todos muito honestos, mas por traz da cortina vão fazendo das suas. Eu não os incommodo nem os envergonho — quando passo por elles finjo não os vêr. Não nasci para mãi de familia, essa coisa com que os chamados homens de bem enchem a boca. Cada qual para o que nasceu. Nem todas as mulheres têm vocação para freira.

— Lá isso...

— Eu podia fazer o que fazem muitas — casar e depois andar por ahi arrastando no lôdo o nome do meu marido. Preferi sacrificar-me sósinha — em vez de duas deshonras ha apenas a minha. Sou uma perdida, as outras são virtuosas senhoras. Que lhes saiba. A Lola, que é hoje madame não sei que, levou toda a vida a ajuntar dinheiro para comprar virtude e consideração para a velhice. Até arranjou uma filhinha. Eu já a conheci casada, mas em Buenos Ayres contaram-me toda a historia. Se eu tiver tempo e paciencia farei o mesmo. Riu. Queres um calice de licor? cerveja?

— Não, nada.

— Pois é assim. Não estou arrependida. Tudo me tem corrido bem. Ás vezes tenho saudade, não da vida que levava: de ti, de mamãi, mas procuro distrahir-me, disfarço e as horas

levam os pensamentos tristes. A vida é muito curta — quem mais vive é quem mais goza, não achas? Falam no futuro, no dia d'amanhan. Eu vejo as outras, coitadas! umas, viuvas, cheias de filhos; outras, soffrendo horrores com os maridos. O amante é um escravo, o marido é um senhor. É como dizia uma argentina que conheci: «Os homens são encantadores, o homem é insupportavel.» Ter de aturar um sujeito toda a vida é o mesmo que não ter senão um vestido que vai envelhecendo e ao qual é necessario a gente ir pondo e sobrepondo enfeites para esconder as manchas e os remendos. Não me serve.

— Ainda gostas muito de romances?

— Leio. E tu? A tua mania era o casamento. Já tens noiva?

— Deus me livre!

— Deus te livre?! fez um momo faceiro. Pensas que não te conheço.

— Não, estás enganada. Namorei por troça, passatempo apenas. Casar! upa!

E gravemente, com o entono da responsabilidade: Preciso cuidar da velha. Ella não tem mais ninguem no mundo, bem sabes.

— É verdade... Eu, comprehendes, não tenho coragem de offerecer-lhe a minha casa, nem ella havia de querer. Paulo não contestou. Emfim, sempre posso fazer alguma coisa... a questão é saber se ella acceita.

— Porque não? não és filha?

— Talvez tenha escrupulos: dinheiro mal ganho.

— Qual! historias.

— Mamãi!? tu não a conheces. Levantou-se e, contendo um bocejo, perguntou: Queres vêr o meu quarto?

— Vamos. Ella caminhou direito ás portas, abriu-as de par em par e afastou-se dando caminho ao irmão que parecia embaraçado, timido. Entra. Tens vergonha? perguntou sorrindo. É um quarto como outro qualquer. O tapete, alto e fofo, abafava maciamente os passos. A cama estendia-se sob um baldaquino de cujo fundo, dum amarello de ouro, irradiando em pregas, pendiam sanefas e pesadas dobras de um panno de sêda purpura. Os moveis lampejavam lustrosos, com altos espelhos que reflectiam, afundavam o aposento. As paredes eram ramilhetadas de ouro. Um perfume calido errava no ar. Havia no silencio um que de seducção, um convite mysterioso: era o ambiente lascivo que suggeria e vergava ao amor. Paulo não se atrevia a avançar — olhava tolhido, perturbado, sentindo o prestigio ineluctavel da mulher, a influencia poderosa da carne como se ali não estivesse a irman, mas uma mercenaria que o fosse arrastando, vencido, para o amor lubrico que todo aquelle interior aconchegado e discreto insinuava.

Violante abriu o guarda-vestidos — evolou-se uma bafagem aromal em que havia o perfume

allucinante da carne e elle viu a polychromia das sêdas que escorriam dos cabides em saias esguias, plumagens ondulantes, nuvens de rendas. Abriu um cofre, mostrou-lhe as joias, umas em escrinios, outras soltas. No psyché ainda rolavam anneis, grampos e numa concha de nacar rebrilhava um escaravelho cravejado de rubis e uma grande perola pyramidal alvejando na encarna dum broche. Elle olhava, mas a attenção fugia-lhe para o corpo languido, flexuoso, cujas formas desenhavam-se sob as rendas do frouxo penteador. Recuou, sentia-se abalado, começava a fraquear diante da mulher. Respirou largamente caminhando para a sala, como a fugir:

— Sim, senhora. Logo pensou no homem e, com os olhos incendiados, perguntou numa voz presa em que havia desejo: E elle?

— Elle!... É uma excellente creatura. Muito delicado, quer-me muito. Dá-me tudo quanto quero, faz-me todas as vontades. É como um pai. Tem ciume, mas isto é mal de todos. Não ha remedio senão aturar. Vivo aqui como vês — pouco saio. É lendo, dormindo, conversando.

— E já appareceste na rua do Ouvidor?

— Eu? quantas vezes!

— Então?

— Então, quê?

— Não encontraste conhecidos? Ella deu d'hombros.

— Já te disse que não os vejo. Quero que

não me aborreçam. Deixou-se cahir em um dos divans, numa attitude derreada. Paulo contemplava-a. Parecia-lhe outra — não era a mesma Violante: se perdera aquella graça leve e arisca da donzella, ganhára uma belleza mais empolgante, o olhar tornára-se mais quente, a boca mais sanguinea, as faces mais coradas: desabrochára soberba.

Se ella o fitava sentia-se acanhado, o sangue subia-lhe ao rosto incendiando-o.

— Senta-te.

— Não. Vim apenas vêr-te.

— Já vais?

— Tenho que fazer.

— Onde estás trabalhando agora?

— Por ahi. Tópo a tudo.

— Deixaste o jornal?

— Ora! Dias depois da tua sahida.

— Porque?

— Historias...

Estendeu-lhe a mão.

— Espera, homem. Que pressa! Levantou-se e, a correr, com um crespo ondular de rendas, foi ao quarto e voltou, momentos depois, com um enveloppe. Dá isto á mamãi e dize-lhe que não seja má, que me venha vêr.

— E tu, porque não vais até lá?

— Quando?

— Quando quizeres.

— Só á noite.

— Pois sim, á noite. Hoje, por exemplo. Porque não vais hoje?

Ella pensou um momento, mordicando o labio; disse por fim:

— Pois vou.

— Eu previno-a para que ella não soffra um choque. Porque ainda não lhe disse que te encontrei.

— Ah! não ?

— Não.

— Coitada!

— Ás sete horas...

— Ás sete, não; é muito cedo. Ás oito e meia.

— Pois sim. Mas não faltes.

— Não falto.

— Então até logo.

— Até logo. Acompanhou-o á escada. Ainda de baixo elle insistiu:

— Não faltes.

— Não falto. Na rua, Paulo respirou desafogadamente como se houvesse escapado a um perigo e, cheio ainda da volupia que lhe inoculára aquelle ambiente, deteve-se na calçada sem animo de partir, como se uma força mysteriosa o prendesse, o attrahisse, o arrastasse, solicitando-o para o amor.

Porque teria ella insistido em mostrar-lhe o quarto com tanto despudor? por simples vaidade ostentosa ou para martyrisal-o vingando-se, com uma tortura sensual, de tudo quanto elle lhe fi-

zera: das pirraças, das violencias, das grosserias, de todas as affrontas? Não comprehendia aquella visita ao aposento intimo senão como uma premeditada provocação, ainda aggravada com aquella roupagem leve que mal pousava sobre as carnes, deixando visiveis todos os contornos, realçando todos os relevos, numa excitante exposição, apenas velada pela discreção de um leve tecido, de umas rendas soltas.

Teve um vivo movimento de revolta logo, porém, lembrando-se do enveloppe que recebera, abriu-o e desdobrou uma nota de cem mil réis. Guardou-a de novo. Passava um bonde, tomou-o, saltando á porta de casa. D. Julia recebeu-o com recriminações carinhosas.

— Tu estás doido, meu filho!? Para que tudo isto? Nem eu tenho lugar para metter tanta coisa. Isto vai estragar-se. Eu imagino o dinheirão que está aqui. A mesa estava abarrotada de latas, frascos, embrulhos, pacotes; grandes saccos de papel espocavam repletos. Pelo chão, junto á parede, havia caixotes, gordos saccos acaçapavam-se, empilhavam-se latas. Paulo, de mãos nos bolsos, sorria superiormente.

— Estamos livres dos caixeiros, pelo menos durante dois mezes.

— Tu não pódes ter dinheiro na mão. E como foi? Tiraste alguma sorte?

— Ganhei.

— Onde?

— Por ahi.

— Olha lá, Paulo...

Elle voltou-se arrebatadamente:

— Olha lá o quê, mamãi? Quem sabe se a senhora pensa que roubei?

— Não digo isto... Mas não quero que te sacrifiques por minha causa.

— Qual sacrificio! Fiz um bom negocio. Quando eu digo que a senhora não tem confiança em mim... Eu trabalho, mamãi, affirmou com empafia. Entramos nos dias prosperos. Quer vêr? prepare-se para um choque. E, tirando o enveloppe do bolso, entregou-o. Veja.

— Que é?

— Veja, insistiu.

Ella abriu, tirou a nota e, tomando-a em dois dedos, ficou a miral-a.

— Cem mil réis.

— Sim, senhora. Mas dou-lhe um doce se adivinhar de que mãos vem esse dinheiro.

— Do compadre.

— Pois sim.

Poz-se a passeiar pela sala fumando. Adivinhe.

— Eu posso lá adivinhar...

— De Violante.

Ella estremeceu e, boquiaberta, os olhos escancellados, pallida, não teve uma palavra, não se arredou de junto da mesa, amparando-se, sentindo as pernas vergarem. Oscillava, anciava

como se lhe faltassem o solo, o ar, a luz. Paulo precipitou-se, amparou-a: Então, que é isto, mamãi? sente-se. Foram-se-lhe os olhos enchendo dagua. De repente, dobrando-se sobre a mesa, rompeu a chorar, soluçando. Ora ahi está! Trago uma noticia alegre e a senhora recebe-a assim. Felicia appareceu á porta da sala atarantada, com a trunfa desfeita, olhando e sorrindo idiotamente. Contemplou um momento o grupo e, com um muchocho, voltou para a cozinha. D. Julia levantou a cabeça e, fitando os olhos no filho, que a afagava, perguntou:

— Onde está ella?

— Em Botafogo.

— Boa?

— Forte e bonita como nunca!

— Como conseguiste descobril-a?

— Encontrei-a hontem no theatro.

E referiu toda a scena do Recreio; depois a visita que fizera á casa de Botafogo, descrevendo tudo com enthusiasmo, muito parcial da irman, louvando-a, defendendo-a. Fez muito bem. É feliz. D. Julia ouvia sem dizer palavra, cabisbaixa, e as lagrimas cahiam-lhe dos olhos em grossas bagas. Quando elle annunciou a visita promettida para a noite, a velha levantou a cabeça e cravou nelle os olhos, muda e commovida, com verdadeiro espanto.

— Ella vem cá?

— Prometteu. Vem, com certeza; affirmou.

— Eu não devia recebel-a, disse, resentida. Depois do que ella fez...

— Ora, mamãi...

— Eu é que sei o que tenho soffrido, as lagrimas amargas que tenho chorado. Outra não a recebia. Levantou-se, ficou um momento parada, indecisa, o olhar perdido e lacrimoso, e repetiu por entre soluços: Não devia recebel-a.

— Pois é contar com ella logo á noite; e fazer o que eu fiz, se não quer que ella nos deixe de visitar.

— Que é?

— Nada de recriminações. Agora é tarde, o mal está feito e não ha remedio. Estive com ella. Conversámos, mas não lhe fiz a menor censura.

— Violante! murmurou a velha, como se falasse ao coração. Emfim...

— Eu volto á cidade, tenho ainda que fazer. Venho jantar. E tenha calma. Hoje a nossa casa deve enfeitar-se como a do velho da parabola no dia do regresso do filho prodigo. Até logo.

Abraçou-a e sahiu. Ella ficou encostada á mesa, pensando, a chorar; depois, lentamente, dirigiu-se para o quarto, accendeu a lamparina diante dos santos, ajoelhou-se e, de mãos postas, balbuciou as primeiras palavras de uma oração, mas numa explosão de lagrimas, abateu no soalho, e ali ficou, soluçando, com palavras de recriminação e palavras de carinho para a filha in-

grata que, afinal, voltava, que ella ia, emfim, rever e beijar.

Nunca um dia lhe pareceu tão longo como esse. As horas arrastavam-se; por mais que ella buscasse afazeres para distrahir-se volta e meia lá estava na sala a olhar o relogio. Arranjava a casa para receber a filha, trazia vasos de plantas para a sala, sacudia os tapetes, mudava a roupa das camas, num afan satisfeito. Não podia contar com Felicia, que resmungava enfezada, repellindo visões, bradando furiosamente a seres imaginarios, ora na cozinha, ora no quintal, ao sol. A pobre negra debatia-se lutando com as trevas que se lhe iam adensando no espirito. Por vezes, num momento lucido, ficava immovel, pensando; logo, porém, o delirio a retomava e, trabalhando machinalmente, sempre a murmurar, a esconjurar, sacudia-se, esfregava os olhos irritada, aspergia os cantos, ás mancheias dagua, sapateando frenetica, grugrulhando num desespero crescente.

Atirava punhados de sal ao fogo e desvairada, excitada pela crepitação, bradava expulsando os espiritos, apanhava-os no ar, lançava-os pela porta, injuriando-os, soprando-os, como se fossem leves plumas e, d'olhos altos, acompanhava-os imaginariamente, esconjurando-os.

D. Julia começava a temel-a. Quando lhe ouvia os gritos, estrangulados como ganidos, afastava-se, ia para a sala da frente, receiando alguma violencia, mas a negra não se arredava

da cozinha, onde rolava em crises furiosas, escabujando, lutando com as larvas que os seus olhos assombrados descobriam.

Quando Paulo entrou, ao cahir da tarde. D. Julia insistiu na necessidade de despedir Felicia. Não era prudente tel-a em casa naquelle estado: estava ficando furiosa.

— Hoje não me lembrei do annuncio. Tambem, com o dia que tive... Amanhan.

— Tu comprehendes... eu sósinha em casa com uma doida...

— Sim, tem razão. Fique tranquilla, amanhan arranjo uma criada.

Jantaram. Felicia servia carrancuda, resmungando. Ia até á porta, retrocedia olhando airadamente, murmurando, ás vezes rindo.

— Vai, Felicia.

— Huê! Então vosmecê pensa? é assim mesmo. Elles derrubam tudo, derrubam, mas a minha casa é sagrada. Curvou-se, traçou uma cruz no soalho. Eu não... aqui ninguem bóle! Huê!

Lá ia, a dar de hombros, chuchando muchochos. Rompia a cantar, sapateando diante do fogão. Era necessario chamal-a. Paulo reprehendeu-a:

— Que é isto, Felicia? Tu estás doida!

— Doida! Vá falando, vá falando. Vosmecê nem sabe. Eu não... Meu filho é meu filho. Quem foi que me deu elle? olhe... mostrava o céu. Está lá em cima, foi Nosso Senhor. Quem foi que

tirou elle? inclinava-se prestando attenção ao rumor das ondas. Vosmecê está ouvindo? Não fala não, nhonhô, mar está ahi perto, pertinho. O melhor é vosmecê ficar quieto.

Á noite, a ancia de D. Julia augmentou — estremecia ao mais leve rumor, o coração batia-lhe precipitado, sentia o sangue fugir-lhe. Quando Paulo bradou da sala: «Está ahi Violante», ella quiz precipitar-se, correr, mas faltaram-lhe as pernas; levou ambas as mãos ao peito contendo o coração que parecia querer rebentar e foi indo, arrastadamente, já com os olhos rasos de lagrimas.

A porta da rua abriu-se e ella viu apparecer a filha agasalhada em uma capa que lhe chegava aos pés, com um grande chapéu de plumas negras. Encostou-se ao umbral da porta do corredor, chorando, abalada, sem forças para seguir. Violante precipitou-se e, abraçando-a apertadamente, poz-se a acaricial-a com palavras meigas, levando-a devagarinho para o sofá. Quando se sentaram ella ficou succumbida, numa attitude humilde, sem coragem de levantar os olhos para a filha que a amparava.

— Então, mamãi? Não quer olhar para mim? Ella encarou-a, então, com as lagrimas correndo em fios e sorriu tristemente, contemplando-a com toda a ternura da sua immensa saudade. Achou-a linda, mais forte. Sou eu, Violante.

— Ah! sim... Violante... Olha para mim,

vê como estou magra, cheia de cabellos brancos. O pranto tomou-lhe, de novo, a voz. Tu não tens pena de mim?...

— Ora, mamãi, interveiu Paulo, assim Violante fica com medo de voltar.

— Porque? que mal lhe estou eu fazendo?

— Vamos conversar.

— Foi uma maluquice, mamãi, disse Violante, mas não falemos nisso.

— E não estás arrependida?

Ella meneou com a cabeça negativamente, sorrindo e, estouvada, tomando as mãos da velha, poz-se a afagal-as ás palmadinhas:

— Vamos falar de coisas alegres. Eu não vim aqui recordar tristezas. O que passou, passou. A senhora como vai? Tem tido saudades de mim? diga...

— Como vou... esperando a morte. Não queres tirar a capa?

— Não, não posso demorar-me.

— Onde vais?

Ella sorriu, titubeou:

— Tenho visitas, amigas. Descance; muito breve venho passar um dia inteiro com a senhora.

— Se eu ainda fôr viva.

— Ora, mamãi.

— Ora, hein? Não vês como estou inchada? Olha bem para mim.

— Não acho. A senhora não deixa as scismas.

— Scismas... Antes fossem. Mas que foi que te deu na cabeça, minha filha?

Deu d'hombros, fez um momo e dando á voz um tom infantil: Vamos falar de outra coisa. Assim eu fico triste... E logo, fugindo ao assumpto: E Felicia? É verdade que está maluca?

— Perdida duma vez. Não diz coisa com coisa, sempre resmungando, praguejando. Daqui para o Hospicio. Ainda hoje, não imaginas o que fez.

— Porque?

— Por causa do filho. Os filhos... vocês! accentuou.

— Eu não sabia que ella tinha filho.

— Tinha, era marinheiro; morreu na revolta.

— Coitada!

— E tu? como vives?

— Vivendo: ora alegre, ora triste. Mas nada me falta, graças a Deus.

— E não ficas vexada?

Ella tornou-se séria, sacudindo as borlas da capa:

— Vexada, porque? É uma vida como as outras. Vai, talvez, mais ligeira, mas é mais agradavel. Tristezas, todos as têm. Eu podia ter casado, não quiz.

— Porque?

— Porque sim. Impoz a mão ao peito e affirmou: Não tenho coração.

— Isso sei eu.

Paulo, que se conservára calado, fumando, interveiu.

— Se ella é feliz, que mais?

— Pois sim, mas eu penso em Deus.

— Deus... Bem se importa elle commigo. Levantou-se.

Começava a sentir a melancolia daquelle lar taciturno; aquelle ambiente de tranquillidade pesava-lhe, não era o seu elemento, sentia-se como suffocada. Fez menção de despedir-se, mas a mãi convidou-a a vêr a casa. Cedeu submissa e seguiu-a olhando indifferente, sem curiosidade, com um sorriso artificial no rosto. Diante do quarto que lhe fôra destinado houve maior demora: a velha levantou a vela, uma luz mais larga projectou-se.

— Este era o teu.

— Bem bom. A casa é pequena, mas muito commoda. Muito melhor que a outra. E Felicia? A negra preoccupava-a: queria vêr a desgraça, sentir a miseria, contemplar a agonia.

— Deve estar na cozinha.

Paulo deu luz ao gaz e avançou chamando a rapariga, aos berros. Não houve resposta. Ella, ás vezes, sahe para o quintal, fica lá fóra sentada, resmungando. Paulo procurava. Uma sombra ergueu-se junto ao fogão e ficou immovel. Violante adiantou-se e a negra esperou-a hostil.

— Ó Felicia! Como vai você? Então que é isso? Não me conheces mais? A negra olhou-a

muito, sem pestanejar; de repente, como uma rabanada, sahiu da cozinha e sumiu-se no quintal, aos resmungos.

— Coitada! lamentou D. Julia; é melhor deixal-a.

Na sala de jantar Paulo insistiu com a irman para que acceitasse alguma coisa, ella recusou: «Jantára tarde. Não tinha vontade.» A velha procurava pretextos para ficar a sós com ella, Paulo, porém, rondava-as fazendo as honras da casa, muito solicito e franco. A mãi atreveu-se a pedir, carinhosa:

— Deixa-me ficar um instantinho com Violante, meu filho.

— Pois não. Retirou-se contrariado. Foi para a sala. As duas olharam-se, caladas. D. Julia tomou uma das mãos da filha, a tremer; poz-se a beijal-a, sofrega. Subito, como se lhe faltasse o equilibrio, oscillou e teria cahido se Violante não a amparasse. Cerraram-se-lhe os olhos, todo o corpo amolleceu, inerte, tombando sobre uma cadeira. Violante gritou; Paulo acudiu a correr:

— Que é?

— Mamãi... Olha como está. Não vá ser do coração, meu Deus!

— Eu já contava com isto.

Foi precipitadamente ao quarto, trouxe um vidro dagua sedativa. A velha não fazia o menor movimento; a respiração era anciosa e cerrada.

— Nem ha aqui uma pessoa para chamar um

medico. Espera, eu mando o cocheiro; aqui mesmo na rua da Lapa ha um. Correu á sala, deu uma ordem. O carro partiu. Tornou para junto do irmão, attonita. Por fim, como se se habituasse, sentou-se calma.

— É o coração, cochichou Paulo.

Violante teve um gesto de desanimo. O relogio bateu vagarosamente no silencio.

— Nove e meia! exclamou em voz surda, alarmada. E eu que não preveni Lucilia. O homem é capaz de pensar que ando por ahi em pandega.

— Dize-lhe o que houve.

— E pensas que elle acredita? Pois sim. Inclinou-se, poz-se a chamar a mãi, não para allivial-a, mas para libertar-se. Não tens um pouco de ether?

— Não.

— A que horas vou eu sahir daqui, meu Deus! E o medico? Ainda se elle chegasse...

— Se queres, vai. Eu fico com ella.

— Não! Isso não. Não quero que ella se zangue.

— Zangar-se, porque?

— Se eu fôsse livre, mas tu comprehendes. Ao rumor do carro Violante correu á sala, abriu a janella. Estava um homem parado á porta. É o doutor?

— Sim, minha senhora. Era um homem de idade, alto, magro, feição austera. Entrou vaga-

rosamente e perguntou, em voz pausada, pelo doente.

— É minha mãi, doutor. Está lá dentro, teve uma syncope. Nem tivemos tempo de a levar para a cama. Foi de repente. Entre, doutor.

Falava com grande volubilidade, voltando-se para o medico, que a seguia, sempre vagaroso. Justamente chegavam á sala de jantar quando Paulo sussurrava palavras meigas á mãi que parecia haver recobrado os sentidos. Effectivamente abria os olhos, balbuciava, movia a cabeça como atordoada. Violante precipitou-se:

— Então, mamãi? Está melhor? Olhe o doutor. É melhor deital-a, o senhor não acha? Lançou um rapido olhar ao relogio e franziu a fronte contrariada. O medico fez um ligeiro exame, receitou um calmante, recommendou repouso. Paulo segredou:

— Ella é cardiaca, doutor. Não ha perigo?

— Sim, é preciso cuidado. Se houver alguma coisa mande-me um recado.

Despediu-se. D. Julia sentia-se alquebrada, faltavam-lhe as pernas, todo o corpo doía-lhe. Ampararam-na até a cama. Deitando-se, ella olhou para Violante enternecidamente, dizendo:

— Nem conversamos, minha filha. *Isto* está por pouco: quando vocês mal pensarem estou morta. Tambem, que faz um trambolho como eu no mundo?

— Deixe-se disso, mamãi. Violante ia e vi-

nha, arranjava os travesseiros, estendia, alisava a colcha, apparentando cuidados que não encobriam a sua anciedade; animava-a, promettia ser muito assidua. Estarei aqui sempre, ha de vêr. Quando estiver triste venho para cá passar o dia ou a senhora vai lá para a casa fazer-me companhia. Havemos de viver como dantes. Sentou-se estabanadamente na cama, abraçou a velha que se conservava de olhos baixos, numa attitude de humildade e de resignação. De repente ergueu-se e, assustada, procurando o relogio entre as rendas soltas, exclamou: Dez e meia! Nossa Senhora!...

— Vai, minha filha. Deus te abençôe.

— A senhora não precisa de mim, felizmente. Até amanhan. Beijou-a nas faces, beijou-lhe a mão. Sahindo á sala, ouviu um estrupido surdo e uma voz soturna que resmoneava.

— Que é isso, Paulo?

— Que ha de ser? É Felicia com as maluquices.

— Que agouro! Crédo! Ainda falou para o quarto: Até amanhan, mamãi.

— Vai com Deus.

— Adeus, Paulo. A que horas vou eu chegar á casa.

Seguiu ligeiramente pelo corredor, com um rascante esfrolar de sêdas, deixando um rasto de perfume. Paulo sahiu á rua acompanhando-a ao coupé.

— Até amanhan.

— Até amanhan.

XIII

D. Julia não se poude levantar na manhan seguinte. Quando Paulo entrou no quarto para vêl-a, achou-a a chorar.

— Que tem, mamãi?

— Nada. Deixa-me. Tambem não posso chorar?

— Mas isto faz-lhe mal. O medico recommendou a maior calma.

— Ora, o medico... O medico sabe lá o que eu tenho. Não hei de chorar. Vêr minha filha assim... Eu mesma não sei que é que você pensa, rapaz. Ninguem era mais severo, agora só porque ella anda de carro, coberta de joias já você não se importa. Pois eu não. Preferia... calou-se recalcando a phrase que lhe subira do coração e ficou um momento de olhos perdidos, arfando.

— Que hei de eu fazer? só se a senhora quer

que eu lhe feche a porta. Se quer... Ella não respondeu. Fiz o que fiz porque a senhora vivia chorando por ella. Eu devia ter ficado quieto. É assim: nunca o que faço agrada. Eu é que sou tolo.

— Paulo, pelo amor de Deus! deixa-me. Não me amofines mais. Se soubesses como tenho este pobre coração não vivias a torturar-me. Has de sentir mais tarde, deixa estar. Velha assim mesmo e doente, como estou, sempre sirvo para alguma coisa. Deixa estar.

Felicia poz-se a vociferar na cozinha, atirando panellas. Olha, vai lá vêr aquella rapariga. Paulo sahiu a conter a negra. Quando ella deu com elle aprumou-se hostilmente, com os olhos muito brilhantes, parados. Elle receiou reprehendel-a; chamou-a com mansidão procurando acalmal-a:

— Então, velha? que barulho é este?

A negra avançou e curvando-se, com o braço hirto, como a mostrar alguma coisa ao longe, rouquejou:

— Está ouvindo? Então não é assim? Vosmecê pensa que o mar não conta? vá lá na praia escutar. Eu estou aqui, estou ouvindo. Que é que elle fez? móde que? Uma voltou, outro não volta. Móde que? Ella é melhor? não é. Eu tambem sou mãi. Quem manda está lá em cima. Sahiu precipitadamente ao quintal, o braço erguido para o céu luminoso. Elle ha de vir tambem.

— Pois sim, mas é preciso que fiques quieta,

que cuides do serviço como dantes. Deus não gosta de gente má.

— Má... Quem é que é má? Resmungou uma obscenidade e foi encostar-se ao fogão, ainda apagado. Má. Eu sou mãi como sua mãi! gritou com furia frenetica fitando nelle os olhos lampejantes. Sim senhor. Mãi como sua mãi.

Paulo deixou-a e a negra ficou a bradar esmurrando as paredes. D. Julia chamou-o:

— Olha, meu filho, o melhor é despedires essa rapariga. Vê se arranjas alguem que fique commigo porque eu até tenho medo de que ella me faça alguma coisa, no estado em que está.

— Mas como hei de sahir? Quem ficará com a senhora?

— Vai e leva a chave. Eu fico só; não te demores.

Elle hesitou:

— Para fazel-a sahir só se eu chamar uma praça.

— Prendel-a? Isso não, coitada! Olha, manda-a cá. Soergueu-se e chamou: Felicia! A negra respondeu do fundo da cozinha: Nhóra!

— Vem cá.

Ella appareceu á porta do quarto com as roupas em frangalhos, o collo secco descoberto, as magras pernas á mostra. Chega aqui. A negra adiantou-se humilde, arrepanhando os andrajos. Eu estou doente, não me posso levantar. Se não queres tomar conta do serviço dize porque eu

faço um sacrificio e vou assim mesmo para a cozinha. Rapidamente a negra levou as mãos aos olhos e, atirando-se de joelhos junto á cama, rompeu a chorar.

— Que foi que eu fiz, sinhá? Que foi que eu fiz? Eu não estou quieta no meu serviço? porque é que vão mexer commigo? Eu não faço mal a ninguem... Coitada de mim!

— Mas ninguem mexeu comtigo. Tu é que andas a fazer criançadas, não tens pena de mim que sou tão tua amiga.

— Então eu não quero bem a vosmecê?

— Não parece.

— Eu já abandonei vosmecê?

— Não; mas agora não pareces a mesma Felicia.

— É, vosmecê fala assim... Quem ouvir ha de pensar que eu sou exigente, que peço mundos e fundos. Que é que eu peço? Porque falo com meu filho? Então não sou mãi? Levantou-se de salto, escancarou a porta do quarto, mostrou a cozinha: Elle vai para lá, fica commigo, eu converso com elle... Que é que tem? faz mal? Vosmecê não fica até tarde esperando nhonhô? Nhá Violante não esteve hontem aqui? Então eu não vejo? Eu estou calada, estou quieta, mas vejo tudo. Vosmecê é mãi, eu tambem sou. A dôr que vosmecê sentiu eu tambem senti. O leite é da mesma côr; por ser preta não sinto menos, sinhá. Ficou a encaral-a, com uma expressão do-

lorosa no rosto escaveirado; e concluiu: Mãi é uma só. Eu vou fazer o meu serviço, mas não bulam commigo que eu não bulo com ninguem. Deu alguns passos e retrocedeu: Vosmecê olhe e ha de vêr; eu vou para o meu serviço, daqui a pouco a cozinha está cheia. Não me deixam fazer nada. Vosmecê fique olhando. E, arrepanhando os molambos, foi-se. Depois dum silencio D. Julia murmurou:

— É tudo, meu Deus! Uma rapariga tão boa...! Eu é que sou a infeliz. Chego, ás vezes, a pensar que espalho desgraças. É o meu caiporismo. Até parece coisa feita. Emfim, ha de ser o que Deus quizer. Vendo o filho encostado á commoda, pensativo, disse-lhe: Vai, tens que fazer. Não te prendas por minha causa.

— E a senhora?

— Não te incommodes commigo. Elle ainda hesitou. Ella insistiu:

— Vai.

— Então eu vou, porque tenho mesmo que fazer e volto cedo.

— Pois sim. Fecha a porta e leva a chave.

— E se vier alguem?

— Quem vem aqui?

— Quer alguma coisa lá de baixo?

— Não.

— Então até já. Sentia necessidade de ar, de movimento. A casa, cada vez mais triste, sempre a echoar esconjuros e lamentações da louca, tor-

nava-se-lhe insupportavel. A mãi, por outro lado. a suspirar, a chorar, no quarto alumiado dia e noite pela lamparina devota. Vestiu-se e sahiu, fechando a porta e levando a chave, como lhe recommendára a mãi.

Ia á aventura, sem destino. Foi caminhando vagarosamente, preoccupado com o estado da velha. — Achava-a mal... e só, com a louca... Emfim, como contava voltar cedo... Onde poderia encontrar uma criada? Seguia pensando, sem dar pelo caminho. De repente lembrou-se de Ritinha. Subito calor aqueceu-lhe o sangue reavivando desejos. Se fosse vêl-a? Talvez que ella lhe pudesse inculcar alguem, conhecia tantas raparigas. Era uma idéa. Estugou o passo e no largo da Lapa tomou um tilbury, mandando tocar para a estalagem.

Ao chegar á casinha de Mamede ficou surprehendido vendo a porta e a janella fechadas e já se decidia a voltar quando, da cerca da casa contigua, uma mulheraça, em mangas de camisa, com grandes peitos derramados sobre o ventre cheio, disse-lhe chuchando os dentes:

— Bata. Tem gente. Elle agradeceu, atravessou o jardinete e bateu á porta. Falaram dentro, elle reconheceu a voz da mulata.

— Sou eu, Paulo.

— Responderam? perguntou a mulher.

— Sim, senhora. Obrigado. A porta entreabriu-se e Ritinha, reconhecendo-o, não teve se-

quer um sorriso. Elle entrou e, na meia escuridão da sala, exclamou espantado:

— Que é isto? Tudo fechado... Porque? Ella deu d'hombros, amuada. Que é d'elle?

— Quem?

— Mamede.

— Sei lá! Sentou-se aborrecida.

— Houve alguma coisa entre vocês?

— Sei lá!

— Brigas, ciumadas; aposto.

— Ciumadas. Eu é que vou procurar a minha vida. Estou farta de aturar grosserias e de passar vergonhas. Quem não póde com o tempo não inventa modas. Aquillo é lá homem?! Não se importa com a casa — se tem dinheiro é p'r'o jogo, se não tem, mette-se aqui bebendo, resmungando desaforos e eu que me vire em comida. O senhorio não sahe ahi da porta e, volta e meia, são cobradores batendo, com atrevimento. E elle? ha tres dias que não apparece. Estão dizendo que foi preso numa casa de jogo. Não sei.

— E você agora?

— Eu vou por ahi. De fome é que não hei de morrer. Depois dum silencio Paulo approximou a sua cadeira e, tomando a mão da mulata, voltou á proposta antiga.

— Bem podias estar livre de tudo isto... Não queres...

— O que?

— Sahir commigo. Ella baixou a cabeça, ca-

lada. Não queres viver em commodos... Pois vem morar commigo.

— Com o senhor? Que é isso?! E sua mãi?

— Que tem? Mamãi é uma creatura excellente, estou certo de que te has de dar muito bem com ella. Só depende de ti.

— Mas então sua mãi vai recebendo assim uma pessoa que não conhece? que nunca viu?

— Que tem isso? Eu sahi mesmo para procurar alguem que a acompanhe. Ella está de cama, muito mal. Tu aqui trabalhas como uma moura, para que? Vais lá para casa, eu tomo uma criada, só tens que dirigir o serviço.

— Mas... para viver com o senhor?

— Então? A mulata ficou pensativa. Elle insistiu: Decide.

— Não sei... Isso assim de repente... Sei lá! Elle accentuou:

— Olha, vamos fazer uma coisa. Eu vou agora para casa, digo a mamãi que tu, a companheira de Mamede, te offereceste para fazer-lhe companhia. Ella acceita, estou certo, porque a rapariga que nos servia ficou maluca e temos de despedil-a; eu venho buscar-te ou tu vais, á noite, e, depois de lá estares, o mais arranja-se. Ella ouvia, escabichando as unhas.

— Mas então eu vou como criada?

— Não, filha; vais como pessoa de amizade, fazer um favor. Amanhan mesmo eu tomo uma criada e ficas como dona da casa, porque ma-

mãi está de cama e creio que, infelizmente, não se levanta mais.

— Está assim?

— Perdida!

— De que?

— Coração. Houve um silencio. Paulo fitava-a, acariciando-lhe a mão.

— A questão é sahir daqui.

— Por causa dos trastes?

— Os trastes são delle; mas a minha roupa, o que é meu. O senhorio, com certeza, não me deixa tirar. Mamede está devendo tanto!

— Isso é simples: vais ao senhorio, dizes que retiras apenas o que é teu, dás-lhe algum dinheiro, se elle exigir.

— Era bom que eu tivesse...!

— Tenho eu. Quanto queres?

— Sei lá!

— Chegam cem mil réis?

— Acho que sim.

— Pois toma. Deu-lhe o dinheiro escolhendo vagarosamente no maço, entre as notas grandes, duas de cincoenta. E agora é tratar de arrumar as coisas e sahir. Já devias ter feito isto. Mamede é um bom rapaz, mas não te serve. Levantou-se. Bem, vou para casa; deixei mamãi só. E olha que fico á tua espera. Vê lá. Não vás fazer alguma. Ella respondeu, sem levantar os olhos:

— Já disse que vou.

— A que horas?

— Á noitinha.

— Pois bem. Então até logo. E se precisas de mais alguma coisa...?

— Não. Frente á frente encararam-se; ella sorriu e, num movimento repentino, atirou-lhe os braços ao pescoço, offereceu-lhe a boca, cerrando os olhos languidos.

Entrando em casa, Paulo foi direito ao quarto da mãi, bateu de leve na vidraça da porta.

— Quem é?

— Eu, mamãi.

— Entra. O ar morno, denso, cheirava a defumação. A lamparina ardia tristemente diante das imagens. Elle sentou-se á beira da cama:

— Então? Como vai?

— Assim...

— Puz o annuncio. Felicia não veiu cá?

— Andou ahi pela sala mexendo, resmungando.

— E a senhora comeu alguma coisa?

— Não tenho fome.

— Mas precisa comer. Depois duma pausa annunciou: A companheira de Mamede vem ficar aqui, com a senhora.

— Quem é?

— A rapariga que vive com elle.

— Não quero.

— Por que?

— Não quero.

— Mas se a lembrança partiu delle! Encon-

trei-o na rua, disse-lhe como a senhora está, falei de Felicia e elle immediatamente offereceu a sua companheira para vir ficar aqui uns dias. Vamos que eu não arranje uma criada, quem ha de cuidar da senhora, tratar da casa? Eu não posso, não havemos de pedir aos visinhos. Felicia está como a senhora vê. Acceitei o offerecimento e a moça ficou de vir á noitinha. E agora que hei de eu dizer?

— Que typo é?

— É uma pardinha. Vive com elle como se fosse casada. A senhora ha de gostar della.

— E commodo? Onde vai dormir essa moça? Tem o quarto de Violante, mas cama, o mais?

— Eu cedo-lhe o meu quarto, é por dias. Armo a rede no quarto de Violante e está prompto. O que eu não quero é que a senhora fique aqui assim, com uma doida que nem para lhe trazer um copo dagua serve. Tudo se ha de arranjar. Hoje, por exemplo, a senhora não imagina como andei na cidade, com um rôr de coisas a fazer. Deixei tudo e vim para a casa, a correr, com medo.

— Medo de que?

— De que? de Felicia. Assim, estando aqui uma pessoa de confiança, não me incommodo.

— E conheces bem essa moça?

— Conheço.

— É séria?

— Então, mamãi!

— Sim, porque eu quero respeito aqui em casa. Lá fóra, tudo quanto quizeres; aqui não. Paulo não achou uma palavra para responder, ficou como atordoado, olhando a enferma que continuava em resmungo, defendendo o seu lar como se houvesse adivinhado a intenção do filho. Bem sabes como sou. Se é uma pessoa honesta, muito bem; mas troças aqui, isso não!

— Que troças, mamãi. Então eu havia de metter em casa uma vagabunda?

— Não sei... Conheço Mamede: bom rapaz, bom rapaz, mas lá fóra. Vem a mulher, amanhan é elle que se mette aqui. Não quero. Prefiro morrer sósinha. Deus me acompanhará.

— Elle não vem.

— Pois sim, faze lá o que quizeres, comtanto que haja respeito aqui. E elle, procurando desviar a palestra do assumpto escabroso, perguntou:

— E Felicia? posso despedil-a?

— Sim; mas não a maltrates, tem pena della. Emquanto teve juizo foi muito boa para todos nós, agora, coitada...!

— Descance, mamãi. Foi á cozinha. A negra não estava, procurou-a no quarto, chamando-a. Sahiu ao quintal, lá a encontrou acocorada, cavando a terra. Chamou-a. A negra voltou-se de impeto e fitou nelle os olhos que ardiam. Felicia, nós vamos sahir. Mamãi está mal, precisa mudar de ares. Vamos para longe, não podemos levar-te. Tens aqui o teu dinheiro. Arranja o

que é teu e procura uma casa onde fiques. Quando voltarmos irei buscar-te. A negra ouvia com um sorriso estampado no rosto. Levantou-se, sacudiu as mãos e foi caminhando devagar para a cozinha. Á porta, porém, deteve-se e, voltando-se impetuosamente, como se fosse responder com furia, olhou-o serena e, de novo, o sorriso abriu-se-lhe no rosto macilento e fulo. Entrou e, diante do fogão, repentinamente tomada pelo delirio, apanhou as pontas do vestido roto, ergueu-o e poz-se a sapatear, a voltear, cantarolando:

Vou-me embora! Vou-me embora.
E' mentira, não vou, não...

Dobrou-se a rir, derreando-se sobre o fogão, e ali ficou na rinchavelhada insana, sem dar pelo rapaz que a contemplava, parado á porta. Vendo que ella não se decidia, Paulo chamou-a, energico: Então, Felicia!

— Uai! outra gargalhada rolou, sinistra. Uai! Vancê vá indo, eu vou depois.

— Não, has de sahir agora.

— Agora não, respondeu a louca com toda a calma, meneando com a cabeça. Agora não. Sentou-se a um canto, espichou as pernas magras e poz-se a raspar o soalho, sempre com a cabeça em movimento, negando. Meu filho não falou. Quando meu filho falar. Tudo tem seu tempo. Pois então? Vosmecê quer, elle não quer. Eu

fico esperando. O mar está ahi. Vá, vá, nhonhô; não bula com quem não faz mal. Que é que eu estou fazendo? Vancê olhe — e apontou o angulo do tecto, negro de fuligem: ali é que elle mora.

Paulo começava a irritar-se. Avançou alguns passos e, violentamente, agarrando a negra por um braço, puxou-a, rasgando-lhe a camisa e, como não encontrasse resistencia, numa raiva que crescia, que a inercia da louca parecia acirrar, esmurrou-a, atirou-lhe pontapés, e a miseravel rolava, enrodilhava-se, com os braços pela cabeça, chorando humildemente. D. Julia, ouvindo o rumor, chamou o filho. Elle sahiu, deixando a negra por terra, descomposta, gemendo.

— Que é? perguntou a velha assustada. Elle respondeu offegante:

— É demais! Tambem não se póde ter paciencia de santo.

— Déste na pobresinha, Paulo?

— Ah! não... Está uma féra. Não se lhe póde falar: assanha-se como uma vibora. Não estou para atural-a. Louca! pois que vá para o Hospicio. A negra chorava alto, lamentando-se. Paulo quiz voltar á cozinha.

— Deixa-a, pediu D. Julia. Não lhe batas, coitada! Não tem consciencia do que faz. Deixa-a.

Elle deu uma volta pela sala e, lembrando-se de que a mãi nada havia comido até áquella hora,

tomou o chapéu e, chegando-se á porta do quarto, disse:

— Eu vou a um hotel mandar vir alguma coisa. Até já. E sahiu resmungando.

XIV

Paulo estava á janella quando uma carrocinha de mão parou á porta. O carroceiro adiantou-se e elle, antes que o homem falasse, disse: «É aqui mesmo.» Era a bagagem de Ritinha: um bahú de couro, uma pequena lata, dois caixotes e a gaiola do canario que esvoaçava, assustado. Justamente o carroceiro arrastava o bahú pesado, tombando-o sobre a calçada, quando a mulata appareceu risonha. Paulo recebeu-a e, dizendo ao carroceiro que deixasse tudo na sala, levou-a para o sofá. Ella queixou-se de cançaço.

— Vieste a pé?

— Não, vim de bonde até o largo da Lapa, mas de lá toquei-me numa batida até aqui e com este calor... E sua mãi?

— Está lá dentro. Nós precisamos conversar.

Deixa o homem acabar o serviço... Temos uma combinaçãosinha. E, voltando-se para o carroceiro, que deixára a gaiola a um canto: Prompto?

— Sim, senhor.

— Ajustaste? perguntou á Ritinha. Ella disse-lhe o preço. Pagou, fechou a porta e tornou ao sofá sentando-se muito chegado á mulata que parecia examinar a sala, escura áquella hora da tarde. Ouve, eu falei á mamãi: disse-lhe que vinhas a mandado do Mamede. Tendo-lhe eu dito que ella estava sem uma pessoa de confiança em casa, elle fizera questão de que viesses para tratal-a. Dormes no meu quarto, eu vou lá para dentro... Isto é só nos primeiros dias, já se vê, depois... fica por minha conta. E beijou-a. Agora vamos lá, quero apresentar-te á velha. Has de gostar della. Ritinha estava receiosa e, no sofá, retorcendo o lenço, parecia meditar. Anda!

— Olhe lá! o senhor veja bem o que vai fazer...!

— Não tenhas medo. Deixa de tolice. Mamãi está doente, não se levanta. Anda.

— Se ella me disser alguma coisa eu volto, vou-me embora. Isso tão certo...

— Ora... Vamos. A mulata levantou-se e foram juntos pelo corredor escuro. Paulo accendeu o gaz na sala de jantar e, chegando á porta do quarto, annunciou: Mamãi, está aqui a moça de que lhe falei. Ella póde entrar? A velha desculpou-se:

— Oh! meu filho, isto está num desarranjo... nem foi varrido. Pede desculpa.

— Ella sabe, mamãi.

— Não sou de cerimonia, disse Ritinha já no quarto. A luz da lamparina mal aclarava uma parte do aposento. A enferma sentou-se na cama e procurou vêr a mulata que se adiantava, estendendo a mão. Houve um momento de travado silencio — as duas mulheres pareciam examinarse. Por fim D. Julia falou tranquillisada, como se a physionomia de Ritinha a houvesse serenado:

— É ainda muito mocinha.

— É o que parece. Então que é isso?

— Eu sei?! minha filha. Estou fazendo horas para seguir o meu destino. E queira Deus que não demore muito, porque já estou cançada de soffrer.

— Qual! a senhora fica boa. Eu estou aqui para o que fôr preciso. Não valho muito, mas os meus prestimos ficam ás suas ordens. Antes mesmo de Mamede me falar eu já tinha dito a seu filho que, se fosse preciso...

— Obrigada. Nem sei como a senhora vai se arranjar nesta barafunda. Isso lá por fóra está que é uma vergonha. Eu imagino! A nossa criada, coitada! lá está na cozinha gemendo, gritando.

— Ainda!

— Ora!

— Se eu digo á mamãi que o melhor é pedir que a mandem tirar daqui...

— Tenho pena... E tornando á Ritinha: A senhora comprehende, foi uma creatura que sempre nos acompanhou com a maior dedicação, muito amiga de todos. Teve a infelicidade de ficar assim e eu, francamente, não tenho coração para tocal-a de casa.

— Aqui é que ella não póde ficar, mamãi. É impossivel. Não ha tanta gente boa no Hospicio? Aquillo não é um presidio, é uma casa de caridade.

— Sim, mas a gente sempre tem pena. Emfim, tu é que sabes. Eu não digo nada. Paulo convidou Ritinha para vêr o quarto, ella devia querer ficar a gosto.

Levou-a á sala e, ligeiramente, atirando-lhe os braços ao pescoço, rosto contra rosto, perguntou:

— Então?

— Parece uma boa creatura. E na sombra uniram as bocas demoradamente.

Installando-se no quarto de Paulo, Ritinha poz-se logo á vontade e, cheia de solicitude, muito carinhosa com a enferma, insistiu com ella para que tomasse alguma coisa: um pouco de chá, ao menos.

D. Julia cedeu ao carinho e a mulata entrou na despensa, acompanhada de Paulo, que fazia empenho em que ella tudo visse. Abria latas, pacotes, com uma grande vaidade de dono de casa a exhibir a abundancia. Foram á cozinha. A um canto, encolhida, Felicia resmungava como um

animal medroso. Os seus olhos luziam na sombra, de quando em quando um suspiro subia-lhe do peito. Arrepanhava os molambos, fazia-se humilde, chegava-se á parede como se procurasse refugio.

— Esta é que é a maluca? perguntou Ritinha inclinando-se, com a vela muito chegada ao rosto da negra.

— É. Um diabo que só nos dá trabalho. É até capaz de morrer aqui. Não come, nem sei como vive. Á noite é um horror.

— Coitada!

— Coitada!? Has de vêr logo mais: grita, sapateia, chora. Ritinha poz-se a accender o fogo juntando gravetos. Paulo ajudava e, passando por ella, sem importar-se com a louca que os olhava, beliscava-a, atirava-lhe beijos á nuca, emprazando-a para a noite alta, quando a velha dormisse.

— Olhe lá! não comece com imprudencias. Eu não quero historias commigo.

— Quê! pensas que eu hei de dormir sósinho tendo-te aqui em casa, minha, minha só?... Num frenesi lubrico agarrou-a, levantou-a nos braços e a sombra dos dois corpos enlaçados tremia nos muros negros da cozinha fuliginosa. Felicia foi-se arrastando, metteu-se debaixo da pia, sem sentir a humidade, ficou a olhar assombrada. D. Julia chamou:

— Paulo!

— Senhora.

— Dá-me um bocadinho dagua. Elle foi prompto em servil-a; depois de beber, a enferma perguntou: Que estás fazendo lá dentro?

— Fui mostrar a despensa, a cozinha. Sentou-se e, meigo, perguntou: Então, que lhe parece? A velha não respondeu; elle continuou: É uma excellente creatura e a senhora não imagina o que ella soffre do Mamede.

— Porque?

— Ora! Elle não lhe dá vintem. Tudo quanto ganha é para o jogo; é ella, a bem dizer, quem sustenta a casa com o que faz lavando e engommando. A senhora ha de gostar della. Eu já lhe disse que vou tomar uma criada para o serviço pesado. Ella fica apenas para fazer-lhe companhia.

— E Violante? perguntou D. Julia.

— Que tem?

— Não tens tido noticias?

— Não. Talvez vá vêl-a amanhan. Quer que ella venha cá?

— Sinto-me tão mal, esta falta de ar...

— Isso passa. É questão de dias. Foi uma felicidade acharmos esta moça, porque a senhora não imagina como eu ando agora cheio de trabalho. Se eu fôr feliz, como espero, em certos negocios em que me metti, talvez faça exame em março. Tudo depende de tranquillidade. Ritinha appareceu á porta perguntando onde estava o pão. Paulo precipitou-se, abriu o guarda-comida, solicito: Quer umas torradas, mamãi?

— Umas duas, não tenho fome. A mulata tornou á cozinha. Pouco depois apparecia com a bandeja e, accendendo o gaz no quarto, ficaram os dois junto á enferma, vendo-a comer, animando-a. Distrahiram-se em conversa: Ritinha a falar de uma molestia que tambem a martyrisara durante mezes. Andára nas mãos de um bando de medicos e ficára boa com remedios caseiros.

— A gente não acredita, mas a verdade é que não é um caso nem dois, quantos!?

— Mas a minha molestia não tem cura. A senhora não imagina como estou inchada e esta ancia que me mata. Ás vezes, de noite, fico sem ar, levanto-me, abro as janellas. É uma agonia que só Deus sabe! Dizem que é o coração, não sei. Palmas estrondaram na sala. Paulo sahiu precipitadamente do quarto e, chegando ao corredor, viu a porta da rua escancarada e um vulto branco de pé no limiar: era a visinha.

— A sua criada sahiu correndo e deixou a porta aberta. Foi lá para baixo, atirando murros, desesperada.

— Ha muito tempo?

— Não, senhor. Agora mesmo. Parece que ella não está muito boa da cabeça.

— Está perdida. Nós conservamol-a aqui por pena.

— Vai por ahi atôa. São até capazes de prendel-a.

— Isso com certeza.

— Bom. Boa noite.

— Muito obrigado. Entrou, fechou a porta, exclamando: Melhor! Reapparecendo no quarto, deu logo a noticia de chofre: Felicia fugiu.

— Como? perguntou a enferma, emocionada.

— Sei lá. Foi a visinha que bateu porque a maluca deixou a porta escancarada.

— E agora, meu filho! exclamou D. Julia de mãos postas.

— Agora o que, mamãi?

— Que ha de ser della?

— Sei lá. Eu é que não me vou cançar por ahi, atraz de doidos. Foi melhor assim. Tinha de sahir mesmo, se havia de ser com escandalo, á força, foi melhor assim. Acham-na, levam-na á policia, mandam-na para o Hospicio e está tudo acabado.

— Pobre coitada! suspirou D. Julia e, voltando-se para Ritinha, murmurou: Filhos, vê a senhora? é o que elles fazem. Era uma creatura excellente, não imagina. Veiu para aqui e, duma hora para outra, virou a cabeça. Deus tenha pena della.

— Mas não se incommode. Que se ha de fazer? Trate de descançar.

A velha revoltou-se contra a indifferença do filho.

— Ah! Paulo, tu não tens coração... Não sei a quem sahiste assim.

— Hei de chorar?

— Não digo que chores, mas a gente tem pena: é uma infeliz. Elle resmungou passando á sala e, sentando-se diante da janella, ficou a olhar a noite estrellada, ancioso pelo silencio, pelo somno da enferma, para realisar o desejo tantas vezes suffocado no seu quarto quando, recolhendo ao leito, cançado da vida errante, excitado com o contacto das mulheres que se roçavam lascivamente por elle, insomne, punha-se a pensar em Ritinha, vivendo-a na imaginação.

XV

No silencio da casa, guiando-se por uma restea de luz que vinha do quarto, cuja porta ficára entreaberta, Paulo, que se deitára na rede, armada no chamado quarto de Violante, levantou-se pé ante pé, contendo o halito, as mãos estendidas, e atravessou a sala. As suas articulações estalavam irritando-o — era o seu proprio corpo que o denunciava. Parava, apoiando-se ás paredes, á escuta, e lá ia, vagaroso, cauteloso, excitado, como a farejar o almiscar lascivo da mulata. Seguiu pelo corredor. Na sala foi com o maior cuidado para evitar esbarros e, chegando á porta do quarto, empurrou-a de leve. Um estalo rispido dos gonzos pareceu-lhe um estrondo; recuou, nervoso. A cama rangeu e Ritinha sussurrou no escuro:

— Que maluquice, meu Deus!

— Cala a boca! Curvou-se, os braços estendidos, varrendo o vasio, a procural-a; as mãos encontraram-se.

— E sua mãi?

— Está dormindo.

— Olhe lá.

Encolheu-se, chegando-se á parede. Elle metteu-se na cama. O mar rouquejava na praia. De espaço a espaço a casa estremecia, trepidava, á passagem de um electrico.

Sahiu cedo no dia seguinte. Sentiu-se como transfigurado — era outro, com outros gozos; homem, com uma mulher sua, inteiramente sua, vivendo sob as mesmas telhas.

Sentia necessidade de communicar a sua ventura, de contal-a a todos, de ser invejado. As mesmas despezas, pelas quaes se tornára responsavel, como que lhe davam maior prestigio, engrandecendo-o aos seus proprios olhos. Mas a outra paixão chamava-o, attrahia-o. Saciado um desejo, corria allucinadamente ao outro; mesmo o dinheiro começava a minguar. Era necessario refazer o maço, augmental-o, para que a mulata sentisse a sua superioridade sobre o amante que deixára. Queria humilhar o outro, inutilisal-o de vez, receioso de que ella pudesse vir a ter saudade do Mamede. Era necessario esmagal-o, tornal-o esquecido, substituil-o vantajosamente e elle havia de o fazer.

Já, então, conhecia os segredos da roleta, po-

dia fazer jogo franco, dar um golpe de mestre que lhe assegurasse lucro de vulto e não miseriasinhas de contos de réis. Sabia de uma casa, na rua Sete, onde se jogava durante o dia. Lá foi. Perdeu. Atirou-se ao dado: foi infeliz e, contendo-se, procurando justificativas para o caiporismo, descobriu um homem calvo, de casaco no fio, lenço ao pescoço, que seguia attentamente o seu jogo. Irritou-se. De impeto, deu a troco as fichas que lhe restavam e, resmungando, passou por diante do homem, carrancudo. Tomou o chapéu e sahiu.

Na rua, sem destino, desesperado com o prejuizo, arrependido de haver entrado naquella «espelunca», seguiu direito ao largo do Rocio, mas voltou a rua do Theatro, dirigindo-se á do Ouvidor. Havia de encontrar amigos. Entrou no Paschoal — todas as mesas estavam occupadas; nenhum conhecido. Sahiu, e depois de haver descido a rua, sempre a pensar no jogo que fizera, desconfiado da roleta, sem poder explicar a insistencia do «pequeno», resolveu descançar um bocado para estar prompto, á noite, para a desforra. Mal entrou em casa, Ritinha, que demorára em abrir a porta, perguntou-lhe em tom receioso — «se não vira o Mamede?»

— Não. Porque? Andou por aqui?

— Toda a manhan. Esteve muito tempo ali defronte, encostado ao cáes, olhando para cá. Acho que me viu porque cheguei á janella para

chamar um quitandeiro, quando elle vinha vindo. Tome cuidado. Mamede não é bom.

— Historias...!

— Historias!? O senhor pensa que elle é uma coisa e elle é outra. Eu é que posso falar. Basta que eu diga que vivi com elle dois annos, não foram dois dias. Paulo sorriu; e ella ajuntou: que haviam apparecido duas criadas. Não ajustára por não saber o preço que convinha.

— É verdade! nem me lembrei de prevenir-te. E... para onde foi elle?

— Não sei. Anda por ahi rondando, com certeza. Mamede é mau; ouça o que lhe estou dizendo. Mamede tem maus bofes.

— Pois sim.

Fez-lhe uma festa no rosto e entrou para falar á mãi. Achou-a agitada, afflicta, queixando-se da falta de ar, pedindo que abrissem largamente as portas do quarto; não podia respirar, sentia um peso enorme no peito.

— Quer que eu vá chamar o medico?

— Para que medico? Pede para me fazerem um pouco de chá.

Não lhe passou despercebido o mau humor de D. Julia, que evitava encaral-o, desviando o olhar. Teria ella desconfianças? Tel-o-ia visto passar, á noite, sentido algum rumor atravéz da parede que separava os dois quartos? Falou á Ritinha, communicando o desejo da enferma e, para sondal-a, sem dar a perceber a sua suspeita, perguntou: Ella passou bem o dia?

— Não quiz comer; está até agora com o café que tomou de manhan. Tem dormido muito — sempre que vou ao quarto encontro-a dormindo. Paulo empallideceu, comprehendendo que a velha descobrira a scena da noite e que começava a hostilisar a mulata. Resolveu defendel-a a pé firme, sustental-a, custasse o que custasse. Não trocaram mais palavra toda a tarde. Á noite, quando elle se foi despedir, ella mal o abençoou.

— A senhora está sentindo alguma coisa?

— Não.

— Eu tenho que fazer, mas se está incommodada, não saio.

— Não tenho nada.

— Então, até logo. Ritinha não o acompanhou á porta, e elle, ao despedir-se, falou para que a mãi ouvisse: Póde dormir tranquilla, D. Ritinha; eu levo o trinco. Boa noite.

XVI

— Boa noite.

Eram 2 horas da manhan quando D. Julia, que não dormira, ouviu ranger de leve a porta da rua. Esperou attenta, o ouvido alerta e ouviu os surdos passos do filho ao longo do corredor, sentiu-os junto ao quarto; comprehendeu que elle a espreitava. A lamparina dava uma luz escassa que apenas manchava as paredes, fazendo bailar sinistramente as grandes sombras das imagens e dos mais objectos pousados sobre a commoda. Os passos continuaram, vagarosos, cautelosos, com um rangido de solas, e cessaram. Ella não se movia, decidida a certificar-se. Uma hora immensa passou, muda, no silencio da casa escura e quieta.

Não sem cuidado, os olhos no quarto da velha, que parecia dormir tranquilla, Paulo atravessou

devagarinho a sala e foi-se pelo corredor. D. Julia sentiu-o passar, chegou mesmo a mover-se, revoltada contra o desrespeito, mas conteve-se. Talvez se houvesse illudido. Tentou erguer-se e, com grande esforço, tremula, sentou-se na cama, tocando o soalho frio com os pés nús. Custava-lhe acreditar que o filho a houvesse enganado, abusando do seu estado para metter em casa uma mulher perdida. Amparou-se á cama e ficou de pé. Sentia-se fraca, arvoada, oscillando. Sentou-se de novo, sem animo, mas a indignação impellia-a; fez o primeiro passo, chegou á porta e, no escuro, encaminhou-se para o quarto em que dormia o filho. Foi d'encontro a uma cadeira: com o rumór deteve-se, assustada; pensou em voltar e quedou hesitante, o ouvido attento, receiosa de que o filho apparecesse e a encontrasse de pé, espionando. Paulo, effectivamente, ouvira o barulho do esbarro e logo pensára nella. Sentando-se na cama, ficára á escuta, e os dois, immoveis, temiam-se — um, sem coragem de deixar o leito em que se mettera, outra sem animo de proseguir. Ritinha perguntou baixinho:

— Que é?

Elle murmurou:

— Pareceu-me ter ouvido barulho lá dentro.

— Quem sabe se sua mãi precisa de alguma coisa?

Elle não respondeu. A velha atreveu-se a continuar na treva, mais cautelosa. As pernas tre-

miam-lhe violentamente, mal a sustinham. Quando chegou á porta do quarto, firmou-se ao umbral, respirando cançada, com o coração a bater sofrego. Entrou: os braços estendidos encontraram os punhos bambos da rede: não estava ali ninguem. Ainda curvou-se, apalpou e, convencida, aprumou-se e ficou inerte, num grande desanimo, os olhos muito abertos na escuridão. Era a amante; elle lá estava com ella. Vivia com ella, trouxera-a para casa, installára-a sob as mesmas telhas que a agasalhavam. Voltou-se e retrocedeu no mesmo passo cauteloso, entrou no quarto e deitou-se, chorando afflictivamente.

Estava explicada a repentina sahida de Felicia: Fôra elle que a expulsára para ficar á vontade, sem o testemunho incommodo da pobre louca. Onde andaria a infeliz? Pobresinha!

Paulo não ousou sahir da cama, certo de encontrar a mãi, porque era ella que andava lá dentro, tinha certeza. Ritinha, vendo-o indeciso, sentou-se tambem e ficaram os dois muito juntos, á escuta, como á espera de que se repetisse o rumor que os havia alarmado. Ella deitou-se, puxou-o.

— Não é nada. Deixa lá. Que póde ser? Se fôsse ella, chamava.

— Não sei.

— Se quer, eu vou vêr.

— Não; não vale a pena.

E deitou-se. Mas ficou immovel, preoccupado. Ás vezes parecia-lhe ouvir passos no corredor, na

sala; sentia empurrarem a porta do quarto — levantava vivamente a cabeça e esperava.

— Que medo tolo!...

— Não é medo...

— Então que é?

— Sei lá.

Falaram de Mamede: ella, pedindo que se acautelasse contra o mulato, que estava preparando alguma; elle, sempre indifferente, não ligando importancia. Que havia elle de fazer? se o ameaçasse, dava queixa á policia e estava tudo acabado.

— Sim, mas ninguem se defende de uma traição.

— Qual traição! Mamede o que quer é dinheiro para jogar. Pensas que elle tem saudade de ti? pois sim. Quem quer bem não faz o que elle fazia. Historias!

— Eu não digo que elle me queira bem, nem que se vingue por amizade, mas por capricho é capaz de tudo, eu sei.

— Pois que venha!

— Eu aviso para que o senhor se previna. Quem anda avisado vale por dois. Elle não é bom, isso não é. Eu sei por que falo.

— Pois sim, mas deixemos Mamede; e, languido, passou-lhe o braço por baixo da cabeça, attrahindo-a.

Pela madrugada, voltando ao seu quarto, Paulo percebeu que a mãi estava acordada — sentia-a mexer-se na cama, voltar-se, arquejar na

afflicção dyspneica. Esteve a embalar-se de leve na rede, preoccupado, não com o que ella lhe pudesse dizer, mas com o que faria Ritinha se fosse maltratada. A passividade da enferma, a resignação de que dava provas constantes tranquillisaram-no. «Ora! que ha de fazer? Se duvidar digo-lhe tudo. Afinal quem paga a casa sou eu... Não posso ter liberdade? não posso ter um gozo? Falta de respeito? Ainda faço muito em guardar reserva. Não sou uma criança.» E adormeceu resolvido a manter a mulata, a lutar por ella, a defendel-a da mãi cuja animadversão sentia. Despertou em sobresalto, com Ritinha que sacudia a rede, chamando-o.

— Sua mãi não está boa, venha vêl-a.

— Que tem?

— Não sei. Elle saltou da rede em ceroulas, descalço, correu ao quarto. D. Julia, immovel, os olhos cerrados, a bocca entreaberta, secca, deixando vêr os dentes, ralava com o cirro. De instante a instante, com esforço, sorvia o ar que lhe passava pela garganta com um gargarejo rascante, difficil, estrangulado. As faces cavavam-se-lhe; as pomas do rosto, muito salientes, luziam; as temporas afundavam; os olhos perdiam-se enterrados. Paulo ficou atordoado, e, com os olhos cheios dagua, arrependido, com um remorso a remordel-o, inclinou-se sobre a moribunda, chamando-a:

— Mamãi! Mamãi! Respondia-lhe, de espaço

a espaço, a respiração estertorosa da agonia. Mamãi! Apalpou-lhe os pés, esfriavam; as mãos inertes, com os dedos encolhidos, repousavam no collo immenso que parecia crescer na angustia. Ah! Ritinha... Mas, como foi? Por que não me chamaste?

— Eu não sabia. Foi só agora que vi, entrando no quarto com o café. Pensei que estava dormindo, mas quando ouvi o cirro comprehendi tudo e fui acordar o senhor. Não ha uma vela? Paulo chorava em silencio e a moribunda, entre os dois, continuava a estertorar abrindo muito a boca para a respiração. Ritinha accendeu uma vela e collocou-a á mesa de cabeceira, ao lado de um pequeno crucifixo. Paulo arrancava os cabellos, retorcia as mãos.

— Nem uma pessoa para avisar Violante, para chamar um medico. Eu não tenho coragem de sahir deixando-a assim. Como ha de ser, meu Deus! Se tu pudesses, Ritinha... É perto, na praia de Botafogo. Minha pobre mãi, coitada! Morrer assim, tão só. Vai, minha velha, faze-me este favor. Ella ficou indecisa, receiando um encontro com Mamede; por fim resolveu-se e murmurou:

— Eu vou.

— Tem paciencia. A mulata dirigiu-se para a sala, foi direito á janella, entreabriu-a e espiou. Ao longo do cáes, ao sol, um homem passeiava olhando o mar luminoso: era o mulato.

Fechando vagarosamente a janella, Ritinha tornou ao quarto e, indifferente ao transe lugubre, inclinou-se ao ouvido de Paulo, que se sentára á cabeceira da cama e lentamente enxotava as moscas que teimavam em pousar no rosto da moribunda e sussurrou:

— Elle está ali defronte. O rapaz encarou-a pallido, transido de medo, e, com uma voz surda, num sopro, perguntou:

— Onde?

— Venha vêr. Eu não lhe dizia? Elle lançou um triste olhar á agonisante. O ruido estertoroso continuava rouco, e, de quando em quando, com o enrijamento tumido do pescoço, a cabeça derreava-se no travesseiro.

— Ella póde morrer.

— É um momento. Elle passou ao seu quarto, vestiu-se ligeiramente e seguiu a mulata.

Segredavam, pisavam devagarinho, em pontas de pés. Elle entreabriu cautelosamente a janella e deu logo com o mulato junto ao cáes, ao sol, guardando a casa.

— E agora?

— Eu não lhe dizia? Olhe, o melhor é eu ir-me embora. Elle voltou-se de repellão:

— Porque? isso não! Então és obrigada a viver com um homem de quem não gostas?

— Não vou viver com elle. Vou por ahi.

— E se eu o chamasse?

— Para que? Sem uma idéa, acabrunhado

pela covardia, Paulo sentou-se no sofá, abatido, e ficou raspando o soalho com os pés nús. De repente, fitando a mulata, lembrou:

— Ha um meio, Ritinha. Olharam-se em silencio e elle expoz a sua idéa: Eu chamo-o, digo-lhe que tu vieste para cá a meu pedido porque eu não tinha quem ficasse com mamãi...

— Pois sim, interrompeu incredula a mulata esticando o beiço. Não vê que elle é tolo!

— Então não sei, resmungou. Que faça o que quizer. Tu é que não devias ter medo, afinal não és escrava, não tens obrigação de viver com elle. Se não fosse o estado de mamãi eu sei o que faria, assim não posso. Não hei de deixar a pobre coitada sósinha para dar tréla a Mamede. E tornou para junto da velha. Ritinha ficou na sala.

XVII

Habituada a viver entre valentes, homens atrevidos que não recuavam diante de perigo algum, achava desprezivel o seu novo amante. Percebera-lhe a fraqueza, o medo, e aborreceu-o. Lá fóra estava o homem destemido, o capoeira apontado por todos como um heroe. As suas façanhas eram celebres, os proprios companheiros respeitavam-no e, pensando nelle, sentiu-se attrahida. Deu d'hombros e, levantando-se, abriu resolutamente a janella e debruçou-se. Mamede avistou-a; sorriu, um sorriso mau, de ameaça. Ella fez-lhe signal, chamando-o.

O mulato atravessou a rua, carrancudo, gingando e parou diante da janella:

— Que é que você quer? Ella abriu a porta.

— Entra. Vem vêr. Você pensa que estou de pagode, não é? Vem vêr.

O mulato entrou.

— Lá não te disseram nada?

— A mim? Que haviam de dizer? resmungou.

— Pois eu pedi para te dizerem. Sentou-se. Mamede, de pé, encostado á mesa, balançava a perna. Eu estava mesmo pensando em sahir para procurar um commodo, porque não podia mais com a amolação de *seu* Lisboa, que não me deixava a porta, quando *seu* Paulo me appareceu chorando, pedindo para eu vir para cá, fazer companhia á velha que estava nas ultimas. Eu disse que estava devendo a casa, elle emprestou-me dinheiro, offereceu-me um commodo para guardar os meus trastes. Você não apparecia, eu vim. E estou aqui.

— Fazendo quarto? troçou o mulato com ironia.

— Você não acredita; pois vem vêr...

— Quero lá saber de historias... Não pense você que eu vim aqui pelo faro. Mulheres, minha filha, isso é coisa que não falta. O que me arrancou do meu socego foi o desaforo.

— Mas se eu estou dizendo a verdade, Mamede. Vem commigo. Tomou-o pela manga do casaco, o mulato repelliu-a com um safanão. Sahe! Você não vai com cachorro não sei porque. Fica, eu vou-me embora. Eu só queria olhar a tua cara. O outro não perde por esperar, só se eu não sou filho de minha mãi. Não pense você que eu tenho *rabicho,* o que eu tenho é vergonha,

não engulo affronta. Vocês são todas umas vagabundas.

— Se você começa com mácreação eu vou-me embora.

— Pois vai! Quem te pega? Vai e diz ao menino que tome tento. Porcaria!

— Mas vem vêr, rapaz. Deixa de estar dizendo desaforo atôa. Vem vêr. Se fôr mentira minha... Encaminhou-se para o corredor, elle resolveu-se a seguil-a. Quando Paulo o viu apparecer no quarto ficou livido e chegou-se tanto á cama, tão estabanadamente que o corpo da moribunda estremeceu. O mulato ficou espantado, a olhar, e ouvindo o estertor, meneou com a cabeça, compadecido. Paulo rompeu a chorar, nervoso, entre a angustia piedosa e o medo covarde.

— Tem paciencia, nhôsinho; consolou Mamede penalisado. O rapaz desopprimiu-se e transbordou:

— Não imaginas como a coitada tem soffrido, Mamede. E eu só... Nem sei que seria de mim se não fosse Ritinha, tão boa. Ella já te disse, não? Pois foi, meu velho. Felicia fugiu, deixou-me só. Nem tenho uma pessoa para ir avisar Violante. Depois dum silencio, elle falou lentamente, cedendo:

— Eu vou, nhôsinho. Onde é? Elle deu-lhe o endereço, foi buscar dinheiro. Fazia maior a afflicção, deixando as lagrimas correrem livres, com soluços altos, muito humilhado de dôr. De-

fendia-se entrincheirado no desastre, oppunha á furia do mulato o corpo da agonisante e vencia, triumphava á custa do soffrimento. Então vai e volta, vem ficar comnosco. Não tenho cabeça para nada. Não demores... Nem sei se Violante ainda a encontrará com vida. Olha, passa primeiro pelo medico, aqui na rua da Lapa; dize-lhe que ella está assim. O mulato acenava com a cabeça. Sahiu, Ritinha acompanhou-o e na sala, tomando-lhe a frente, sentindo-se justificada, exclamou:

— Então? acreditas agora?

— Dá cá um phosphoro. Ella foi ao quarto, trouxe uma caixa de phosphoros. É ahi que você está dormindo? perguntou elle chegando á porta e olhando o leito ainda desmanchado.

— Dormindo... É aqui que eu descanço; ninguem dorme nesta casa.

Accendeu vagarosamente o cigarro e tomando o chapéu:

— Bom, vou vêr a menina. A mulata prendeu-o, com um grande desejo delle, contorcendo-se de volupia, molle, a entregar-se. Elle afastou-a: Deixa disso, creatura. Você está maluca? Abriu a porta e sahiu. Com as pernas bambas, nervosa, irritada, vibrando, ella deixou-se cahir em uma cadeira e, quando sentiu os passos de Paulo, nem forças teve para levantar a cabeça derreada no espaldar. O rapaz fez um signal interrogativo.

— Foi-se embora, disse ella mollemente, com os olhos amortecidos.

— E então? Ella sorriu. Os seus labios humidos reluziam, o peito arfava ancioso.

Estendeu languidamente os braços, deixando-se escorregar na cadeira. Paulo olhava-a sem comprehender, attonito, d'olhos muito abertos. Ella sussurrou um appello, retorcendo-se como um vime ao fogo, a remorder os labios, cerrando os olhos lacrimosos. Subito, como o passaro attrahido pela serpe, elle cahiu-lhe nos braços.

XVIII

Quando Paulo tornou ao quarto a moribunda arquejava em ancia maior, respirando a espaços, ficava longo tempo immovel, como se já houvesse acabado; de repente, porém, abria-se-lhe a boca immensa e o ar entrava de raspão como se fosse rompendo passagem. Ritinha chegou-se ao leito e ficou contemplando a velha, cuja physionomia cavava-se com a angustia. Apalpou-a, sentiu-a fria até o ventre — era a morte que começava a subir. Subito abriram-se-lhe dilatadamente os olhos vitreos, assombrados e fitos. Os dois recuaram, um estremecimento sacudiu-a toda, os braços enrijaram-se, a cabeça soergueu-se de leve, um gargarejo rolou no fundo da garganta, as palpebras tremeram. Ritinha poz-lhe a vela na mão. Paulo ajoelhou-se soluçando. Fecharam-se-lhe os olhos e ficou immovel. Elle ainda esperou

ouvir o estertor angustioso, mas a morte passára — aquelle fôra o ultimo olhar á vida, cheio de agonia, cheio de saudade, talvez de queixas, antes de apagar-se para o sempre na eterna sombra da morte.

— Então, Ritinha?

— Acabou. Deus a tenha!

— Coitada de minha mãi! A mulata apalpou o peito procurando sentir o coração — todo o movimento cessára.

— Paciencia, disse: Está no céu. Elle sahiu do quarto soluçando, atirou-se á rede e ali ficou, sem coragem, numa prostração invencivel, recordando, com remorso, as scenas das ultimas noites: «Coitada! Quem sabe se não foi o desgosto que a acabou mais depressa. Fiz mal! Devia ter esperado mais um pouco. Ella era tão boa, coitada!» Sentiu, então, um grande vasio, achou-se só, sem um affecto sincero, nas ruinas da casa. Foi, de novo, ao quarto e, sentando-se na cama, a olhar a morta, pensou que não fizera o bastante para salval-a. Esquecera-a, deixára-a acabar sem os necessarios cuidados. Pobre velha! Tomou-lhe a mão, beijou-a repetidas vezes e, baixinho, pedia perdão, desculpava-se: «Minha pobre mãi! Minha mãisinha... tão boa...!» Quando Mamede chegou perguntando se o medico já viera, Ritinha deu-lhe a noticia.

— Coitada da velha! A menina disse que só póde vir mais tarde. Estava lá de troça com uns

moços. E nhôsinho? A mulata fel-o entrar. Paulo recebeu-o soluçando, abraçaram-se: Tenha coragem, nhôsinho. Vosmecê é homem. Descançou, coitada. Coragem! Eu fico aqui para ajudar no que fôr preciso. Sou seu amigo, nhôsinho. Tenha paciencia. Conforme-se com a vontade de Deus.

A visinha, sabendo que a velha havia morrido, appareceu, muito enternecida, lamuriando. A mulata levou-a ao quarto. Ficaram as duas diante do cadaver, em contemplação silenciosa. Paulo chegava á porta, olhava e retrocedia chorando.

A visinha offereceu-se para ajudar a vestir o corpo. Foi um devassar de moveis: armarios abertos, canastras revolvidas á procura de roupa; camisas, saias, um vestido decente. E os linhos poidos, remendados, tresandando a hervas, empilhavam-se aos pés da cama, sobre retalhos, restos de rendas, pedaços de fitas. Paulo lembrou um velho vestido de merinó preto; acharam-no, e os dois homens passaram á sala da frente, emquanto as mulheres, abrindo de par em par as portas do quarto, compunham o cadaver.

Quando reappareceram, Mamede propoz trazerem o corpo para a sala. Arranjaram a mesa collocando-lhe em cima duas taboas e foram buscar o cadaver. Mamede sahiu a comprar velas, accendeu-as e reuniram-se na sala. Paulo, succumbido, suspirava de quando em quando. Ninguem ousava falar; foi a visinha quem quebrou o silencio para elogiar a finada:

— Nem parecia que morava gente aqui. A não ser o falatorio da preta no quintal, era um silencio completo. Boa creatura. E referiu-se á familia que anteriormente habitára a casa — um casal e dois filhos. Eram brigas desde que amanhecia e as crianças insupportaveis, muito mal creadas, sempre esmolambadas, sujas, trepadas no muro, atirando pedras, dizendo obscenidades. Deixaram a casa como um chiqueiro.

Mamede interveiu — falou dos bons tempos da velha, da sua belleza, da sua vida feliz em companhia do marido e, pouco a pouco, estabelecendo-se intimidade, conversaram; o proprio Paulo chegou-se ao grupo e falaram de tudo — da carestia da vida, dos crimes que os jornaes referiam, das molestias que devastavam. A visinha, sem reservas, disse á Ritinha, não tão baixo que não pudesse ser ouvida dos homens:

— Eu, por mim, prefiro ficar sem um pedaço de pão para o dia seguinte, mas gente que eu não conheça não me dorme em casa. Ninguem sabe se o homem que se recebe é uma pessoa de bem ou um assassino. Deus me livre! Eu não! Os malfeitores não trazem signal. Eu vejo o que se passa por ahi, nos pontos mais frequentados. Mesmo de dia não ha segurança, quanto mais de noite e numa rua deserta como esta. Entram, fazem o que muito bem querem e sahem muito frescos. Ritinha concordou.

Ao cahir da tarde Paulo chamou Mamede,

deu-lhe dinheiro, pediu que fosse a um hotel encommendar alguma coisa. O mulato sahiu. Pouco a pouco a tristeza foi-se desvanecendo. Ritinha convidou a mulher a entrar e, já intimas, conversaram sobre Violante. A mulher vira-a na noite da visita.

— É filha da velha?

— É.

— Mas, pelos modos, é moça da vida?

— Sahiu de casa. E foi isso que matou mais depressa a pobre de Deus.

— Bonita?

— Dizem que sim: eu ainda não a vi.

— Com quem vive?

— Não sei.

— Com certeza vem hoje cá. Já sabe?

— Sabe. Mamede foi lá.

— Onde mora?

— Em Botafogo.

— Tambem já morei lá.

— A senhora?

— Sim. Morei lá com um doutor. Isto é: tive casa, elle vivia com a familia, ia só á noite. Morreu e eu fui obrigada a cahir nesta vida de receber todo o mundo. É o fim de todas.

— Infelizmente! — suspirou Ritinha.

XIX

Ao jantar Paulo insistiu com a mulher para que ficasse. Sentaram-se todos á mesa. O corpo ficou solitario na sala, entre as quatro velas, com o Christo á cabeceira.

Mamede fez pilheria a proposito de um guizado de miolos: «Não, o que tinha na cabeça bastava, não queria mais...» e afastou, com repugnancia, para a borda do prato, a porção que lhe haviam servido. E foi pretexto para que todos falassem de comidas, expondo, cada qual, os seus gostos. Paulo apenas defendeu a cozinha franceza, mais saborosa e mais delicada. E reprovou a mania do empanturramento que caracterisa o brasileiro: um nunca acabar de pratos, tudo a esfriar. Até perde-se a vontade de comer.

— Historia, nhôsinho. A gente vê logo tudo, come do que gosta. Eu não tenho paciencia para

estar esperando e quando vem a comida é um nadinha, no fundo do prato; é preciso a gente ter boa vista para enxergar um bife. Não ha como a nossa mesa, deixe falar. Isso de francês póde ser muito bonito, mas ninguem come com os olhos. A moda é para a roupa, agora para o que diz com a barriga, prefiro os costumes da minha terra.

— Pois eu não.

— Ah! vosmecê é moço elegante. A visinha pensava como Mamede. «Nada de luxos. Comer é comer. Isso de pasteisinhos, saladinhas, não era com ella.»

Escurecia. Mamede accendeu o gaz. Só, então, lembraram-se da finada. Paulo propoz que o café fosse tomado na sala para que o corpo não ficasse desacompanhado. Ritinha, a pretexto de medo, pediu á visinha que a acompanhasse.

— Não sou medrosa, mas hoje não sei que tenho — estou só vendo coisas, só ouvindo estalos. Parece que vou encontrar a maluca lá perto do fogão resmungando.

— Pois eu fico com a senhora.

— É favor. E foram as duas para a cozinha.

Violante chegou ás nove horas da noite, de carro. Ao entrar, vendo o cadaver hirto, de negro, as mãos enclavinhadas ao peito, entre as quatro velas, ficou atarantada, a olhar para um e para outro. De repente, com um grito, arremessou-se para o corpo e derrubada sobre o peito, já

rigido, da defunta, os braços mollemente atirados, gania estorcegando-se, aos surdos arquejos tragicos, chamando a mãi em altas vozes. Um homem appareceu á porta, pedindo licença, muito cortez. Todo de flanella clara, botinas brancas, gravata frouxa com as pontas soltas, esvoaçando; deteve-se surprehendido.

Já as duas mulheres, com muita meiguice, procuravam arredar Violante, cujos gritos longos, percucientes, vibravam. Levaram-na em braços para o quarto do irmão, deitaram-na, afrouxaram-lhe as roupas. Ella debatia-se, esperneava, escabujava rolando, a rilhar os dentes, com um offego d'agonia. O homem, perplexo, torcia nervosamente os bigodes; sentindo, porém, a porta abrir-se com o vento logo a fechou, receioso de que o vissem da rua e, mais calmo, dirigindo-se a Paulo que o rondava, suspirando e limpando lagrimas, perguntou com interesse:

— Como foi? O rapaz, com a voz sacolejada, descreveu a morte, toda a agonia da infeliz, lamentando a grande perda, a sua solidão no mundo. De repente, porém, a um grito mais agudo da irman, notando que o homem affligia-se, franqueou-lhe o quarto:

— Entre, sem cerimonia. Minha pobre mãi!... e precedeu-o, afastou-se escancarando a porta. O homem agradeceu e, chegando-se ao leito, inclinou-se sobre Violante, chamando-a. As duas mulheres arredaram-se e Mamede, muito solicito, im-

pondo-se, perguntou — «Se queriam alguma coisa da botica. Ia num pulo.» O homem tranquillisou-o:

— Isto passa, e sentou-se á beira da cama, afagando Violante, enxugando-lhe o rosto. Houve um momento de calma, ella pareceu haver adormecido. De repente, porém, rompeu a chorar e todos desabafaram: «Agora sim. Era disso que ella precisava.» E, discretamente, retiraram-se, deixando-a só com o irmão e o amante.

Quando ella recobrou os sentidos, quiz vêr a mãi, o homem oppoz-se:

— Tem tempo. Estás muito nervosa. Descança. Ella, então, indagou como fôra; e ao irmão:

— Por que não me mandaste dizer que ella estava tão mal? Coitada de mamãi! A que horas foi? E o enterro? O amante consolou-a:

— Não te preoccupes, ha de arranjar-se tudo á tua vontade. Paulo esmoía desculpas, muito humilde:

— Só muito tarde, providencialmente, Mamede apparecera. Não tinha uma pessoa para mandar — estavam os dois sós, acompanhando-a — elle e aquella moça; a visinha chegára muito depois. Demais, fôra tudo tão rapido. Ainda na vespera ella conversára até tarde, muito calma; até pedira café. Uma coisa inexplicavel... e passeiava arrepellando-se. Vendo, porém, que o homem sentava-se á beira da cama, offerecendo o

hombro para que Violante repousasse a cabeça, retirou-se. Chegando-se, então, ao cadaver, descobriu-lhe o rosto, inclinou-se com o cotovelo fincado na taboa, a fronte nas mãos, e ficou numa attitude desolada, immovel, como posando para uma allegoria funebre.

Quando Violante reappareceu todos se puzeram de pé, olhando-a. Ella caminhou vagarosamente e, diante da mesa, com as lagrimas nos olhos, ficou esquecida, em contemplativa mudez. Paulo fitou-a e disse surdamente:

— Estamos sem mãi, Violante. Mas o homem passou por elle, tocou-lhe de leve no braço.

— Dê-me o attestado, eu encarrego-me de tudo. O senhor, no estado em que está... Basta que vá á pretoria, é perto... E, referindo-se á Violante: É melhor distrahil-a. Vamos leval-a lá para dentro. Elle concordou:

— Como queira; e foi offerecer-lhe o braço. Ritinha lembrou o café, era necessario para passarem a noite.

Ás dez horas o homem retirou-se. Violante acompanhou-o á porta, segredou muito tempo sobre o enterro, coróas, um vestido para mudar. E elle, afagando-a, desculpou-se:

— Bem sabes que não posso ficar comtigo...

— Já fazes muito, meu velho. Vai, e não te esqueças. O vestido preto, sabes?

— Sei. Até amanhan. Cedo estou aqui. E descança.

— Até amanhan.

— Até amanhan. E, ao entrar no carro: Linda noite, hein?

— É verdade. O homem fizera sensação. Quando, depois do café, de novo reuniram-se para a vigilia, Violante tornou-se o alvo de todas as attenções. Sentada no sofá, muito quieta, mal respondendo ás palavras do irmão, que referia pormenores tristes, de quando em quando suspirava. As duas mulheres, muito juntas, cochichavam. Mamede passeiava ao longo da sala, parando de instante a instante junto á mesa para espevitar uma das velas ou arranjar uma dobra do vestido da finada. A rua cahira em silencio, o mesmo mar parecia dormir. Na pequena sala, nublada de fumo, tresandando a cêra, o calor suffocava. Mamede ousou propor abrir uma janella.

— Não é melhor? Paulo consultou a irman.

— Que achas? Ella encolheu os hombros:

— Se quizerem... Logo o mulato escancarou as janellas. Uma lufada de ar entrou curvando as compridas chammas das velas e enfiou pelo corredor levando papeis esparsos. Dentro uma porta bateu com estrondo.

XX

Noite admiravel. Nas aguas mansas da bahia o luar alastrava em esteira trémula. Vultos negros de navios destacavam-se na sombra, com as lanternas altas, visinhas das estrellas. Na fortaleza luziam fócos opalescentes; longe estendia-se a illuminação do littoral fronteiro. Um barco, todo negro, as velas abertas, deslisava. De repente entrou na zona illuminada e resplandeceu. Raro em raro um bonde passava com rumor; apitos trillavam e o murmurio da onda na praia era suave como um respirar tranquillo. As velas crepitavam e, como o silencio se fosse tornando incommodo, o mulato, mais ousado, rompeu-o:

— E é assim. A gente vai indo... Quem diria!... Parece que foi hontem que vosmecês nasceram. Eu ainda estou vendo Nhá Violante de vestido curto, puxando estica com nhôsinho por

causa de brinquedos. Nem vosmecês se lembram. Tambem eram tão pequeninos. E ella, coitada! contendo um, contendo outro, para não brigarem. Parece que foi hontem. Violante ouvia com a cabeça inclinada sobre o hombro. Paulo falou lentamente:

— Tu nem te lembravas do Mamede, hein. Violante? Ella fitou os olhos no mulato e murmurou:

— Lembrava-me.

— Qual! Estou velho.

— Nem por isso.

— Nem por isso? É porque vosmecê está me vendo de noite. E, passando a mão na poupa da gaforinha: cabello branco aqui é matto. Vosmecê sim, é que está uma mocetona de pancas! Eu hoje, quando dei com vosmecê, palavra! até duvidei...

— Querias encontrar-me ainda de vestido curto, brincando com bonecas?

— Uai! Nhásinha, a gente fica com as pessoas no coração. Eu, quando falava em vosmecê, só via a menina que conheci no tempo do velho. De repente sahe diante de mim um pedaço de moça, quasi da minha altura. Fiquei tonto, palavra.

— E você que faz, Mamede?

— Eu, Nhásinha? por aqui, cachimbando tristezas. Nem todo o mundo é feliz como vosmecê.

— Feliz, hein? achas que sou feliz...

— Uai! Que mais então?

— Cada um sabe de si e Deus de todos.

— Isso é que é verdade! sentenciou a visinha.

E a conversa generalisou-se. Pouco a pouco a morta foi-se tornando esquecida. Entretidos com a palestra, só de quando em quando um ou outro lançava os olhos para o seu lado a vêr se havia necessidade de cortar um morrão ás velas ou de arranjar o lenço que o vento, por vezes, levantava. Um carro parou á porta e a criada de Violante desceu com um embrulho — era o vestido que ella pedira ao amante.

— A senhora precisa de mim?

— Não, pódes ir. Vai e vê lá aquillo... E levava a criada, como que a expulsava para que não tivesse tempo de vêr a pobreza de onde ella sahira, a casa dos seus e, como a rapariga levantasse piedosamente o lenço que encobria o rosto da finada, ella pareceu envergonhar-se da propria morte e despachou-a mais apressada: Vai!

— Deus lhe dê o reino do céu.

— Amen, sussurraram as duas mulheres. Já na rua a criada ainda perguntou:

— E é só?

— Só.

— Boa noite! E o carro partiu com estrepito na rua calada e deserta.

. . .

Violante não resistiu á fadiga e adormeceu recostada ao sofá. Mamede, a pretexto de arran-

jar cigarros, sahiu. Paulo rondava o cadaver, mas como a mulata fosse ao interior da casa, seguiu-a disfarçadamente deixando a visinha de guarda ao corpo. Quando Ritinha o sentiu voltou-se.

— Que é que o senhor vem buscar atraz de mim?

— Você fica commigo ou não? interpellou sem preambulos.

— Sei lá! Mas agora é que o senhor quer tratar disso? Vá para a sala. Temos muito tempo.

— Não, eu quero que tudo fique decidido já. Mamede está ahi, elle ha de querer continuar comtigo e eu não estou disposto. Escolhe: ou elle ou eu.

— Já disse que temos muito tempo.

— Não, não! A mulata quiz passar, elle tomou-lhe a frente: Has de dizer...

— Oh! meu Deus! que homem! Pois o senhor nem respeita o corpo de sua mãi!?

— Que tem uma coisa com outra? Tu o que queres é fugir do assumpto, mas eu não sou tolo. Ameigando-se sussurrou: Somos agora nós dois, és a dona da casa, senhora de tudo. Eu quero resolver a minha vida — se ficas commigo, continuo aqui, senão vendo tudo isto e tomo um quarto.

— Pois deixe a casa como está.

— Ficas commigo?

— Fico.

— Então sim. E Mamede? Como ha de ser?

— Como ha de ser...?! Eu digo que não quero mais saber de estalagem, que estou muito bem. Isso fica por minha conta. Mas vá lá para a sala — sua irman póde acordar e essa mulher do lado tem uma lingua muito comprida.

Verdadeiramente Ritinha hesitava entre os dois homens — um attrahia-a pela vida aventurosa, de ousadia e troça; sentia-o forte e lembrava-se, com saudade, dos dias felizes que passára com elle quando, com um pouco de dinheiro, entrava a alegria em casa. Tinha orgulho em ser delle, um valente de fama, temido chefe de malta. O outro era um fraco, mas dispunha de recursos, podia garantir-lhe a tranquillidade e adorava-a. Precisava cuidar de si... Depois, se tivesse um capricho, que custava? Não fôra amante de Paulo emquanto vivera com o Mamede? O mulato não a estimava. Se a estimasse não teria procedido como procedera. Um brigador como elle que, por qualquer coisa, puxava a navalha, depois de tanto rondar a casa... nem nada. Prosa! E a mulata sentia-se melindrada com a submissão do amante — preferia, talvez, que elle a houvesse maltratado, ferido, ameaçado com armas áquella quieta, resignada condescendencia com que se portára. Assim, que se arranjasse...

Quando tornou á sala Violante, que despertára, estava á janella olhando o mar, tremulante de luzes. Paulo contemplava o corpo e a visinha,

acaçapada na cadeira, a cabeça descahida, a boca aberta, dormia com um silvo nasal.

Á hora do enterro, quando fechavam o caixão, Violante, que se vestira de preto, um rico vestido de gorgorão, rebrilhante de vidrilhos, teve uma crise de lagrimas beijando desesperadamente a face livida, as mãos engelhadas da finada.

A visinha arranjava as flores, a mulata ainda compunha o vestido ruço acommodando-o. Mamede apanhava as duas corôas, uma pobre, de flores de panno, lembrança de Paulo; outra, que viera com o caixão, de biscuit, com largas fitas roxas onde, em letras de ouro, a filha mandára collar a sua «saudade eterna», quando o homem da vespera, todo de preto, saltou de um *coupé* e entrou com liberdade, indo direito á Violante.

Tanto que ella o sentiu, logo calou os gemidos e, erguendo a linda face, perguntou tristemente:

— Veiu o carro?

— Está ahi. E baixinho, com meiguice: Então? está a teu gosto? Ella lançou um olhar ao caixão que Mamede ia fechando:

— Muito bom. Não sei como te hei de agradecer tanta bondade. E olharam-se com ternura.

— Eu queria acompanhar, mas... É a minha hora de trabalho, depois... e sorriu, um triste sorriso em que havia a leve sombra de uma contrariedade.

— Oh! já fizeste tanto... Todos esperavam por elles e olhavam immoveis, calados. Paulo, por fim, adiantou-se:

— Vamos, Violante? Ella poz-se de pé, choramigando, com o lenço nos olhos. Mamede sahira á porta e dois homens entraram para ajudar a levar o caixão. Paulo, atarantado, voltou e estendendo a mão á irman: Esperas aqui?

— Não, estou com muita dôr de cabeça.

— Então, adeus.

Abraçaram-se longamente.

— E apparece, Paulo. Vai lá.

O homem corroborou:

— Quando quizer. Tem uma casa ás ordens. Sem cerimonia. Elle agradeceu commovido e, como passasse perto de Ritinha, que retirava os castiçaes da mesa, sussurrou:

— Até logo. Olhou em torno, apressado, procurando alguem: Que é da senhora?

— Já foi... disse Ritinha.

— Então até á volta.

E, chamando Mamede, metteu-se com elle no unico carro que havia para acompanhar o enterro. E o feretro partiu.

Violante lançou um derradeiro olhar á casa, e, pondo o chapéu ao acaso, falou á Ritinha:

— Fica ahi um vestido meu. Mando-o buscar logo mais. E sahiu apressada, como a fugir daquella miseria onde a morte deixára o seu fortum funereo, feito dum mixto de aroma de flores

fanadas e do cheiro aborrecido das velas de cêra. O homem despediu-se della á porta do *coupé* que partiu. A mulata ficou a remorder-se de furia, abriu a janella e explodiu:

— Grosseirona! Quem sabe se eu sou criada! Uma vagabunda e tão cheia de empafia. Commigo não! A visinha appareceu á janella e a mulata desabafou: A senhora já viu? A tal sujeitinha... nem para agradecer o que fiz pela mãi... como se eu tivesse obrigação.

— Já foi?

— Já, com o amigo.

— Ah! minha senhora, essa gente... Emquanto está por cima é assim: presumpção até o diabo dizer basta! Mas tambem dura pouco. Eu é que nunca fui orgulhosa. Calou-se, como recolhida ás recordações do seu tempo de fastigio. De repente, tornando ao caso: E a senhora pensa que ella sentiu alguma coisa? tudo fingimento.

— Isso sei eu... Pois não vi?!

— A pobre da velha é que se foi, coitada!

— Ora, antes assim... Está com Deus.

Depois de um silencio a visinha, lançando os olhos ao céu azul, ao mar luminoso, disse extasiada:

— E foi com um dia lindo!

— Muito bonito! Calaram-se, d'olhos alongados, contemplando o mar azul palhetado de sol. Foi a mulata que interrompeu o extase:

— Bom, até logo. Vou varrer e defumar a casa para acabar com este cheiro de morte.

— É sim, confirmou a outra. Até logo.

E despediram-se risonhas, com adeusinhos intimos.